

Uma verdadeira joia.
NEW YORK TIMES

A Síria e a aurora

RENÉE AHDIEH



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

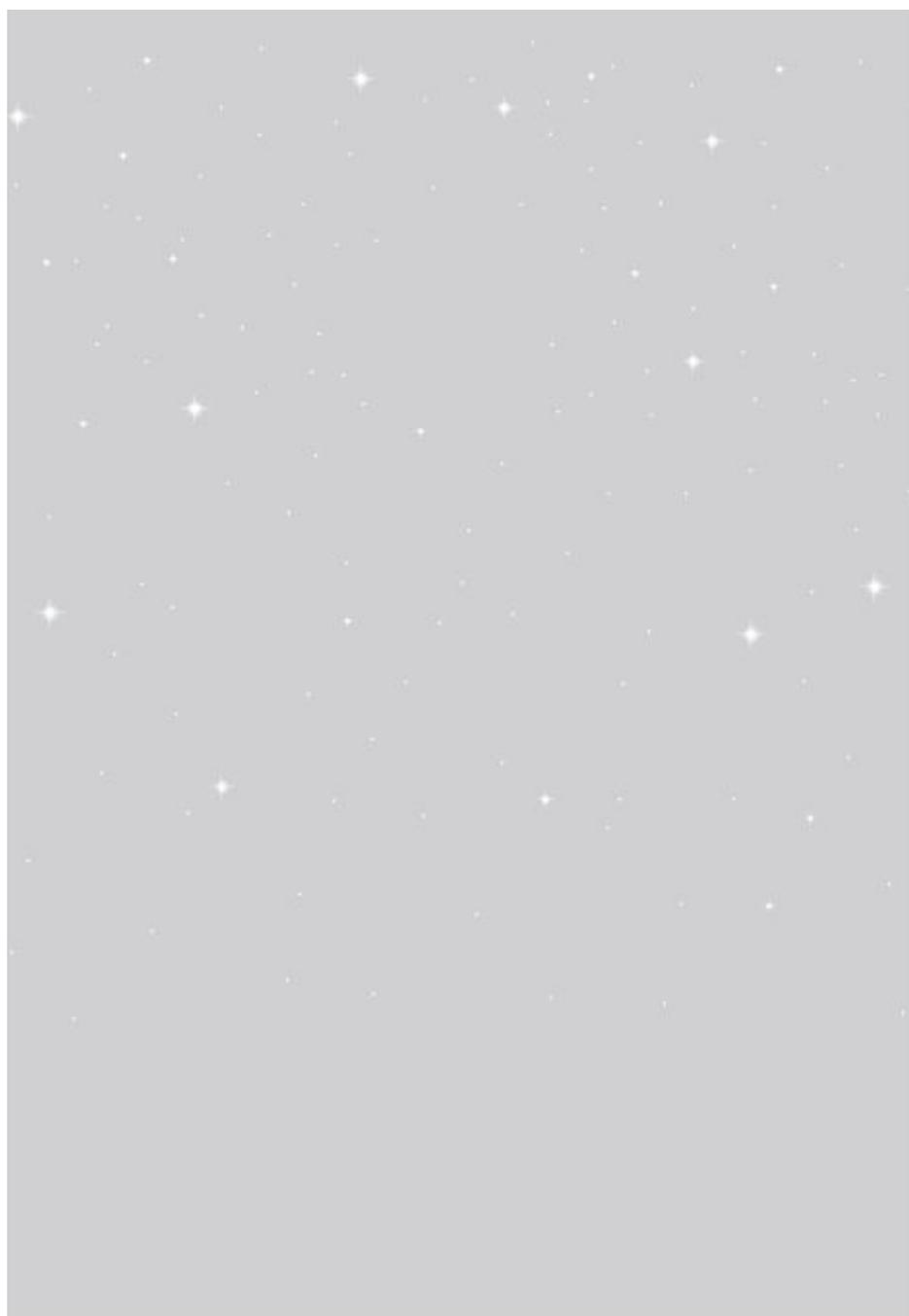
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



A fúria e a aurora

Renée Ahdieh

Tradução

Fabienne Mercês

GZOBO Alt

Copyright © 2015 by Renée Ahdieh
Copyright da tradução © 2016 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *The Wrath and the Dawn*



Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**
Editor digital **Erick Santos Cardoso**
Capa **Diego de Souza Lima**
Imagens da capa **Graphicsdunia4you, Huseyin BAS e Freepik.com**
Diagramação **Diego de Souza Lima e Gisele Baptista de Oliveira**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Jane Pessoa**
Revisão **Huendel Viana, Laila Guilherme e Elisa Martins**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Ahdieh, Renée
A285f

A fúria e a aurora / Renée Ahdieh ; tradução Fabienne Mercês. - 1. ed. - São Paulo : Globo Alt, 2016.

Tradução de: *The wrath and the dawn*
ISBN 978-85-250-6267-3

1. Ficção americana. I. Mercês, Fabienne. II. Título.

16-31010 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Nove de Julho, 5229 – 01407-907 – São Paulo-SP
www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Ilustração](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Glossário](#)

[Prólogo](#)

[Apenas um](#)

[O véu que separa](#)

[A montanha de Adamant](#)

[Despina e o guerreiro Rajput](#)

[Aliviando o peso](#)

[À luz de uma única vela](#)

[Aladim e a lâmpada mágica](#)

[O início é o fim](#)

[A 'shamshir'](#)

[A corda de seda e o nascer do sol](#)

[Uma chama de justiça e um espírito inquieto](#)

[Onde seu coração deseja estar](#)

[O velho e o poço](#)

[A promessa de um amanhã](#)

[Juras perdidas](#)

[A honra da traição](#)

[Uma ferida negra](#)

[A verdade brutal](#)

[Lilases e uma temível tempestade de areia](#)

[Mehrdad, o Barba Azul](#)

[A sorte está lançada](#)

[Duas espadas cruzadas](#)

[Uma dança na varanda](#)

Descobertas e explicações

Um tapete voador e uma maré que sobe

Alguém que sabe

Uma pequena amostra do que eu sinto

Ava

Esquecimento

Um elemento da tempestade

Brasas vivas

Agradecimentos

*Para Victor, a história que está no cerne da minha.
E para Jessica, a primeira estrela no meu céu noturno.*

*Já tive mil desejos,
Mas no meu desejo de conhecê-lo,
Todos os demais desapareceram.*
Jalal al-Din Rumi

Glossário

Akhal-Teke — uma raça de cavalos conhecida pelo seu brilho metálico; é o cavalo de Rahim.

Al-Khamsa — um cavalo árabe criado no deserto; conhecido como o melhor de cinco; o cavalo de Tariq; Ardeshir.

Amardha — a maior cidade da Parthia; é a cidade onde Salim Ali el-Sharif reside.

Badawi — tribo nômade do deserto, comandada por um xeque.

baba — pai

chagatai — uma língua morta originária da Ásia Central.

delam — um termo carinhoso que significa "meu coração".

dinar — moeda de ouro.

effendi — um sufixo usado para indicar respeito.

emir — um nobre de Khorasan, semelhante a um duque; um dos aliados do califa; Nasir al-Ziyad.

faqir — um estudioso da magia e do misticismo.

Fida'i — mercenários marcados pelo sinal do escaravelho na parte interna dos antebraços.

jahkesh — um insulto que significa "proxeneta" ou "cafetão".

jan — um termo carinhoso que significa "minha querida", "meu querido".

joonam — um termo carinhoso que significa "meu tudo".

kamancheh — um instrumento de corda parecido com um banjo.

Khorasan — um rico reino governado por um califa de dezoito anos com um passado assassino.

kohl — um rímel, tradicionalmente feito de galena ou pirita.

malik — o governante da Assíria; equivale a um rei.

mankalah — luva de couro que vai até o cotovelo, usada em falcoaria.

marg-bahr — uma maldição, especificamente de morte ou destruição, dirigida a algo ou alguém.

ney — um instrumento de sopro parecido com uma flauta.

Parthia — um reino menor ao lado de Khorasan, governado por Salim Ali el-Sharif.

qamis — camisa unissex larga, tipicamente feita de linho.

Rajput — membro de um grupo guerreiro; Vikram.

Rey — a maior cidade de Khorasan; a cidade onde Sherazade nasceu.

rida' — capa usada sobre os ombros para esconder a camisa; pode também ter um capuz para esconder o rosto.

sahib — título de reverência, muito associado a um cargo.

sama — ritual associado à prática de rodopios, com o objetivo de atingir êxtase espiritual.

santur — uma cítara.

sayyidi — título de respeito para com o califa; traduzido como "meu senhor" ou "meu amo".

shahrban de Rey — o mais alto posto entre os generais de Khorasan, atrás apenas do próprio califa; general Aref al-Khoury.

shamla — uma camisola bordada.

shamshir — um sabre delgado com a ponta recurva; a espada de Khalid.

sirwal — calça larga unissex, tipicamente apertada nos tornozelos e presa à cintura por uma faixa.

souk — mercado a céu aberto.

sultão — governante da Parthia; título semelhante a um rei; Salim Ali el-Sharif.

tabarzin — um machado de guerra.

Taleqan — a fortaleza do emir Nasir al-Ziyad; o quarto condado mais rico de Khorasan; lar de Tariq.

talwar — espada curva originária do Indústão; a espada do Rajput.

tikka — uma longa faixa usada no quadril, unissex e de natureza decorativa.

tombak — um tambor que se apoia no quadril.

vizir — um conselheiro do califa.

xeque — o líder da tribo dos Badawi; Omar al-Sadiq.

Prólogo

Não seria uma aurora bem-vinda.

O céu já anunciava esta história, com seu halo triste e prateado surgindo além do horizonte.

Um homem jovem estava de pé, ao lado de seu pai, no terraço mais alto do palácio de mármore. Eles observavam a luz fraca do sol nascente empurrar lenta, cuidadosa e deliberadamente a escuridão da noite.

— Onde ele está? — o homem mais jovem perguntou.

O pai respondeu sem olhar para ele.

— Ele não deixou os aposentos desde que deu a ordem.

O jovem passou a mão pelos cabelos ondulados, suspirando lentamente.

— Farão protestos nas ruas da cidade por causa disso.

— E você os dispersará rapidamente. — Foi uma resposta seca, dada ao alvorecer.

— Rapidamente? O senhor acha que uma mãe ou um pai, independentemente de origem ou posição, vai deixar de vingar seu filho?

Por fim, o pai se voltou para o filho. Os olhos cansados e fundos, como se um peso os escavasse de dentro para fora.

— Eles lutarão. Eles devem lutar. E você fará com que isso não resulte em nada. Você cumprirá seu dever para com seu rei. Está entendendo?

O jovem demorou a responder.

— Estou.

— General Al-Khoury?

O pai se virou na direção do soldado que estava de pé atrás dele.

— Sim?

— Está feito.

O pai assentiu, e o soldado se retirou.

Novamente os dois homens observaram o horizonte.

Aguardando.

Um pingo de chuva caiu na superfície árida sob seus pés, desaparecendo na pedra bege. Outro tamborilou no balaústre de ferro e evaporou ao escorrer.

Logo a chuva estava caindo em um ritmo contínuo.

— Aí está sua prova — o general disse com a voz carregada de uma inquietação silenciosa.

O homem mais jovem não respondeu prontamente.

— Ele não vai aguentar isso, pai.

— Ele vai. Ele é forte.

— Você nunca entendeu Khalid. Não se trata de força. Trata-se de integridade. O que se seguirá vai destruir o que resta da sua integridade, deixando apenas uma casca, um espectro do que ele foi um dia.

O general se pôs na defensiva.

— Você acha que eu queria isso para ele? Eu me afogaria no meu próprio sangue para evitar isso. Mas não temos escolha.

O jovem balançou a cabeça e, num movimento rápido, enxugou a água da chuva sob seu queixo.

— Eu me recuso a acreditar nisso.

— Jalal...

— Tem que haver outro jeito. — E o jovem virou-se e correu escada abaixo.

Em toda a cidade, os poços há muito secos começaram a encher. Cisternas rachadas e ressecadas pelo sol tremeluziam com as poças de esperança que se formavam. E o povo de Rey acordou para uma nova alegria. Eles correram para as ruas, erguendo o rosto sorridente para o céu.

Sem saber o preço disso.

E, nas profundezas do palácio de pedra e mármore, um menino de dezoito anos estava sentado sozinho diante de uma mesa de ébano polida.

Ouvindo a chuva.

A única luz no ambiente refletia em seus olhos cor de âmbar.

Uma luz cercada pela escuridão.

Com os cotovelos apoiados nos joelhos, ele descansou a cabeça entre as mãos. Então fechou os olhos, e as palavras ecoaram à sua volta, enchendo seus ouvidos com a promessa de uma vida enraizada no passado.

De uma vida de reparação para seus pecados.

Uma centena de vidas por aquela que você tirou. Uma vida a cada aurora. Se você falhar uma única vez, eu lhe arrancarei seus sonhos. Vou tirar sua cidade de você.

E lhe subtrairei essas vidas, milhares de vezes.

Meditações sobre o voal e o ouro

Elas não eram gentis. E por que seriam?

Afinal de contas, não esperavam que ela sobrevivesse ao próximo amanhecer.

As mãos que passavam a escova de marfim pelos cabelos longos de Sherazade, até a cintura, e que esfregavam pasta de sândalo em seus braços bronzeados, o faziam de forma truculenta e distante.

Sherazade observou uma jovem criada empoar seus ombros nus com partículas de ouro que reluziam ao sol poente.

Uma brisa agitou as cortinas de voal que revestiam os aposentos. O aroma doce da florada da laranjeira atravessou as molduras

talhadas em madeira que davam para a varanda, sussurrando a liberdade que agora estava fora de seu alcance.

Escolhi isso. Por Shiva.

— Não uso colares — Sherazade informou quando outra criada começou a prender uma corrente incrustada de pedras preciosas em seu pescoço.

— É um presente do califa. Precisa usá-lo, senhora.

Sherazade olhou para a criada com uma incredulidade divertida.

— O que acontece se eu não usar? Ele vai mandar me matar?

— Por favor, senhora, eu...

Sherazade suspirou.

— Acho que este não é o momento apropriado para discutir isso.

— Correto, senhora.

— Meu nome é Sherazade.

— Eu sei, senhora.

A garota desviou o olhar, embaraçada, antes de ajudar Sherazade com o manto de brocado dourado. Enquanto as duas jovens mulheres ajeitavam a veste pesada em seus ombros reluzentes, Sherazade avaliou o resultado no espelho diante dela.

Suas tranças negras brilhavam como obsidiana polida, e seus olhos cor de avelã estavam realçados por uma sombra que alternava riscos negros e dourados. Entre as sobrancelhas havia um pingente de rubi, do tamanho do seu polegar, que fazia par com uma corrente fina, que cingia sua cintura nua pouco acima da faixa de seda da calça. O manto era de damasco claro e bordado com fios de ouro e prata num desenho rebuscado que se tornava mais complexo na barra, na altura de seus pés.

Pareço um faisão dourado.

— Todas ficam tão ridículas assim? — perguntou Sherazade.

Novamente as duas jovens desviaram o olhar, embaraçadas.

Tenho certeza de que Shiva não ficou tão ridícula...

A expressão de Sherazade tornou-se dura.

Shiva deve ter ficado linda. Linda e forte.

Enterrou as unhas na palma das mãos. Pequenos crescentes de uma determinação de aço.

Ao som de uma leve batida na porta, as três cabeças se viraram... suas respirações ficaram suspensas ao mesmo tempo.

A despeito de sua recém-descoberta coragem, o coração de Sherazade começou a bater forte.

— Posso entrar? — A voz suave de seu pai rompeu o silêncio, expectante e envolta em um pedido tácito de desculpas.

Sherazade soltou o ar devagar... e cuidadosamente.

— *Baba*, o que faz aqui? — Suas palavras eram pacientes, mas cheias de cautela.

Jahandar al-Khayzuran entrou arrastando os pés no aposento. Sua barba e suas têmporas estavam salpicadas de cinza, e seus olhos castanhos brilhavam e se agitavam como o mar durante uma tempestade.

Na mão trazia um único botão de rosa, cujo miolo tinha manchas coloridas e as bordas das pétalas eram tingidas de um lindo violeta.

— Onde está Irsa? — Sherazade perguntou, um pouco ansiosa.

Seu pai sorriu com tristeza.

— Ela está em casa. Não a autorizei que me acompanhasse, apesar de ela ter insistido e brigado até o último minuto.

Pelo menos nisso ele não ignorou meu pedido.

— Você devia estar com Irsa. Ela vai precisar de você esta noite. Faz isso por mim, *baba*? Conforme combinamos? — Sherazade pegou a mão dele, apertou-a com força, suplicando dessa forma que seguisse os planos que ela tinha feito havia alguns dias.

— Eu... eu não posso, minha criança. — Jahandar baixou a cabeça, um soluço subiu-lhe ao peito, os ombros magros sacudidos de tristeza. — Sherazade...

— Seja forte. Por Irsa. Como eu lhe prometi, vai dar tudo certo.
— Sherazade passou a mão pelo rosto envelhecido do pai, enxugando-lhe as lágrimas.

— Não consigo. A ideia de que este pode ser seu último pôr do sol...

— Não será o último. Verei o pôr do sol de amanhã também. Juro para o senhor.

Jahandar balançou a cabeça, concordando, sua tristeza longe de passar. E ofereceu a rosa que tinha nas mãos.

— A última de meu jardim; ainda nem desabrochou totalmente, mas eu queria lhe dar como uma lembrança de casa.

Ela sorriu ao fazer menção de pegá-la, o amor entre eles indo muito além da simples gratidão, mas ele a impediu. Quando Sherazade percebeu o motivo, protestou.

— Não. Pelo menos agora talvez eu possa fazer algo por você — resmungou para si mesmo. Ele fitou a rosa com a testa enrugada e a boca contraída. Uma das criadas pigarreou, e a outra fitou o chão.

Sherazade esperou com paciência. Consciente.

O botão da rosa começou a abrir. As pétalas se desdobrando, movidas por uma mão invisível. Ao desabrochar, um perfume delicioso preencheu o espaço entre eles, doce e perfeito por um instante... mas logo insuportável. Enjoativo. As bordas da flor passaram de um rosa--escuro, brilhante, para um castanho-ferruginoso num piscar de olhos.

E então a flor começou a murchar e morrer.

Consternado, Jahandar viu as pétalas secas caírem no mármore branco a seus pés.

— Eu... Eu sinto muito, Sherazade — ele exclamou.

— Não faz mal. Nunca esquecerei quão bonita ela foi naquele instante, *baba*. — Ela passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou para mais perto. E ao ouvido dele, tão baixo que só ele

poderia ouvir, disse: — Vá até Tariq, como prometeu. Pegue Irsa e vá.

Ele concordou, seus olhos novamente lacrimejantes.

— Eu a amo, minha criança.

— E eu amo você. Cumprirei as minhas promessas. Todas elas.

Recomposto, Jahandar piscou para a filha mais velha, em silêncio.

Dessa vez, a batida na porta exigiu atenção porque era mais forte.

Sherazade se virou rapidamente em direção à porta, fazendo o pingente de rubi balançar de um lado para o outro. Ela endireitou os ombros e elevou o queixo pontudo.

Jahandar se afastou para o lado, cobrindo o rosto com as mãos, à medida que a filha avançava, resoluta.

— Eu sinto muito... sinto muito mesmo — ela sussurrou para ele antes de atravessar a porta e seguir o destacamento de guardas da escolta. Jahandar se pôs de joelhos e soluçou enquanto Sherazade virou-se e desapareceu.

Com os lamentos do pai ecoando, os pés de Sherazade se recusaram a prosseguir mais do que uns poucos passos pelos corredores cavernosos do palácio. Ela estacou, seus joelhos tremiam sob a seda fina de sua volumosa *sirwal*.

— Senhora? — um dos guardas perguntou em tom monótono.

— Ele pode esperar. — Sherazade suspirou.

Os guardas se entreolharam.

Com as próprias lágrimas ameaçando deixar uma trilha denunciadora em sua face, Sherazade apertou o peito com uma das mãos. Inadvertidamente a ponta dos dedos roçou a corrente grossa de ouro que lhe apertava a garganta, adornada com pedras preciosas enormes e de variedades desconhecidas. Era pesada... sufocante. Como um grilhão cravejado de brilhante. Ela permitiu que

os dedos envolvessem o instrumento vil pensando, por um instante, em arrancá-lo do pescoço.

A raiva era reconfortante. Um lembrete bem-vindo.

Shiva.

Sua amiga mais querida. Sua confidente mais próxima.

Ela curvou os dedões em suas sandálias de tiras metálicas e endireitou novamente os ombros. Em silêncio, retomou a marcha.

Novamente os guardas se entreolharam por um segundo.

Quando alcançaram as imensas portas duplas que davam para a sala do trono, Sherazade percebeu que seu coração batia duas vezes mais rápido que o normal. As portas se abriram com um rangido longo, e ela mirou seu alvo, ignorando todo o resto à sua volta.

Lá no final do imenso salão estava Khalid Ibn al-Rashid, o califa de Khorasan.

O Rei dos Reis.

O monstro dos meus pesadelos.

A cada passo, sentia o sangue ferver com a raiva e a clareza de seu objetivo. Ela avançou, sem desviar o olhar. Seu porte orgulhoso o destacava dos demais homens de seu séquito, e os detalhes ficavam mais nítidos à medida que ela avançava em sua direção.

Ele era alto e magro, com a constituição de um homem jovem afeito ao combate. Seus cabelos escuros estavam arrumados e penteados de maneira a sugerir um desejo por ordem em todas as coisas.

Enquanto se dirigia ao estrado, ela manteve o olhar erguido para ele, evitando qualquer hesitação, mesmo diante de seu rei.

Suas sobrancelhas grossas se ergueram alguns milímetros. Elas emolduravam olhos de um castanho tão claro que pareciam feitos de âmbar sob certos flashes de luz, como os de um tigre. Seu perfil parecia um estudo de perfis feito por algum artista, e ele permaneceu impassível em resposta a seu olhar avaliador.

Um rosto cortante. Um olhar penetrante.

Ele estendeu a mão para ela.

Ao se preparar para tocá-lo, Sherazade se lembrou de fazer uma reverência.

A fúria escondida sob a superfície, fazendo-a enrubescer.

Quando seus olhos encontraram os dele novamente, ele piscou uma vez.

— Esposa. — Ele balançou a cabeça.

— Meu rei.

*Viverei para ver o pôr do sol de amanhã. Não se deixe enganar.
Juro que viverei para ver tantos pores de sol quanto for necessário.*

E eu o matarei.

Com as minhas próprias mãos.

Apenas um

O falcão planava no ofuscante céu da tarde, suas asas bem abertas cortavam o ar e seus olhos esquadrihavam a vegetação rasteira.

Ao menor sinal de movimento, a ave de rapina dobrou as asas e se lançou em direção à terra, um borrão de pelagem azul-acinzentada e garras afiadas.

A bola de pelos, guinchando e correndo por entre os arbustos, não tinha nenhuma chance de escapar. Logo, um barulho de cascos se aproximou, com um rodadoiro de areia em seu rastro.

Os dois cavaleiros pararam a certa distância do falcão e sua presa.

Com o sol às suas costas, o primeiro cavaleiro, montado num garanhão Al-Khamsa, preto e brilhante, estendeu o braço esquerdo e deu um assobio baixo e suave.

A ave se virou para ele, os olhos, de um contorno amarelo, se estreitaram. Ela alçou voo uma vez mais e pousou com suas garras firmemente presas à *mankalah* de couro que protegia o cavaleiro do pulso ao cotovelo.

— Maldição, Zoraya. Perdi outra aposta — o segundo cavaleiro reclamou com o pássaro.

O falcoeiro sorriu para Rahim, seu amigo de infância.

— Pare de reclamar. Não é culpa dela que você seja incapaz de aprender uma única lição.

— Você tem sorte que eu seja tão tolo. Quem mais teria estômago para aguentá-lo por tanto tempo, Tariq?

Tariq deu uma risadinha.

— Nesse caso, talvez eu devesse parar de mentir para sua mãe sobre quão esperto você se tornou.

— Claro. Eu alguma vez menti para a sua?

— Ingrato. Apeia e recolhe a presa.

— Não sou seu criado. Recolhe você.

— Está bem. Segure isso. — Tariq esticou o antebraço, com Zoraya ainda presa em sua *mankalah*, esperando pacientemente. Quando ela percebeu que seria transferida para Rahim, sacudiu as penas e guinchou em protesto.

Rahim recuou, assustado.

— Deus do céu, essa ave me odeia.

— Porque ela é um bom juiz de caráter. — Tariq sorriu.

— Com um temperamento terrível — Rahim resmungou. — Honestamente, ela é pior que a Shazi.

— Outra moça com um gosto refinado.

Rahim revirou os olhos.

— Um julgamento um pouco tendencioso, não acha? Considerando que a única coisa que elas têm em comum é você.

— Reduzir Sherazade al-Khayzuran a essa definição pode ser a razão por que ela sempre descarrega seu temperamento em você. Asseguro-lhe que Zoraya e Shazi têm muito mais em comum do que eu. Agora, pare de enrolar e desça desse maldito cavalo para que possamos ir para casa.

Resmungando, Rahim desmontou da égua Akhal-Teke cinza — sua crina brilhando como estanho polido à luz do sol do deserto.

Tariq espiou a faixa de areia e os arbustos que delimitavam o horizonte. As ondas de calor causticante subiam do mar de terra vermelha e ocre, ondulando remendos de azul e branco através do céu.

Com a presa de Zoraya agora guardada no alforje, Rahim tornou a montar em seu cavalo, com a graça de um nobre cavaleiro treinado desde pequeno na arte equestre.

— A propósito da aposta na ave que fizemos mais cedo... — Rahim começou.

Tariq gemeu quando viu a expressão no rosto de Rahim.

— Não.

— Porque você sabe que vai perder.

— Você é um cavaleiro melhor que eu.

— Você tem um cavalo melhor do que o meu. Seu pai é um emir. E, ainda por cima, já perdi uma aposta hoje. Me dê o direito à forra

— Rahim insistiu.

— Por quanto tempo você vai fazer esses joguinhos?

— Até eu vencer você. Em cada um deles.

— Então isso não vai acabar nunca — Tariq zombou.

— Filho da mãe. — Rahim segurou o sorriso ao ajeitar as rédeas na mão. — Por isso, nem vou tentar ser justo. — Enterrou as esporas na égua antes de disparar na direção oposta.

— Tolo. — Tariq riu ao soltar Zoraya nas nuvens e debruçar sobre o pescoço de seu garanhão.

Com um estalo da língua, o cavalo sacudiu a crina e relinchou. Tariq puxou as rédeas, e o cavalo árabe empinou antes de disparar pelo areal, suas patas fortes levantando uma nuvem de poeira e cascalho. A *rida'* branca de Tariq enfunou, o capuz ameaçou voar apesar da tira de couro que o mantinha no lugar.

Quando deram a volta na última duna, uma fortificação de pedra bege e argamassa cinza surgiu no areal, com suas torres pequenas encimadas por espirais de cobre pintadas em pátina azul-turquesa envelhecida.

— O filho do emir se aproxima! — Uma sentinela gritou quando Rahim e Tariq se acercaram dos portões do fundo, que foram abertos sem nenhuma hesitação.

Criados e trabalhadores afastaram-se depressa enquanto Rahim, com Tariq em seu encalço, passava feito um meteoro pelo portão de ferro que ainda rangia. Uma cesta de caquis foi ao chão, o conteúdo

espalhando-se antes que um velho, reclamando, se abaixasse e com dificuldade começasse a recolher a fruta alaranjada.

Ignorando o caos que criaram, os dois jovens nobres puxaram as rédeas de seus cavalos no meio do pátio comprido.

— Como se sente... sendo vencido por um tolo? — provocou Rahim, seus olhos azul-escuros brilhando.

Tariq ergueu um canto da boca, demonstrando divertimento antes mesmo que apeasse da sela e jogasse para trás o capuz de sua *rida*. Passou a mão nos cabelos ondulados e rebeldes. Grãos de areia lhe caíram no rosto, e Tariq piscou para evitar que entrassem em seus olhos.

O som da gargalhada de Rahim explodiu atrás dele.

Tariq abriu os olhos.

A criada diante de Tariq desviou rapidamente o olhar, ruborizada. A bandeja que segurava com dois copos de prata cheios de água começou a tremer.

— Obrigado. — Tariq sorriu ao pegar um.

Ela corou mais ainda, e o tremor ficou mais forte.

Rahim se aproximou devagar. Pegou seu copo e acenou para a moça antes que ela se virasse e se afastasse o mais rápido que suas pernas permitiam.

Tariq o empurrou. Com força.

— Seu estúpido.

— Acho que aquela pobre moça está meio apaixonada por você. E depois de mais uma prova de equitação desprezível, você devia estar extremamente grato pelo fato de a mão do destino tê-lo agraciado com esse flerte.

Tariq o ignorou e se virou para o pátio. À sua direita, viu o criado mais velho curvado catando os caquis espalhados pelo granito a seus pés. Tariq se aproximou e, pondo um joelho no chão, ajudou o velho a guardar as frutas na cesta.

— Obrigado, *sahib*. — O homem fez uma reverência e tocou a testa com a ponta dos dedos em sinal de respeito.

Os olhos de Tariq suavizaram, suas cores cintilando na sombra. A íris prateada se misturava ao contorno cinza-escuro, os cílios negros subiam e desciam contra a pele macia das pálpebras. A fronte tinha um ar de austeridade, que esmaeceu com o surgimento de seu sorriso fácil. Uma barba por fazer sombreava a linha quadrada do maxilar, acentuando ainda mais a simetria ali esculpida.

Tariq acenou para o velho e retribuiu o gesto habitual.

Acima deles, o pio de Zoraya ecoou no céu, exigindo uma atenção imediata. Tariq balançou a cabeça fingindo irritação e assobiou para ela. A ave mergulhou com um pio agudo que esvaziou mais outra parte do pátio. Novamente ela pousou na *mankalah* que Tariq lhe estendeu e ajeitou suas penas enquanto ele a carregava até a sua gaiola para alimentá-la.

— Você não acha que essa ave é um tanto... mimada? — Rahim a observava enquanto ela engolia uma tira inteira de carne curada sem parar para respirar.

— Ela é a melhor caçadora do reino.

— Mesmo assim, estou convencido de que uma ave amaldiçoada pode escapar impune de um assassinato. É esse o seu objetivo?

Antes que Tariq pudesse retrucar, um dos conselheiros mais próximos a seu pai apareceu junto ao arco que dava para a entrada.

— *Sahib*? O emir solicita a sua presença.

As sobrancelhas de Tariq se levantaram.

— Alguma coisa errada?

— Um mensageiro chegou de Rey há pouco.

— Isso é tudo? — Rahim pigarreou. — Uma carta de Shazi? Não justifica uma audiência formal.

Tariq continuou avaliando o conselheiro, observando as linhas fundas de sua testa e a maneira como entrelaçava os dedos.

— O que aconteceu?

O conselheiro se pôs na defensiva.

— Por favor, *sahib*. Me acompanhe.

Rahim seguiu Tariq e o conselheiro para o vestíbulo de colunas de mármore, passando pela galeria aberta com sua pequena fonte de mosaico de cerâmica. A água brotava constante da boca de um leão de bronze banhado a ouro.

Eles entraram no salão principal para encontrar Nasir al-Ziyad, emir do quarto maior emirado de Khorasan, sentado com a esposa a uma mesa baixa. O jantar estava servido diante deles, intacto.

Era óbvio que a mãe de Tariq havia chorado.

Ele parou imediatamente diante da cena.

— Pai?

O emir suspirou e ergueu o olhar preocupado para encontrar os olhos do filho.

— Tariq, recebemos uma carta de Rey esta tarde. De Sherazade.

— Me dê aqui. — O pedido era educado. Direto.

— Está endereçado à minha pessoa. Há uma parte dirigida a você, mas a...

A mãe de Tariq desatou a chorar.

— Como isso pôde acontecer?

— O que aconteceu? — Tariq perguntou, erguendo a voz. — Me dê a carta.

— É tarde demais. Não há nada que possamos fazer — o emir suspirou.

— Primeiro Shiva. Depois, perdida em seu pesar, a minha irmã tomou sua própria... — Ela soluçou. — E agora Sherazade? Como isso pôde acontecer? *Por quê?* — A mãe de Tariq se lamentava.

Tariq congelou.

— Você sabe por quê — o emir respondeu, num tom baixo e seco. — Foi por causa de Shiva que ela fez isso. Por Shiva. Por todos

nós.

Ao ouvir isso, a mãe de Tariq se levantou da mesa e se retirou, os soluços mais altos a cada passo.

— Ah, meu Deus. Shazi. O que você fez? — Rahim murmurou.

Tariq continuou parado, a expressão vazia e impenetrável.

O emir se levantou e se dirigiu ao filho.

— Filho, você...

— Me dê a carta — Tariq repetiu.

Com resignação, o emir entregou o pergaminho.

A grafia familiar de Sherazade desenhada na página, imperiosa e pesada como sempre. Tariq parou de ler quando ela começou a se dirigir diretamente a ele. O pedido de desculpas. As palavras de remorso por sua traição. A gratidão por sua compreensão.

Nada mais. Ele não podia aceitar isso. Não dela.

A ponta do pergaminho amassou em seu punho.

— Não há nada que você possa fazer — o emir reiterou. — O noivado... é hoje. Se ela tiver sucesso... se ela...

— Não diga isso, pai. Eu lhe suplico.

— Precisa ser dito. Essas verdades, não importa quão duras, precisam ser ditas. Precisamos enfrentar isso, como uma família. Sua tia e seu tio nunca enfrentaram a perda de Shiva, e veja o que resultou da morte de sua filha.

Tariq fechou os olhos.

— Mesmo que Sherazade sobreviva, não há nada que possamos fazer. Está feito. Precisamos aceitar isso, por mais difícil que possa parecer. Sei o que sente por ela; compreendo perfeitamente. Vai levar tempo. Mas você vai descobrir que pode encontrar a felicidade com outra pessoa... e existem outras mulheres jovens no mundo. Com o tempo, você verá — disse o emir.

— Não é preciso.

— Como?

— Já entendi. Tudo.

O emir olhou para o filho, surpreso.

— Entendo os seus argumentos. Todos eles. Agora preciso que entenda os meus. Sei que existem outras mulheres no mundo. Sei que é possível que eu ache alguma felicidade com outra moça. Com o devido tempo, imagino que tudo possa acontecer.

O emir assentiu.

— Bom. É o melhor a fazer, Tariq.

Rahim observava, embasbacado.

Tariq continuou, o prateado de seu olhar faiscava.

— Mas entenda que, não importa quantas mulheres perfeitas o senhor ponha no meu caminho, só existe uma Sherazade. — E com isso ele atirou o pergaminho no chão e girou nos calcanhares, empurrando as duas portas com força com a palma das mãos.

Rahim trocou um olhar de consideração com o emir antes de seguir Tariq. Eles voltaram para o pátio, e Tariq pediu os cavalos. Rahim não disse nada até que ambas as montarias estivessem diante deles.

— Qual é o plano? — ele perguntou com suavidade. — Ao menos temos um?

Tariq parou.

— Você não precisa me acompanhar.

— Que tolice é essa? Será que você é o único que ama Shazi? Ou que amava Shiva? Posso não ser parente, mas elas sempre serão parte da minha família.

Tariq se virou para o amigo.

— Obrigado, Rahim *jan*.

O rapaz mais alto e esbelto sorriu para Tariq.

— Não me agradeça por ora. Ainda precisamos de um plano. Me diga, o que pretende fazer? — Rahim fez uma pausa. — Existe alguma coisa que você possa fazer?

O queixo de Tariq enrijeceu.

— Enquanto o governante de Khorasan continuar respirando, haverá sempre algo que eu possa fazer... — Sua mão esquerda desceu até o quadril, para o punho da espada elegantemente curva.

— O que faço melhor.

O véu que separa

Sherazade estava sentada sozinha em seus aposentos, no centro de uma plataforma acolchoada, repleta de almofadas de cores vibrantes. Em torno da cama havia um véu fino de seda tecido como uma teia, que esvoaçava ao menor movimento. Os joelhos estavam apertados contra o peito; os dedos, cruzados sobre os tornozelos.

E seus olhos cor de avelã, fixos nas portas.

Ela ficara nessa posição a maior parte da noite. Todas as vezes que pensava em sair do lugar, sentia os nervos à flor da pele.

Onde ele está?

Ela suspirou alto e apertou as mãos com mais força ainda acima dos pés.

Logo o pânico com que vinha lutando na última hora começou a atingi-la, como um martelo na bigorna de um ferreiro.

E se ele não vier esta noite?

— Ah, meu Deus — ela murmurou, quebrando o silêncio.

Aí terei mentido para todo mundo. E quebrado todas as últimas promessas.

Sherazade balançou a cabeça. As batidas de seu coração alcançavam seus ouvidos à medida que a respiração se tornava cada vez mais difícil.

Eu não quero morrer.

Esses pensamentos macabros roçavam os limites de sua compostura, empurrando-a para o insondável domínio do terror... terror que ela havia conseguido manter distante, até agora.

Como baba sobreviverá se eu morrer? E Irsa?

Tariq.

— Pare com isso! — Suas palavras ecoaram na escuridão. Tolice, mas ela precisava de algo, qualquer coisa, para romper o silêncio

torturante, nem que fosse por um minuto.

Ela pressionou as têmporas e fez o terror retroceder.

Retroceder para a caixa de aço de seu coração.

E então as portas se abriram com um rangido baixo.

Sherazade baixou a palma das mãos para as almofadas macias ao lado.

A criada entrou com velas de aloé e âmbar-gris que recendiam um perfume suave e iluminavam com delicadeza; pouco depois apareceu uma moça carregando uma bandeja com comida e vinho. As criadas fizeram seu trabalho e saíram sem olhar para Sherazade.

Logo depois, o califa de Khorasan surgiu na soleira da porta.

Ele parou, pensativo, antes de entrar no aposento e fechar as portas.

À luz fraca das velas, seus olhos de tigre pareciam ainda mais distantes e calculistas. As linhas de seu rosto ficaram encobertas pela sombra quando ele se afastou da luz, tornando suas feições ainda mais duras.

Um semblante estático. Frio e proibitivo.

Sherazade entrelaçou os dedos embaixo dos joelhos.

— Me contaram que seu pai serviu ao meu como um de seus vizires. — Sua voz era baixa e despretensiosa. Quase... bondosa.

— Sim, *sayyidi*. Ele foi conselheiro de seu pai.

— E agora ele é um guardião.

— Sim, *sayyidi*. De textos antigos.

Ele olhou para ela.

— Uma mudança e tanto.

Sherazade controlou os primeiros sinais de irritação.

— Talvez. Ele não era um vizir do alto escalão.

— Entendo.

Você não entende nada.

Ela retribuiu seu olhar, rezando para que o mosaico de cores dos seus olhos escondesse os pensamentos desenfreados que corriam por trás deles.

— Por que você se voluntariou, Sherazade al-Khayzuran?

Ela não respondeu.

Ele continuou.

— O que a levou a fazer uma coisa tão idiota?

— Como?

— Talvez tenha sido a vontade de se casar com um rei. Ou a esperança vã de ser aquela que sobreviverá à maldição e ganhará o coração de um monstro. — Ele falou sem emoção, observando-a atentamente.

A pulsação de Sherazade acelerou para uma batida marcial.

— Eu não sofro desse tipo de ilusão, *sayyidi*.

— Então por que você se voluntariou? Por que está disposta a jogar sua vida fora aos dezessete anos?

— Tenho dezesseis. — Ela estreitou os olhos. — E não vejo por que isso faz diferença.

— Me responda.

— Não.

Ele parou.

— Você sabe que pode morrer por isso.

Os dedos apertaram-se agora de maneira quase dolorosa.

— Eu não me surpreendo em ouvir isso, *sayyidi*. Mas, se você realmente quer respostas, matar-me não vai ajudá-la a consegui-las.

Um lampejo lhe perpassou o rosto, demorando-se no contorno de seus lábios. Desfez-se rápido demais para ser significativo.

— Suponho que não. — Ele parou, novamente pensativo. Ela podia vê-lo capitulando, um véu caindo sobre os ângulos duros de seu perfil.

Não.

Sherazade se levantou da cama e deu um passo em sua direção. Quando ele olhou para ela, Sherazade se aproximou mais um pouco.

— Eu a avisei. Não pense que será aquela que vai quebrar o ciclo.

Sherazade cerrou os dentes.

— E eu o avisei. Não tenho ilusões. De nenhum tipo.

Ela continuou se aproximando, até que ficou a um braço de distância dele, sua decisão inabalável.

Ele se manteve firme.

— Sua vida já está condenada. Não espero... mais que isso.

Em resposta, Sherazade levou as mãos ao pescoço e começou a soltar a gargantilha.

— Não. — Ele segurou a mão dela. — Deixa-a aí.

Ele hesitou antes de deslizar os dedos por sua nuca.

Ao toque perturbadoramente íntimo, Sherazade lutou contra a vontade de se afastar e atacá-lo, com toda dor e raiva que sentia por ele.

Não seja idiota. Só haverá uma chance. Não a desperdice.

Esse menino-rei, esse assassino... ela não permitiria que ele destruísse outra família. Que roubasse outra menina de sua melhor amiga... uma vida repleta de lembranças do que tinha sido e do que nunca mais seria.

Ela ergueu o queixo e engoliu a bile que subia, o gosto amargo permaneceu na sua língua.

— Por que está aqui? — ele sussurrou, seus olhos de tigre sempre atentos.

Ele ergueu um canto da boca, sarcástico.

Ela pousou a palma da mão em cima da dele.

Com cautela.

Então, retirou o manto pesado dos ombros e deixou que deslizesse até o chão.

Irsa estava montada em sua égua malhada, na aleia mais próxima da construção que abrigava os textos mais antigos e obscuros de Rey. A biblioteca da cidade tinha sido um edifício magnífico, com colunas revestidas de pedras entalhadas com esmero, extraídas das melhores pedreiras de Tirazis. Através dos anos, sua fachada tinha escurecido e as rachaduras profundas desfiguraram a superfície, as piores tapadas de forma desmazelada. Todos os cantos visíveis estavam gastos, e o brilho de outrora tinha esmaecido para uma variação de matizes cinza e marrons.

Quando o agrupamento de cavalos atrás dela se inquietou no denso silêncio que precede a aurora, Irsa olhou por cima do ombro, desculpando-se. Ela abriu a boca para se dirigir ao jovem cocheiro, mas a garganta seca exigiu que pigarreasse antes de falar.

— Desculpe — ela sussurrou para o menino, depois de uma tossida discreta. — Não sei por que está demorando tanto. Tenho certeza de que ele volta logo. — Sua égua levantou a orelha esquerda enquanto Irsa se remexia na sela.

— Sem problemas, moça. Desde que eu receba por isso. Mas, se seu pai espera passar pelos portões antes da aurora, ele deve se apressar.

Ela concordou, outro nó se formando no estômago ao ouvir as palavras do menino.

Logo ela estaria deixando a cidade de sua infância — a cidade em que viveu por catorze anos. Então, na calada da noite, sem aviso, Irsa havia jogado tudo de valor no carro fechado atrás dela, sabendo que sua vida não seria mais a mesma.

Estranho que nada disso a incomodasse. Pelo menos ainda não.

A única coisa em que conseguia pensar — a razão de sua garganta seca e dos nós no estômago — era Sherazade.

Sua irmã mais velha autoritária e cabeça-dura.

Sua amiga leal e corajosa.

Novamente lágrimas quentes se avolumaram em seus olhos, mesmo depois de ela ter jurado que não verteria mais uma gota sequer. Frustrada, passou as costas da mão no rosto inchado.

— Alguma coisa errada, moça? — o cocheiro perguntou, com voz simpática.

É claro que alguma coisa estava errada. Mas se era para se manterem a salvo de olhares vigilantes, ele jamais poderia saber do que se tratava. Sherazade tinha sido clara a esse respeito.

— Não. Não há nada de errado. Obrigada por perguntar.

O rapaz concordou antes de retomar a postura de total indiferença.

Irsa, por sua vez, pensava na viagem que faria. Seriam três dias de viagem dura até que alcançassem Taleqan, a fortaleza da família de Tariq. Ela balançou a cabeça, estupefata; depois de tudo que havia acontecido, só Sherazade teria a audácia de enviá-los para a casa de seu namorado de infância. Toda vez que Irsa parava para pensar em Tariq e na sua família, suas feições miúdas se contraíam de preocupação...

E remorso.

Ela deu um suspiro profundo e baixou o olhar para as rédeas. Sua égua malhada sacudiu a crina quando uma lufada de vento passou pela aleia.

— Por que tanta demora? — Irsa perguntou sem se dirigir a ninguém em especial.

Como que em resposta, a pesada porta lateral da biblioteca rangiu ao abrir, e a silhueta encapuzada de seu pai saiu cambaleante.

Ele segurava alguma coisa nos braços, bem apertada contra o peito.

— *Baba?* Está tudo bem?

— Sinto muito, querida. Está tudo bem. Podemos ir agora — Jahandar murmurou. — Eu apenas... precisava me certificar de que todas as portas estavam trancadas.

— E o que é isso? — Irsa perguntou.

— Hã? — Jahandar caminhou até seu cavalo e pegou o embornal.

— O que tem aí?

— Ah, não é nada. Apenas um volume de que gosto muito. — Ele sacudiu a mão, com desdém.

— Viemos até aqui apenas por um livro, *baba?*

— Por apenas um, querida. Apenas um.

— Deve ser um livro muito especial.

— Todos os livros são muito especiais, querida.

— Que tipo de livro é esse?

Jahandar enfiou o volume velho com encadernação de couro no embornal com muita cautela e atirou o embornal sobre a sela sem nenhum cuidado. Então mandou o cocheiro seguir viagem.

A pequena caravana percorreu as ruas ainda adormecidas de Rey.

Irsa guiou sua montaria até emparelhar com o garanhão preto do pai. Quando Jahandar olhou para ela com um sorriso carinhoso, Irsa estendeu a mão para pegar a dele, buscando a mesma segurança que ela oferecia.

— Vai dar tudo certo, minha querida — ele disse, quase distraído.

Ela concordou.

Não passou despercebido a Irsa que ele não tinha respondido à sua pergunta.

A montanha de Adamant

No instante em que Sherazade aproximou a mão da dele, sentiu que uma frieza de sentimentos tomava conta dela. Como se tivesse saído de si e fosse agora apenas a testemunha distante da ação que se desenrolava.

Felizmente, ele não tentou beijá-la.

Nem a dor durou muito; foi momentânea, perdida na distração bem-vinda de seus pensamentos. Ele também não aparentou nenhuma satisfação. Se teve prazer, foi curto e passageiro, e Sherazade sentiu uma pontada de satisfação ao perceber isso.

Ao terminar, ele se levantou e saiu do leito sem dizer uma palavra, empurrando o cortinado que envolvia a plataforma.

Ela o observou enquanto ele se vestia, de maneira ordeira, quase com precisão militar, percebendo o brilho da luz no suor de suas costas e nos músculos torneados que se mostravam ao menor movimento.

Ele era mais forte do que ela. Disso não restava a menor dúvida. Sherazade não poderia suplantá-lo fisicamente.

Mas não estou aqui para lutar. Estou aqui para vencer.

Ela se sentou e pegou a bonita *shamla* que estava dobrada numa banqueta próxima. Sherazade deslizou os braços pelo brocado brilhante e amarrou os laços prateados antes de se juntar a ele. Ao dar a volta na ponta da plataforma, o robe delicadamente bordado se moveu em torno dela como um dervixe em meio ao *sama*.

O califa se dirigiu à mesa baixa no canto dos aposentos, cercada por almofadas ainda mais suntuosas e travesseiros macios com capas das mais variadas cores cintilantes.

Ele se serviu de vinho, ainda de pé, em silêncio. Sherazade passou por ele e se acomodou nas almofadas que rodeavam a mesa.

A bandeja estava repleta de pistaches, figos, amêndoas, uvas, chutney de marmelo, pequenos pepinos e variadas ervas frescas. Havia ao lado uma cesta de pão sírio embrulhado em linho.

Esforçando-se para retornar ao seu sutil desprezo, Sherazade arrancou uma uva do cacho e começou a comer.

O califa a observou atentamente, por um torturante minuto, antes de sentar nas almofadas. Ele se acomodou e bebeu enquanto Sherazade molhava pedaços de pão no chutney agri-doce.

Quando não conseguiu mais aguentar o silêncio, ela ergueu uma sobrancelha e se dirigiu a ele.

— Não vai comer nada, *sayyidi*?

Ele respirou fundo, os olhos se estreitaram, calculistas.

— O chutney está delicioso — ela afirmou de maneira casual.

— Não está com medo, Sherazade? — Ele perguntou tão baixinho que ela quase não escutou.

Ela largou o pão.

— Você quer que eu tenha medo, *sayyidi*?

— Não. Quero que seja honesta.

Sherazade sorriu.

— E como saberia se eu estivesse mentindo, *sayyidi*?

— Porque você não é uma hábil mentirosa. Você apenas acha que é. — Ele se debruçou sobre a mesa e pegou um punhado de amêndoas da bandeja.

O sorriso dela se alargou. Perigosamente.

— E você não é tão bom em avaliar as pessoas. Você apenas acha que é.

Ele inclinou a cabeça, e um músculo retesou-se no seu maxilar.

— O que você quer dizer? — Novamente as palavras foram pronunciadas numa voz tão baixa que Sherazade teve de se esforçar para discerni-las.

Ela sacudiu as migalhas das mãos, ganhando tempo para construir a próxima armadilha.

— Vou morrer ao nascer do sol. Certo?

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

— E você quer saber por que me voluntariei para isso? — ela continuou. — Bem, eu estaria disposta a...

— Não. Eu não vou fazer joguinhos com você. Detesto manipulação.

Sherazade, contrariada, estalou os lábios fechados, engolindo sua fúria cega.

— Talvez você devesse passar menos tempo desprezando os jogos e gastar mais tempo construindo a paciência necessária para ganhá--los.

Ela prendeu a respiração ao ver que a parte superior do corpo dele ficara imóvel. Os nós de seus dedos ficaram brancos por uma angustiante fração de segundo antes que ele abrisse a mão.

Sherazade observou a tensão sendo liberada, com um turbilhão de emoções contraditórias em seu peito e um vazio desolador na cabeça.

— Palavras corajosas para uma moça que tem poucas horas de vida. — Sua voz foi glacial.

Ela se endireitou e ajeitou o cabelo escuro de modo que ficasse apoiado em um único ombro.

— Está interessado nas regras do jogo ou não, *sayyidi*?

Como ele continuou em silêncio, Sherazade resolveu prosseguir, escondendo as mãos trêmulas nas dobras da sua *shamla*.

— Estou disposta a responder à sua pergunta, *sayyidi*. Mas, antes que eu faça isso, gostaria de saber se me concederia um pequeno desejo... — ela disparou.

Com ironia seca, ele retrucou.

— Você vai tentar negociar sua vida com uma charada?

Ela riu, o som ecoando pelo aposento como música.

— Minha vida está condenada. Você já deixou claro. Talvez pudéssemos deixar isso de lado e nos concentrar na questão em pauta.

— Certamente.

Ela levou um segundo para se tranquilizar.

— Quero lhe contar uma história.

— Como?

Pela primeira vez, ela viu uma emoção tomar conta de suas feições.

Ficou surpreso? Fique tranquilo, não será a última vez, Khalid Ibn al-Rashid.

— Quero lhe contar uma história. Você senta e escuta. Quando eu terminar, respondo à sua pergunta.

Ela esperou por uma resposta.

— Uma história?

— Sim. Aceita os termos, *sayyidi*?

Ele se recostou sobre um cotovelo, com uma expressão indiscernível.

— Está bem. Aceito. Pode começar. — Ele pronunciou as palavras num tom desafiador.

E eu aceito, seu monstro. Com vontade.

— Esta é a história de Agib, um pobre marinheiro que trocou tudo o que tinha apenas pelo autoconhecimento.

— Uma história com moral? Então você está tentando me ensinar uma lição.

— Não, *sayyidi*. Estou tentando atrair sua atenção. Ensinaram-me que uma boa contadora de histórias pode fisgar sua plateia com apenas uma frase.

— Então você falhou.

— Apenas porque você está sendo desnecessariamente difícil. E também porque não me deixou terminar. Veja, Agib era um ladrão; o melhor ladrão dentre todos em Bagdá. Ele conseguia roubar um dinar de ouro maciço da sua mão, diante de seus olhos, e bater a carteira de um viajante astuto como se fosse uma discreta sombra.

O califa inclinou a cabeça, pensativo.

— Mas ele era arrogante. E, à medida que suas fugas se tornavam cada vez mais audaciosas, ficava mais arrogante. Até que um dia foi pego roubando um emir muito rico e mal conseguiu escapar com vida. Em pânico, atravessou as ruas de Bagdá buscando um refúgio. Próximo às docas, ele encontrou uma pequena embarcação que estava saindo do porto. O capitão precisava desesperadamente de mais um tripulante. Certo de que os soldados do emir o encontrariam se ficasse na cidade, Agib se ofereceu para fazer a viagem.

— Melhorou. — Um vestígio de sorriso surgiu nos lábios do califa.

— Estou feliz que aprove, *sayyidi*. Devo continuar? — Ela esboçou um sorriso, lutando contra a vontade de jogar o resto de seu vinho na cara dele.

Ele concordou.

— Os primeiros dias a bordo do navio foram difíceis para Agib. Ele não era um homem afeito ao mar e tinha muito pouca experiência em viajar assim, por isso ficou enjoado por longos períodos. Os outros membros da tripulação debochavam dele abertamente e lhe davam as tarefas mais humilhantes, consolidando a percepção de que ele não tinha serventia nenhuma. A respeitável reputação de ser o melhor ladrão em Bagdá não tinha o menor valor nesse mundo; afinal, ele não podia roubar de seus colegas de viagem. Não havia para onde fugir e se esconder.

— Um verdadeiro dilema — o califa comentou.

Sherazade ignorou seu comentário.

— Ao final de uma semana no mar, houve uma tempestade terrível. A embarcação foi jogada com força em todas as direções por imensas ondas que acabaram por levá-la para bem longe da rota. Mas isso não foi a pior calamidade que se abateu sobre eles. Quando as águas finalmente se acalmaram dois dias depois, o capitão tinha desaparecido. As águas salgadas do mar o haviam tragado.

Sherazade fez uma pausa. Inclinou-se para a frente a fim de pegar uma uva e aproveitou para dar uma olhadela, por cima do ombro do califa, nas cortinas que davam para a varanda. Elas ainda estavam sombreadas pelo manto da noite.

— A tripulação começou a entrar em pânico. Eles estavam à deriva no meio do mar e não sabiam como guiar o barco de volta para a sua rota. Começaram a discutir qual marinheiro deveria assumir o lugar do capitão. Consumida por essas brigas pelo poder, a tripulação não percebeu que uma mancha de terra havia despontado no horizonte. Agib foi o primeiro a divisá-la. Parecia uma ilha minúscula com uma montanha no centro. Inicialmente, a tripulação comemorou a descoberta. Mas então um marinheiro mais velho resmungou alguma coisa que lhes reacendeu o pânico.

O califa escutava, os olhos cor de âmbar vidrados em Sherazade.

— Ele disse: “Deus nos proteja. É a montanha de Adamant”. Quando a comoção generalizada percorreu a tripulação por causa da verdade escondida nessas palavras, Agib perguntou o que fazia com que essa montanha fosse tão aterradora para que homens-feitos se acovardassem só de vê-la. O velho marujo explicou que a montanha era enfeitiçada e que atraía os barcos, puxando-os pelo ferro que unia os seus cascos e, uma vez que o barco estivesse totalmente em seu poder, ela arrancava todos os pregos de uma só vez, desmantelando a embarcação e fazendo-a afundar, condenando assim seus ocupantes a uma sepultura molhada.

— Em vez de perder tempo lamentando seu infortúnio, talvez eles devessem tentar navegar na direção oposta — o califa sugeriu secamente.

— E isso foi exatamente o que aconselhou Agib. Os homens pegaram nos remos, e a ação imediata foi tomada para frustrar a trama maligna da montanha, mas era tarde demais. Porque, uma vez que a sua silhueta escura aparece a distância, pouco resta a fazer. A essa altura, a montanha já os tinha em seu poder. Inevitavelmente, apesar de todos os esforços, o barco ia chegando cada vez mais perto, e cada vez mais rápido, das sombras da Adamant. Logo um gemido lancinante foi ouvido das entranhas do casco do barco. E ele começou a sacudir e tremer como se o peso do mundo estivesse acomodado em sua proa. Horrorizada, a tripulação viu os pregos sendo arrancados e as tábuas se soltarem à sua volta. O barco passou a desmantelar e desmoronar como blocos de brinquedo de criança. Agib se uniu aos uivos e lamentos de seus colegas de tripulação à medida que eram atirados ao mar e abandonados à própria sorte.

Sherazade levantou a taça para se servir de vinho. E escondeu a surpresa quando o califa lhe encheu a taça sem dizer uma palavra.

A pontinha da cortina atrás dele começava a clarear.

— Agib se arrastou até a popa do barco, a única parte que ainda estava intacta. Na confusão, viu um pesado caldeirão de ferro passar por ele e seguir em direção à montanha. Usando as mãos hábeis de um experiente ladrão, Agib pegou o caldeirão e se agarrou a ele com todas as forças para se salvar, bem na hora em que ele foi arrastado pela amurada até a vastidão das águas do mar. O caldeirão o puxava terrivelmente para o fundo, e Agib lutava para boiar, procurando algo mais a que se agarrar. O som de seus companheiros se afogando à sua volta apenas tornou sua busca ainda mais desesperada. Quando encontrou um pedaço quebrado do mastro, lançou seu braço livre

em torno dele, segurando ainda o caldeirão com uma determinação frenética.

As feições angulosas do califa se suavizaram em compreensão.

— Foi um raciocínio rápido, esse, da parte de Agib. Ele está apostando que o caldeirão o levará diretamente para a ilha.

Sherazade sorriu.

— Exatamente. Depois de muitas horas, os instintos de Agib o levaram a terra firme. Ele alcançou a orla escura e brilhante da Adamant, exausto e tremendo de medo. Desmaiou à sombra da montanha e não despertou durante muitas horas. Quando a aurora chegou, ele se mexeu e começou a procurar por comida e água antes de perceber que esse era verdadeiramente um local de morte e destruição; não havia sinal de vida em nenhum lugar à sua volta, e a água era tão escassa quanto a esperança nessa terra desolada. Agib deitou sobre uma pilha de cascalho, em desespero, entendendo uma vez mais que estava prestes a morrer. As pedras atrás dele cederam, e um pequeno cálice de metal surgiu por entre o cascalho. Era velho e gasto, e tinha as bordas amassadas.

Uma luz de um azul-pálido se insinuou mais alta nas cortinas, deslizando por entre as treliças de madeira tão belamente entalhadas, tirando-as das sombras fantasmagóricas e dando vida aos seus desenhos.

— Agib observou o cálice. Estava cheio de terra e areia. Ele cambaleou até a beira da água para lavá-lo. Quando a sujeira se despreendeu, levada pelas ondas, Agib percebeu que o cálice estava coberto de sinais que nunca tinha visto. Ele o ergueu contra a luz do sol nascente, mas gotas de água ainda turvavam a superfície, então ele o enxugou com a manga da camisa...

Agora todas as pontas do cortinado estavam tingidas da luz branca e brilhante da aurora. Os raios de luz abriam caminho por

entre as treliças até o chão de mármore, como nervuras de ouro puro passadas a ferro pelo calor do sol prematuro da manhã.

O coração de Sherazade ameaçava sair pela boca.

— E o cálice começou a tremer. Do seu interior, uma fumaça da cor do céu límpido do meio-dia começou a sair e crescer até que se tornou uma pluma brilhante. Aterrorizado, Agib largou o cálice e correu para o cascalho escuro da orla da Adamant. A fumaça cresceu em tamanho e densidade até que uma silhueta se formou em seu centro.

O califa se inclinou para a frente.

— A silhueta se solidificou... e começou a gargalhar.

Sherazade parou.

A aurora havia alcançado as costas do califa em toda a sua aterrorizante glória.

— Por que parou? — ele perguntou.

Sherazade olhou na direção da varanda. O califa acompanhou o seu olhar.

— Você pode terminar a história — ele autorizou.

Sherazade respirou com cuidado.

— Receio que não seja possível, *sayyidi*.

— Como?

— Mal comecei a história.

Seus olhos se estreitaram como duas fendas.

— Termine a história, Sherazade.

— Não.

Ele se levantou com um giro gracioso.

— Então esse era o seu plano o tempo todo?

— Que plano, *sayyidi*?

— Um stratagem. Uma tática para retardar sua execução... começar uma história que você não tinha a menor intenção de terminar. — Sua voz estava mortalmente baixa.

— Tenho toda a intenção de terminá-la... amanhã à noite. Agora, se isso vai ou não acontecer, é uma decisão totalmente sua. — Ela olhou para ele, cerrando os punhos sob a sua *shamla*.

— Você disse que entendia que sua vida está condenada. Isso estava claro desde o princípio.

Sherazade se levantou, endireitou os ombros e ergueu o queixo pontiagudo.

Quando ela falou, seu tom era tão suavemente sarcástico quanto o dele.

— A vida de todos está condenada, *sayyidi*. É apenas uma questão de tempo. E eu gostaria de viver mais um dia.

Ele olhou furioso para ela, o perfil anguloso ainda mais ameaçador com a névoa de raiva que coloria sua face.

Uma única batida soou à porta dos aposentos.

— Apenas um — ela sussurrou.

Os olhos de tigre a sondaram de cima a baixo, avaliando sua adversária e pesando suas opções.

Um minuto de agonia se passou.

Eu não vou suplicar.

Outra batida baixa soou à porta.

Sherazade se adiantou, seus olhos cor de avelã fixos no califa.

Ele deu um passo lento para trás antes de se encaminhar para as portas.

Não. Por favor. Pare!

Ao esticar a mão para pegar a maçaneta, ele parou sem virar para trás e olhar para ela.

— Um. — Ele pronunciou a palavra como um epitáfio antes de sair porta afora.

Quando as portas bateram, fechando-se atrás dele, Sherazade afundou no chão e pressionou a face em chamas contra o mármore frio.

Até deixar as lágrimas rolarem exigia um esforço demasiado.

Despina e o guerreiro Rajput

A bandeja bateu contra a mesa, provocando um estrondo e um chocalhar.

Sherazade sobressaltou-se, o sono pesando no canto das pálpebras. Ela esfregou os olhos, e os traços do líquido dourado e do pó preto da maquiagem ficaram em suas mãos.

— Você é muito pequena para ter causado toda essa grande confusão. — Uma voz melodiosa se fez ouvir ao seu lado.

— O quê? — Sherazade focou toda a sua atenção sonolenta na interlocutora.

— Eu disse que você é muito pequena para ter causado toda essa grande confusão.

Uma moça roliça, mais ou menos de sua idade, caminhou até os pés da cama e abriu com um puxão as cortinas de voal. Sua pele era clara, e o cabelo espesso, da cor de mel, estava preso num coque no alto da cabeça, de uma forma tipicamente grega. Os olhos eram brilhantes e azuis como o mar Egeu e estavam delineados com *kohl* com muita destreza. Seus lábios estavam franzidos em um biquinho perfeito, pintados com cera de abelha e carmim. Sua túnica de linho branco tinha um caimento primoroso, realçando suas formas arredondadas. O braço esquerdo estava adornado com uma pulseira larga de prata.

Sherazade deixou de lado a sonolência e tentou assumir uma pose de dignidade.

— Eu escutei da primeira vez.

— Então por que pediu para eu repetir?

— Porque não sei quem você é, e não faço a menor ideia do porquê de estar batendo as coisas por aí e fazendo comentários ridículos tão cedo — Sherazade disparou de volta.

A moça riu. Era um som alto e forte.

— Acho que começo a entender o porquê dessa confusão toda. E nem é mais tão cedo. É meio-dia. — A moça marchou até as janelas e as abriu para revelar um sol a pino num céu azul-cerúleo sem nuvens.

Sherazade se encolheu diante do cruel feixe de luz.

— Trouxe uma refeição. Você devia comer alguma coisa. Você é tão pequena — a moça reiterou.

— Não consigo entender o que meu tamanho tem a ver com isso.

— Porque uma menina desvalida não pode enfrentar uma briga feia, muito menos sair ganhando. E eu gostaria que ganhasse.

Imediatamente Sherazade recolheu os joelhos para junto do peito e se pôs em guarda.

— Ganhasse?

— Por Zeus, você é uma peça. Sim, minha senhora, gostaria de vê-la ganhar. Quero dizer, gostaria de vê-la viver. Não gosto de ver moças novas morrer por causa dos caprichos de nosso regente enigmático. E você?

Sherazade a observou durante algum tempo antes de pôr os pés descalços no mármore frio e se levantar da cama.

Tenha cuidado.

— Não. Eu também não — ela respondeu.

A moça esboçou um sorriso.

— Você é mais alta do que pensei. Mas magra demais, porém já vi piores. Há uma curva ou outra onde deveria ter. Tenho certeza de que fica deslumbrante quando está bem-arrumada.

— Desculpe, mas quem é você? — perguntou Sherazade.

— Despina. Sua camareira... enquanto estiver ganhando.

— Não preciso de uma camareira.

— Acho que não tem escolha. — O sorriso de Despina ficou maior, e seus olhos azuis faiscaram para Sherazade, desafiando-a a responder a tal impertinência.

Sherazade parou e pensou.

— Então ele a mandou aqui para me espionar?

Os dentes brancos de Despina lhe iluminaram o rosto.

— Sim.

— E você é uma boa espiã?

— A melhor.

— Uma boa espiã manteria a identidade em segredo.

— As melhores espiãs não precisam preservá-la.

Sherazade não pôde deixar de sorrir à resposta.

— Você é arrogante.

— Como você, senhora Sherazade. Mas não vejo isso como um defeito. Porque, sem um pouco de arrogância, como alguém pode tentar o impossível?

Sherazade desceu da plataforma e ficou de pé diante de Despina.

A moça era meia cabeça mais alta, e tudo nela emanava confiança e segurança quanto a seu lugar no mundo. Desde sua túnica drapeada com cuidado até suas formas impecavelmente realçadas, Despina era, sem dúvida, uma força a ser considerada.

Mas, para Sherazade, seus olhos eram o que mais chamavam a atenção.

Eram olhos atentos de uma caçadora.

E se pareciam com os seus.

Ela me avisou que é uma espiã. Por que me avisou?

— Você gostaria de comer alguma coisa? Ou está planejando uma greve de fome? Se esse for o caso, faça com vontade, porque acredito que uma greve de fome vai matar uma diabinha bonitinha como você antes que o califa o faça.

Sherazade deu uma risada irônica.

— Esse é o pior elogio que já recebi.

— De nada.

Despina virou-se, como uma espiral de linho branco, um aroma de jasmim saturando o ar à sua volta. Sherazade a seguiu até a mesa no canto. A bandeja em cima dela estava cheia de pão sírio, queijo de cabra rodeado de compotas doces, uma terrina de sopa, uma romã partida ao meio, suas sementes brilhando feito rubis sob a luz quente que vinha da varanda. Um bule de prata trabalhada, com chá de cardamomo, esperava sobre um fogo brando.

Despina tirou a tampa do bule e começou a preparar o chá, colocando um torrão de açúcar no fundo de uma pequena xícara de vidro trabalhado.

Ao se acomodar nas almofadas, Sherazade pegou um pedaço de pão.

A camareira olhou para Sherazade enquanto servia o chá, entornando-o lentamente na xícara.

— Eu falei sério; realmente espero que ganhe, senhora. — Sua voz demonstrava uma circunspecção tranquila.

— Por favor, me chame de Sherazade.

— Sherazade. — Despina esboçou um sorriso.

Sherazade não pôde deixar de retribuir o gesto.

Tenha muito cuidado.

Uma hora mais tarde, com a ajuda de Despina, Sherazade tinha tomado banho e se vestido com outro modelo elaborado de seda e damasco. Um aro de prata fininho, adornado com pérolas e safiras bem pequenas, enfeitava sua testa. No pescoço outra gargantilha, combinando com os demais adereços. Pulseiras finas de diamante tinham no pulso esquerdo a cada movimento.

— Posso sair? — ela perguntou quando Despina terminou de delinear suas pálpebras com *kohl*.

Despina assentiu.

— Você pode perambular por quase todo o palácio, desde que esteja acompanhada pelo Rajput.

— O Rajput?

Os olhos de Despina se estreitaram, num misto de humor negro e pena.

— O califa aparentemente está tão enamorado que destacou para você um membro de sua guarda pessoal.

Sherazade cerrou os punhos.

— Então eu preciso de uma espiã e de um executor de prontidão?

— Mais ou menos.

Ódio não é a palavra adequada para um homem desses.

— Quem é o Rajput? — Sherazade disparou.

— A partir de uma época, ele ficou conhecido como o Flagelo do Hindustão. É o melhor espadachim de Rey, e talvez de todo Khorasan. Um devoto da cimitarra. Só existe outro espadachim em Rey que chega a seus pés, mas mesmo este nunca foi melhor que o Rajput.

Bem, essa informação pode ser interessante no futuro.

— Quem é o segundo melhor espadachim de Rey?

Despina franziu o cenho.

— Esperava mais de você.

— O que foi?

— Achei que você estava mais bem informada.

— Desculpe-me se esqueci de carregar por aí uma lista com os dez melhores espadachins de Khorasan — Sherazade disparou de volta.

— Supus que essa informação não estaria disponível à filha de um bibliotecário. Não está exatamente pregada nas paredes à vista de todos.

— Meu pai é o curador de textos antigos e o homem mais esperto que conheço. Ele foi vizir do califa anterior. — Sherazade estreitou os olhos.

— E, depois da morte da esposa, ouvi dizer que ele ficou maluco e por isso foi afastado. Agora é um bibliotecário.

Não posso perder o controle. Ela está claramente me provocando. Mas por quê?

Sherazade respondeu com um silêncio proposital para restabelecer o controle. Ela brincou com a prata no seu pescoço, desprezando o seu peso.

— Então, você ainda quer saber quem é o segundo melhor espadachim de Rey? — Despina perguntou, mudando de assunto.

— Não se incomode. Não importa.

Despina sorriu conscientemente.

— O segundo melhor espadachim em Rey é Khalid Ibn al-Rashid. Nosso ilustre Rei dos Reis.

Sherazade sentiu um aperto no coração. Exímios espadachins tendem a ser fortes estrategistas. Rápidos em identificar sinais de artimanhas.

E isso representava mais um obstáculo. Se ele sequer suspeitasse de sua traição, seria muito mais difícil planejar a morte dele e pegá-lo de surpresa.

Ela engoliu em seco, com cuidado.

— Mesmo assim, isso não importa.

— Acho que deveria importar para você. Mas achei, no entanto, que você poderia querer saber.

Que tipo de jogo ela está fazendo?

— Você se enganou.

Sherazade andou até as portas do aposento e segurou as maçanetas. Assim que atravessou a soleira, uma figura enorme surgiu. Sua pele era de um cobre escuro, e ele era imensamente

maior que Sherazade e tinha na cabeça um intricado turbante. Os braços expostos eram grossos e musculosos, e a barba negra estava bem aparada até abaixo do queixo. Os olhos eram da cor da noite sem luar e faiscavam, olhando-a sem nenhuma piedade.

— Ah, sim. Você deve ser... desculpe, qual o seu nome? — Sherazade gaguejou.

— Eu lhe disse; ele é o Rajput — Despina respondeu por trás dela.

— Mas ele tem de ter um nome — Sherazade respondeu asperamente por cima do ombro.

— Se tem, eu desconheço.

Com ares de irritação, Sherazade encarou corajosamente seu potencial executor uma vez mais.

— Eu me chamo Sherazade. — Ela encontrou seus olhos escuros.

Ele a encarou antes de dar um passo para o lado e deixá-la passar.

Quando passou por ele, ela reparou na longa cimitarra que pendia de seu quadril, brilhando ameaçadoramente ao sol do meio-dia.

Então esse brutamontes silencioso é o único espadachim que pode vencer o meu inimigo...

Como poderei descobrir alguma fraqueza em Khalid Ibn al-Rashid cercada por seus espiões e vigiada a cada passo?

Ela suspirou lentamente.

Talvez eu tenha um problema sério.

Aliviando o peso

A construção original do palácio fora erguida havia quase trezentos anos por um rei com uma queda para a extravagância. Desde então, muitas alas, em mármore e calcário, haviam sido acrescentadas para ampliá-lo. Elas se ramificavam como braços de rios, serpenteando em direção a um destino longínquo.

Seria fácil se perder num lugar desses.

— Como chego aos jardins? — Sherazade perguntou a Despina, depois de elas perambularem pelos corredores brilhantes por meia hora.

Despina inclinou a cabeça para o lado enquanto pensava.

— Acho que não tem problema. Ninguém disse que estava expressamente proibida de sair.

Sherazade resistiu à vontade de retrucar quando Despina retrocedeu no corredor até uma saída à direita. O Rajput acompanhou Sherazade, sua postura tão rígida e implacável quanto sua expressão. Depois de cruzar os corredores por vários minutos em silêncio, eles chegaram a uma galeria aberta com uma série de portas de arco duplo que davam para fora.

Um criado abriu um par de portas para deixá-los passar, e Sherazade entrou num pátio com terraços que mais parecia uma escadaria colossal. O primeiro patamar desse terraço era coberto por árvores em flor e tinha um rico aviário cercado de treliças por todos os lados. A madeira resistente da acácia fora coberta com uma camada fina de tinta branca e fixada com tachas de bronze polido. Uma exuberante grama verde-azulada brotava por entre as pedras de granito bruto que cobriam o chão.

Sherazade caminhou pelo aviário, admirando a colorida coleção de pássaros canoros que revoavam: rouxinóis, pintassilgos, cotovias,

canários...

Um pupilar alto explodiu atrás dela. Sherazade se virou e viu um pavão desfilando pelo gramado, sua plumagem de malaquita e ouro ondulando ao sol e capturando feixes de luz errantes.

Sherazade se aproximou. O pavão parou para observá-la antes de baixar a cauda e sair correndo.

Ela riu consigo mesma.

— Tão rápido para correr. Tão fraco para voar.

— Do que está falando? — Despina perguntou.

Sherazade balançou a cabeça.

— Está falando de homens? — Despina deu um risinho.

Preferindo não responder, Sherazade andou devagar pelo terraço mais alto e desceu a escadaria de pedras até a próxima fileira de árvores. Esse jardim estava carregado de flores de laranjeira e figos verdes que pendiam pesados de seus galhos, aguardando o momento de serem colhidos.

Ela passou por esse patamar, parando apenas para respirar os aromas.

Despina a observava, pensativa.

— O que você está tentando fazer? — ela perguntou com uma ponta de desconfiança.

Sherazade ergueu a mão para proteger os olhos enquanto fitava os sinais de movimento num descampado de areia e pedras que ficava abaixo delas.

— Se você me disser o que está planejando, posso levá-la até lá — Despina ofereceu.

— Não estou planejando nada. Estou procurando uma coisa.

— O que está procurando?

— Uma camareira que não faça tantas perguntas.

Despina riu.

Sherazade apertou o passo para descer o último lance de escadas, e encaminhou-se para o destino escolhido de areia e pedra.

O Rajput grunhiu uma censura ao se aproximarem da entrada.

Então, no final das contas, ele não é mudo.

Despina falou alto.

— Tenho certeza de que você não deveria estar aqui.

— Você disse que eu poderia ir aonde quisesse, desde que tivesse o Rajput do meu lado — Sherazade a lembrou.

— Não acredito que alguém tenha imaginado que você viria ao campo de treino.

Os olhos espertos de Sherazade percorreram o mar de rostos masculinos perdidos na arte da esgrima, treinando com lanças e aperfeiçoando a mira mortal com as *tabarzin*, que se pareciam com machadinhas.

Ele não está aqui.

— Você está procurando pelo califa? — perguntou Despina.

— Não.

Mas eu acredito que o segundo melhor espadachim de Rey irá treinar em algum momento do dia... se ele pretende manter o título.

E preciso descobrir sua fraqueza, para que eu possa destruí-lo, utilizando-a.

— Mentirosa — Despina armou um sorriso falso.

— Na verdade, vim aqui porque eu queria... — Sherazade olhou em volta até que seus olhos viram algo que ela reconheceu prontamente. — Eu queria aprender como usar um arco e flecha.

— O quê? — exclamou Despina.

Fingindo ignorância, Sherazade moveu-se em direção à bancada de armas.

O Rajput ergueu o braço bloqueando sua passagem, seu olhar de ônix ameaçador.

Sherazade se preparou antes de lhe devolver o olhar ameaçador.

— Você poderia me ensinar a atirar flechas? Eu sempre quis aprender.

Ele balançou a cabeça.

Ela amuou-se.

— Nada vai me acontecer. De qualquer maneira, não serei mais problema seu depois de amanhã. Por favor, me satisfaça esse pequeno desejo.

— Talvez ele não esteja preocupado com você — Despina respondeu com sarcasmo.

Sherazade tentou passar por seu gigantesco braço. Quando ele a demoveu novamente, ela cerrou os lábios.

— Será que você tem de ser tão difícil? — ela resmungou baixinho.

— Ele não está sendo difícil. Esse é o jeito dele — uma voz masculina e forte respondeu atrás deles.

Ambas, Despina e Sherazade, viraram para ver o rosto divertido de um jovem com um rabo de cavalo encaracolado cor de mogno, uma expressão afável e amistosa.

O Rajput enrijeceu.

— Talvez eu possa ajudar? — O recém-chegado ofereceu, abrindo um sorriso.

Sherazade lançou para ele um sorriso cativante.

— Espero que sim, eu...

— Eu sei quem é, senhora. A essa altura, todo mundo no palácio sabe quem a senhora é. — Seus olhos castanhos brilharam com malícia ao piscar para Despina. Ela desviou o olhar, enrubescendo.

Ele é um mulherengo.

— Então tem uma vantagem decisiva sobre mim, senhor — disse Sherazade.

— Me chamo Jalal. — Ele fez uma reverência curta, a ponta dos dedos roçando a testa.

— Ele é o capitão da guarda e filho do general Aref al-Khoury... O *shahrbán* de Rey — Despina esclareceu em um tom monótono.

— Não deixe que o título a engane, senhora. Não sou ninguém importante, mesmo que meu pai seja o general de mais alta patente de Khorasan.

— Bem, ambos partilhamos um status lamentável, porque eu também não sou ninguém importante — disse Sherazade.

— Não acredito, senhora Sherazade. Duvido muito disso. — Jalal esboçou um sorriso, reforçando ainda mais uma atitude descontraída.

O Rajput grunhiu novamente. Sua raiva contida trouxe Sherazade de volta à questão em pauta.

— Você estaria disposto a me ensinar a usar o arco e flecha, capitão Al-Khoury? — ela perguntou.

— Isso depende de algumas coisas. A primeira, que a senhora dispense as formalidades e me chame apenas de Jalal. A segunda, que Khalid nunca descubra que tomei parte nessa transgressão.

Khalid? Ele o chama pelo primeiro nome?

— Posso garantir esses termos. Com alegria. Se você retribuir o gesto, nas duas coisas.

Jalal se aproximou e falou de forma conspiratória.

— Então siga-me, Sherazade.

Sherazade riu. Despina cruzou os braços no seu peito largo.

— Isso não é uma boa ideia — ela alertou, seus olhos azuis captando a expressão traquina no rosto de Jalal.

— Para quem? Para você ou para mim? — Sherazade retorquiu. — Porque me parece uma ideia muito boa passar o meu último dia de vida fazendo coisas que sempre quis fazer.

Despina suspirou com resignação e, relutante, seguiu Sherazade e Jalal. O Rajput fez o mesmo, seu desagrado tão claro quanto sua irritação, apesar do olhar repreensivo do capitão da guarda.

Jalal levou Sherazade para a bancada das armas. Várias aljavas estavam penduradas numa barra de aço, com suas penas de ganso pintadas em cores vibrantes para facilitar a identificação. Sherazade puxou uma das flechas de uma das aljavas. A ponta era cega para a prática do tiro ao alvo. Tendo cuidado para parecer negligente, ela curvou a parte de trás de uma das setas, só um pouco, para avaliar o peso de sua haste.

Não é muito flexível.

— Já atirou com um arco e flecha antes? — perguntou Jalal, observando-a com surpreendente interesse para quem aparentava tanta descontração.

— Na verdade, não — ela tentou disfarçar.

— Posso lhe perguntar então o que está fazendo com a flecha?

— Estou apenas curiosa. — Ela deu de ombros e pôs a seta de volta na aljava. Então selecionou outra com as penas de cor diferente. E fez o mesmo teste.

Muito melhor.

Ela tirou a aljava do gancho.

— Parece que talvez você não precise de minha tutela, afinal de contas — Jalal comentou num tom gracioso.

— Não, não — a mente tentando consertar o seu erro. — Meu... primo me disse certa vez que era mais fácil disparar setas com hastes menores quando você não é muito forte da cintura para cima.

— Sei — disse Jalal, sem muita convicção. — E o que o seu... primo tinha a dizer sobre os arcos?

— Nada. O comentário sobre as flechas foi de passagem.

Jalal parecia ainda mais desconfiado.

— Claro. De passagem. — Ele avaliou rapidamente os diferentes arcos apoiados sobre a bancada. Quando sua mão passou sobre um longo arco de pouca curvatura, ele olhou por cima do ombro para Sherazade.

Ela sorriu para ele.

Ainda observando-a, ele passou a mão em um arco bem menor com as pontas arqueadas na direção oposta à do arqueiro que estivesse atirando.

O arco recurvo.

Sherazade sustentou o sorriso, recusando-se a cair na armadilha que Jalal lhe preparava com a escolha do arco.

— Você tem alguma preferência? — ele perguntou.

— O que você achar que for melhor.

Ele concordou.

— Acho que este vai servir aos nossos propósitos.

Com um sorriso de satisfação, Jalal pegou o arco recurvo da bancada e caminhou para a linha onde os alvos estavam posicionados, a cinquenta passos de distância.

Enquanto o seguia, Sherazade se repreendia por ter revelado impulsivamente sua aptidão para atirar com o arco.

O que está feito, está feito. Mas, no futuro, faça melhor.

Ela arrepanhou o cabelo ondulado e fez um coque na nuca. Tirou seu manto pesado e o entregou a Despina. Uma leve brisa do deserto lhe refrescou a pele nua dos braços e da barriga. Sua blusa prateada justa tinha um decote quadrado e mangas muito curtas. Uma faixa de seda azul-cobalto envolvia seu quadril, e suas extremidades bordadas de pérolas desciam até o chão. As sapatilhas prateadas levantavam areia a cada passo.

Sherazade pendurou a aljava no ombro, e Jalal lhe entregou o arco recurvo.

Uma multidão de curiosos começou a se formar na lateral. Despina e o Rajput estavam bem na frente, ostentando os respectivos olhares de desconforto e desgosto.

Sherazade juntou os pés e puxou uma seta da aljava, lutando para posicioná-la na corda sinuosa.

Jalal não ficou convencido.

Quando Sherazade esticou a corda, a estreita ripa de madeira bateu contra o punho do arco, que tremia sob a tensão da pegada errada.

— Estou fazendo certo? — ela perguntou a Jalal.

— Não. Não está. — Ele suspirou. — Mas você sabe disso, não é?

— Claro que não.

— Tem certeza?

— Você vai ou não me ensinar? — ela perguntou.

Ele riu.

— Traz o seu pé esquerdo para a frente, de modo que a distância entre os seus pés esteja alinhada com a de seus ombros.

Ela fez o que lhe foi dito.

— Agora relaxe a mão e abaixe os cotovelos. Use as marcas pintadas no punho do arco para mirar.

Sherazade quase o desdenhou. Ela não usava as marcas desde que tinha treze anos. Tariq tinha lhe ensinado como.

— Uma vez que escolher as marcas, puxe a corda para trás o máximo que puder e solte.

Quando soltou a flecha, ela voou na direção geral dos alvos antes de cair no chão, vinte passos atrás do seu destino.

Sherazade olhou para Jalal. Ele permanecia desconfiado.

— O seu primo lhe explicou sobre aliviar o peso?

Ela fez que não.

Ele suspirou antes de se aproximar dela.

— Escolhi este arco porque ele requer menor alívio de peso. E suspeito que essa é a razão de você ter escolhido esta aljava de setas em particular. Assim, este arco e estas flechas trabalham em harmonia para ajudá-la a esticar a corda sem ter de usar muita força da cintura para cima. O que é extremamente favorável para arqueiros pequenos, como você.

— Então aliviar o peso tem relação com o tamanho?

— Acho que tem mais relação com velocidade e precisão. Se você não tem de gastar muita energia para disparar uma única seta, fica mais fácil encaixar outra rapidamente. E você também tende a ser mais precisa se não tiver que se esforçar tanto.

— Faz sentido — Sherazade concordou.

— Tenho certeza de que faz. — Ele esboçou um sorriso.

Ela ignorou o seu tom sarcástico e pegou outra seta. Depois de assumir a posição de disparo do arco recurvo, ela o fuzilou com o olhar.

— Você deve conhecer bem o califa — ela começou.

Ele ficou ligeiramente mais sério.

— Conheço Khalid desde que ele era um garotinho.

— E são bons amigos?

— Não.

— Entendo.

Ela esticou o arco e atirou a flecha. Dessa vez a seta voou até bem mais perto do alvo, mas ainda ficou enterrada na areia.

— Sou mais velho que ele dois anos. Seu irmão, Hassan, e eu crescemos juntos; éramos muito próximos. Quando Hassan morreu, tentei oferecer a mão a Khalid, mas... — Ele deu de ombros. — Ele nunca aceitou.

Sherazade se virou para encará-lo.

— Sinto muito.

— E por que sente muito?

— Porque não é fácil perder um melhor amigo. Eu, pelo menos, não consigo imaginar como seria.

— Obrigado por dizer isso. Mas Khalid perdeu o irmão mais velho. Seu pai faleceu no ano seguinte. E por causa daquele terrível acidente com a mãe... ele tinha apenas catorze anos quando

assumiu o trono. Catorze anos, e sozinho. Tenho certeza de que você pode imaginar o que veio depois.

Eu não me importo. Não há desculpa para o monstro que se tornou. Ele teve quatro anos para se acostumar a ser rei. E para o que aconteceu depois...

Quando Jalal viu a expressão de Sherazade, ele deu um passo em sua direção.

— Por favor, entenda; não estou dando... desculpas. — A sua voz era muito baixa.

Sherazade se virou para o outro lado e puxou com força outra seta da aljava às suas costas. Ela parou quando percebeu que havia encaixado a seta e armado o arco sem esboçar a hesitação que se esperaria de uma novata.

Jalal riu.

— Desculpe, mas agora estou convencido de que ganhei o direito de lhe pedir um favor, Sherazade.

— E por que você pensa isso? — ela respondeu entre dentes.

— Porque meu silêncio tem um preço.

Ela piscou.

— Como é que é?

Ele chegou mais perto.

— Não sei o que está tentando fazer com Khalid, mas você é a primeira pessoa a sacudi-lo em anos. E ele precisa ser sacudido.

Sherazade encontrou seu olhar firme, a seta ainda retesada contra o pescoço.

— Existe algum favor velado aí?

— Khalid não é meu amigo. Ele também não é meu inimigo. Ele é meu rei. Lembro-me do menino querido que ele era... com uma mente brilhante e inquisitiva. Uma alma viajante. A criatura ferida que ele é agora... estou cansado dela. Você vai me ajudar a curá-lo, Sherazade?

Sherazade o encarou em silêncio, perguntando-se de onde vinha aquela confiança cega. Uma confiança equivocada num menino com um passado criminoso e numa menina com intenções traiçoeiras.

Jalal a estudou, seu rosto bronzeado a uma distância muito curta do dela.

Nesse minuto, Despina saiu das sombras, seu rosto iluminado pelo pavor. Quando Sherazade localizou a fonte do terror, ela deixou todo o ar sair de seu peito num único e rápido movimento.

Do outro lado do pátio, o califa de Khorasan estava de pé, observando a todos, com sua expressão fria e composta.

Como a calma antes da tempestade.

À luz de uma única vela

Ao som da exclamação muda de Sherazade, Jalal olhou por cima do ombro. Humor perpassou sua expressão, misturado com uma pitada de provocação.

— Acho que nenhum de nós será capaz de manter os termos propostos mais cedo.

— Acho que não. — Seus olhos de avelã estavam fixos no seu invencível opositor de olhos cor de âmbar.

— Mas eu espero poder acabar essa nossa conversa mais tarde. — Jalal se afastou dela curvando-se de maneira zombeteira.

O califa atravessou o pátio. Ele usava uma *qamis* do mais puro linho branco e *sirwal* cinza. Uma espada fina de um estilo que Sherazade não conhecia pendia da *tikka* preta que cingia seu quadril. Como de costume, personificava a antítese de tudo que ela achava bom e gentil no mundo.

Todo movimento no pátio havia cessado com a sua chegada. À sua direita estava um cavalheiro mais velho, cujo porte e semblante remetiam a Jalal. À sua esquerda havia um homem de olhar nervoso, segurando uma braçada de pergaminhos. Protegendo-o, havia um destacamento de soldados e guarda-costas.

Seu coração batia forte, uma vez que Sherazade perigosamente considerava apontar a sua seta para ele. A essa distância, ela sabia que podia atingi-lo. Mas a ponta da seta era cega, destinada apenas ao treinamento ao alvo.

Pode ser que não o mate.

Ela baixou a arma.

Não vale o risco.

Enquanto ele se aproximava, ela desejou que seu coração parasse de bater tão irracionalmente. Se quisesse conquistar esse

monstro, teria primeiro que vencer todo o seu medo dele. E depressa.

Ele parou a alguns passos de distância dela.

E virou-se para Jalal.

— Capitão Al-Khoury. — Sua voz era mortalmente calma.

— *Sayyidi*. — Jalal baixou a cabeça, tocando a testa com a ponta dos dedos. — Eu estava apenas mostrando à rainha como usar um arco e flecha.

— Posso ver isso. A pergunta é por quê.

— Porque eu lhe pedi — Sherazade interrompeu, um pouco alto demais.

Seus olhos se voltaram para ela com desprazer. Sherazade o viu reparar em sua aparência: a falta do manto, o coque desalinhado do cabelo... e a aljava pendurada no ombro.

— Então eu dirijo a pergunta a você — ele disse.

Ela cerrou os dentes, esboçando uma atitude de desafio.

— Será que preciso de uma razão?

— Eu pedi uma explicação. Não uma razão.

— É a mesma coisa.

— Não necessariamente.

— No fundo, é. A despeito de seu ponto de vista, eu simplesmente queria aprender, e Jalal concordou em me ensinar. — Enquanto falava, algumas mechas começaram a se soltar do seu coque.

— Jalal? — Ele ergueu as sobrancelhas diante dessa informalidade, o único sinal de reação à sua corajosa resposta.

— Sim. Jalal. — Uma mecha lhe caiu no rosto, e ela a prendeu atrás da orelha.

— E o que você aprendeu com Jalal?

— Como? — ela perguntou, incapaz de esconder a surpresa diante do interesse dele.

— Se Jalal esteve lhe ensinando a atirar com o arco e flecha, você deve ter alguma coisa para mostrar. A não ser que ele seja um tutor incapaz.

Jalal começou a rir.

— Se puder se lembrar, *sayyidi*, acredito que tive participação no seu próprio aprendizado quando era um menino.

— Jalal *jan* — o *shahrban* recriminou o filho, as linhas de consternação sulcando-lhe ainda mais o rosto.

— No entanto, tiro com arco nunca foi o meu forte — o califa continuou.

— Suas palavras, *sayyidi*. Não minhas. — Jalal esboçou um sorriso.

— Jalal! Já chega — o *shahrban* disse asperamente. — Ele é seu rei!

Jalal curvou-se, fazendo uma reverência, sua obediência ainda tingida de deboche.

— Então? — O califa voltou-se novamente para Sherazade.

Ela devolveu o olhar expectante. E então, em silêncio, Sherazade encaixou a seta na corda do arco, mantendo-o a seu lado por um momento.

Sherazade queria muito lhe mostrar quão bem podia atirar, e demonstrar ao contingente de curiosos ali reunidos que ela não era alguém a quem podiam desprezar. Também queria fazer justiça aos muitos anos de paciente instrução que recebera de Tariq.

Quando pediu a Tariq pela primeira vez, ainda uma menina de onze anos, que lhe ensinasse a usar o arco e flecha, ela esperava que o filho do poderoso emir, com doze anos, ignorasse totalmente o seu pedido infantil. Mas foi naquele verão, no deserto, manejando um arco e flecha improvisado, que ela se apaixonou por Tariq Imran al-Ziyad. Por sua candura reconfortante e seu humor afiado. Por seu charmoso e lindo sorriso maquiavélico. É verdade que não era mais

do que um olhar de admiração na época, mas era dessa lembrança preciosa que ela tirava forças sempre que sentia que a escuridão estava prestes a dominá-la.

Pois o deslumbramento de um primeiro amor jamais é suplantado.

Ela fechou os olhos.

Tariq.

Não. Hoje não é o dia de provar nada.

Ela respirou fundo.

Mas também não é o dia de parecer fraca.

Com os olhos ainda fechados, levantou o arco e retesou a corda.

Sherazade não precisava mirar. Ela sabia exatamente aonde queria que a flecha fosse.

Desde os treze anos ela mirava apenas por instinto, confiando na sua habilidade de avaliar à sua volta de relance.

Soltou o ar lentamente.

Assim que abriu os olhos, lançou a flecha. Ela voou em direção ao alvo em uma espiral perfeita.

E se enterrou exatamente onde ela queria.

— Incrível. Apesar de não se dar ao trabalho de mirar, você acabou acertando o alvo dessa vez — Jalal anunciou secamente. — De algum modo.

— É porque você é um bom professor — ela respondeu, alegre.

As sombras de uma nuvem passageira pareceram lançar um sorriso discreto nos lábios do califa.

— É mesmo? — Jalal murmurou.

— De algum modo. — Ela esboçou um sorriso. — No entanto, acertei o alvo... ou, melhor dizendo, acertei uma de suas pernas.

— O que teria sido um tiro notável, se tivesse sido intencional.

— Mas já definimos que eu não mirei. Ainda assim acho que me saí bem, você não acha?

— O que acha, *sayyidi*? — Jalal perguntou. — A rainha passou no seu teste de mérito?

Era uma pergunta descarada de sua parte. Sherazade sentiu o rosto queimar ao encarar o califa.

Ele apenas os observava, interagindo em um silêncio profundo.

— Ela errou o alvo — ele disse simplesmente.

Sherazade estreitou os olhos. Quando a mecha do cabelo revoltado lhe caía na testa novamente, ela a ajeitou atrás da orelha com uma exagerada veemência.

— Talvez meu rei quisesse demonstrar como se faz? — ela perguntou com a voz inalterada. Alcançou a aljava, retirou uma seta e a ofereceu, juntamente com o arco, ao califa.

Aquele mesmo e incompreensível lampejo de emoção passou rápido pelo seu perfil anguloso.

E Sherazade descobriu que tinha uma curiosidade crescente acerca dos pensamentos por trás dele.

Não importa o que ele está pensando. Nunca importará.

Não deveria importar.

Ele aproximou-se e pegou o arco e flecha de suas mãos. Quando os seus dedos roçaram os dela, ele hesitou antes de se afastar. Então seus olhos de tigre se nublaram e ele recuou, a expressão enigmática como sempre. E, sem palavras, encaixou a seta na corda.

Sherazade o observou assumir a posição. Sua figura esguia, desenhada com linhas irritantemente precisas, quando ele esticou a corda, dobrando o arco até que as curvas em cada ponta se tornassem imperceptíveis.

Ele soltou o ar enquanto mirava.

Sherazade resistiu à vontade de sorrir.

Ele usa as marcas.

A seta voou numa espiral apertada em direção ao alvo, cravando próximo ao centro, mas não dentro.

Ele baixou o arco.

— Nada mau, *sayyidi* — Jalal disse com um sorriso.

— É aceitável — ele respondeu entre dentes. — Nada para se gabar.

O califa esticou o braço esquerdo para devolver o arco a Sherazade. Ele se recusou a olhar em seus olhos e, então, se virou para sair.

— *Sayyidi?* — ela chamou.

Ele parou, mas não se virou para ela.

— Talvez você não se importe...

— Jalal pode lhe ensinar. Ele é bem mais hábil do que eu.

Sherazade se enfureceu diante da suposição de que ela desejasse alguma coisa dele. Além de sua morte.

— Ótimo — ela retrucou.

Ele deu alguns passos antes de tornar a parar.

— Sherazade?

— Sim?

— Vou vê-la hoje à noite.

Ela pegou uma seta com determinação na aljava e a encaixou na corda.

Eu o desprezo. Como se ele realmente pudesse me ensinar alguma coisa sobre um arco e uma flecha... um garoto que ainda usa as marcas! Tariq podia acabar com ele. Segundo melhor espadachim de Rey... ha!

Ela tentou ignorar a agitação nervosa no estômago.

Jahandar observava as paredes da tenda que sacudiam ao vento frio da noite.

Ele estava deitado de lado, escutando. Esperando.

Uma vez que se certificou de que a respiração leve de Irsa se aprofundara num sono reparador, ele se virou com muito cuidado e

levantou as cobertas.

Ela se mexeu do outro lado da tenda, e ele paralisou. Quando Irsa se virou, ficando de costas para ele, Jahandar soltou o ar e ficou de pé. Espreguiçou-se com cuidado, liberando o cansaço de um dia longo de viagem.

Pé ante pé, foi até a sua sacola de viagem.

Tão silenciosamente quanto possível, levantou a aba e tirou o volume de couro gasto do meio das dobras. Seu coração bateu forte quando sentiu o calor do tomo contra o peito.

O poder bruto das páginas agora ao seu alcance...

Ele se moveu até o canto da tenda e depositou o manuscrito em cima de um baú de roupas. Então acendeu uma única vela.

E respirou fundo.

A capa do volume estava rota e ilegível. As pontas estavam em mau estado, e um cadeado enferrujado o trancava no centro.

Jahandar olhou o livro escurecido e antigo diante de si.

Se ele enveredasse por esse caminho...

Fechou os olhos e engoliu em seco. Pensou na sua mulher já nos seus últimos dias, deitada com falta de ar, suplicando por mais tempo com as crianças.

Implorando a Jahandar que a salvasse da doença debilitante.

Naquele momento, ele havia pensado que falhara com ela, se sentindo desamparado ao segurar o corpo dela sem vida nos braços.

E pensara na paralisante impotência com que ele vira a filha mais velha marchar para junto de um monstro a apenas dois pores do sol.

Não importava a que custo, ele ia consertar isso. Se Sherazade conseguisse sobreviver à aurora, iria trabalhar para ser merecedor de tal filha. E se ela não...

Ele segurou a lombada do livro, apertando-a entre os dedos.

Não. Ele não se permitiria acovardar novamente nas sombras da dúvida.

Jahandar pôs a mão dentro da camisa do pijama e puxou uma longa corrente de prata que pendia de seu pescoço. Na ponta, estava uma chave preta. Ele se debruçou sobre o livro antigo e enfiou a chave no cadeado. Quando o volume se abriu, uma luz pálida e prateada emanou das páginas. Jahandar estendeu a mão e abriu a primeira página...

E abafou um grito.

Queimara a mão.

Não importava.

Puxou a manga por cima da ponta dos dedos e tornou a tentar.

O texto era uma forma arcaica de chagatai. Traduzi-lo seria um processo doloroso, mesmo para um homem culto como Jahandar. Especialmente em tão pouco tempo.

De novo, não importava.

Seu coração batia forte quando trouxe a única vela para mais perto e começou a trabalhar.

Por suas filhas, ele moveria montanhas.

Não falharia novamente.

Aladim e a lâmpada mágica

Dessa vez, Sherazade já sabia o que esperar dele.

Então não foi uma surpresa quando ele apareceu só muito tarde da noite. Os criados que entregavam a comida e o vinho não viram vestígios de Sherazade em nenhum lugar dentro dos aposentos. E foi o califa quem a encontrou em pé na varanda, acima de uma entrada lateral cercada por fontes.

Sherazade não se virou quando ele chegou. Em vez disso, debruçou-se na murada e sorriu para si mesma.

Ele parou por um instante e se juntou a ela.

Uma lua crescente estava pendurada no alto do céu, refletindo a água cintilante das fontes lá embaixo.

— Você não pode vê-las daqui, mas adoro o cheiro das laranjeiras em flor... a sugestão de uma coisa viva e bonita — ela começou.

Ele não respondeu de pronto.

— Você gosta das laranjeiras?

— Sim. Mas aprecio as rosas ainda mais. Meu pai tem um belo jardim de rosas.

Ele se virou para ela, observando seu perfil ao luar.

— Acho que um pai que cuida de flores deve ter objeção a... isso.

Sherazade continuou a olhar para a frente.

— Acho que um rei que espera ser amado por seus súditos não devia executar suas filhas ao amanhecer.

— Quem disse que eu espero ser amado pelos meus súditos? — o califa respondeu sem emoção nenhuma.

Então, Sherazade se voltou para encontrar os olhos dele.

— E todo esse tempo eu podia jurar que você era um homem esperto. — Ela imitou sua maneira de falar sem emoção ao

pronunciar esse juízo, e o efeito da troça dissimulada não escapou a ele.

Um leve tremor surgiu no canto de seus lábios.

— E todo esse tempo... eu podia jurar que você não queria morrer.

Sherazade piscou.

E então resolveu rir.

O som ressoou no terraço, borbulhando noite afora, enchendo o céu com a musicalidade do tilintar de sinos.

O califa a observava, uma centelha de surpresa mascarada com rapidez por sua sombria reflexão.

— Você é muito estranho — comentou Sherazade, assim que parou de rir.

— Você também, Sherazade al-Khayzuran.

— Pelo menos eu sei disso.

— Eu também estou ciente disso.

— Mas não castigo as pessoas por causa disso.

Ele suspirou.

— Invejo as pessoas que veem o mundo como você.

— Você está insinuando que sou simplória? — A ira se infiltrando em suas palavras.

— Não. Você vê as coisas da mesma maneira como vive a vida. Sem medo.

— Isso não é verdade. Tenho medo de um monte de coisas.

Ele lhe lançou um olhar perscrutador.

— Do que você tem medo?

Então, como se a noite tivesse antecipado esse momento, uma forte brisa passou pela varanda, fazendo esvoaçar os cabelos negros e compridos de Sherazade. Mechas voaram em seu rosto, escondendo-lhe a face.

— Tenho medo de morrer — ela exclamou acima do vento.

E tenho medo de perder para você.

Ele olhou para ela enquanto a brisa serenava... e parava de brincar com os cabelos de Sherazade, jogando-os para lá e para cá.

Quando a brisa parou, a mesma mecha errante do início caiu sobre seus olhos. Ela começou a recolhê-la...

Mas ele lhe segurou a mão e, com cuidado, prendeu a mecha atrás da orelha dela.

Seu estômago embrulhou-se de novo com força total.

— Diga-me, por que está aqui? — Parecia uma súplica em sua voz baixa.

Estou aqui para vencer.

— Promete que não vai me matar — ela sussurrou de volta.

— Não posso fazer isso.

— Então não há nada mais a ser dito.

Como na primeira noite, Sherazade estava impressionada com a sua capacidade de se distanciar da realidade.

E de novo ela continuou estranhamente grata por ele não tentar beijá-la nem uma vez.

Grata... mas um tanto perplexa.

Ela já havia beijado Tariq... abraços roubados nas sombras das torres abobadadas. A natureza ilícita desses encontros sempre a excitava. A qualquer instante, um criado poderia tê-los encontrado; ou, pior, Rahim poderia tê-los surpreendido aos beijos... e ele teria provocado Sherazade sem piedade, e então teria se coroado um irmão que ela nunca teve.

Apesar de ela apreciar não ter que beijar um assassino, lhe parecia estranho que seu novo marido se abstivesse de fazer isso, especialmente porque era bem menos íntimo que... outras coisas.

Sherazade descobriu que queria perguntar a razão disso. E sua curiosidade crescia a cada minuto.

Pare com isso. Não importa.

Em vez de se levantar para se vestir como ele fez, Sherazade ficou na cama um pouco mais e pegou uma almofada grande da cor de uma cornalina brilhante. Ela a puxou contra o peito e a abraçou.

Ele se virou para Sherazade quando ela não se juntou a ele na mesa.

— Não estou com fome — ela informou.

Ele expirou, e ela observou os seus ombros se mover junto com a respiração.

Então ele voltou para o pé da cama, de maneira que ficaram posicionados em extremos opostos, o mais longe possível um do outro.

Tão estranho.

Sherazade rolou para o lado e se enterrou numa pilha de almofadas de seda, seus tornozelos bronzeados saindo da cama.

Os olhos cor de âmbar do califa se estreitaram ligeiramente.

— Você quer que eu continue a história? — ela perguntou. —

Sayyidi?

— Quase pensei que você estava dispensada de usar o título agora.

— Como?

— Você esqueceu quem sou eu, Sherazade?

Ela piscou.

— Não... *sayyidi*.

— Então a falta de decoro advém da sua sensação de conforto.

— Assim como a sua apatia amarga.

Novamente, seus ombros subiram e desceram.

— Diga-me, por que você acha que é aceitável que fale comigo dessa maneira?

— Porque alguém precisa fazê-lo — ela respondeu sem hesitação.

— E você acha que isso lhe compete?

— Acho que deve ser alguém que não tenha medo de você. E, mesmo que eu sinta... ansiedade na sua presença, quanto mais vejo tudo à minha volta, menos medo tenho de você.

Assim que pronunciou essas palavras, ela se espantou ao perceber a verdade delas. Num único dia como sua esposa, Sherazade tinha visto incrivelmente pouco do monstro sanguinário que ela esperava.

Dessa vez, foi muito mais que uma fagulha de surpresa que passou pelo rosto dele. Seu espanto se transformou em desânimo antes que se dissolvesse na imensidão vazia que sempre cobria suas feições.

— Você não sabe nada — ele retorquiu.

Sherazade quase riu diante da resposta.

— Você está certo. Eu não sei nada. Você gostaria de me ensinar, *sayyidi*?

Era um silêncio sarcástico... uma taça de vinho envenenado, destinada a intoxicar e dessangrar.

Destinada a fazê-lo revelar suas fraquezas.

Por favor. Dê-me a corda com a qual o enforcarei.

— Termine a história de Agib, Sherazade.

O momento tinha passado.

Por ora.

Ela sorriu para ele do outro lado da cama.

— A fumaça cresceu em tamanho e densidade até que uma silhueta se solidificou... e deu uma gargalhada.

Os ombros do califa relaxaram. Ele se inclinou para a frente.

— Agib arrastou-se para trás, seu terror aumentando. A gargalhada cresceu até ecoar nas areias negras da costa da montanha de Adamant. Agib cobriu o rosto com as mãos trêmulas. E, do meio das sombras, uma figura emergiu. Ele era calvo, com

orelhas pontudas adornadas com ouro. Sua pele era de um branco pálido e estava coberta com inscrições em uma língua que Agib não reconhecia. Quando a figura abriu a boca para falar, Agib viu que cada um de seus dentes tinha lâminas pontiagudas.

Sherazade acomodou uma almofada embaixo do pescoço e cruzou os tornozelos. Quando o olhar do califa lhe percorreu as pernas nuas, os olhos dela o repreenderam e ele desviou o olhar.

Ignorando o calor que lhe subia ao pescoço, ela continuou:

— Agib tinha certeza de que estava prestes a morrer. Ele juntou as mãos diante de si e fechou os olhos, oferecendo uma súplica silenciosa por uma morte rápida e indolor para uma vida inútil. Por isso, quando a criatura falou com Agib com uma voz que fazia a própria terra tremer, essas palavras eram a última coisa que Agib esperava ouvir, por uma série de razões. A criatura disse: “Que pergunta o meu mestre deseja me fazer?”. E Agib ficou ali sentado, sem palavras. A criatura repetiu. Agib murmurou, de forma quase inaudível: “Pergunta? De que tipo de pergunta você está falando, ó criatura do cálice?”. A criatura riu novamente e respondeu: “Esta foi a primeira das três perguntas que meu mestre pode fazer. Ele tem direito a três, e apenas três. Agora, ele tem apenas duas perguntas para fazer. As perguntas a que me refiro são as que o mestre do Cálice de Bronze pode fazer ao Gênio do Cálice de Bronze, que tudo sabe. Eu possuo as respostas para as perguntas: passado, presente e futuro. Escolha com sabedoria, porque, uma vez feitas as três, você deixa de ser o mestre”.

A isso, o califa sorriu para si mesmo.

— Agib ficou de pé, ainda incrédulo. Mas a mente afiada do ladrão estava assumindo o controle, e ele rapidamente se deu conta de que sua tolice já lhe tinha custado uma de suas preciosas perguntas. Então procurou não falar na hora errada e, assim, sucumbir a outra artimanha do gênio inteligente que estava diante

dele. Agib formulou sua próxima pergunta com muito cuidado, dentro de sua cabeça, antes de enunciá-la. Então perguntou: "Gênio do Cálice de Bronze, seu mestre deseja saber a maneira exata de escapar desta ilha, de modo a alcançar sua terra natal sem que mais nenhum mal lhe aconteça". O Gênio esboçou um sorriso malicioso antes de fazer uma reverência a Agib. Com um aceno em direção à montanha, o Gênio disse: "Enterrado no alto da montanha de Adamant, existe um barco com pregos de latão. Arraste-o para a costa e navegue na direção da terceira estrela mais brilhante no céu noturno. Depois de vinte dias e vinte noites, você alcançará sua terra natal". Com o olhar desconfiado, Agib insistiu: "Minha pergunta exigia que nenhum outro mal me sucedesse durante a viagem. Em nenhum momento na sua resposta, você falou de água ou comida!". O Gênio gargalhou novamente. "Meu mestre aprende mais rápido do que a maioria. Indicarei o caminho para um córrego escondido próximo ao ponto mais a oeste da ilha. E, quanto à comida, sugiro que você desidrate peixe suficiente para a viagem."

— Isso parece muito conveniente — o califa irrompeu. — Não se pode confiar no Gênio.

— Na minha opinião, raramente se pode, *sayyidi*. — Sherazade esboçou um sorriso. — Nos dias seguintes, Agib seguiu as instruções do Gênio. Ele trouxe o barco até a orla e o encheu com os suprimentos para a viagem. Na terceira noite, à luz do luar, iniciou a viagem, com o Cálice de Bronze guardado em segurança numa bolsa a seus pés. Por dez dias, a viagem transcorreu sem incidentes. Ele começou a acreditar que sua viagem poderia terminar bem... que a sorte poderia estar ao seu lado, afinal. Com toda a esperança, Agib passou a sonhar com o que indagar em sua última pergunta. Onde poderia conseguir toda a riqueza do mundo? Como poderia ganhar o amor da mulher mais bonita de Bagdá?

Sherazade fez uma pausa, fazendo um suspense.

— E então... o barco começou a ranger. Água salgada começou a entrar pelas frestas. Horrorizado, Agib descobriu que os pregos de latão estavam rachando nas extremidades, deixando o mar fluir através das juntas. Em pânico, tentou tirar a água de dentro do barco com as mãos. Quando percebeu a futilidade de seus esforços, pegou o cálice e esfregou a superfície. O Gênio apareceu e sentou calmamente na proa do barco. “Estamos afundando!”, Agib gritou para o Gênio. “Você me assegurou que eu chegaria à minha terra natal sem que nada me acontecesse de ruim!” O Gênio simplesmente olhou para Agib com a cara mais despreocupada do mundo. “Você pode me fazer uma pergunta, mestre”, ele respondeu. Agib olhou em volta, frenético, imaginando se esse era o momento de usar sua última e mais preciosa pergunta. Então ele viu o mastro de outro barco no horizonte... de uma embarcação bem maior. Agib ficou de pé e sacudiu os braços, gritando para chamar a atenção. Quando ela mudou o curso em sua direção, Agib berrou triunfante, e o Gênio deu um sorriso amarelo e desapareceu de volta no cálice. Agib subiu a bordo da embarcação, trêmulo de gratidão, suas roupas esfarrapadas e sua pele tisonada pelo sol escondida sob uma barba emaranhada. Mas...

O califa ergueu a sobrancelha.

— Quando o dono da embarcação emergiu dos deques inferiores, Agib ficou horrorizado ao descobrir que não era outro senão o emir... o homem de cujos soldados ele correria para longe de Bagdá e que o levaram a iniciar essa maldita viagem. Por um momento, Agib considerou atirar-se ao mar, mas, quando o emir sorriu de forma convidativa e o recebeu a bordo de seu barco calorosamente, ele percebeu que sua aparência desgrenhada o tinha deixado irreconhecível. Então repartiu o pão na mesa do emir, partilhando de sua comida e sua bebida como se não conhecesse a identidade de seu benfeitor. O homem mais velho era um anfitrião generoso,

mantendo, ele mesmo, o copo de Agib cheio e o divertindo com histórias sobre suas muitas aventuras no mar. Quando a noite chegou, Agib soube que o emir tinha se lançado ao mar havia várias semanas em busca de uma ilha com uma montanha misteriosa no centro. Que escondido nessa ilha havia um cálice com poderes místicos de responder a qualquer pergunta no mundo — passado, presente e futuro.

O califa se apoiou no cotovelo, os olhos flamejantes.

— Diante dessa notícia, Agib ficou quieto. Porque, é claro, o emir não estaria falando de nenhum outro cálice além daquele que estava no fundo de sua bolsa. Fingindo completa ignorância, Agib perguntou ao emir por que ele havia decidido sair em tão arriscada missão, especialmente no crepúsculo de sua vida. Os olhos do emir ficaram tristes. Ele confessou que havia uma razão, e apenas uma, para se lançar ao mar em busca da montanha negra e do cálice escondido. Havia várias semanas, algo muito precioso tinha sido roubado dele — um anel que pertencera a sua falecida esposa. Era tudo que restara dela, e ele o considerava a coisa mais valiosa que possuía. Nas ruas de Bagdá, um ladrão talentoso surrupiara o ouropele das próprias mãos do emir e desaparecera na multidão. Desde aquela tarde o emir tinha sido assombrado à noite pelo fantasma da falecida esposa, e ele sabia que precisava recuperar aquele anel, a qualquer custo. Se pudesse perguntar ao cálice onde estava, poderia tranquilizar o espírito da esposa e restaurar a honra da memória do amor deles.

— Então a pergunta a um gênio todo-poderoso seria a respeito de uma mera bugiganga de amor? — o califa questionou.

— Uma mera bugiganga? Amor é uma força poderosa, *sayyidi*. Por amor, as pessoas pensam no inconcebível... e muitas vezes fazem o impossível. Eu não menosprezaria seu poder.

O califa sustentou seu olhar.

— Não estou menosprezando seu poder. Estou lamentando o seu papel nessa história.

— Você está decepcionado com a importância do amor na vida do emir?

Ele hesitou.

— Estou frustrado com a importância dele na vida de todos nós.

Os lábios de Sherazade formaram um sorriso triste.

— Isso é compreensível. E até um pouco previsível.

Ele inclinou a cabeça.

— Uma vez mais você supõe saber muito para apenas um dia e duas noites, minha rainha.

Sherazade desviou o olhar e brincou com a ponta da almofada vermelha em seus braços. Ela sentiu a face enrubescer.

Minha rainha?

Diante de seu silêncio, ele mudou de posição.

— Você está certo — Sherazade murmurou. — Eu não devia ter dito isso.

Ele respirou fundo.

Uma quietude estranha tomou conta do aposento.

— E eu não devia tê-la interrompido. Desculpe-me — ele sussurrou.

Sherazade entrelaçou a franja vermelha da almofada entre os dedos, com força.

— Por favor, continue — ele falou.

Ela elevou os olhos para ele e concordou.

— Agib escutou essa narração com crescente desconforto. Obviamente, ele era o responsável pelo roubo. O anel havia sido jogado fora em sua tentativa de fugir, em pânico, dos soldados do emir. Ele não tinha intenção de entregar o cálice antes de ter a oportunidade de decidir qual seria a sua terceira e mais importante pergunta. E, se o emir descobrisse que Agib tinha o cálice,

provavelmente mandaria matá-lo para consegui-lo. Ainda maior era o perigo iminente de que alguém o reconhecesse como o ladrão responsável pelo desgosto do emir. Agib resolveu ficar do lado do homem até o fim da viagem e usar de todos os meios disponíveis para esconder sua identidade.

Sherazade se sentou com cuidado ao perceber que uma luminosidade suave começava a surgir nas pontas das cortinas que levavam à varanda.

E tudo recomeça.

— Nos poucos meses que se seguiram, a embarcação navegou em busca da montanha de Adamant, com Agib conseguindo mantê-los seguramente fora do curso. Nesse meio-tempo ele aprendeu muita coisa com o emir e com suas experiências e, em última instância, com sua vida. Aprendeu a admirar o emir, e este logo viu em Agib um jovem inteligente, com aptidão para aprender e um coração corajoso. Agib tornou-se um marujo competente. Ele percebeu que os homens podiam respeitá-lo por ser mais que apenas um ladrão; podiam respeitá-lo por ser um homem honrado, no qual podiam confiar. Mas o tempo não estava do lado deles. O velho emir ficou doente, e eles foram forçados a voltar ao porto. Logo ficou evidente que ele estava morrendo. E cada dia tornou-se ainda mais precioso. Agib observou com horror que seu mentor, seu amigo, começava a morrer bem diante de seus olhos. Pensou em perguntar ao Gênio se havia algum jeito de salvá-lo, mas sabia que isso estava além do reino das possibilidades.

A aurora foi subindo devagarinho na cortina com uma palidez fantasmagórica.

— Assim que a embarcação atracou, Agib soube o que precisava fazer. Ele saiu correndo do barco com nada além do cálice nas mãos. Uma vez longe das docas, esfregou o cálice e exigiu que o Gênio lhe dissesse onde podia achar o anel. O Gênio riu ruidosamente quando

percebeu que Agib estava desperdiçando seu último desejo com tal pergunta, mas lhe disse que o anel estava no dedo rosado de um dos mais notórios mercenários de Bagdá. Agib não perdeu tempo em procurá-lo. A luta que aconteceu pela disputa do anel foi brutal e sangrenta. Agib foi forçado a entregar todo o seu espólio em troca da passagem segura pelo covil dos cortadores de garganta. Com os olhos roxos e o corpo cheio de hematomas, ele retornou à embarcação com nada menos do que o anel na mão.

A aurora chegara, com todo o seu esplendor de ouro branco.

E Sherazade estava certa de que o califa notara isso.

Ela prosseguiu, sem desanimar:

— O emir estava deitado, com dificuldade para respirar. Quando viu Agib, estendeu-lhe as mãos. Agib ajoelhou-se ao lado da cama e lhe pôs o anel no dedo. Com os olhos injetados, o emir notou os hematomas de Agib. “Meu filho”, ele falou com dificuldade, “obrigado. Do fundo do meu coração.” Agib começou a chorar e confessar sua identidade, mas o emir o interrompeu: “Eu sabia quem você era desde o momento em que subiu em minha embarcação. Prometa-me que, para o resto de sua vida, você nunca mais roubará outra pessoa. E que trabalhará para melhorar a vida dos que vivem à sua volta”. Agib concordou e chorou ainda mais. E então, segurando a mão de Agib com força, o emir faleceu com um sorriso tranquilo nos lábios. Depois, Agib descobriu que o emir havia deixado em testamento todos os seus bens para ele, passando-lhe também o título, como se ele fosse seu filho legítimo. Agib logo escolheu uma esposa, e o casamento do novo emir foi uma festa como Bagdá não presenciava havia muitos anos.

Sherazade parou, protegendo os olhos da luz do sol que vinha da varanda.

— Você terminou? — o califa perguntou baixinho.

Ela balançou a cabeça.

— No casamento do novo emir, havia um convidado de um reino distante; um feiticeiro africano que estava em busca de uma lâmpada mágica. Mas, na verdade, ele não estava realmente procurando a lâmpada. Ele estava atrás de um rapaz. Um jovem chamado Aladim.

Um músculo do queixo do califa se retesou.

— Essa é uma nova história.

— Não. Não é. É parte da mesma história.

Ouviu-se uma batida na porta.

Sherazade levantou-se da cama e pegou sua *shamla*. Com as mãos trêmulas, ela a amarrou na cintura.

— Sherazade...

— Veja você que Aladim era um excelente jogador... um trapaceiro da mais alta estirpe. Seu pai, antes dele, era...

— Sherazade...

— Não é outra história, *sayyidi* — ela disse bem baixinho e com calma, cerrando os punhos no tecido do seu robe para esconder sua traição.

Ele ficou de pé em um salto ao ouvir uma nova batida na porta, um pouco mais forte que a anterior.

— Entre — o califa ordenou.

Quando quatro soldados e o *shahrban* de Rey entraram nos aposentos, Sherazade sentiu o chão sob seus pés começar a oscilar. Ela firmou os joelhos e se empertigou para evitar que seu corpo revelasse sinais de fraqueza.

Por que o pai de Jalal está aqui?

— General Al-Khoury. Algo errado? — o califa perguntou.

O *shahrban* fez uma reverência perante o rei, com a mão na testa.

— Não, *sayyidi* — ele hesitou. — Mas... é de manhã. — Seus olhos apontaram para a direção de Sherazade. Ele os desviou,

recusando-se a enfrentar seu olhar.

Ele não pode... ele... será que ele quer me matar? Por que iria querer me matar?

Quando o califa não fez nenhum movimento para detê-lo, o *shahrbán* acenou para os guardas com um gesto de cabeça.

Eles se dirigiram para perto de Sherazade.

E o coração dela... o coração dela subiu até a garganta.

Não!

O guarda se preparou para segurá-la. Quando a mão se fechou em torno de seu pulso, Sherazade viu as feições do califa se retesar. Ela puxou o braço do jugo do guarda, como se ele fosse uma chama próxima demais de sua carne.

— Não me toque! — ela berrou.

Quando outro guarda tentou agarrá-la pelo ombro, Sherazade lhe deu um tapa na mão, afastando-o.

— Você é surdo? Como ousa me tocar? Você sabe quem eu sou?

— A voz dela tinha uma nota de pânico.

Não sabendo mais o que fazer, ela se fixou no seu inimigo.

Os olhos de tigre estavam... úmidos.

Cautela.

E depois?

Calma.

— General Al-Khoury?

— Sim, *sayyidi*.

— Eu gostaria de lhe apresentar a montanha de Adamant.

O *shahrbán* olhou para o califa e para Sherazade.

— Mas, *sayyidi*... Eu não entendo. Você não pode...

O califa se virou para encarar o *shahrbán*.

— Você está certo, general. Você não entende. E pode ser que nunca entenda. Mas, mesmo assim, gostaria de lhe apresentar a montanha de Adamant...

O califa olhou para Sherazade, um leve sorriso brincando em seus lábios.

— Minha rainha.

O início é o fim

A rida' de Tariq estava coberta por uma camada espessa de poeira. A areia estava grudada em todas as partes expostas de sua pele. Seu garanhão negro estava molhado de suor, e uma espuma branca começava a se acumular no bridão.

Os resmungos de Rahim tornavam-se mais altos a cada hora.

E ele se recusava a parar.

— Por tudo que é mais sagrado, podemos diminuir o passo só um pouco? — Rahim gritou pela quinta vez em intervalos de cinco minutos.

— Faça isso. Reduza seu passo. E depois despenque de sua sela. Você será um banquete e tanto para os corvos — Tariq rebateu.

— Estamos há dois dias cavalgando sem parar, como se estivéssemos fugindo das chamas.

— Por isso estamos quase lá.

Rahim reduziu o galope, secando o suor da testa.

— Não me interprete mal, estou tão preocupado com Shazi quanto você. Mas se você estiver faminto e quase morto, que serventia terá?

— Poderemos dormir sob uma nuvem perfumada assim que alcançarmos a casa do tio Reza — Tariq respondeu. — Precisamos chegar a Rey. Preciso... — Ele esporeou seu cavalo para andar mais rápido.

— Não vai lhe fazer nenhum bem ficar tão preocupado. Se alguém pode vencer as probabilidades, é Shazi.

Tariq freou seu árabe para acertar o passo com Rahim.

— Ela não devia nem ter que tentar.

— Isso não é culpa sua.

— Você acha que isso tudo tem a ver com culpa? — Tariq explodiu.

— Não sei. Tudo que sei é que você se sente responsável por consertar isso. E eu me sinto responsável por você. E por Shazi.

— Me desculpe — respondeu Tariq. — Não tenho direito de berrar com você. Mas teria feito de tudo para evitar isso. A ideia de ela...

— Pare. Não se castigue.

Eles andaram em silêncio por alguns minutos.

— Eu me sinto culpado — Tariq admitiu.

— Eu sei.

— Também me senti culpado quando Shiva morreu.

— Por quê?

— Porque eu não sabia o que dizer a Shazi depois da morte de sua melhor amiga. Depois da morte de minha prima. Não sabia o que dizer a ninguém. Minha mãe estava totalmente destrocada. Minha tia... bem, no fim das contas, não acho nada que alguém poderia ter feito para evitar a morte dela. E Sherazade... ficou tão calada.

— Isso me deixou superirritado — Rahim lembrou com pesar.

— Eu devia ter entendido. Devia ter adivinhado.

— Se tivesse seria um adivinho, Tariq Imran al-Ziyad. — Rahim suspirou. — Seríamos todos. Em vez de ser o terceiro filho inútil, eu seria um homem rico nos braços de uma linda esposa... com muitas curvas e pernas bem longas.

— Eu não estou brincando, Rahim. Eu devia ter imaginado que ela faria algo assim.

— Também não estou brincando. — Rahim franziu o cenho. — Você não é capaz de prever o futuro. E não há nada que possa fazer sobre o passado.

— Aí que você se engana. Eu posso aprender com ele... — Tariq enterrou as esporas nos flancos de seu garanhão, e o cavalo

acelerou, deixando um rastro de poeira escura na areia. — E posso garantir que não aconteça nunca mais!

Era o meio da manhã quando Tariq e Rahim apearam de seus cavalos no centro do elegante palácio de Reza bin-Latief, no coração de Rey. Uma fonte oval, brilhante, com ladrilhos de um azul intenso, enfeitava o centro do jardim, enquanto pedras de terracota hexagonais demarcavam os limites do entorno. Vinhas verdes subiam pelas colunas e pelos arcos. Na base de cada coluna havia um pequeno canteiro cheio de violetas, jacintos, narcisos e lírios. Lanternas de bronze e ferro ornavam as paredes, esperando o anoitecer e a oportunidade de demonstrar sua multifacetada grandeza.

Mas, apesar de toda essa beleza, havia uma aura de tristeza na casa.

Um sentimento de uma imensa perda que nenhum esplendor poderia compensar.

Tariq colocou Zoraya em sua gaiola, num canto afastado do jardim. Ela piou, desconfortável nesse novo ambiente e no poleiro desconhecido, mas se acalmou assim que Tariq começou a alimentá-la.

Rahim cruzou os braços, e uma nuvem de poeira se levantou à sua volta.

— A droga do pássaro come antes de mim? Isso é justo?

— Ah, Rahim *jan...* posso ver que pouco mudou ao longo dos últimos anos.

Tariq se virou ao som da voz familiar.

Em pé, sob a cortina de vinhas de um arco próximo, estava seu tio.

Os dois jovens deram um passo à frente e fizeram uma reverência, pressionando a ponta dos dedos contra a testa em sinal

de respeito.

Reza bin-Latief saiu das sombras com um sorriso triste no rosto. Seu cabelo escuro havia ficado ainda mais ralo desde a última vez que Tariq o vira, e seu bigode bem aparado também se salpicara muito mais de cinza. As linhas dos olhos e da boca que Tariq sempre associara com bom humor estavam mais fundas e refletiam algo decididamente incongruente...

O sorriso de uma alma assombrada por fantasmas.

Tudo parte da máscara usada por um homem atingido pela dor, que adorava sua filha de dezessete anos que morrera uma manhã... logo seguida pela sua esposa, três dias mais tarde.

Uma mulher que não aguentou viver num mundo sem a única filha.

— Tio. — Tariq estendeu a mão.

Reza a apertou calorosamente.

— Você chegou aqui bem depressa, Tariq *jan*. Eu não o esperava antes de amanhã.

— O que aconteceu a Shazi? Ela está... viva?

Reza confirmou.

— Então...

O sorriso triste de Reza ficou ligeiramente orgulhoso.

— A essa altura, a cidade inteira sabe sobre Sherazade...

Rahim se aproximou, e Tariq apertou o punho.

— A única rainha jovem a sobreviver não a uma, mas a duas auroras no palácio — Reza continuou.

— Eu sabia — Rahim disse. — Só a Shazi.

Os ombros de Tariq relaxaram pela primeira vez em dois dias.

— Como?

— Ninguém sabe — respondeu Reza. — A cidade fervilha de especulações. A principal é a de que o califa deve estar apaixonado pela noiva. Mas não acredito nisso. Um assassino como ele não é

capaz de... — Ele parou de repente, sua boca expressando uma fúria súbita.

Tariq se inclinou e pegou a mão do tio e a apertou com mais força.

— Eu tenho que tirá-la de lá — ele disse. — Você me ajuda?

Reza fitou o belo sobrinho. Seus traços bem determinados e seu queixo erguido.

— O que planeja fazer?

— Vou arrancar o coração dele.

Reza agarrou a palma da mão de Tariq com força suficiente para machucá-la.

— O que está sugerindo... é traição.

— Eu sei.

— E para ter sucesso você terá que invadir o palácio ou... começar uma guerra.

— É.

— Você não pode fazer isso sozinho, Tariq *jan*.

Tariq enfrentou o olhar de Reza em silêncio.

— Você está preparado para começar uma guerra por ela? Independentemente de ela... sobreviver ou não? — Reza perguntou com delicadeza.

Tariq esboçou um sorriso.

— Ele merece morrer pelo que fez à nossa família. Não vou admitir que tire mais nada de mim... ou de qualquer outra pessoa, se depender de mim. Está na hora de tirarmos algo dele. E se isso significa lhe tomar o reino... irei fazê-lo. — Tariq respirou bem fundo. — Você vai me ajudar, tio?

Reza bin-Latief olhou em volta para o seu lindo jardim. Fantasmas o atormentavam em cada canto. A risada de sua filha, cadenciada, subindo aos céus. O toque de sua mulher escoando entre seus dedos como um punhado de areia.

Ele nunca abriria mão delas. Suas lembranças, não importava quão esmaecidas ou fragmentadas, eram tudo que lhe restara. As únicas coisas pelas quais valia lutar.

Reza olhou de volta para o filho do emir Nasir al-Ziyad, o sucessor do emir do quarto maior emirado de Khorasan. Com linhagem real.

Tariq Imran al-Ziyad — a chance de corrigir um erro...

E fazer suas lembranças retornar com força.

— Venha comigo.

A shamshir

— Acorde.

Sherazade gemeu e, em resposta, cobriu o rosto com uma almofada.

— Acorde. Agora.

— Vá embora — Sherazade resmungou.

Diante dessa resposta, a almofada lhe foi arrancada da mão e atirada contra a sua bochecha, com força suficiente para chocá-la.

Ela se sentou, raiva pura eclipsando sua exaustão.

— Você ficou maluca? — ela gritou.

— Eu lhe disse para acordar — Despina respondeu num tom indiferente.

Não sabendo mais o que fazer, Sherazade atirou a almofada de volta no rosto de Despina.

Despina a pegou com uma risada.

— Levante, Sherazade, pirralha do califa de Khorasan, Rainha das Rainhas. Estive esperando por você a manhã toda, e temos que ir a um lugar.

Quando Sherazade por fim se levantou da cama, ela viu mais uma vez que Despina estava impecavelmente vestida e sua pele clara estava hidratada de maneira que cada detalhe iluminava-se à luz que vinha da varanda.

— Onde aprendeu isso? — Sherazade perguntou com certa inveja.

Despina pôs as mãos no quadril e ergueu uma sobrancelha.

— As roupas, o cabelo, e... *isto*. — Sherazade passou os dedos pelo penteado para explicar a que se referia.

— Em casa, na cidade de Tebas. Minha mãe me ensinou. Ela era uma das mais belas de toda a Cadmeia. Talvez de todas as ilhas gregas.

— Ah. — Sherazade observou os cachos brilhantes de Despina que se enredavam num arranjo complicado atrás da cabeça.

— Eu não faria isso. — Despina sorriu.

— Não faria o quê?

— Me dar uma deixa para que eu a elogie.

— Como é que é? — Sherazade esbravejou.

— Conheço seu tipo, as que são lindas por natureza; sílfides do reino vegetal. Elas desfilam por aí, inconscientes de seus encantos, mas sofrem do mesmo desejo de ser amadas como todas nós. Só porque você não sabe tirar proveito de seus dotes, não quer dizer que passem despercebidos, Sherazade. Mas eu podia lhe ensinar, se você quisesse. Apesar de que não parece que precise de minha ajuda. — Despina deu uma piscadela. — Obviamente, o califa aprecia os seus encantos assim, do jeito que são.

— Bem, ele não é um homem muito especial. Quantas esposas ele teve apenas nos últimos três meses? Sessenta? Setenta e cinco? — Sherazade retorquiou.

Despina franziu os lábios.

— Mas ele não vinha visitá-las à noite.

— Como?

— Normalmente, elas são escolhidas ao acaso, ele as desposa, e... bem, você sabe o que acontece na manhã seguinte.

— Não minta para mim, Despina.

— Não estou mentindo. Você é a primeira noiva que ele procurou depois do casamento.

Não acredito nela.

— Caso queira saber, eu não devia lhe contar isso — Despina admitiu.

— Então por que contou?

— Não sei. — Ela deu de ombros. — Talvez eu esteja apenas querendo que goste de mim.

Sherazade olhou para ela com firmeza por algum tempo.

— Se quer que eu goste de você, me ajude a decidir o que vestir. E mais, onde está a comida? Estou faminta.

Despina esboçou um sorriso.

— Já escolhi uma *qamis* e uma calça que combina. Vista-se, para podermos sair.

— Mas não tomei banho! Aonde vai me levar?

— Você precisa sempre estragar tudo?

— Aonde vamos? — Sherazade insistiu. — Diga-me agora.

— Certo! — Despina bufou. — Vou lhe contar enquanto se veste.

— Ela entregou a roupa para Sherazade e a levou para trás dos biombos. — Então — começou Despina —, no último inverno, o califa foi a Damasco para visitar o *malik* da Assíria e, enquanto esteve lá, conheceu a nova casa de banhos dele... é uma enorme piscina que eles mantêm aquecida com pedras quentes especiais. O vapor faz maravilhas para a pele. De qualquer maneira, o califa mandou construir uma assim aqui no palácio! E ela acabou de ficar pronta!

— E?

— E é claro que vou levar você lá — Despina disse, revirando os olhos.

— É claro. Eu só não entendi por que isso é tão excitante.

— Porque é deslumbrante. E nova. E você vai ser uma das primeiras pessoas a experimentá-la.

— Então ele quer me cozinhar até a morte? — Sherazade perguntou com amargura.

Despina segurou o riso.

— Estou pronta. — Sherazade saiu de trás dos biombos envolta em um linho verde-pálido, com brincos de jade combinando e calçando sapatilhas pontudas e douradas. Ela fez uma única trança,

que lhe caía pelas costas, e caminhou em direção à porta do aposento.

O Rajput não estava à vista.

— Onde ele está? — perguntou Sherazade.

— Ah, ele foi dispensado por hoje.

— Como? Por quê?

— Porque estamos indo para a casa de banhos. Ele não pode nos acompanhar até lá, não é verdade?

Sherazade fez uma careta.

— Não. Mas...

Enquanto Despina fechava as portas, Sherazade viu que ela mordida o lábio inferior, manchando-o de vermelho.

Como se estivesse escondendo alguma coisa.

— Despina. Onde está o Rajput?

— Eu já disse. Dispensado.

— Tudo bem. Mas aonde ele vai quando é dispensado?

— Como é que vou saber?

— Porque você sabe tudo.

— Não sei sobre isso, Sherazade.

Por que ela está mentindo para mim? Pensei que não podia ir a lugar algum sem o Rajput. Onde será que ela realmente está me levando?

— Não vou a lugar algum até que você me diga onde está o meu guarda-costas.

— Por Zeus, você é uma chata, Sherazade al-Khayzuran! — gritou Despina.

— Que bom que você sabe disso. Vai lhe economizar tempo. Agora, responda à minha pergunta.

— Não.

— Responda, sua tebana miserável.

— Não, sua mula!

Sherazade ficou boquiaberta.

— Escuta: nós podemos ficar aqui nos corredores do palácio gritando uma com a outra, ou você pode me deixar e poupar o seu trabalho. Quando eu tinha doze anos, minha melhor amiga e eu fomos falsamente acusadas de roubar um colar. O filho de catorze anos da dona da loja disse que nos soltaria se cada uma de nós lhe desse um beijo. Quebrei o nariz dele, e minha amiga o atirou numa tina com água. Quando fomos confrontadas pelo pai dele, negamos tudo, e eu tive que passar a noite toda sentada do lado de fora de nossa porta. Foi a noite mais bem-dormida da minha vida.

— E o que isso prova?

— Que nunca perco nem tenho medo de derramar sangue.

Despina fitou-a.

— Está bem! O Rajput está num torneio. Os homens estão participando de um torneio de espadas esta tarde.

Um olhar perscrutador surgiu nos olhos cor de avelã de Sherazade.

— Viu? Era exatamente por isso que não queria lhe contar! — Despina reclamou. — E, de todo modo, você não pode ir. Se o califa a vir por lá, ele...

— Ele vai participar do torneio?

— Claro.

Então não vou perder isso por nada.

— Ele não fará nada a mim — Sherazade declarou, mas havia um traço de incerteza na sua voz.

— Não posso dizer o mesmo por mim — Despina retrucou.

— Certo. Existe alguma maneira de assistirmos sem que ninguém saiba que estamos lá?

— Podemos apenas ir à casa de banhos? — Despina pediu.

— Claro. Depois do torneio.

— Por Hera. Vou morrer a seu serviço.

— Isto é de longe a coisa mais idiota que já fiz nos seis anos em que moro no palácio — Despina falou baixinho, enquanto elas se esgueiravam por trás de uma parede de pedras bege. A treliça, na parte superior, lhes permitia ver a extensão de areia lá embaixo.

— Você pode pôr a culpa em mim — Sherazade sussurrou de volta.

— Ah, e eu vou. Não tenha dúvida.

— Você já assistiu a um desses torneios antes?

— Não. Eles não são feitos para uma plateia.

— E por que não?

— Não tenho certeza. Talvez porque... — A voz de Despina falhou quando o primeiro soldado pisou na areia.

— Esta pode ser a razão — Sherazade brincou, e sua voz ficou um pouco mais aguda.

Ele vestia apenas a *sirwal* e uma *tikka* cor de vinho envelhecido. Descalço. Sem *qamis*. Sem *rida*. Seu peito nu brilhava de suor ao sol quente da tarde. Em silêncio, ele tirou uma cimitarra grande do lado esquerdo do quadril. A lâmina era estreita no punho e se alargava de forma curva até a ponta letal.

O soldado ergueu a cimitarra bem alto.

— Onde está o oponente dele? — perguntou Sherazade.

— Como é que eu vou saber?

O soldado começou a girar a lâmina no ar, testando seu longo alcance. Ele dançou através da areia, a espada prateada cortando arco após arco contra o céu de um azul profundo.

Quando terminou, gritos e assobios eclodiram das laterais.

— Eles devem começar com esses exercícios antes de se lançar ao combate — concluiu Despina.

— A tebana mais esperta.

— Se eu empurrá-la, você não vai ficar nada majestosa.

Vários outros soldados apresentaram suas técnicas antes que uma forma gigantesca aparecesse na areia. Seus ombros eram imensos, e cada músculo parecia pulsar sob sua pele acobreada.

— Meu Deus! — disse Sherazade. — Ele poderia esmagar meu crânio com as próprias mãos.

Despina riu.

Quando o Rajput desembainhou sua *talwar* ao sol, ele parou, estranhamente, por um minuto, a espada suspensa acima da cabeça.

Vamos ver o que significa ser o melhor espadachim de Rey.

No momento em que ele baixou a lâmina, foi a última vez que Sherazade se lembra de tê-la visto durante toda a apresentação do Rajput. A *talwar* esguia açoitava a brisa, curvando-se sobre o braço de seu mestre enquanto o Rajput se esticava e mergulhava na areia.

Então, quase no final, ele levantou a mão livre até a boca...

E soprou sobre a palma da mão aberta.

Um rastro de fogo percorreu a espada.

A *talwar* ardia.

Ele a rodopiou acima da cabeça, como se de sua arma saísse um dragão, gritando, cortando o ar e indo em direção ao chão. Com um último volteio na areia, o Rajput extinguiu as chamas.

Os soldados gritavam aos berros nas laterais do campo.

Sherazade e Despina se entreolharam, fascinadas.

— Eu, eu... — Sherazade tentou.

— Eu sei — Despina concluiu.

Perdidas na sua conversa sem palavras, ambas levaram algum tempo para reconhecer o próximo personagem a entrar no campo de areia. Quando Sherazade olhou para baixo, ficou zozza com o aperto que sentiu no peito. Franziu o cenho e apertou os lábios em uma linha fina.

Os ombros do califa eram bronzeados e curvos; cada músculo em seu torso demarcado, definido e bem articulado brilhava ao sol

vespertino.

Despina suspirou.

— Apesar de tudo, tenho de admitir que sempre o achei um bocado bonito. Que pena.

Outra vez, Sherazade sentiu uma reação estranha lhe espetar o coração.

— É. Uma pena — ela rebateu.

— Não precisa ficar irritada comigo por admirá-lo. Pode acreditar que ele seria o último homem por quem eu teria algum desejo. Não gosto de jogar com a minha própria vida.

— Eu não estava irritada com você! — Sherazade protestou. — Não me importo se você ou qualquer outra pessoa o admira!

Os olhos de Despina pareceram divertidos.

E então o califa desembainhou a espada.

Era uma arma única. Nem tão larga quanto uma cimitarra, nem tão curva. A lâmina era fina, e sua ponta terminava num ângulo mais agudo que as espadas que Sherazade tinha visto até então.

— Você sabe o nome daquela espada? — perguntou.

— É chamada de *shamshir*.

Quando o califa começou sua apresentação, Sherazade se agarrou ao topo da muralha, tentando ver melhor.

Como o Rajput, ele cortou e arqueou tão rápido que era quase impossível dizer onde a lâmina estava. Mas, enquanto o Rajput tinha uma força tal que lhe permitia ser ameaçador sem mover um músculo, o califa, muito mais ágil, demonstrava uma graça sutil — a dos instintos alertas — por trás de cada emoção.

No meio da rotina, ele segurou sua *shamshir* com as duas mãos e torceu o punho.

A espada se dividiu em duas, e ele começou a girar com uma em cada mão. As lâminas cortavam o ar como um redemoinho no

deserto, assobiando em torno de sua cabeça enquanto ele caminhava pela areia.

Sherazade ouviu Despina segurar a respiração.

As *shamshirs* gêmeas soltavam faíscas quando o califa as fazia colidir uma contra a outra, e ele terminou a apresentação com uma espada em cada mão, ambas posicionadas para um confronto.

Novamente um coro ensurdecedor veio dos soldados que, em pé, assistiam ao espetáculo. Não importava o sentimento que nutrissem pelo califa, sua maestria como espadachim era incontestável.

E ele não era um rei que dependesse da proteção dos outros.

Ele não ia ser um homem fácil de matar.

E isso representa um sério obstáculo.

— Bem, isso satisfaz sua curiosidade? — perguntou Despina.

— Sim, senhora. Não é? — Uma voz irritada atrás delas se fez ouvir.

Ambas se levantaram, ainda tentando evitar ser vistas pelos soldados lá embaixo.

A cor fugiu da face de Sherazade.

O *shahrbán* de Rey estava no meio do caminho, seu rosto uma máscara de falsa compostura, seus olhos cheios de... decepção.

— General Al-Khoury — Sherazade bateu a poeira das mãos e das roupas.

Ele continuou analisando-a, algum tipo de conflito passando pelos seus olhos.

Quando o conflito terminou, estava claro que Sherazade tinha perdido.

— O que está fazendo aqui, senhora?

— Eu estava... curiosa.

— Entendo. E posso perguntar quem lhe deu permissão de estar aqui, senhora?

Ao ouvir isso, Sherazade ficou indignada. Ele podia ser o *shahrban* de Rey e bem mais velho que ela, mas ela não havia feito nada para merecer tal falta de respeito. Ela era a rainha, afinal de contas, e não uma criança para ser repreendida por ter se comportado mal.

Ela deu um passo à frente.

— Eu não pedi permissão a ninguém, general Al-Khoury. E também não pedirei permissão a ninguém daqui para a frente. Para nada.

Ele respirou com cautela, seus olhos castanhos, tão parecidos com os de Jalal e ao mesmo tempo tão diferentes, se estreitaram, injuriados.

— Receio que eu não possa permitir que se comporte assim, senhora. Entenda, é meu dever proteger o rei e seu reino. E a senhora... a senhora se opõe ao meu dever. Lamento. Não posso permitir que continue a agir assim.

Será que ele... será que ele sabe?

— Eu lhe agradeço, general Al-Khoury.

— Como, senhora?

— Nunca foi uma questão de quem vai permitir que eu me comporte de determinada maneira; sempre foi uma questão de quem vai me impedir. Eu lhe agradeço por responder a isso.

O homem mais velho se apoiou nos calcanhares por um instante, olhando para a garota insolente que tinha um brilho colorido nos olhos cor de avelã e as pequenas mãos no quadril.

— Lamento, minha senhora. Lamento mais do que pode imaginar. Mas ameaças contra o califa... devem ser eliminadas.

— Não sou uma ameaça, general Al-Khoury.

— Eu pretendo garantir que continue assim.

Ah, Deus. Como é que ele sabe?

A corda de seda e o nascer do sol

O shahrbán de Rey *suspeita que eu possa fazer mal ao rei.*

Sherazade ouviu Despina falar sem parar durante o resto da tarde que passaram nas águas quentes da última novidade do palácio, comentando quando uma coisa era cabida e quando não era.

Mas sua cabeça não lhe deu trégua.

E se ele falar alguma coisa para o califa?

Quanto será que ele sabe? Como será que descobriu?

Agora, muitas horas depois, ela estava sentada na cama num quarto escuro...

De volta ao início.

Olhando fixamente para as portas e afastando os demônios.

Ela vestia uma calça de seda larga e um corpete violeta bem justo com duas tiras grossas passadas pelos ombros. O colar e a corrente fina na cintura tinham ametistas circundadas por minúsculos diamantes cor-de-rosa. Nas orelhas e nas sobrancelhas, grandes gotas de púrpura e ouro. Seus cabelos estavam soltos às costas, até a cintura, em ondas sedosas.

Sherazade desejava que as portas se abrissem diante de seu olhar fixo. Confrontada pelo silêncio resignado como de costume, ela se levantou da cama e começou a andar para um lado e para o outro.

Ele geralmente já está aqui a esta hora.

Incapaz de aceitar ou desejar que outros decidissem seu destino, ela foi até a porta e a abriu.

O Rajput se virou, a mão descansando no punho de sua *talwar*.

Sherazade sentiu o medo se esgueirar para o seu coração... sentiu os cantos dos lábios e dos olhos repuxar.

— Você sabe... você sabe se... — ela tentou.

Sherazade cerrou os dentes.

— Ele virá? — ela perguntou.

O Rajput simplesmente olhou para ela, uma estátua letal de músculos e ameaça.

— Você pode me dizer onde ele está? — ela ordenou, o tom de tenor claramente tentando esconder que a coragem lhe fugia.

Diante disso, Sherazade viu uma reação ínfima naquele olhar escuro como a noite.

Pena?

Ele... tem pena de mim?

Sherazade bateu a porta e se recostou nela, seu peito começando a arfar.

Não.

Ela sufocou um soluço.

Basta. Já basta.

Sherazade se aprumou e andou com a cabeça bem erguida em direção à cama. Deixou-se cair nas almofadas de seda, seus olhos ainda pregados nas portas.

— Ele virá — ela disse para a escuridão.

Eu sei disso.

Ao se agarrar nesse último fiapo de esperança, duas palavras ficaram ressoando em sua cabeça, zombando dela... atormentando-a com um significado além de seu alcance.

Essas duas palavras ditas por um garoto que valia menos que nada.

Essas duas palavras lhe deram a vontade de lutar contra os demônios:

Minha rainha.

O ranger das portas se abrindo tirou Sherazade de seu sono agitado.

E a luz do alvorecer passando pelas treliças de madeira a fez levantar em um salto.

Em pé, na soleira, estavam quatro soldados.

Sherazade ajeitou a roupa amarrotada e limpou a garganta.

— Não é costume bater antes de entrar?

Todos olharam para ela, sem responder. Seus olhares tristes e distantes.

Sherazade juntou as mãos atrás das costas, forçando-se assim a permanecer ereta.

— O que estão fazendo aqui?

Sem dizer uma palavra, o soldado que estava na frente entrou no quarto e caminhou em sua direção, olhando para um ponto além dela...

Como se ela tivesse deixado de existir.

Seu coração. Seu coração.

— Eu lhe fiz uma pergunta!

O soldado pôs a mão em seu ombro. Quando Sherazade ergueu a mão para lhe bater, ele segurou seu pulso e o apertou com força.

— Não... me toque!

O soldado fez um sinal com a cabeça para seus subordinados, e outro dragão de rosto impassível a segurou pelo braço.

O sangue correu pelo seu corpo, agitado por uma mistura de terror e raiva.

— Parem!

Eles começaram a arrastá-la para fora do quarto.

Quando Sherazade tentou se soltar e chutá-los, eles simplesmente a ergueram como se fossem jogá-la para o alto, em uma brincadeira.

— Onde está o califa? — ela gritou.

Pare! Não suplique.

— Quero falar com o califa!

Nenhum dos soldados sequer parou para olhar para ela.

— Me escutem! — ela berrou. — Por favor!

Eles continuaram meio a carregando, meio a arrastando, enquanto ela se debatia pelos corredores de mármore do palácio.

Os serviçais com que cruzaram no caminho desviaram o olhar.

Eles todos sabiam. Assim como os soldados sabiam.

Não havia nada para ver.

E foi então que Sherazade percebeu a incontestável verdade.

Ela não era nada. Não significava nada.

Para os soldados. Para os serviçais.

Ela parou de se debater. E ergueu a cabeça.

E apertou os lábios com firmeza.

Baba e Irsa.

Shiva... e Tariq.

Ela significava alguma coisa para eles. E ela não envergonharia sua memória fazendo um escândalo.

Seu fracasso já era desgraça suficiente.

À medida que os soldados empurravam as portas, abrindo-as para o amanhecer, e Sherazade se via diante da morte, foi essa última lembrança que, com seu peso, acabou por romper o dique.

Shiva.

Lágrimas silenciosas rolaram por seu rosto, livres.

— Soltem-me — ela disse, rouca —, não vou fugir.

Os três soldados olharam para o primeiro. Após uma conversa sem palavras, puseram Sherazade no chão, seus pés descalços.

O piso de granito cinza estava frio, os raios mornos ainda não haviam esquentado sua superfície escura. A grama dos dois lados estava azulada pela luz cor de prata do alvorecer.

Por um instante, Sherazade pensou em parar, a fim de passar a mão pela relva.

Uma última vez.

Eles andaram em fila até uma pequena gruta, onde outro soldado e uma mulher mais velha aguardavam de pé. Nas mãos da mulher uma peça longa de linho branco, que flutuava na brisa inquieta.

Uma mortalha.

Nas mãos do soldado...

Um único pedaço de corda de seda.

As lágrimas continuaram lhe descendo pelo rosto, mas Sherazade se recusou a emitir um som sequer. Ela deu um passo em direção ao soldado. Seus braços eram largos e musculosos.

Espero que seja rápido.

Sem dizer uma palavra, ela se virou.

— Sinto muito. — Ele sussurrou tão fraco que poderia ter sido só o vento.

Espantada com sua bondade, ela quase se virou de volta para olhar no rosto de seu provável algoz.

— Obrigada. — Uma absolvição.

Ele segurou seus cabelos com cuidado e lhe cobriu a cabeça com as madeixas negras — um véu que a escondia das testemunhas sem nome.

Os mesmos que se recusavam a enxergá-la.

A corda de seda tão suave no pescoço, ao primeiro toque. Uma maneira tão distinta de morrer.

Shiva morreu assim.

A ideia de que Shiva morrera assim, cercada por pessoas que nada viam, fez as lágrimas aumentar. Sherazade sufocou, e a corda ficou justa.

— *Baba* — ela sussurrou.

A corda começou a apertar... e ela não pôde evitar que suas mãos subissem para o pescoço.

Irsa. Sinto muito. Por favor, me perdoe.

À medida que seus dedos lutavam contra as ordens de seu orgulho, o soldado a ergueu do chão pelo pescoço, puxando a corda ainda mais.

— Tariq — ela arfou.

Seu peito chiava. Estrelas prateadas surgiram em seu campo de visão.

A dor no peito cresceu. As estrelas prateadas agora eram engolidas pela escuridão.

E seu pescoço ardia.

Shiva.

As lágrimas e a dor a cegavam, e ela fez força para abrir os olhos mais uma vez, para uma cortina de cabelos negros; para uma cascata de tinta negra que respingava na última página de sua vida.

Não.

Eu não sou um nada.

Eu fui amada.

Então, nos cantos longínquos de sua mente, ela ouviu uma comoção...

E a corda foi afrouxada.

Ela sentiu o chão, seu corpo batendo no granito, com força.

A vontade de viver fez com que o ar lhe passasse pela garganta, apesar da agonia que lhe queimava em cada respiração.

E alguém a pegou pelos ombros e a carregou nos braços.

Enquanto sua vista lutava para enxergar, a única coisa que viu foram os olhos cor de âmbar de seu inimigo, próximos aos dela.

Então, com as últimas forças que lhe restavam...

Ela o esbofeteou.

Outro homem segurou seu braço, empurrando-o para baixo com tanta força que ela sentiu alguma coisa sair do lugar.

Sherazade gritou, um grito áspero e angustiado.

Pela primeira vez, ela ouviu o califa levantar a voz.

E se seguiu o som de um soco contra a carne.

— Sherazade. — Jalal a pegou, envolvendo-a em seus braços.

Ela desabou, seus olhos estavam inchados pelas lágrimas, e a sensação de queimação nos braços e no pescoço era quase insuportável.

— Jalal — ela arfou.

— *Delam*. — Ele tirou o cabelo de seus olhos, consolando-a, trazendo-a de volta de um lugar vazio.

Então ele olhou para trás, para o som de comoção que continuava.

Um coro de lamúrias e fúria.

— Pare com isso, Khalid! — ele gritou. — Acabou. Temos que levá-la para dentro.

— Khalid? — Sherazade murmurou.

Jalal deu um sorriso triste.

— Não o odeie demais, *delam*...

Sherazade enterrou o rosto na camisa de Jalal quando ele a levantou do chão.

— Afinal, toda história tem sua própria história.

Horas mais tarde, Sherazade sentou-se na beira de sua cama com Despina.

No pescoço, um anel de hematomas roxos. Seu braço tinha sido posto no lugar com um ruído nauseante que a fazia se contrair só de lembrar. Depois, com a ajuda de Despina, ela havia se banhado com cuidado e vestido roupas confortáveis.

O tempo todo, Sherazade não dissera uma só palavra.

Despina levantou uma escova de marfim para desembaraçar o cabelo ainda úmido de Sherazade.

— Por favor, diga alguma coisa.

Sherazade fechou os olhos.

— Desculpe-me, mas eu não estava no meu quarto. — O olhar de Despina apontou para a pequena porta perto da entrada, que dava para os seus aposentos. — Desculpe-me, eu não sabia... que eles estavam vindo buscá-la. Você tem todo o direito de não confiar em mim, mas, por favor, fale comigo.

— Não há nada a dizer.

— É claro que há. Você talvez se sinta melhor se falar sobre isso.

— Não sentirei.

— Você não sabe disso.

Sim, eu sei.

Sherazade não queria falar com Despina. Queria a voz suave de sua irmã e o livro de poesia de seu pai. Queria o sorriso brilhante e a risada contagiante de Shiva.

Queria sua própria cama e uma noite em que pudesse dormir sem o medo do amanhecer.

E queria Tariq. Queria se atirar em seus braços e sentir o som de sua risada em seu peito quando ela dizia algo muito errado que soava certo. Talvez fosse fraqueza, mas ela precisava de alguém que tirasse a carga de seus ombros por um minuto. Para tornar a carga mais leve, como Tariq havia feito no dia em que sua mãe morreu, quando ele a achou sentada, sozinha, no jardim de rosas atrás da casa, chorando.

Naquele dia, Tariq segurara suas mãos nas dele e não dissera nada. Apenas afastara a dor com o simples toque de suas mãos.

Tariq podia fazer isso de novo. Ele ficaria feliz em fazê-lo.

Por ela.

Despina era uma estranha. Uma estranha em quem ela não podia confiar num lugar onde acabaram de tentar matá-la.

— Não quero falar sobre isso, Despina.

Despina balançou a cabeça lentamente, assentindo, e passou a escova devagar pelos cabelos de Sherazade. A tensão no pescoço a

machucava, mas ela não disse nada.

Houve uma batida na porta.

— Posso abrir? — Despina perguntou.

Sherazade deu de ombros, e Despina deixou a escova no colo de Sherazade antes de ir abrir a porta.

O que mais podem fazer a mim agora?

Quando ela olhou para a soleira, seu coração acelerou.

A sombra do califa de Khorasan estava à entrada da porta.

Sem dizer uma palavra, Despina saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Sherazade permaneceu na beira da cama, brincando com a escova em seu colo e olhando para seu rei.

Ao se aproximar, ela viu a marca no seu rosto onde ela o atingira. A marca deixara-lhe na pele um bronzeado mais escuro, com tons de roxo no maxilar. Seus olhos estavam envelhecidos e cansados, como se ele não dormisse há muito tempo. Os nós dos dedos de sua mão direita estavam em carne viva.

Ele lhe devolveu o olhar analítico, percebendo os hematomas em seu pescoço, as olheiras profundas e a postura cautelosa de seu corpo.

— Como está seu braço? — Sua voz estava sem inflexão e caracteristicamente baixa.

— Dói.

— Muito?

— Não vai me matar.

Era uma estocada, e Sherazade viu que o atingiu, sua pose estudada se desarmando por um segundo. Ele caminhou até o pé da cama e sentou ao seu lado. Ela se mexeu, incomodada pela proximidade dele.

— Sherazade...

— O que você quer?

Ele parou.

— Consertar o que eu fiz.

Sherazade soltou o ar com sarcasmo e o fitou nos olhos.

— Você nunca vai conseguir consertar o que fez.

Ele a observou.

— Isso pode ser a primeira coisa realmente honesta que você está me dizendo.

Ela riu amargamente.

— Eu lhe disse que você não tem o dom de entender as pessoas. Posso ter mentido uma ou duas vezes, mas nunca menti para você.

Era verdade.

Seu peito arfava enquanto avaliava o que disse. Então ele esticou o braço e afastou o cabelo dela para o lado. Com muito cuidado, tocou o seu pescoço.

Nervosa com a clara preocupação que transparecia em seu rosto, Sherazade recuou.

— Isso também dói. — Ela empurrou as mãos dele.

Perturbada, pegou a escova em seu colo para acabar de desembaraçar os cabelos...

E fez caretas de dor.

Seu braço.

— Quer ajuda?

— Não. Não quero.

Ele suspirou.

— Eu...

— Se eu precisar de ajuda, espero pela Despina. De qualquer maneira, não preciso de sua ajuda.

Quando ela se levantou, ele lhe agarrou a cintura e a puxou para si.

— Por favor, Sherazade. — Ele falou, roçando seu cabelo ainda úmido. — Deixe-me consertar isso.

O martelar dentro de seu peito aumentou quando ele passou o outro braço por sua cintura e a abraçou mais apertado.

Não faça isso.

— Não há desculpas para o que aconteceu esta manhã. Quero que você...

— Onde você estava? — Sherazade tentou controlar o tremor na voz.

— Não onde devia estar.

— Esta manhã e a noite passada.

A respiração dele percorreu sua pele quando ele baixou a cabeça para lhe falar ao seu ouvido.

— Esta manhã eu não estava onde devia. Na noite passada, não estive onde queria estar.

Sherazade inclinou a cabeça, levantando o rosto, e seus olhos se arregalaram com o que viu.

As mãos apertavam ainda mais sua cintura. Ele baixou a cabeça e encostou a testa contra a dela, seu toque suave como um murmúrio.

— Minha montanha de Adamant.

Ela sentiu que estava se envolvendo, curvando-se a seu carinho. Ele cheirava a sândalo e luz do sol. Estranho que não houvesse percebido antes, que, no seu desejo de se distanciar dele, não tivesse detectado algo tão simples e tão marcante quanto um perfume.

Ela inspirou, deixando o perfume limpar seus pensamentos.

Quando ele tocou seu rosto, Sherazade percebeu uma coisa terrível.

Queria beijá-lo.

Não.

Uma coisa era retribuir seu beijo; ela estava preparada para isso. Mas outra, completamente diferente, era *desejar* seu beijo... bem

diferente desejar seu afeto. Derreter-se nos braços do assassino de Shiva ao primeiro sinal de adversidade.

Fraca.

Ela se sentou, desgostosa, destruindo o momento com um simples gesto.

— Se você quer consertar as coisas, vou pensar em um jeito.

E não envolverá me tocar.

Ele afastou as mãos.

— Ótimo.

— Tem alguma regra?

— Será que tudo tem de ser um jogo? — ele respondeu num fiapo de voz.

— Tem alguma regra, *sayyidi*?

— A única regra é que eu possa conceder o seu pedido.

— Você é o califa de Khorasan. Rei dos Reis. Existe algum pedido que não possa conceder?

O rosto dele ficou sombrio.

— Eu sou apenas um homem, Sherazade.

Ela ficou de pé e o encarou.

— Então seja o homem que conserta as coisas. Você tentou me matar esta manhã. Considere-se afortunado por eu não ter tentado retribuir o favor.

Ainda.

Ele se levantou, era uma cabeça mais alto que ela. Retomara a máscara, as linhas de seu rosto mais fundas, como sempre.

— Sinto muito.

— Cheio de pena. É um começo, sem dúvida.

Os olhos de tigre, quase imperceptivelmente, ficaram mais meigos. Ele baixou a cabeça e saiu em direção às portas.

— Sherazade?

— Sim, *sayyidi*?

— Vou para Amardha esta tarde.

Sherazade esperou.

— Ficarei fora durante uma semana. Ninguém a perturbará. Jalal será responsável por sua segurança. Se precisar de alguma coisa, procure-o.

Ela concordou.

Ele parou uma vez mais.

— Eu disse ao general Al-Khoury o que sentia no dia em que lhe apresentei a ele.

O dia em que ele me chamou de sua rainha.

— Você tem uma estranha maneira de demonstrar isso.

Ele parou.

— Não acontecerá novamente.

— Certifique-se de que não aconteça.

— Minha rainha. — Ele fez uma reverência antes de sair, a ponta dos dedos na testa.

Sherazade fechou os olhos com força, caindo na cama tão logo as portas se fecharam atrás dele.

Shiva, o que eu faço agora?

Uma chama de justiça e um espírito inquieto

A meia-lua em cima de Rey estava leitosa, emoldurada por um halo fino de nuvens.

No muro em torno do elegante pátio de Reza bin-Latief, as tochas flamejavam em suas arandelas, lançando sombras que dançavam abandonadas nas paredes de pedras claras. O cheiro almiscarado da fumaça aromática e do âmbar-gris estava suspenso no ar.

— Sinto-me gente de novo — Rahim declarou ao cruzar o pátio e se sentar a uma mesa baixa diante de si.

Reza sorriu calorosamente.

— Você parece bem mais descansado, Rahim *jan*.

— Prometeram-me uma nuvem perfumada, e eu não fui desapontado, Reza *effendi*.

Tariq se juntou a eles pouco depois, sentando-se diante de Rahim na galeria ao ar livre.

Logo, travessas fumegantes de comida foram servidas: arroz basmati amanteigado com açafrão de cor bem laranja no centro, complementado com um cordeiro em um delicioso molho de tâmaras, cebolas caramelizadas e saborosas frutinhas vermelhas; espetos de frango marinado e tomates assados, servidos com iogurte gelado e pepinos; ervas frescas e pão sírio, bolas de queijo de cabra e fatias vermelhas de rabanete enfeitando com cores brilhantes a travessa de madeira polida.

O aroma da comida se misturava com o perfume das velas, saturando os sentidos com temperos e decadência.

— Isso quase me faz esquecer os últimos três dias — disse Rahim. — Quase.

— Você dormiu bem, Tariq *jan*? — perguntou Reza.

— Tão bem quanto era de esperar, tio.

— Não fique muito frustrado — Rahim resmungou. — Você quase não descansou desde que recebeu a carta de Shazi. Você acha que é invencível? Que vive só de brisa fresca e fúria gelada?

Tariq olhou para o amigo antes de pegar um espeto de frango.

— Ele está certo. Sei que você está ansioso para discutir nossos planos, mas é importante cuidar de si primeiro. — Reza olhou por cima do ombro. — Obrigado. Por favor, nos deixem. — Ele se dirigiu aos criados. Quando saíram, ele se serviu de uma porção de arroz basmati e guisado de cordeiro. — Enquanto descansavam esta tarde, andei fazendo umas perguntas por aí — Reza começou falando baixo. — Primeiro, vou vender tudo que tenho aqui. Vamos precisar de dinheiro e de mobilidade. Depois disso, vamos precisar do apoio de outros com dinheiro e mobilidade. Estou certo em achar que seu pai não compartilha do nosso ponto de vista?

— Meu pai não vai querer fazer parte disso — Tariq respondeu, resignado. — É provável que negue qualquer envolvimento se for confrontado.

Reza assentiu, visivelmente incomodado.

— Então isso nos leva ao nosso próximo problema. Se seu pai não quer ser associado a essa empreitada, você não pode brandir o nome de sua família por aí sem pôr a vida dela em risco e, possivelmente, a vida da família de Sherazade também. O mesmo se aplica a você, Rahim; o nome Al-Din Walad é antigo, e os seus irmãos não vão aceitar de boa vontade que você ponha a família deles em risco. Vocês vão precisar manter sua identidade secreta.

Tariq pensou nisso.

— Você está certo, tio.

— Também penso assim, mas como vamos conseguir apoio se ninguém souber quem somos? — Rahim questionou. — O que os

levará a nos seguir?

— Deixe isso comigo — Reza continuou. — Fui um dos melhores comerciantes de Rey por décadas, e entendo o conceito de uma mercadoria. Algo torna-se raro e desejável quando é apresentado como tal.

— Não sei se entendi o que quis dizer, tio — disse Tariq.

A luz das tochas brilhou nos olhos de Reza.

— Farei de vocês aquilo que eles desejam ver. Vocês só vão precisar ser o que já são: jovens fortes e guerreiros habilidosos.

Tariq franziu o cenho, seu olhar cheio de dúvidas.

— Mas isso ainda não explica como vamos persuadir outros a seguir uma causa sem líder.

— Não será uma causa sem líder. Você será o líder, Tariq *jan*. Você dará a essa causa uma voz. A falta de uma voz é o que faz as manifestações nas ruas da cidade ser dominadas sempre. Sua voz precisa ter ressonância, que exija que vejamos o que realmente acontece no coração de nosso reino: um menino-rei que não merece governar Khorasan. Um menino-rei que precisa ser destruído a qualquer custo.

Rahim bateu na mesa, manifestando sua aprovação.

— Então estamos falando em organizar uma força e provocar uma tempestade na cidade? Isso é o que eu mais desejo, mas essa façanha é possível? — perguntou Tariq.

Reza tomou um gole de vinho.

— Funcionará se construirmos isso a partir de nossas crenças e fizermos delas uma realidade. Sua esperança será nossa fagulha, e minha retidão, a nossa chama.

Tariq olhou para o tio mais uma vez.

— Por onde começamos?

Reza empurrou o prato para o lado.

— Voltem para casa. Preciso de tempo para resolver algumas pendências em Rey e definir quem estará inclinado a apoiar a nossa causa. O emir de Karaj provavelmente oferecerá algum tipo de ajuda... a prima de sua irmã sofreu o mesmo destino de Shiva há algumas semanas. Quando eu estiver pronto para isso, mando buscar vocês.

— E quanto a Shazi? Não vou deixar Rey até que...

— O califa viajou para Amardha esta tarde. Ele não... — vestígios de uma raiva contida surgiram em volta da boca de Reza —... ele não mata as noivas enquanto está ausente de Rey, parece que testemunha o espetáculo. Ela estará a salvo pelo menos por uma semana.

Tariq parou por um momento, antes de concordar.

— Então, depois de pegarmos Irsa e Jahandar *effendi*, Rahim e eu voltaremos para casa e aguardaremos sua mensagem.

— Jahandar e Irsa? Você não está sabendo? Eles partiram de Rey na noite de núpcias. Ninguém tem notícias deles desde então.

— Sumiram? Mas para onde eles poderiam...

— Achei que eles estavam indo encontrar você, Tariq *jan*. Não recebeu uma carta deles?

— A carta de Shazi. Ela não mencionou a família na carta? — perguntou Rahim.

— Não sei. Não terminei de lê-la.

— Claro que não. — Rahim pigarreou.

Reza olhou pensativo para o sobrinho.

— No futuro, você precisa ser menos impulsivo em suas ações. Tome as decisões com calma. Será muito útil para você.

Tariq respirou fundo.

— Sim. Vou fazer melhor, tio.

— Você sempre faz o melhor, Tariq *jan*. Essa é a razão por que sei que seremos bem-sucedidos.

— Obrigado. Por aceitar essa tarefa com tanta disposição.

— Eu é que devo agradecer a vocês dois. Fazia muito tempo que não sentia uma faísca de esperança em mim.

Os três homens se levantaram da mesa e caminharam pelo pátio, indo em direção de Zoraya, que permanecia em seu poleiro improvisado esperando pacientemente por Tariq. Ele calçou a *mankalah* e assobiou para ela. Zoraya pousou na mão estendida, mostrando-se para ele. Então, com um leve gesto da mão direita, Tariq a incentivou a levantar voo e ir caçar. Ela gritou uma vez, e seu piado encheu o pátio antes de sumir na escuridão nebulosa.

Sua sombra, voando alto, passou pelo rosto de Tariq, escondendo suas feições da luz das tochas por um instante.

Reza riu para si mesmo.

Algo por que lutar.

E alguma coisa para usar.

Na manhã seguinte, Rahim acordou assustado com um som de metal vindo do bosque do lado de fora de sua janela aberta. Ele rolou para fora da cama e se debruçou no peitoril.

— Que diabos você está fazendo? — gritou para Tariq.

— O que parece? — Tariq levantou o arco recurvo e encaixou uma flecha na corda. — Precisamos partir.

Rahim olhou para o céu. O sol ainda precisava subir acima do horizonte; ainda não era mais do que uma linha de luz nos telhados a leste de Rey.

— Você nem dormiu? — Rahim bocejou.

Tariq deixou a flecha voar. Ela cravou na madeira ao lado da cabeça de Rahim.

Rahim não se encolheu.

— Isso era mesmo necessário?

— Pegue suas coisas. Antes que meu tio retorne e insista que sentemos com ele para comer.

— Aonde ele foi?

— Não sei. Ele saiu quando ainda estava escuro lá fora. — Tariq armou outra flecha na corda e mirou.

— Por que estamos fugindo como ladrões no meio da noite?

Tariq lançou um olhar que teria perfurado uma pedra.

— Porque não quero que ele saiba o que estamos fazendo.

— Ah. E o que estamos fazendo?

— Você e suas perguntas infernais! — Tariq soltou a flecha. Ela saiu numa espiral apertada e penetrou a madeira, perfeitamente alinhada com outras sete flechas.

— Todos saúdem Tariq, filho de Nasir, emir de Taleqan. Parabéns. Você consegue atirar uma flecha — Rahim falou sem emoção.

Tariq xingou baixinho e se encaminhou para a janela.

— Eu sabia que nunca devia ter...

— Acalme-se. — Rahim coçou a cabeça. — Vou pegar as minhas coisas. Mas você pode me explicar a razão de tanto segredo?

Tariq parou perto da janela aberta e respirou fundo.

— Você está me deixando nervoso — Rahim continuou. — Sei que está preocupado com a Shazi, mas Reza *effendi* disse que devíamos esperar até...

— Não. Eu não vou esperar. Não aguento esperar.

Rahim apertou a ponta do nariz.

— O que planeja fazer?

— Alguma coisa. Qualquer coisa.

— Nós ainda não temos um plano. E Reza *effendi* mandou esperar. Devemos esperar.

Tariq encostou o ombro na parede de pedra clara.

— Andei pensando.

— Estou escutando. — Rahim suspirou. — Apesar de minhas inclinações mais sábias.

— As tribos Badawi ao longo da fronteira de Khorasan e Parthia... É sabido que eles não se aliaram a nenhum dos dois reinos. E se lhes oferecermos uma boa razão para mudar de ideia?

— Que tipo de razão?

— A razão que faz com que qualquer homem lute por uma causa. Motivo.

— Soa vagamente poético, você vai precisar mais do que isso.

— Terra. Posse da terra. A organização que precisam ter para exigir o direito de posse.

Rahim comprimiu os lábios, pensativo.

— Interessante. Mas eles são nômades. Por que teriam qualquer interesse em terras?

— Alguns deles, pode ser que não. Mas eles brigaram entre si por séculos e acumularam muito ouro; terra é a maneira mais rápida de ganhar poder e influência. Talvez um de seus líderes possa se interessar em lutar do nosso lado. Eles podem ser reconhecidamente nômades, mas são também os melhores cavaleiros que já conheci. Não vejo nada além de vantagens para ambas as partes.

Rahim hesitou.

— Parece arriscado.

— Vale a pena falar com eles. O pior que pode acontecer é recusarem a proposta.

— Na verdade, o pior que pode acontecer é eles cortarem a sua garganta.

— Sim — Tariq fungou —, tem isso. Mas não está nos meus planos insultá-los.

— Bem, se alguém pode fazê-los desistir de uma decapitação, é você.

— Obrigado, Rahim. Como sempre, a sua eterna confiança cega em mim elimina a possibilidade de que surjam outras dúvidas.

Rahim retribuiu com um sorriso torto.

— Na verdade, se alguém pode fazê-los desistir de uma decapitação, é Shazi. Por sorte algum carisma dela parece que respingou em você.

— Nunca foi carisma. Mas nervos de aço — Tariq disse, divertindo-se com a lembrança.

— Talvez você esteja certo. Posso imaginá-la desafiando uma cobra a dar o bote, jurando que seu veneno a mataria primeiro.

Tariq sorriu.

— E ela venceria.

— Ah, disso não tenho a menor dúvida. De fato, estou quase certo de que ela aterrorizou o poderoso califa de Khorasan até que ele não passasse de um gatinho assustado, encurralado num canto. Quem sabe... se não estaremos a destronando um dia.

Tariq ficou imediatamente taciturno à menção do rei.

— Não. Ele não é um homem que abre mão de qualquer tipo de poder facilmente.

— E como é que você sabe disso?

— Eu apenas sei — retrucou Tariq. — Ele assassinou minha prima. E agora tem Sherazade. Esse é um homem que só tem maldade no coração. A única coisa a considerar sobre Khalid Ibn al-Rashid é quantas vezes posso vê-lo morrer nas minhas mãos. E, infelizmente, a resposta é “apenas uma vez”.

— Eu o desprezo também. Com a força de milhares de sóis, eu o desprezo. Mas é sempre uma boa ideia conhecer o inimigo, Tariq.

— Não confunda veemência com tolice. Pretendo aprender tudo o que puder sobre ele. Mas isso não vai acontecer nunca se eu estiver preso dentro da fortaleza da minha família. Com isso em

mente, vou para o deserto procurar os Badawi. — A expressão de Tariq era pura determinação. — Sozinho.

— Sozinho?

— Sim. Sozinho. Preciso que você vá a Taleqan para o caso de o meu tio mandar uma mensagem. Enviarei Zoraya a cada dois dias com a minha localização.

— Você me deixaria com os seus pais?

— Você sempre pode ir a sua casa.

— Para os meus irmãos e suas crianças barulhentas? — Rahim ironizou. — Para as contínuas tentativas de me casar com a prima feia de alguma amiga? Acho que não. Além do quê, eu lhe devo isso, por todos esses anos de amizade. E devo a Shazi ainda mais.

Tariq riu baixinho.

— Eu lhe agradeço, Rahim *jan*. Como sempre deveria, e tão raramente o faço.

— De nada, seu filho da mãe egoísta. De qualquer maneira, posso ver que pelo menos uma coisa boa vai resultar dessa trama secreta.

— E o que seria?

— Poder dormir uma noite inteira... sem servir de alvo por isso.

A primeira manhã que Sherazade despertou no palácio sem temer a alvorada foi estranha.

Seu coração se apertou instintivamente ao ver a luz e, depois, relaxou ao ouvir Despina andando pelo quarto. Ela respirou fundo e se recostou nas almofadas, permitindo que seu corpo se refestelasse nessa recém-conquistada tranquilidade.

— Talvez ele devesse permanecer em Amardha — Sherazade disse a si mesma.

— Eu estava pronta para acordá-la — Despina retrucou. — Sua comida está esfriando.

Sherazade parou. E então tomou uma decisão.

Mel pega mais moscas do que vinagre.

— Obrigada por usar seu bom senso. E não lançar mão de sua grosseria habitual — provocou Sherazade.

— Grosseria? Você não está sendo muito gentil esta manhã.

Sherazade esboçou um sorriso antes de ficar de pé. Ela empurrou para o lado o cortinado de seda fina que cercava a cama e marchou para a mesa, onde sua bandeja de comida como sempre a esperava. Quando olhou de relance para Despina, ficou surpresa ao ver que sua camareira não parecia tão brilhante e perfeita como de costume. A pele estava baça, e a testa parecia tensa.

— O que foi? — Sherazade perguntou.

Despina balançou a cabeça.

— Estou bem. Apenas um pouco indisposta.

— Indisposta? Você parece doente.

— Não. Vou ficar bem.

— Você precisa descansar?

— Estou bem, Sherazade. De verdade.

Despina levantou a tampa da terrina de sopa e colocou um torrão de açúcar na pequena xícara de vidro trabalhado. Então, ergueu o bule de prata do réchaud. Quando o levantou acima da xícara para servir, sua mão tremeu, e o líquido bateu no fundo da xícara e voltou, molhando o bule.

— Desculpe-me — Despina murmurou.

— Você está autorizada a cometer erros, uma vez ou outra. — Sherazade deu um sorriso travesso.

— Todas as evidências dizem o contrário — ela rebateu baixinho.

— Quando foi que eu lhe pedi alguma coisa ultrajante?

As linhas na testa de Despina se aprofundaram.

— Despina. O que foi?

— Nada!

Está mentindo. Novamente.

Sherazade estreitou os olhos e partiu um pedaço do pão sírio.

— Desculpe — Despina terminou de servir o chá —, o que estava dizendo sobre Amardha?

— Estava apenas comentando sobre a viagem recente do califa. Você sabe o que ele foi fazer lá?

— Muito provavelmente foi visitar o sultão da Parthia... seu tio.

— Entendo. Ele o visita com frequência? — Sherazade começou a tomar a sua sopa.

Despina balaçou a cabeça, em negativa.

— Não. Eles não são exatamente... bons amigos. O sultão não é seu tio de sangue. É o irmão da primeira esposa do antigo califa. E ele desprezava a mãe do califa.

Interessante.

— Por quê?

Despina deu de ombros.

— Suponho que seja pela mesma razão lógica que qualquer homem odiaria a substituta de sua irmã morta. E, além disso, a mãe de nosso califa era linda, esperta e cheia de vida. O que não era o caso da primeira esposa.

— Então por que o califa visitaria o sultão?

— Não tenho certeza. Acho que por razões diplomáticas. Você devia lhe perguntar quando ele voltar.

— Ele não me dirá.

Despina lhe deu um meio sorriso.

— Estou contente por estar falando comigo de novo.

— Permanecer calada não é uma boa opção para alguém como eu.

— Uma decisão ajuizada. Para alguém como você.

— Foi o que acabei de dizer.

— Eu sei.

Sherazade bufou e se esticou para pegar a xícara de vidro. Só então percebeu manchinhas escuras incomuns na lateral do bule de prata. Ela o segurou pela alça e o trouxe para mais perto, suas sobrancelhas se aproximando uma da outra. Com um guardanapo de linho, esfregou um dos pontinhos descoloridos.

Não saiu.

Sherazade franziu os lábios.

Ergueu a xícara e pingou um pouco do chá no bule. Assim que o líquido atingiu a superfície, a prata mudou de cor.

Preto.

Como a morte.

— Despina? — Sherazade começou a falar, impassível.

— Sim?

— Acho que tem alguma coisa errada com o meu chá.

Onde seu coração deseja estar

Alguém tentara envenená-la.

E não era o chá, como Sherazade achou num primeiro instante.

Era o açúcar.

Jalal ficou furioso.

Quando confrontou todos os que tinham acesso à sua comida, cada um jurou inocência. Como de costume, ao servir qualquer membro da família real, o cozinheiro experimentara todos os itens da bandeja de Sherazade antes de enviá-la para o seu quarto, e muitas pessoas atestaram esse fato.

Embora ninguém tenha pensado em experimentar o açúcar.

Não foi nenhuma surpresa quando Sherazade passou o resto do dia sem comer.

E agora uma criada acompanhava cada bandeja de comida trazida aos aposentos de Sherazade. Uma jovem cujo único propósito na vida era o de experimentar a comida e a bebida da rainha uma última vez antes de entrar em sua boca.

Uma jovem que deve significar algo para alguém.

Isso deixou Sherazade desgostosa.

Assim como a certeza de que o tempo em que se sentira segura — aqueles momentos fugazes sem o peso da chegada do alvorecer assombrando como um espectro escuro — tinha terminado antes mesmo que tivesse uma chance verdadeira de aproveitá-lo.

Mas o pior de tudo era saber agora, sem sombra de dúvida, que ela não podia confiar na sua camareira.

Afinal, Despina foi a última pessoa que tocou na sua bandeja de comida.

A pessoa que havia preparado a xícara de chá fatal.

Por alguma razão, esse fato arrasava o coração de Sherazade mais do que qualquer outra coisa. Não havia confiado em Despina

antes, mas alguma parte de seu ser queria isso. Tivera a esperança de que, algum dia, ela seria uma amiga de verdade, apesar de tudo.

Essa esperança tinha sido estilhaçada.

E isso deixava Sherazade com raiva.

Três noites de sono ininterrupto não tinham diminuído a raiva.

Nessa tarde, Sherazade havia escolhido perambular por um dos inúmeros terraços em busca de uma rosa perfeita. A banalidade da tarefa acrescentava um sentimento de nulidade à sua já irada disposição.

Ela vagou por entre a sebe em flor, os olhos piscando ao sol e sua testa marcada pelo desapontamento.

— Se você me disser o que procura, posso ajudar — ofereceu Despina.

— Não. Você não pode.

— Nossa, mas você está mal-humorada!

— Você realmente não pode me ajudar. Há uma arte numa rosa perfeita. O perfume. A cor. O arranjo das pétalas. Meu pai até diz que uma pétala a mais pode arruinar completamente uma flor... pode afetar a maneira como cresce.

— Eu diria que as flores mais bonitas são as que têm alguma imperfeição menor.

— Vê? Você não pode me ajudar — Sherazade resmungou.

Então ela sentiu Despina se enrijecer ao seu lado.

— O que foi? — perguntou Sherazade.

— O cap... capitão Al-Khoury está descendo a escada. — Seu rubor se espalhou do pescoço à raiz dos cabelos.

— E daí? Por que você está nervosa?

Despina hesitou.

— Desde o incidente com o chá, eu me sinto desconfortável perto dele.

— Entendo. — Sherazade franziu os lábios, lutando para segurar as acusações.

Quando Jalal apareceu, Despina teve muito trabalho para se esconder atrás do Rajput. Ele ergueu uma sobrancelha para ela e se virou para Sherazade.

— Como está nesta tarde, Sherazade? — Ele fez uma reverência com um sorriso fácil, sua capa dourada caindo um pouco sobre um ombro e sua mão repousando relaxada no punho de sua cimitarra.

— Viva.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Estou feliz de constatar isso. Você está no meio de alguma coisa importante?

— Claro. Tenho a possibilidade de um golpe no trabalho. Então, pretendo desenvolver um plano para um novo tipo de comércio envolvendo elefantes no mar e velas tecidas em seda. Você quer se juntar a mim?

Ele sorriu.

— Só no golpe. O resto me pareceu um tanto rotineiro, se quer saber.

Sherazade riu.

— Não, é claro que não estou fazendo nada importante. Estou firmemente entrincheirada na banalidade. Por favor, salve-me.

— Na verdade, eu estava pensando se você poderia fazer uma coisa... majestosa por mim.

— Majestosa? O que quer dizer?

— Temos um visitante inesperado. Eu estava imaginando se poderia recebê-lo, na ausência do califa.

— Quem é?

— É um estudioso, pode-se dizer. Ele foi o primeiro tutor de Khalid e tutor da mãe de Khalid a vida toda. Ele não vê Khalid desde que era menino. Sei que ele era importante para a mãe dele, e

odiaria mandá--lo embora sem ser recebido formalmente — ele piscou.

Sherazade não pôde segurar o sorriso.

— Ainda mais porque achei que a visita pudesse satisfazer algumas... curiosidades pendentes. — Jalal sorriu abertamente.

— Por que, capitão Al-Khoury, você faz isso parecer tão... intrigante?

Ele riu.

— Então você aceita, Sherazade?

Ela concordou, seus olhos cor de avelã reluzindo.

— Preciso lhe avisar que ele é um pouco... excêntrico — Jalal anunciou ao começar a andar com Sherazade e seu pequeno séquito a reboque.

— Como assim?

— Ele é uma relíquia do passado. Muito devotado às artes antigas. Mas acho que você vai gostar dele, e sei que ele ficará feliz em conhecê-la.

— Como ele se chama?

— Musa Zaragoza.

— É um nome muito diferente — disse Sherazade.

— Ele é um mouro.

— Ah, entendi. Bem, farei o melhor que puder.

— Sei que fará.

Eles continuaram a subir os numerosos lances de escada e entraram nos corredores frescos de mármore. Jalal os levou a uma sala grande com o teto abobadado que tinha cinco vezes a altura de um homem. Suas paredes eram azulejadas e cobertas por relevos de cenas de batalhas há muito esquecidas, de guerreiros brandindo armas e conquistando inimigos.

No canto estava de pé um homem muito alto, vestido com roupas drapeadas de tecido de cor vibrante. Sua *rida'* azul-escura ia

até o chão, e seu turbante estava preso por um broche de couro e ouro. Punhos de *mankalah* lhe envolviam ambos os pulsos, e sua linda pele escura lembrou Sherazade da melhor tâmara Medjool.

Quando ele se virou para ficar de frente para ela, abriu um enorme sorriso, e seus dentes pareciam brilhar de tão brancos, como pérolas contra o ébano.

Jalal e Despina a deixaram na porta, e o Rajput ficou de pé ali por perto, sua espada sempre pronta.

Sherazade retribuiu o sorriso do hóspede e andou em sua direção.

O que devo dizer?

— Bem-vindo! Sou... Sherazade.

Ele veio até ela fazendo medidas rebuscadas com as mãos esticadas.

— E eu sou Musa. Que privilégio conhecê-la! — Sua voz era forte, como mel defumado.

Sherazade segurou as mãos dele. De pé a seu lado, percebeu que ele era bem mais velho do que aparentava. Suas sobrancelhas estavam salpicadas de branco, e linhas finas cobriam seu rosto, indicando uma propensão a profundas reflexões e uma predileção pela diversão. Quando ele pegou as mãos dela, viu em seus olhos, de um castanho intenso, o registro de alguma coisa, mas a impressão logo desapareceu.

— Muito obrigada, Musa *effendi*. Sinto muito que meu... o califa não esteja aqui para recebê-lo.

Ele balançou a cabeça.

— É minha culpa por aparecer sem avisar. Esperava poder vê-lo de passagem. Mas paciência, parece que terei de esperar para encontrá-lo em outra viagem.

— Por favor, sente-se. — Sherazade apontou para as almofadas que cercavam a mesa baixa à sua direita, e se sentaram frente a

frente. — Aceitaria algo para comer?

— Não, não. Não posso ficar. É apenas uma visita curta. Não quero me impor a ninguém.

— Não é uma imposição, de modo algum. Eu não deixaria um hóspede tão querido sair do palácio com fome. — Sherazade sorriu.

Ele riu. O som parecia ricochetear pelas paredes.

— E como sabe que sou querido? Não lhe contaram a verdade?
— A boca dele se torceu num sorriso.

— E qual é a verdade, Musa *effendi*?

— Que a última vez que estive neste palácio fui posto para fora, com nada além da roupa do corpo.

Sherazade controlou sua reação. Respirou fundo e pôs as mãos no regaço.

— Bem, então parece que nós lhe devemos ao menos uma refeição, senhor.

Sua risada explodiu novamente, mais forte do que antes.

— Agradeço às estrelas por você, minha linda criança. Que luz você deve trazer ao meu pobre Khalid.

Luz *talvez não seja a palavra certa*.

Ela lhe deu um pequeno sorriso como resposta.

— Como eu temia, este não é um casamento harmonioso — Musa disse com ternura. — Existe alguma esperança de que isso mude?

— Na verdade, é muito cedo para dizer. Só estamos casados há alguns dias. E casar com um califa pode ser um tanto complicado.

— Foi o que ouvi dizer. — Sua voz era triste e melancólica. — E você, almeja um casamento harmonioso com ele?

Sherazade se mexeu desconfortavelmente em seu assento. Por alguma razão, mentir para esse homem vestido de maneira excêntrica, com uma gargalhada gostosa e olhos perspicazes, parecia... errado.

— Desejo um casamento baseado em amor e respeito mútuo, Musa *effendi*. Se isso é possível com o califa, é algo que ainda não sei.

— Ah, tão franca. Khalid valoriza a franqueza acima de todas as coisas. Ele almeja isso. Mesmo quando era um menino, buscava a verdade com um tipo de fervor que eu raramente encontro em uma pessoa. Você sabia isso sobre ele?

— Eu sei muito pouco sobre seu passado.

Musa balançou a cabeça.

— Diga-me, além dos rumores, que tipo de homem o filho de Leila se tornou?

Sherazade parou e estudou o rosto bondoso do estranho à sua frente.

Se eu responder às suas perguntas, será que ele responderá às minhas?

— Um homem calado. Esperto.

— Essas coisas eu podia descobrir nas ruas de Rey. Quero saber as coisas que você sabe. As coisas que uma moça esperta deduziu, mesmo em tão pouco tempo.

Sherazade mordeu o lábio inferior por um instante.

— Um homem sem alegria. Calculista. Amargo... — ela murmurou.

Ela pensou em seu punho em carne viva e na fúria vingadora.

— Raivoso.

— Não foi sempre assim. — Musa suspirou. — Ele era um menino muito meigo.

— Contaram-me. Mas é difícil de acreditar.

— É compreensível. — Ele fez uma pausa. — Você me permite contar-lhe uma história, minha querida Sherazade? Sobre a noite em que fui posto na rua?

— Claro, Musa *effendi*.

— É uma história triste.

— Imagino que qualquer história que acabe desse jeito deva ser triste.

Musa se recostou, lembrando antes de começar.

— Eu era o tutor da mãe de Khalid, Leila. E Leila era uma felicidade. Bonita e talentosa. Amante dos livros e da poesia. Quando ela desposou o pai de Khalid e tornou-se sua segunda esposa, era jovem... tinha apenas quinze anos. Eu a acompanhei a Rey, por sua insistência. Ela era muito determinada. Infelizmente, não foi um casamento fácil. Seu marido era bem mais velho do que ela, e ele havia amado muito a primeira esposa. Leila não apreciava as constantes comparações. Tentei com vontade controlar suas birras e seus ataques de ciúmes, mas as diferenças entre eles, em idade e interesses, eram muitas vezes impossíveis de transpor. Não era culpa de ninguém, na verdade. O pai de Khalid estava bem acomodado na vida. E Leila era uma mulher jovem e impetuosa.

Ele parou, e suas feições foram ficando cada vez mais tristes.

— Depois que Khalid nasceu, eu esperava que tudo mudasse. Nunca vira uma mãe mais devotada. Leila lhe beijava os pés e cantava para ele durante a infância. Quando ele ficou mais velho, ela contava histórias todas as noites antes de ele dormir. E Khalid a amava acima de todas as coisas.

Musa fechou os olhos por um instante, e Sherazade respirou com cuidado.

Sua mãe lhe contava histórias à noite.

— Eu estava lá no dia em que o pai de Khalid tomou conhecimento da traição de Leila... quando descobriu que ela vinha tendo um caso com um membro da guarda do palácio.

Sua voz de tenor tornou-se mais grave e séria.

— Ele arrastou Leila através dos corredores do palácio pelos cabelos. Ela gritava com ele, chamando-o de nomes terríveis. Tentei

ajudá-la, mas os soldados me impediram. No átrio, ele mandou chamar Khalid. Leila ficou dizendo a Khalid que tudo ia ficar bem. Que ela o amava. Que ele era seu mundo.

Sherazade cerrou os punhos.

— E ali, diante do filho de seis anos de idade, o pai de Khalid cortou a garganta de Leila. Quando Khalid começou a chorar, o pai berrou com ele. Nunca esquecerei o que ele disse: “Uma mulher ou é fiel ou está morta. Não há meio-termo”. Depois disso, fui expulso do palácio apenas com as roupas do corpo. Eu devia ter resistido. Pelo bem de Leila. Pelo bem de Khalid. Mas eu era fraco. Tinha medo. Mais tarde, fiquei sabendo o que acontecera com o filho de Leila. E sempre me arrependi disso. Do fundo do meu coração, me arrependi.

Algo havia subido ao peito de Sherazade, formando uma barreira que a impedia de falar. Ela engoliu em seco. Sem saber o que fazer, debruçou-se por cima da mesa e tomou a mão de Musa. Ele segurou suas mãos pequenas entre as dele, e ficaram assim por algum tempo.

E então, com cuidado e respeito, Sherazade tentou quebrar o silêncio.

— Musa *effendi*... tenho certeza de que você não deve se culpar por nada que aconteceu, nem naquela noite, nem em nenhuma outra. Sou jovem e, por isso, sei que as minhas palavras têm pouco peso no mundo, mas sei o suficiente para entender que você não pode controlar as ações dos outros. Só pode controlar o que faz consigo mesmo depois.

Ele apertou suas mãos.

— Palavras tão sábias. Será que Khalid sabe o tesouro que você é, minha estrela querida?

Os olhos de Sherazade lhe deram o sorriso que seus lábios não podiam dar.

Musa sacudiu a cabeça.

— Ele tem sofrido muito. Preocupa-me imensamente ver que, por causa disso, ele inflige sofrimento aos outros. E isso me envergonha, porque não são atos do garoto que conheci. Mas se você é jovem, eu sou velho, e na minha idade a sabedoria se torna menos um direito de nascença e mais uma expectativa. Na minha vida, a coisa mais importante que aprendi é que ninguém alcança a plenitude de seu potencial sem o amor dos outros. Não fomos feitos para ser solitários, Sherazade. Quanto mais uma pessoa afasta os outros, mais evidente se torna a sua necessidade crítica de ser amada.

Eu jamais poderia amar um homem assim... um monstro.

Sherazade começou a recolher a mão.

Mas ele a segurou.

— Diga-me — ele lhe pressionou a mão —, há quanto tempo você possui esse dom?

Surpresa, Sherazade apenas olhou para ele, seus olhos cor de avelã vazios.

Musa prestou atenção em seu olhar, os olhos afetuosos procurando algo.

— Então você não sabe. Ele está adormecido em seu sangue — disse para si mesmo.

— Do que você está falando? — ela perguntou.

— Talvez um parente? — ele continuou. — Seu pai ou sua mãe tem alguma... habilidade única?

Sherazade começou a entender.

— Meu pai. Ele pode fazer certas coisas. Bem pequenas. Mas nunca tentou controlá-las.

Musa assentiu.

— Se algum dia quiser aprender essas habilidades, mande me chamar. Ficarei feliz de partilhar o meu conhecimento com você. Não

sou muito bom, mas aprendi a... controlar meu dom. — Ele esboçou um sorriso.

Enquanto ele falava, Sherazade viu a chama que dançava numa lamparina próxima apagar e tornar a acender, sozinha.

— E eu poderia aprender a fazer isso? — ela perguntou baixinho.

— Na verdade, não sei. É impossível avaliar as habilidades de alguém. Apenas sei o que senti quando lhe toquei a primeira vez: que você e eu temos uma ligação. E que agora essa ligação se estendeu além desse mero acaso. Eu lhe imploro, minha estrela... por favor, olhe para além da escuridão. Havia potencial para uma bondade ilimitada no garoto que conheci. Acredite que o homem que você vê agora é apenas uma sombra do que está por baixo. Se você puder, dê a ele o amor que lhe permitirá ver por seus próprios olhos. Para uma alma perdida, esse tesouro vale seu peso em ouro. Vale seu peso em sonhos.

Enquanto falava, Musa se inclinou sobre suas mãos ainda entrelaçadas, com um sorriso radiante de afeição iluminando-lhe as feições.

— Obrigada, Musa *effendi*. Pela sabedoria, pela história e muito mais.

— Obrigado, minha estrela. — Ele soltou as mãos dela e se afastou da mesa.

— Não fica para a refeição? — Sherazade perguntou novamente. Ele fez que não com a cabeça.

— Preciso seguir meu caminho. Mas prometo uma nova visita em breve. Dessa vez não vou deixar que tantos anos se passem. E vou me agarrar à possibilidade de que, quando a vir novamente, Khalid estará a seu lado. A seu lado e melhor.

Sherazade sentiu uma pontada de culpa que lhe revirou o estômago.

Musa caminhou até a bolsa com seus pertences que havia deixado num canto. Pegou-a do chão e parou, pensativo. Tirou da bolsa um tapete, gasto e roído por traças, enrolado bem apertado e amarrado com uma corda de cânhamo.

— Um presente para você, querida Sherazade.

— Obrigada, Musa *effendi*.

Que presente esquisito.

— Mantenha-o sempre com você. É um tapete muito especial. Quando estiver perdida, ele a ajudará a achar o caminho — ele disse com um olhar brilhante carregado de significado.

Sherazade recebeu o embrulho e o apertou contra o peito.

Musa se aproximou e encostou a palma quente de sua mão na rosto dela.

— Deixe-o levá-la para onde seu coração deseja estar.

O velho e o poço

O sol do deserto se abateu sobre Tariq com o calor de um fogo abrasador. Ele descia pelas dunas, distorcendo a visão e chamuscando o céu.

Tariq pôs o capuz de sua *rida'* no rosto, prendendo a tira de couro na testa. Rodamoinhos de areia se enroscavam nas pernas de seu garanhão, deixando uma trilha de poeira brilhante a cada passo dos cascos enormes.

Zoraya voava em círculos, seus piados ficando mais fortes a cada hora que passava.

Quando o sol começou a se pôr, eles chegaram à fronteira entre Khorasan e Parthia, e Tariq começou a procurar um lugar para pernoitar. Ele sabia que as tribos Badawi estavam próximas, mas não queria correr o risco de invadir seu território sem ter descansado uma noite inteira, já que não dormia desde que deixara Rey, havia quatro dias. Pela manhã, descobriria um jeito de falar com alguém do local para saber como estavam as coisas na região.

Ao longe, ele viu um assentamento de construções castigadas pelo sol dispostas em torno de um poço de pedra decrépito. Um semicírculo de casas de adobe rachado, encimadas por telhados despencados, que pareciam abandonadas. Um idoso estava na borda do poço, retirando odres do lombo de dois camelos velhos.

Tariq esporeou seu árabe negro, puxando uma vez mais o capuz de sua *rida'* branca.

Quando se aproximou do poço, o idoso olhou por cima do ombro.

Então sorriu para Tariq.

Ele estava vestido com roupas simples de linho marrom, e sua barba farta estava salpicada de prata. Uma falha grande separava

seus dois dentes da frente, e seu nariz adunco parecia quebrado. Suas mãos eram calejadas pelo uso e pela idade.

— Um belo cavalo. — Ele acenou, ainda sorrindo.

Tariq assentiu em resposta.

O idoso esticou a mão trêmula para pegar o balde na borda do poço...

E o deixou cair.

O balde bateu nas reentrâncias da parede e desceu ricocheteando até bater na água com muito barulho.

Tariq soltou um suspiro alto.

O idoso resmungou, arrancando a *rida'* da cabeça e batendo os pés na terra. Ele começou a retorcer as mãos, o desapontamento em seu rosto tão claro como o dia.

Tariq ficou observando a encenação melodramática até se cansar e, em seguida, desmontou de seu garanhão com um pequeno suspiro.

— Você tem uma corda? — ele perguntou ao velho enquanto descobria o rosto.

— Sim, *sahib*. — O homem fazia uma reverência atrás da outra.

— Isso não é necessário. Não sou seu *sahib*.

— O *sahib* tem um belo cavalo. Uma bela espada. Ele é certamente um *sahib*.

Tariq suspirou de novo.

— Dê-me a corda; eu vou descer para buscar o balde.

— Ah, obrigado, *sahib*. Você é muito generoso.

— Não sou generoso. Só tenho sede. — Tariq sorriu ironicamente. Ele pegou a corda das mãos do homem e a prendeu no arco sobre o poço. Parou então para pensar. — Não tente roubar meu cavalo. Ele é um animal temperamental, e você não vai conseguir ir muito longe.

O idoso balançou a cabeça tão violentamente que Tariq achou que ele ia acabar se machucando.

— Eu não faria uma coisa dessas, *sahib!*

Seu fervor acabou levantando dúvidas sobre sua intenção.

Tariq observou o homem antes de estender o braço esquerdo e assobiar para o céu. Zoraya desceu rasgando as nuvens em uma bola de penas e garras. O homem velho levantou o braço trêmulo para cobrir o rosto, escondendo-se do olhar de rapina da ave.

— Ela gosta de começar pelos olhos — Tariq disse em um tom impassível enquanto Zoraya abria as asas acima da *mankalah* e olhava para o homem.

— Não farei nada de errado, *sahib!*

— Bom. Você vive por aqui?

— Chamo-me Omar dos Badawi.

Tariq olhou para o homem mais uma vez.

— Omar dos Badawi, quero lhe fazer uma proposta.

— Uma proposta, *sahib?*

— Sim. Vou recuperar o balde do poço e ajudá-lo a encher os odres. Em troca, quero algumas informações sobre a sua tribo e o seu xeque.

Omar coçou a barba.

— Por que o *sahib* sem nome quer informações sobre a minha tribo?

— Não se preocupe; não lhes quero mal. Tenho muito respeito pelos Badawi. Meu pai comprou este cavalo de um homem de uma tribo há muitos anos, e ele sempre disse que os nômades do deserto estão entre os melhores cavaleiros do mundo.

— Entre? — Omar abriu um sorriso. — Nós somos os melhores, *sahib*. Sem sombra de dúvida.

Tariq deu um sorriso hesitante.

— Temos um trato?

— Acho que sim, *sahib*. Mas posso fazer mais uma pergunta?

Tariq concordou.

— Qual a razão que o leva a procurar os Badawi?

Tariq pensou por um instante. Esse velho era, no melhor dos casos, um serviçal. Provavelmente uma relíquia enviada diariamente para buscar água a fim de manter uma aparência de utilidade na sua idade avançada. Dar-lhe informação parecia inofensivo.

— Tenho uma proposta comercial a fazer.

— Negócios? — Omar riu. — Com os Badawi? Por que um jovem e rico *sahib* precisaria da ajuda dos nômades do deserto?

— Eu respondi à sua pergunta. Temos um trato?

Os olhos negros de Omar piscaram.

— Sim, sim, *sahib*. Temos.

Tariq mandou Zoraya para um poleiro acima do poço e, então, se virou para o cavalo e pegou seu arco recurvo. Ele prendeu a aljava às costas e passou a corda do arco pelo peito, porque não era tolo o bastante para deixar para trás uma arma. Finalmente, puxou a corda para ver se estava presa com segurança antes de subir na borda e se balançar.

O poço tinha a largura de um homem e a altura de dois, então não era tão difícil descer e pegar o balde que boiava na água. Em pouco tempo, Tariq subiu de volta para a borda de pedra e para a luz alaranjada do pôr do sol no deserto.

Ele entregou o balde a Omar.

— Sugiro amarrar uma corda na alça, para facilitar no futuro.

Omar riu.

— Que sugestão sábia!

Os dois homens começaram a encher os odres e amarrá-los aos camelos que aguardavam por ali.

— Então — Tariq começou —, com que tribo Badawi você anda?

Omar sorriu.

— Eu ando com a família Al-Sadiq.

— Já ouvi esse nome antes.

— Muitos dizem que é uma família importante. De uma linhagem de poderosos nômades do deserto.

— Quem é o seu xeque?

— Da sexta geração da linhagem de Al-Sadiq. Alguns dizem que ele é um pouco estranho. Estudou em Damasco antes de voltar para o deserto.

— E o que ele estudou em Damasco?

— Armeiro de espadas. Dominou a arte do ferro e do aço, *sahib*.

— O que o levou a estudar essa arte?

Omar deu de ombros.

— Ele acreditava que esse conhecimento lhe daria uma vantagem sobre seus inimigos.

Tariq assentiu com a cabeça, pensativo.

— Ele parece um homem interessante.

— Como o senhor, *sahib*. Mas estou muito curioso; qual a natureza do seu negócio com os Badawi?

Tariq limitou-se a responder:

— É pessoal.

— Pessoal? — Omar riu. — Então você está tentando dar um golpe em um familiar ou... conquistar o coração de uma mulher.

— O quê?

— Por que outra razão um *sahib* jovem e rico iria querer ter negócios de natureza pessoal com um Badawi? Então, qual é o caso? Seu pai é um desprezível déspota do saber? Você é o herói que seu povo quer seguir?

Tariq olhou espantado para Omar.

— Ah! Então você está tentando conquistar o coração de uma linda mulher.

Tariq se virou para o seu cavalo.

— Ela deve ser muito bonita — Omar concluiu. — Para trazer um bonito *sahib*, com o falcão e um belo Al-Khamsa para terras tão distantes no mar de areia.

— Não é nada disso — Tariq resmungou.

— Então ela não é linda?

Tariq virou-se.

— Não tem nada a ver com sua beleza.

— Então é sobre uma moça! — Omar crocitou.

Irritado, Tariq agarrou as rédeas de seu puro-sangue e subiu na sela.

— Não se deixe ofender pelo velho Omar, *sahib*! Não quis chateá--lo. Sou apenas um curioso incorrigível, e meu coração curioso tem uma queda por histórias de amor. Por favor! Se me seguir, terei prazer em apresentá-lo ao xeque.

— E por que faria isso?

— Pelo bem do meu coração curioso — Omar respondeu com um sorriso ridículo que destacou a falha de seus dentes tortos.

Tariq parou para pensar. O velho podia estar mentindo, mas essa também podia ser a sua melhor oportunidade de ser apresentado ao xeque de uma das tribos Badawi mais consagradas.

Valia o risco.

— Vou segui-lo até o seu acampamento. — Tariq ajeitou a aljava às costas, por precaução.

Omar concordou, ajeitando a sua *rida'*.

— Vou contar para o xeque sobre sua ajuda no poço hoje.

— Obrigado.

— Claro, *sahib*! Não seria nada se não fosse honrado.

Tariq seguiu Omar a uma distância segura, enquanto o idoso guiava os dois camelos de volta para o deserto. Ele montou no menor deles com destreza, olhando para trás de vez em quando para dar um sorriso a Tariq.

O céu escureceu para um azul quase negro, e as estrelas mais brilhantes começaram a surgir no céu, brancas e piscantes. Após andar durante meia hora, uma grande formação de tendas cercadas por um anel de tochas se materializou no mar de dunas crescentes.

Omar levou os camelos diretamente ao centro, assobiando, feliz consigo mesmo. À medida que passava, vários homens paravam para cumprimentá-lo, e Omar os cumprimentava de volta, com a mão na testa. Ele apeou do camelo ante uma enorme tenda remendada no meio do acampamento. No instante em que seus pés calçados com sandálias encostaram no chão, um farfalhar de passos eclodiu das sombras a seu lado.

Bracinhos bronzeados agarraram suas pernas e lutaram por seu abraço.

— *Baba Aziz!* Por que está tão atrasado? — várias crianças gritaram em uma harmonia dissonante.

Os olhos de Tariq se estreitaram.

A tenda se abriu, e uma mulher idosa com uma linda trança vermelha saiu para a luz da lua.

— Omar *jan*, por onde andou? Seus netos estão com fome, e suas filhas estão irritadas por causa disso.

Omar sorriu indulgente.

— Trouxe um convidado. Podemos acomodar mais um?

Ela olhou para os céus e depois para Tariq.

— E quem é você, jovem?

— Ele é o nosso *sahib* sem nome. E meu coração curioso anseia por ouvir sua história. Acredito que seja das boas, Aisha. Sobre amor e suas batalhas — Omar respondeu com uma piscadela.

Ela balançou a cabeça.

— Bem, traga-o para dentro.

Tariq continuou olhando para Omar, suas suspeitas rapidamente chegando a uma conclusão lógica. Ele apeou do cavalo.

— Você não é um criado.

Omar olhou de volta para Tariq. Novamente, a falha de seus dentes se destacou no sorriso que se alargou sobre sua face envelhecida.

— Por acaso eu disse que era?

Tariq sustentou o olhar de Omar. O trejeito de homem velho e tolo havia desaparecido à luz bruxuleante da tocha. Em seu lugar, havia um olhar de sabedoria e júbilo.

O olhar de uma inteligência aguçada.

— Perdoe a confusão — Omar continuou.

Tariq riu, incrédulo.

— Não houve confusão. Vi exatamente o que você quis que eu visse.

Omar deu uma gargalhada.

— Ou talvez você tenha visto o que queria ver.

Tariq jogou sua *rida'* para trás e deu um passo à frente.

— Meu nome é Tariq.

As sobrancelhas espessas de Omar se ergueram em aprovação.

— E eu sou Omar al-Sadiq, o sexto xeque da minha linhagem...

Ele lhe estendeu a mão enrugada, e Tariq a segurou.

— Bem-vindo à minha casa.

A promessa de um amanhã

Dois dias depois de o califa voltar de Amardha, Sherazade já estava pronta para pôr seu plano em ação.

Era chegada a hora.

Não importava o passado trágico que Musa *effendi* insinuara.

Não importava se este mundo estava longe de ser tão simples quanto ela imaginara.

E não importava nem um pouco se seu coração estava... se comportando mal.

Ela viera ao palácio com um firme propósito.

O califa de Khorasan devia morrer.

E ela sabia como fazê-lo.

Ela sentou diante dele em seus aposentos naquela noite, comendo uvas, enquanto ele bebia vinho.

Esperando o momento de atacar.

— Você está muito quieta — ele comentou.

— E você parece muito cansado.

— A volta de Amardha não foi tranquila.

Ela fitou seus olhos de tigre do outro lado da mesa. As olheiras eram profundas, e sua fisionomia de aço parecia ainda mais severa com essas linhas tão marcadas de cansaço.

— Mas você chegou já faz dois dias.

— Não dormi bem desde que voltei.

— Você prefere que eu não continue com o conto de Aladim?

Talvez você devesse dormir — Sherazade sugeriu.

— Não. De jeito algum. É isso que eu quero.

Ela desviou os olhos, incapaz de sustentar seu olhar penetrante.

— Posso lhe perguntar uma coisa, *sayyidi*?

— Você pode fazer o que quiser. E eu farei o mesmo.

— Por que foi a Amardha?

Suas sobranceiras se juntaram.

— Ouvei dizer que Jalal deu um jeito de você conhecer Musa Zaragoza. Sem sombra de dúvida, você soube de fatos interessantes da minha infância enquanto ele esteve aqui. Presumo que agora saiba sobre a minha mãe.

— Sim, ele me falou sobre ela.

— O sultão da Parthia e eu temos um acordo tácito. Aproximadamente a cada seis meses, eu o visito e faço ameaças veladas, abrindo-me feito um pavão numa demonstração de força destinada a dissuadi-lo de sugerir que eu não sou o herdeiro legítimo do califado de Khorasan.

— Como? — Sherazade explodiu.

O califa prosseguiu:

— Faz sentido, na verdade. Ele abertamente chama a minha mãe de prostituta. E todo mundo questiona meu parentesco. Ele é capaz de reunir aliados e se voltar contra o califado. Só que ele não tem a força nem o apoio necessários para isso. E pretendo manter as coisas assim.

— Ele chama a sua mãe de prostituta?

— Isso não devia chocá-la. Meu pai disse isso para mim. Muitas vezes.

Sherazade respirou com cuidado.

— Seu pai também questionava se você era ou não seu filho?

O califa levou a taça de vinho aos lábios e deu um longo gole.

— Novamente, isso não devia chocá-la.

Ela quase desejou ter ouvido errado o que ele disse.

Que tipo de infância desprovida de amor ele teve?

— E isso para você é normal?

Ele colocou a taça na mesa.

— Acho que para mim essa palavra tem um significado distorcido.

— Você quer que eu tenha pena de você, *sayyidi*?

— Você quer ter pena de mim, Sherazade?

— Não. Não quero.

— Então não tenha.

Frustrada, ela pegou a taça dele da mesa e bebeu o que restava de seu conteúdo.

Os lábios esboçaram um sorriso quase imperceptível.

O vinho queimava; ela limpou a garganta e pôs a taça à sua frente.

— A propósito, resolvi como pode consertar as coisas. Se você ainda estiver disposto, é claro.

Ele se recostou nas almofadas e ficou esperando.

Ela respirou fundo, preparando para montar sua armadilha.

— Você se lembra, na noite passada, quando Aladim viu a princesa disfarçada andando pelas ruas da cidade?

O califa fez que sim.

— Você disse que invejava a liberdade que a princesa tinha em sua cidade quando não estava com o manto real sobre os ombros. Quero fazer isso, com você — ela concluiu.

Ele ficou paralisado, e seus olhos lhe perscrutavam o rosto.

— Você quer que eu vá a Rey sem meus guarda-costas?

— Sim.

— Apenas com você?

— Sim.

Ele fez uma pausa.

— Quando?

— Amanhã à noite.

— Por quê?

Ele não se recusou prontamente.

— Pela aventura — ela o tentou.

Ele apertou os olhos.

Calculando.

— E você está em dívida comigo — ela pressionou.

Por favor. Não me negue essa oportunidade.

— Concordo. Estou em dívida com você. Eu aceito.

Sherazade ficou radiante.

Os olhos dele se arregalaram com a efusividade do sorriso dela.

E, para sua completa surpresa, ele lhe retribuiu o sorriso.

Pareceu deslocado nas suas feições normalmente frias e angulosas.

Deslocado, mas incrivelmente impressionante.

O aperto no seu peito... teria de ser ignorado.

A todo custo.

Eles estavam de pé num beco próximo à entrada do *souk*. O céu estava púrpura ao anoitecer, e a mistura das especiarias e do suor dos animais enchia o ar da primavera com seu contagiante perfume de vida, tudo em abundância.

Sherazade apertou sua capa cinza-escura sobre o corpo. O torrão de açúcar envenenado que ela havia escondido no bolso parecia que ia pegar fogo à menor menção dele.

Os olhos ocre do califa estavam atentos ao que se passava à sua volta. Sua *rida'* preta estava presa por uma tira fina de couro, da mesma cor, amarrada na testa.

— Você já esteve no *souk* de Rey antes? — ela sussurrou.

— Não.

— Fique perto. Parece um labirinto. A cada ano fica maior, os corredores sinuosos sem pé nem cabeça.

— E eu que estava pensando em deixá-la para trás e sair por aí explorando sozinho — ele murmurou.

— Está tentando ser engraçado, *sayyidi*?

Ele franziu o cenho.

— Você não pode usar essa palavra aqui, Sherazade.

Um ponto válido. Especialmente se se levar em conta as manifestações de rua contra ele.

— Você está certo... Khalid.

Ele suspirou aliviado.

— E como devo chamá-la?

— Como?

— Como é que seus amigos a chamam?

Ela hesitou.

Por que será que estou tentando esconder um apelido bobo que Rahim me deu quando eu tinha dez anos?

— Shazi.

Um esboço leve de um sorriso surgiu em seus lábios.

— Shazi. Combina com você.

Ela revirou os olhos.

— Venha comigo.

Com isso, Sherazade deixou a segurança das sombras e disparou por entre a multidão alvoroçada do maior e mais popular mercado a céu aberto de Rey. O califa de Khorasan a seguiu de perto ao deixarem os arcos e se embrenharem na confusão de pessoas e mercadorias.

À sua direita estavam os vendedores de especiarias — tâmaras açucaradas e outras frutas secas, uma profusão de castanhas em barricas de madeira com marcas de água, montanhas de temperos arrumados em suas cores fortes —, e à sua esquerda estavam os vendedores de tecidos crus, peças tingidas e meadas de linhas penduradas ao sabor da brisa fraca, suas cores formando faixas do arco-íris. Muitos vendedores aproximaram-se do casal, tentando convencê-los a experimentar um pistache ou um delicioso damasco

seco. No início, Khalid ficava tenso toda vez que alguém chegava perto deles, mas logo relaxou e começou a agir como qualquer cliente que vagueia pelo mercado numa noite quente de primavera.

Até que um jovem saiu de trás de um poste, pulou na frente deles e envolveu Sherazade com uma seda cor de laranja forte.

— Que lindo! — ele suspirou. — Você precisa comprar isso. Combina com você.

— Acho que não. — Ela balançou a cabeça, empurrando as mãos dele.

Ele a puxou para mais perto.

— Eu não a conheço de algum lugar, moça? Não esqueceria tal beleza.

— Não, você não a conhece — Khalid disse com a voz grave.

O rapaz deu uma risada irônica para ele.

— Não estou falando com você. Estou falando com a mais linda moça que vejo em muito tempo.

— Não. Você está falando com a minha mulher. E está bem perto de ter a última conversa da sua vida. — Sua voz era tão fria quanto a ponta de um punhal.

Sherazade olhou para o rapaz.

— E se você quer me vender tecidos, não vai conseguir isso sendo um libertino desgraçado. — Ela o empurrou com força.

— Filha de uma puta — ele resmungou.

Khalid congelou, os nós de sua mão ficando perigosamente brancos.

Sherazade lhe segurou o braço e o arrastou para longe. Ela podia ver os músculos de sua mandíbula se retesando.

— Sabe, você se irrita com facilidade — ela comentou quando eles tinham se afastado um pouco.

Ele não disse nada.

— Khalid?

— Esse tipo de falta de respeito é... comum?

Sherazade ergueu um ombro.

— Não é comum. Mas não é uma surpresa. É a maldição de ser uma mulher — ela disse sarcasticamente.

— É obsceno. Ele merecia ser açoitado.

Fala o rei que mata uma noiva a cada manhã.

Eles continuaram andando pelo mercado e, surpresa, Sherazade percebeu que Khalid agora caminhava firme em sua sombra, com a mão perto de sua cintura, guiando-a. Seus olhos, que normalmente eram vigilantes, estavam mais atentos do que antes.

Ela suspirou para si mesma.

Ele repara em tudo. Isso vai ser ainda mais difícil do que imaginei.

Sherazade o guiou através de uma confusão de becos, passando por vendedores de óleo e vinagre importado, tapetes e lamparinas delicadas, perfumes e outros cosméticos, até que chegaram a um lugar cheio de fornecedores de comida e bebida. Ela o levou a um estabelecimento pequeno e lotado com mesinhas ao ar livre.

— O que estamos fazendo aqui? — Khalid perguntou baixinho enquanto ela o empurrava para sentar a uma mesa vazia perto da entrada.

— Volto já. — Ela sorriu por sua irritação e se enfiou no meio da multidão.

Quando voltou, pouco tempo depois, com duas taças e uma jarra de vinho, seus olhos se estreitaram.

— Eles são conhecidos pelo vinho doce — Sherazade explicou.

Ele cruzou os braços.

Sherazade sorriu, complacente.

— Não confia em mim? — Ela serviu um pouco de vinho numa taça e bebeu antes de passar para ele.

— Onde conseguiu o dinheiro? — Ele aceitou a taça.

Ela revirou os olhos.

— Roubei. Do malvado sultão da Parthia. — Ao levar a taça aos lábios, ela sorriu para ele. — Gostou?

Ele inclinou a cabeça, pensativo.

— É diferente. — Então ele estendeu a mão e serviu outra taça para ela.

Eles ficaram algum tempo sentados em silêncio, observando a vista e os sons do mercado, bebendo o vinho e escutando a conversa desgovernada das pessoas à sua volta que estavam em diferentes níveis de embriaguez.

— Então — ela perguntou, puxando conversa —, por que está tendo dificuldade para dormir?

A pergunta dela o pegou desprevenido.

Ele a fitou por cima da borda da taça.

— Você tem pesadelos? — ela sondou.

Ele respirou com cuidado.

— Não.

— Qual foi seu último sonho?

— Não lembro.

— Como não lembra?

— Você lembra do seu último sonho?

Sherazade torceu o canto da boca.

— Sim.

— Conte-me sobre o que era.

— É um pouco estranho.

— A maior parte dos sonhos é.

— Eu estava num campo com... a minha melhor amiga. Estávamos rodopiando. Eu segurava suas mãos. Primeiro girávamos devagar. E depois mais e mais rápido. Tão rápido que senti que estávamos voando. Mas não parecia nada perigoso. É estranho agora que não sentíssemos que era perigoso, mas acho que é assim

nos sonhos. Lembro-me de ouvir a risada dela. Ela tem a risada mais linda. Como uma cotovia no frescor da manhã. — Sherazade sorriu para si mesma com a lembrança.

Khalid ficou calado por um instante.

— Você tem um riso lindo. Como a promessa de um amanhã — ele disse com ternura, como se fosse um pensamento tardio.

E o coração de Sherazade se inquietou ante essas palavras, rugindo por atenção.

Shiva, eu lhe juro, vou ignorar esse coração inconstante.

Ela se recusou a olhar para ele enquanto bebia de sua taça, orgulhosa de si mesma por demonstrar assim sua força de vontade, até que sentiu que ele ficou tenso do outro lado da mesa.

Um pé com sandálias bateu com força no assento vazio ao lado.

— Se não é a moça bonita com a língua afiada — uma voz enrolada disse.

Quando Sherazade olhou para cima, seus olhos ficaram baços de raiva.

— Parece que o lugar é demasiadamente popular — disse Khalid, a tensão tomando conta de sua fisionomia.

— Para desgraçados engraçadinhos e reis de velhacarias — Sherazade retrucou baixinho.

— O quê? — o rapaz vociferou, o vinho claramente toldando seu julgamento.

— Não importa. O que você quer? — Sherazade perguntou com uma ponta de irritação.

O rapaz olhou atravessado para ela.

— Talvez eu tenha sido um pouco exagerado mais cedo. Mas gostaria de partilhar uma observação recente. Este aqui? — ele apontou para Khalid com seu polegar. — Ele parece zangado demais para uma moça como você. Acho que você ficaria melhor com um homem com mais charme. Como eu.

Ao ouvir isso, Khalid se preparou para levantar. Sherazade pôs a palma das mãos em seu peito, e seus olhos dardejantes não se desviaram do olhar fixo do rapaz.

— Você parece ter esquecido, em pouquíssimo tempo, posso acrescentar, que chamou a minha mãe de prostituta. Em que mundo acha que eu iria preferir você a qualquer outro homem, mal-humorado ou não?

Ele sorriu para ela, os amigos dele atrás, rindo de sua audácia.

— Não fique magoada, moça bonita. E se eu lhe disser que a minha mãe era de fato uma prostituta? Isso melhoraria as coisas? De qualquer maneira, tenho uma queda por mulheres dessa laia. — Ele piscou para ela.

A gargalhada atrás dele ficou mais alta.

Novamente, Sherazade sentiu a fúria por baixo da palma de sua mão no peito de Khalid e o manteve sentado, com nada além de sua força de vontade.

Ela assentiu com a cabeça.

— Não posso dizer que fico surpresa. E, quanto a mim, acho que vou deixar esta mercadoria na prateleira também. Não tenho interesse em... pepinos pequeninhos.

Ao ouvir isso, a cabeça de Khalid se virou para ela, os olhos dele mostrando seu choque. Seus lábios se contraíram.

O silêncio em torno deles era ensurdecedor.

E então um coro de gargalhadas eclodiu, enchendo o ar.

Os amigos do rapaz batiam nos joelhos e nas costas uns dos outros, rindo dele a não mais poder. Seu rosto assumiu vários tons de vermelho quando ele finalmente entendeu a extensão do insulto de Sherazade.

— Você... — ele começou.

Sherazade abriu caminho, com audácia.

Khalid agarrou o homem pela sua *qamis* e o atirou em cima de seus amigos.

— Khalid! — Sherazade gritou.

Quando o rapaz conseguiu ficar de pé, Khalid recuou e lhe deu um direto no queixo que o fez cair numa mesa de homens de aspecto perigoso, concentrados em seu jogo de dados com apostas altas. As moedas e os astrágalos caíram por terra quando a mesa balançou com o peso do rapaz.

Os apostadores rugiram furiosos e ficaram de pé, tudo à sua volta mergulhando em confusão.

E sua preciosa partida totalmente arruinada.

Todos os olhares se voltaram para Khalid.

— Por Hera. — Sherazade gemeu.

Com uma resignação sombria, ele pegou sua *shamshir*.

— Não, seu idiota! — Sherazade gritou. — Corre! — Ela o pegou pela mão e o arrastou na direção oposta, o sangue bombeando forte por seu corpo. — Sai da frente! — ela gritou ao passarem se esquivando por uma carroça, seus pés calçados com sandálias voando acima da poeira. O som de seus perseguidores apenas os fazia correr ainda mais rápido, especialmente por causa das passadas mais largas de Khalid, que os impulsionava pelas ruelas do *souk*.

Quando ele a empurrou para uma saída lateral, Sherazade o puxou de volta.

— Você tem ideia para onde está indo? — ela perguntou.

— Dessa vez, pare de falar e escute.

— Como ousa...

Ele lhe envolveu o corpo com o braço direito e a puxou para um canto, na sombra. Encostou o indicador nos lábios dela.

Sherazade ouviu os perseguidores passar pelo beco, ainda aos gritos e seguidos por uma porção de bêbados. Quando o barulho

desapareceu, ele tirou o dedo dos lábios dela.

Mas era tarde demais.

Porque Sherazade podia sentir que o coração dele estava acelerado.

Tal como o dela.

— Você estava dizendo...? — Ele estava tão próximo que suas palavras eram mais fôlego do que som.

— Como... como ousa dizer isso para mim? — ela sussurrou.

Seus olhos brilharam com algo semelhante a diversão.

— Como ousa sugerir que você criou essa confusão?

— Eu? Isso não foi culpa minha! Foi sua!

— Minha?

— Você e seu temperamento, Khalid!

— Não. Você e sua boca, Shazi.

— Errado, seu miserável desajeitado!

— Viu? Essa boca. — Ele se aproximou e passou o polegar nos lábios dela. — Essa boca... magnífica.

Seu coração traiçoeiro batia acelerado contra o dele, e, quando Sherazade olhou para Khalid por entre os cílios semicerrados, ele a puxou para mais impossivelmente perto com a mão que estava em suas costas.

Não me beije, Khalid. Por favor... não.

— Estão aqui! Eu os achei!

Khalid pegou a mão dela, e eles saíram correndo pelas vielas de novo.

— Não podemos ficar correndo — ele falou por cima do ombro.

— Talvez tenhamos que parar e lutar, afinal.

— Eu sei. — Ela arfou.

Preciso de uma arma. Preciso de um arco.

Ela começou a procurar por uma aljava em todos os lugares à vista ou por um arco encostado contra uma parede de uma

construção, mas tudo que via era o reluzir eventual de uma espada. Ao longe, reparou num homem musculoso com um enorme arco reto passado pelo peito, mas sabia que havia poucas chances de conseguir pegá-lo rapidamente. E era ainda menos provável que conseguisse empunhar um arco tão grande.

Parecia um exercício sem sentido.

Até que finalmente viu um menino brincando com seus amigos na rua de trás.

Com um arco simples e uma aljava com exatamente três setas penduradas a tiracolo.

Sherazade cutucou o braço de Khalid, empurrando-o para mais adiante na viela. Ela agachou diante do garoto e tirou o capuz.

— Você pode me dar seu arco e flecha? — ela pediu, sem fôlego.

— O quê? — ele respondeu, surpreso.

— Aqui. — Sherazade lhe ofereceu cinco dinares, tirando-os de sua capa. Uma verdadeira fortuna aos olhos do menino.

— Está maluca, senhora? — o menino perguntou, boquiaberto.

— Você pode dá-lo para mim? — Sherazade suplicou.

Ele lhe passou a arma em silêncio. Ela pôs o dinheiro em suas mãos sujas e jogou a aljava sobre o ombro.

Khalid observou essa troca, com os olhos apertados e a boca aberta.

— Você os conhece, moça? — o menino perguntou, olhando para a frente.

Khalid se virou, desembainhando sua *shamshir*, que produziu um único som metálico, e tirando a *rida'* preta da testa.

— Sai daqui! — Sherazade disse para o menino e seus amigos.

O menino assentiu e se mandou, com os amigos correndo atrás dele.

De alguma maneira, o grupo de homens que Sherazade e Khalid haviam ofendido tinha sete pessoas. Desses sete, três apresentavam

sinais de ferimentos, enquanto os outros quatro pareciam ter perdido o orgulho mais do que qualquer outra coisa. Para não falar no dinheiro, é claro.

E era um bocado de dinheiro.

Ao verem Khalid empunhando a sua espada, vários deles sacaram as suas próprias armas.

Sem dizer uma palavra, Khalid avançou.

— Cavalheiros! — Sherazade o interrompeu. — Isso parece um pouco... prematuro. Acredito que toda essa situação possa ser atribuída a um equívoco. Por favor, aceitem minhas sinceras desculpas pela nossa participação no assunto. Na verdade, isso é entre mim e o... cavaleiro de maneiras questionáveis.

— Minhas maneiras questionáveis? Ora, sua cadela dos infernos! — o rapaz avançou.

— Chega! — Khalid ergueu sua *shamshir* ao luar, a lâmina prateada brilhando ameaçadora.

Preparado para matar.

— Pare! — O tom de Sherazade beirava o desespero.

— Eu disse *chega*, Shazi. Já ouvi o suficiente — Khalid disse com uma inflexão letal.

— Sim. Deixe-o fazer o que quiser, Shazi. Sete contra um? Gosto da proporção — o idiota continuou.

Você não tem ideia do que está dizendo. O segundo melhor espadachim de Rey vai cortar todos vocês, um a um. Sem nenhuma hesitação.

Então o idiota tirou sua cimitarra enferrujada da bainha.

A esse gesto, Sherazade armou o arco e disparou, num único movimento rápido. A flecha voou em uma espiral perfeita, apesar da origem humilde do arco e das penas enlameadas.

E perfurou o pulso do idiota.

Ele urrou em agonia, deixando a cimitarra cair com um baque.

Antes que alguém tivesse a oportunidade de reagir, Sherazade já tinha armado outra flecha no arco. Ao esticar a corda, sentiu o tendão ceder.

Ai, meu Deus.

Mesmo assim ela se aproximou lentamente de Khalid, a sua flecha armada e em posição.

— É, todos vocês se enganaram. Nunca foi sete contra um. E eu sugiro fortemente que os sete corram de volta para suas casas. Porque o próximo que puxar uma arma... o próximo que der um passo sequer à frente... vai receber uma flechada no olho. E posso garantir que meu amigo é ainda menos misericordioso.

Ao sinal de um movimento à sua esquerda, Sherazade virou e mirou, o arco mais retesado ainda. Outra vez ela sentiu o tendão se desfiar na altura de sua orelha.

— Não me testem. Vocês não significam nada para mim.

Seus joelhos tremiam, mas sua voz era fria como uma pedra imersa na água.

— Isso não vale a pena — um dos apostadores resmungou. Ele guardou sua arma e deixou a viela. Logo outros o seguiram, até que os únicos remanescentes eram o encenqueiro original e seu trio de canalhas.

— Acho que já teve o bastante, senhor. — Os dedos de Sherazade ainda estavam presos no arco e flecha.

Ele segurou o pulso flechado quando seus amigos saíram da viela. Seu rosto contorcido de fúria e da angústia de um homem vencido de todas as maneiras. Lágrimas de dor desciam por sua face, e um vermelho tingia seu antebraço.

Cerrando os dentes, ele ainda disse:

— Cuidado, seu mal-humorado. Antes que ela o arruíne também.
— E partiu, soluçando por causa da ferida.

Sherazade não baixou o arco até que a viela estivesse totalmente vazia.

Quando se virou, Khalid estava de pé com a *shamshir* ao seu lado...

Seu rosto desprovido de emoção.

— Naquele dia no pátio — ele começou —, você não errou o alvo.

Sherazade respirou fundo.

— Não. Não errei.

Ele balançou a cabeça.

Então colocou a espada na bainha.

Faça isso agora. Ele está desarmado. Seria perfeito. Até melhor do que o plano original de embebedá-lo e, eventualmente, envenená-lo.

— Shazi.

Agora. Faça justiça por Shiva e por todas as moças que morreram por nada, sem razão ou explicação.

— Sim?

Solte o arco.

Ele deu um passo em sua direção. Seu olhar varreu seu corpo, queimando onde a tocava.

Acabe com isso. Acabe com isso e vá para Baba. Para Irsa.

Para Tariq.

Sherazade continuava a segurar com força a arma. Ela respirou fundo, preparando-se para atirar... quando o tendão rompeu e a ponta de seu dedo se soltou.

Uma covarde que não vale nada.

— Você é... extraordinária. Todos os dias penso que vou ficar surpreso com quanto você é extraordinária, mas não fico. Porque isso é o que significa ser você. Significa não conhecer limites. E viver sem limites é tudo o que você faz.

Com cada palavra, ele quebrou todas as barreiras, todas as muralhas. E o desejo de Sherazade lutou contra ela, deu um grito silencioso, enquanto seu coração congratulou-se com essa invasão, como um pássaro recebe o amanhecer.

Como os moribundos alcançam a graça em uma prece correspondida.

Ela fechou os olhos, segurando com força o arco e flecha sem utilidade.

Shiva.

Quando os abriu novamente, ele estava diante dela.

— Não gostei quando você me chamou de amigo — ele disse, um brilho nos seus olhos cor de âmbar.

Ele a tocou no rosto, erguendo-lhe o queixo.

— Você prefere “meu rei” ou “*sayyid*”? — Ela engasgou na secura da sua tristeza.

Ele se inclinou para a frente, a testa quase roçando a dela.

— Prefiro Khalid.

Sherazade engoliu em seco.

— O que você está fazendo comigo, sua praga? — ele sussurrou.

— Se sou uma praga, então você devia se manter a distância, a não ser que planeje ser destruído. — Com a arma ainda nas mãos, ela o empurrou.

— Não. — As mãos agora na sua cintura. — Me destrua.

O arco e flecha caiu ao chão no momento em que ele aproximou sua boca da dela.

E ninguém recuou.

Ela estava se afogando em sândalo e luz do sol. O tempo deixou de ser mais do que um conceito. Seus lábios eram dela por um instante. E os dela eram de Khalid. O gosto dele na sua língua era como mel aquecido ao sol. Como água fresca deslizando na sua garganta sedenta. Como a promessa de todos os seus amanhãs em

um único suspiro. Quando Sherazade passou os dedos por seus cabelos para trazê-lo para mais perto de seu corpo, ele parou para respirar, e ela sabia, e ele também, que estavam perdidos. Perdidos para sempre.

Nesse beijo.

Esse beijo que iria mudar tudo.

Juras perdidas

Ela queria se livrar das mãos dele. E não queria.

O toque dele queimava a sua pele.

A vergonha. A traição.

O desejo.

Como pude desperdiçar uma oportunidade tão perfeita? Por que hesitei?

Ela sabia que o arco sem utilidade não era culpa sua. Mesmo assim, a autorrecriinação não podia ser silenciada.

No momento em que pisaram no pátio do palácio, Sherazade tentou se afastar.

Khalid simplesmente apertou sua mão com mais força.

Um contingente de guardas estava de prontidão, preparados para receber o califa na sua chegada. O *shahrbán* de Rey olhou para os dedos entrelaçados e desviou os olhos castanhos para Sherazade, numa acusação dolorosa.

Ela respondeu com um olhar desafiador.

— *Sayyidi* — ele fez uma reverência afetada para Khalid.

— General Al-Khoury. Está tarde. Não esperava vê-lo uma hora dessas.

— O paradeiro de meu rei era desconhecido. Por isso não podia ficar de braços cruzados aguardando o amanhecer.

Sherazade quase riu.

— Sua vigilância é apreciada — Khalid respondeu.

Ele grunhiu em resposta, e seu olhar novamente voltou-se para Sherazade.

— Tenho certeza de que foi uma noite exaustiva, *sayyidi*. Ficaria feliz de escoltar a rainha para os seus aposentos.

— Não será necessário. Eu mesmo vou levá-la. E depois gostaria de falar com você na antecâmara.

O *shahrbān* concordou.

— Esperarei sua chegada, *sayyidi*.

Khalid seguiu pelos corredores escuros com Sherazade a seu lado, cercado por sua escolta de guarda-costas. Ali, nas passagens frescas e sombrias de mármore e pedra do palácio, ela testemunhou suas feições retrocederem a um lugar distante. Um lugar onde ninguém podia segui-lo.

O único indício — a única pista de que ela ainda fazia parte de sua realidade — era a sua mão entrelaçada na dele.

Mas Sherazade não se importava com isso.

Não devia importar. Ele não deveria importar.

Outra vez ela tentou se desvencilhar. De novo ele simplesmente segurou-a com mais firmeza.

O Rajput estava esperando do lado de fora dos seus aposentos. Ele cumprimentou Khalid com a rudeza de um amigo, e um dos guardas abriu as portas.

Assim que elas foram fechadas atrás deles, Khalid soltou sua mão.

Sherazade se virou para ele, insegura.

— Por que o general Al-Khoury não gosta de mim? — ela perguntou de chofre.

O olhar de Khalid encontrou o dela.

— Ele a vê como uma ameaça.

— Por que ele me vê como uma ameaça?

— Porque ele não a entende.

— E ele precisa me entender? Porque eu não o entendo.

Khalid suspirou.

— Então você está preparada para responder às minhas perguntas?

Muito bem. Eu também tenho perguntas.

— Que perguntas?

— Responderei às suas perguntas quando você estiver pronta para responder às minhas.

— Khalid...

Ele se inclinou para a frente e lhe beijou a testa.

— Durma bem, Shazi. — A mão dele deslizou até sua cintura, como que pedindo permissão.

Sherazade engoliu um pouco de ar.

Isso é loucura. Ele me enfraquece. Ele me faz esquecer.

Eu devia afastá-lo.

Mas ela queria tanto aninhar-se contra seu corpo. Perder-se em mel e luz do sol e esquecer tudo, menos a sensação de ficar presa na armadilha tão tentadora que ela mesma armou.

— Obrigado... pela aventura — ele disse.

— Foi um prazer.

Ele armou um sorriso brincalhão. Um convite.

Mas o peso da traição pairava sobre ela e fazia-se sentir em cada movimento. Condenando-a por sequer imaginar um minuto nos braços dele e insistindo para que não sucumbisse outra vez aos desejos de um coração inconstante.

Como posso desejá-lo? Depois que ele matou Shiva? Depois que matou tantas moças sem nenhuma explicação?

O que há de errado comigo?

Enquanto Sherazade olhava para ele, indecisa, Khalid retirou a oferta tão rápido quanto a havia feito.

— Boa noite, Sherazade.

Ela suspirou, o pior tipo de alívio.

— Boa noite, Khalid.

Sherazade olhou as portas se fechar atrás dele.

Se eu tiver outra oportunidade, será que vou arriscar? Será que consigo fazer o que precisa ser feito?

Com os braços pendurados do lado do corpo, cerrou os punhos.

Talvez não consiga matá-lo eu mesma, mas preciso fazer o que é necessário.

Vou descobrir por que ele matou todas as suas noivas.

E o punirei por isso.

Ele ficou de pé do lado de fora das portas.

Arrasado.

Era algo que estava se tornando comum ultimamente.

Ele adiava isso.

Khalid ignorou a expressão empática do Rajput quando ele saiu em direção a seus aposentos. Como de costume, o senso de humor dos guarda-costas era inoportuno e vinha em má hora.

Os passos de Khalid ecoaram nos corredores sombrios de pedra. O granito calejado e a ágata com veios azuis de seu palácio serviam para oferecer refúgio aos gritos dos fantasmas.

Um abrigo para pesadelos...

Até a chegada de Sherazade.

Uma verdadeira praga de moça. E ainda assim uma rainha em cada sentido da palavra.

Sua rainha.

Ele deixou os soldados do lado de fora da antecâmara que levava a seus aposentos privados.

O general Al-Khoury o aguardava, sentado diante de uma mesa de ébano com duas lamparinas de bronze, lançando halos de luz dourada, e um bule de chá de prata sobre um réchaud.

O *shahrban* ficou de pé à entrada de Khalid na antecâmara.

— *Sayyidi*.

— Sente-se, por favor. — Khalid se sentou nas almofadas de frente para ele. — Peço desculpas pela hora, mas tenho algo importante para discutir com você. E, por isso, vou dispensar as formalidades.

— Claro, *sayyidi*.

— A ordem em vigor que diz respeito à rainha... Será que não fui claro antes de viajar na semana passada?

O *shahrbán* ficou mais agitado e perturbado.

— *Sayyidi*...

— Não haverá mais nenhum atentado contra a vida dela.

— Mas, *sayyidi*...

— Não. Nenhum truque sorrateiro. Nem açúcar envenenado. Além disso, tomarei qualquer tentativa de ir contra essa ordem como um atentado à minha própria vida. Está me entendendo, general?

— *Sayyidi!*

— Estou lhe fazendo uma pergunta, general Al-Khoury.

O *shahrbán* se enfureceu por um segundo.

— Não posso responder a ela.

— Tio Aref!

A explosão tão inesperada de Khalid pairou no ar, juntamente com a tensão de tantas coisas não ditas.

— Ela será sua ruína.

— Essa decisão é minha.

— Então você vai minar tudo o que foi feito? Não importa quanto nossas ações tenham sido inconcebíveis, estamos quase no final agora. Por favor. Eu lhe imploro. Reconsidere. Ela é apenas uma moça. O que significa para você? Não podemos confiar nela, Khalid *jan*. Ela já lhe explicou por que se voluntariou? Já confessou suas motivações? Quem é essa moça? Eu lhe imploro. Você não pode se opor. Não permita que essa jovem insolente seja a causa da sua ruína.

Khalid olhou através da mesa para o tio.

— Eu já me decidi.

O *shahrbán* hesitou.

— Por favor. Se você... você a ama? Diga-me que você não ama essa moça, Khalid *jan*.

— Não é sobre amor.

— Então por quê? Você não tem de tomar parte nisso. Apenas saia do caminho. Cesse todo contato com ela, como fez naquela noite, e eu dou um jeito ao amanhecer.

— Não. Eu tentei, tio Aref. Naquela manhã... — Khalid fez uma careta ao se lembrar.

O *shahrban* estreitou os olhos.

— E ainda assim você não a ama?

— Você conhece meus pensamentos a esse respeito.

— Então o que você quer dessa moça insolente, Khalid *jan*?

— Algo mais.

— E se as chuvas tornarem a cessar?

Khalid parou.

— Farei o que é certo para o povo de Rey.

O *shahrban* suspirou profundo e cansado.

— Você não será capaz de resistir a ela. Agora mesmo, posso ver quanto está lhe custando.

— De novo. Minha decisão.

— E seus inimigos festejarão enquanto isso o destrói por dentro e por fora.

Khalid se inclinou para a frente e apoiou a testa nas mãos.

— Então, confio que você vai garantir que eles nunca descubram — ele falou olhando para o chão; sua confiança no tio era implícita.

O *shahrban* concordou antes de apoiar as mãos no mármore e ficar de pé. Ele olhou para trás, para a figura exausta do seu rei, e ficou triste novamente.

— *Sayyidi?* Por favor, me perdoe esta última pergunta. Mas preciso saber... Ela vale esse risco?

Khalid levantou a cabeça, seus olhos refletindo um laranja-vivo à luz da chama bruxuleante.

— Na verdade? Não sei...

Os ombros do *shahrbān* despencaram.

— Mas posso dizer que não me lembro de querer tanto uma coisa — ele concluiu com voz tranquila.

E foi o sorriso cauteloso que Khalid deu para seu tio que finalmente convenceu o *shahrbān*... o primeiro sorriso verdadeiro que ele via no rosto do sobrinho em muitos anos.

— Khalid *jan*. Vou proteger sua rainha. O máximo que eu puder.

— Obrigado.

— *Sayyidi*. — O *shahrbān* começou a fazer sua reverência.

— General Al-Khoury?

— Sim?

— Por favor, mande o faquir entrar quando você sair.

— Sim, *sayyidi*.

— E se eu puder perguntar uma última coisa...

— Claro.

— Você fez algum progresso na sua investigação sobre o paradeiro da família da rainha?

— Não, *sayyidi*. Nós ainda estamos investigando.

Khalid passou os dedos pelo cabelo preto, despenteando-o.

— Continue as buscas. Seja incansável nos seus esforços.

— Sim, *sayyidi*. — Com a mão na testa, o *shahrbān* saiu da antecâmara.

Khalid tirou a *rida'* preta dos ombros e a largou no colo. Ele sabia que era provável que Sherazade tivesse mandado a família para longe ou que eles tivessem fugido por conta própria, deixando para trás uma enorme quantidade de perguntas não respondidas. E ele achou que o desaparecimento aconteceu muito próximo do casamento para ser apenas uma coincidência.

Se pudesse encontrar a família dela, talvez conseguisse obter as respostas que tanto desejava.

Mas será que ele iria querer essas respostas quando elas estivessem a seu alcance?

Tantas dúvidas o atormentavam.

Ele podia perguntar a ela.

Perguntar a ela para onde havia mandado sua família. O que estava escondendo dele.

Por que ela insistia em atormentá-lo.

Mas a ideia de que ela pudesse mentir para ele... de que aqueles olhos, com sua surpreendente variação de cores, de brilho azul em um minuto a verde no seguinte, que pintavam seu mundo de dourado ao sorrir... que aqueles olhos pudessem se esforçar para esconder a verdade, isso doía nele mais do que estava pronto para admitir.

Porque ele havia mentido para ela uma única vez.

Ele enrolou a capa empoeirada em seu pulso e a atirou para um canto. Suas pálpebras estavam pesadas, e sua visão começava a ficar borrada. Agora, quanto mais tempo olhava para as coisas, mais difícil era se concentrar. A dor de cabeça estava se agravando.

Uma batida na porta da antecâmara o arrancou de seus pensamentos.

— Entre.

Uma figura espectral, vestida de branco, cortou a escuridão até a luz da lamparina. Sua barba longa lhe chegava até o peito.

— *Sayyidi*.

Khalid suspirou.

— Está pior? — o faquir perguntou enquanto olhava no semblante abatido de Khalid.

— Na mesma.

— Parece pior, *sayyidi*.

— Então é bom que você esteja aqui. — Os olhos de Khalid brilharam, cautelosos.

O faquir suspirou devagar.

— Eu lhe disse. Não posso retardar os efeitos para sempre. Só posso garantir que isso não vai matá-lo. Por fim a loucura prevalecerá, *sayyidi*. Você não pode lutar contra isso.

— Entendo.

— *Sayyidi*, devo implorar. Não importa quanto seja repugnante, mantenha o curso anterior. Essa opção... não vai acabar bem.

— Seu conselho foi recebido e apreciado — Khalid respondeu em voz baixa.

O faquir concordou.

Khalid abaixou a cabeça. O faquir ergueu a palma das mãos à altura das têmporas de Khalid, deixando apenas o espaço para passar uma seda, e então fechou os olhos. O ar na antecâmara se acalmou. As chamas nas lamparinas ficaram longas e finas. Quando o faquir tornou a abrir os olhos, elas pareciam fortes como a lua cheia. Entre suas mãos, uma chama laranja cobria toda a testa de Khalid. O círculo pulsava amarelo e branco numa espiral ascendente, até que se retraiu de volta às mãos em concha do faquir.

Assim que a magia retornou ao seu reino de origem, as mãos do faquir caíram.

Khalid levantou a cabeça. Já não latejava tanto, se é que ainda latejava, e suas pálpebras já não estavam tão pesadas quanto antes.

— Obrigado.

— Logo virá um tempo em que eu não merecerei mais essa palavra, *sayyidi*.

— Você sempre merecerá essa palavra, não importa o que aconteça.

A tristeza lançou uma sombra sobre a face do faquir.

— Gostaria que todos em Khorasan pudessem ver o rei que eu vejo, *sayyidi*.

— Eles não ficariam muito impressionados. Por que eu atraí tudo isso para mim, não é mesmo? E, em consequência, eles têm que enfrentar o impensável.

O faquir fez uma reverência com a ponta dos dedos encostada na testa, e então flutuou até a porta.

Antes de sair, ele se virou.

— Por quanto tempo deveria um homem pagar por seus erros, *sayyidi*?

Khalid não hesitou.

— Até que todas as dívidas fossem perdoadas.

A honra da traição

Quando Sherazade acordou no dia seguinte, a luz do sol atravessava as cortinas abertas que davam para a varanda. Um ramo de laranjeira em flor estava num banquinho baixo ao lado da plataforma elevada.

Ao ver as flores brancas ao lado de sua cama, seu primeiro pensamento foi para Khalid. Ela esticou os braços, tentando ao máximo ignorar a pontada de culpa que sentia.

— Gostou? — perguntou Despina. — Achei que você gostaria.

Sherazade levantou a cabeça do travesseiro.

— Como?

— Você tem uma estranha preocupação com flores, então pedi que trouxessem algumas para o seu quarto.

— Ah. Obrigada.

Despina deu uma risadinha.

— Você não parece grata. Parece desapontada.

Sherazade rolou na cama. Levantou-se e vestiu sua *shamla*.

Eu odeio como ela repara em tudo. Quase tanto quanto a odeio por estar certa.

Enquanto Sherazade descia do estrado, Despina tirou a tampa da terrina de sopa.

E Sherazade a ouviu prender a respiração ao fazer isso.

— O que foi? — Sherazade se sentou nas almofadas diante da mesa baixa.

— Nada — Despina guinchou.

Sherazade olhou para a camareira, e seu coração se sobressaltou.

A testa de Despina estava coberta de suor. Sua coloração delicada de mármore e coral tão irrepreensível estava decididamente verde e pálida. Suas rugas estavam bem marcadas pela apreensão.

Seus dedos graciosos tremiam perto de seu vestido de linho lilás lindamente drapeado.

Ela estava exatamente igual ao dia em que o chá de Sherazade tinha sido envenenado.

— Onde está a criada que experimenta a comida? — A voz de Sherazade vacilou no final da pergunta.

— Ela acabou de sair. — Era uma resposta seca, dita contra a vontade.

Sherazade concordou.

— Certo. Vou lhe perguntar mais uma vez, Despina. O que foi?

Despina balançou a cabeça, afastando-se da mesa.

— Nada. Não há nada de errado, Sherazade.

Sherazade se levantou, batendo na ponta da bandeja.

— Não me obrigue a fazer isso!

— Fazer o quê?

— Por que você está tão assustada?

— Não estou assustada!

— Venha cá.

Despina hesitou antes de se reaproximar da mesa. E, quando ficou ao lado de Sherazade, a tremedeira piorou, e ela fechou os lábios em uma única linha, de um rosa brilhante.

Sherazade voltou a sentir pena.

— Sente-se.

— Como? — A palavra passou por entre os dentes cerrados.

— Sente-se, Despina!

— Eu... não.

— Não?

— Eu... não posso, Sherazade! — ela se afastou da mesa, levando a mão aos lábios.

— Como você pôde? — Sherazade murmurou.

— O quê? — Despina retrucou.

— Pare de mentir para mim! — Ela agarrou Despina pelo pulso e a trouxe para perto. — Por quê?

A mão de Despina ainda estava cobrindo a boca enquanto ela olhava para baixo, para a bandeja de comida.

— Responda-me! — Sherazade gemeu. — Como pôde fazer isso?

Despina balançou a cabeça, negando, as gotas de suor escorrendo pela testa.

— Despina!

Então, Despina pegou a tampa da terrina de sopa e, ruidosamente, começou a vomitar em cima dela.

Sherazade ficou chocada, os olhos se arregalaram enquanto via a camareira afundar no chão como um montinho miserável, segurando a tampa de prata com as duas mãos.

Quando o mal-estar de Despina passou, ela olhou para cima, para Sherazade, com os cílios manchados de lágrimas.

— Você... é uma fedelha miserável, Sherazade al-Khayzuran. — Ela engasgou.

No início, Sherazade não conseguiu entender do que ela estava falando.

— Eu... você está... Despina, você está...? — Sherazade ligou os pontos. Então limpou a garganta. — Então, está?

Despina ficou de joelhos, secando a testa com o braço. Ela suspirou, vencida.

— Eu a desprezo de verdade neste momento.

— Me odeie ou não. Mas responda à minha tentativa falha de pergunta.

Despina soltou o ar de maneira sofrida.

— Sim.

Sherazade caiu para trás, descrente, por cima das almofadas.

— Por Hera.

Despina riu, com rouquidão.

— Preciso dizer que você posando de amiga é um sinal que aquece o coração. Especialmente à luz da suspeita de que eu a estava envenenando.

— Bem, o que mais eu podia pensar? Especialmente depois do incidente com o chá na semana passada. Imagino que você também estava enjoada naquele dia, certo?

A camareira suspirou outra vez.

— Despina — disse Sherazade —, quem é o pai?

— Ah, não vou responder a essa pergunta.

— Como? E por que não?

— Porque você divide seu leito com o califa de Khorasan.

— Ah, a teia de segredos fica mais grossa a cada dia! — Sherazade retrucou. — Então ele é o pai?

— Não!

— Então qual a relação?

Despina se sentou sobre os calcanhares.

— Porque não posso confiar que você não vai contar a ele.

— Como? Eu não conto nada para ele.

— Você não precisa. Seus olhos procuram pelos dele no instante em que sai deste quarto.

— Não procuram! — Sherazade guinchou.

— Por Zeus, meus ouvidos. — Despina tapou as orelhas. — Não berre. Eu lhe suplico.

— Não contarei a Khalid. Eu juro.

— Khalid? — Os lábios de Despina armaram um sorriso. — Sei que você é persistente em seus esforços, califa-pirralha, mas eu desistiria neste caso. Você vai se decepcionar quando suas tentativas de persuasão não funcionarem comigo...

Sherazade franziu a testa.

— Afinal, não sou o Rei dos Reis.

— Basta! — Sherazade corou. — Diga-me quem é.

— Sinto muito, Sherazade, mas não vou lhe contar. Eu simplesmente não posso.

— Você *não pode*? — Sherazade removeu as palavras. — Então ele deve ser alguém importante.

— Não force — Despina disse com secura.

— Eu imagino... — Sherazade ignorou o olhar ameaçador de Despina e tamborilou os dedos no queixo. — Não pode ser o Rajput nem nenhum dos outros guardas do palácio. Não haveria nenhuma razão para uma pessoa ousada como você esconder isso.

— Sherazade...

— Então — Sherazade continuou —, ou deve ser o *shahrbán* de Rey, o que é absurdo, ou... — Seu rosto se suavizou diante do súbito entendimento. — Jalal.

Despina caiu na gargalhada.

— O capitão da guarda? Nem eu sou tão ousada. O que faz você...

— Na verdade, você é bem ousada. — Sherazade empurrou a bandeja de comida e apoiou os cotovelos na borda chanfrada da mesa baixa. — E isso explicaria o seu comportamento estranho quando ele está por perto.

— Você está sendo ridícula. — Despina riu de novo, o som ficando mais agudo, os olhos azuis brilhando intensamente.

Sherazade sorriu devagar.

— Sei que estou certa.

Despina encarou-a, num silêncio taciturno.

— Não precisa se preocupar. — Sherazade apoiou o queixo na palma da mão. — Seu segredo está seguro. Você pode confiar em mim.

— Confiar em você? — Despina escarneceu. — Confiaria antes num coador.

— Isso... é bem injusto.

— É mesmo? Você não confia em mim.

— Claro que não confio. Você é uma espiã confessa, e eu já quase morri duas vezes sob sua guarda. — Sherazade olhou para ela, incisiva.

Despina piscou.

— Não seja tão dramática.

— Dramática? Preciso lembrá-la a respeito do chá?

— Você ainda acha que fui *eu*?

— Então quem foi? — Sherazade perguntou. — Se você quer que eu confie em você, me diga quem foi o responsável.

— Não foi o califa, se é isso que está perguntando. Ele ficou... um bocado furioso quando descobriu isso.

— Foi o *shahrbān*?

Despina não disse nada, mas não conseguiu esconder um movimento involuntário de confirmação.

— Não estou surpresa — Sherazade continuou. — Eu já suspeitava.

— Já? Talvez você devesse ser a espiã e eu, a califa.

— Talvez. Mas acredito que sua gravidez de outro homem pode ser um obstáculo para isso — Sherazade disse com ironia. — Jalal sabe sobre o bebê? Se sabe, ele devia casar com você. Ou enfrentar a minha ira. A escolha é dele.

— Ele não sabe. E eu não pretendo lhe contar. — Despina ficou de pé e ajustou as dobras do vestido. — Porque eu não acho que ele precise saber.

— Bem, isso é simplesmente ridículo.

Despina prendeu uma mecha do cabelo dourado atrás da orelha.

— Pode ser. Mas, por ora, prefiro acreditar que não é.

Sherazade observou triste e em silêncio a camareira começar a limpar a bagunça como se nada tivesse acontecido. Como se um

mundo de coisas não tivesse sido descortinado havia apenas alguns minutos.

Como um canário em uma gaiola dourada, Despina esvoaçava, deslumbrante e resiliente.

Preso.

— Você devia descansar — Sherazade sugeriu.

Despina hesitou, a meio caminho.

— O quê?

— Você está grávida. Não precisa mais esconder de mim. Sente e descanse.

Os olhos de Despina ficaram marejados e cristalinos por um instante antes de voltarem a ser azuis.

— Não preciso descansar.

— Eu insisto.

— Realmente, não...

— Descanse esta manhã. Vou com o Rajput ao campo de treinamento praticar tiro. Encontre-me lá quando se sentir melhor. — Sherazade começou a preparar uma xícara de chá. — Você acha que um pouco de chá a ajudaria com o enjoo?

— Eu posso fazer o chá — Despina sussurrou.

— Eu também.

Despina parou, olhando para baixo, para a figura da menina pequena com um longo rabo de cavalo despenteado.

— Sherazade?

— Sim?

— Você não é nada do que se espera.

— Isso é para ser um elogio? — Sherazade sorriu por cima do ombro.

— Claro. Acho que foi o que a manteve viva.

— Então sou muito agradecida por isso.

— Eu também. — Despina sorriu. — Muito agradecida.

Um grito alegre soou quando uma flecha entrou no alvo do lado oposto do campo com um baque. Os gritos dos soldados se tornaram um coro de risadas subindo para o céu cheio de nuvens.

Um céu tingido pelo cheiro de chuva iminente.

Sherazade sorriu para Jalal.

Os ombros dele sacudiram por uma felicidade silenciosa. Ele correu a mão livre pelos cabelos castanhos cacheados e deu de ombros para seus homens.

— Você não pode vencer isso, capitão Al-Khoury — Sherazade anunciou.

— De fato. Não posso, minha senhora. — Ele fez uma reverência, com os dedos na testa. — Sua flecha acertou o alvo. A minha... não. Diga seu preço.

Sherazade pensou por um instante. Sua pergunta tinha que ser bem-feita. Tinha que servir para nunca mais desafiarem sua capacidade com o arco e flecha. Também tinha que ser bem fraseada. Jalal tinha o dom de dar respostas evasivas e eloquentes voltas para não responder.

— Por que você tem permissão para chamar o califa por seu primeiro nome?

Jalal jogou o arco de uma mão para outra. Cauteloso. Calculando.

— Khalid é meu primo. Meu pai casou com a irmã do pai dele.

Sherazade teve dificuldade de ocultar a surpresa. Esse tinha sido o máximo de informação que ela tinha conseguido durante toda a manhã.

Jalal sorriu com um brilho perigoso nos olhos castanhos.

— Escolha o próximo alvo, Sherazade.

Ela examinou o pátio.

— O ramo mais alto da árvore à direita, atrás do telhado.

Ele ergueu as sobrancelhas avaliando o desafio, enquanto puxava uma flecha da aljava e a encaixava na corda. Quando esticou a corda, as pontas do arco longo quase não se moveram.

Jalal era um arqueiro excelente. Não tão talentoso quanto Tariq, mas preciso e correto em seus movimentos. Ele soltou a flecha. Ela voou em espiral e passou por cima do telhado antes de atingir o ramo mais alto, fazendo a árvore estremecer toda com a força do impacto.

Os homens começaram a comemorar seu acerto.

Sherazade encaixou uma flecha no seu arco recurvo. Fechou os olhos enquanto mirava. E soltou o ar ao armar o tiro.

No instante em que abriu os olhos, Sherazade soltou a flecha. Ela subiu nos ares, passou pelos galhos...

Enterrando-se logo abaixo do alvo pretendido.

Sherazade franziu a testa.

Os soldados soltaram outro grito de vitória. Novamente, Jalal fez uma reverência, dessa vez com as mãos esticadas ao longo do corpo.

— Ah, não seja exibido — Sherazade ralhou. — É bem inconveniente.

— Eu nunca fiz isso. Na minha vida toda.

— Acho difícil de acreditar.

— Ser exibido é para homens mais fracos.

— Então pare de sorrir como um bobo.

Jalal riu e ergueu os braços para o céu.

— Mas vai chover, Sherazade. E eu adoro a chuva.

— Apenas receba seu prêmio, capitão Al-Khoury — Sherazade resmungou, cruzando os braços na altura do peito e deixando seu arco recurvo cair a seus pés.

— Não fique tão chateada comigo. Fui um bocado justo com as minhas perguntas.

Ela revirou os olhos.

— E agora — ele continuou —, esta será a minha primeira pergunta desleal do dia.

A postura de Sherazade mudou ao ouvir isso, antes mesmo que a reação refletisse em seu rosto.

Jalal chegou mais perto, balançando o arco longo sobre os ombros.

— Onde está a sua família, minha senhora? — ele perguntou em voz baixa.

Eles estão procurando a minha família... como eu já esperava.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Salva.

— Isso não é uma resposta.

— Num lugar de areia e pedra.

— Isso também não é uma resposta. Tudo é feito de areia e pedra.

— Você não pode me obrigar a lhe dar uma resposta melhor, Jalal. Essas são as minhas respostas. Se não gostar delas, podemos parar o nosso jogo.

Os olhos dele tinham uma estranha mistura de discernimento e divertimento. E nesse momento ela viu mais de seu pai nele do que já havia visto até então. E entendeu.

Isso não era apenas seu trabalho. Jalal al-Khoury estava protegendo a sua família. Para ele, família vinha sempre em primeiro lugar.

E ela não era da família.

— Não — ele respondeu. — Mas gostaria de fazer outra pergunta no lugar da última. Já que sua resposta não foi nada satisfatória, acho que é justo que eu possa fazer outra pergunta.

— Como assim?

— Prometo lhe dar o mesmo direito.

— Jalal...

— Por que você sempre fecha os olhos antes de mirar?

— Porque... — Sherazade hesitou. — Eu...

Que mal havia nisso?

— Aprendi a atirar em um lugar em que o sol prega peças ao pensamento. Você não podia confiar nele se quisesse mirar bem. Então eu tinha de praticar até que conseguisse ser boa o suficiente para só precisar da luz para a piscadela de um olho.

Jalal segurou o arco longo com a palma das mãos. Um sorriso lento se alastrou por seu rosto marcado pelo sol.

Isso enervou Sherazade. E fez com que quisesse provocá-lo.

— Isso foi bem melhor — ele falou alto. — Você sabe que as coisas não precisam ser tão difíceis, Sherazade.

— Do que está falando?

— Exatamente o que falei. Da próxima vez, apenas responda à pergunta.

— Vamos ver. Escolha o próximo alvo, Jalal.

Seu sorriso se alargou.

— Sim, minha senhora. — Ele estudou o pátio. E então apontou para uma coluna fina com um *tabarzin* encostado nela. — O vencedor é o arqueiro cuja flecha ficar mais perto da lâmina do machado.

Era de longe o tiro mais difícil. O cabo de madeira do machado era bem estreito perto da lâmina e estava encostado na coluna num ângulo esquisito que não permitia ver direito. Para piorar, a tempestade que se aproximava fazia ventar, o que derrotaria até mesmo os arqueiros mais talentosos.

Jalal atirou primeiro. Ele esperou se acalmar o máximo possível antes de posicionar a flecha e atirar. Ela espiralou na direção do *tabarzin* e conseguiu atingir a madeira do punho.

Um feito impressionante.

Sherazade puxou uma flecha da aljava às suas costas. Ela a ajeitou com firmeza. Fechando os olhos, ficou sentindo a brisa em seu rosto, calculando a trajetória. Seus dedos curvados pentearam as cerdas das penas brancas.

Ela abriu os olhos e localizou a pequena faixa de madeira que ficava antes da lâmina do machado.

Então atirou a flecha.

Ela navegou através do vento, por sobre a areia... e cravou no cabo, a um fio de cabelo do metal.

Os soldados gritaram juntos em total incredulidade.

Jalal começou a rir.

— Meu Deus. Talvez eu deva tentar não mirar na minha vez.

Sherazade imitou a reverência que ele havia feito antes, seus braços esticados ao longo do corpo.

Ele riu mais ainda.

— Bom, você ganhou a sua próxima pergunta, minha senhora. Faça a pior delas.

Sim. É o que eu farei.

Está na hora de saber a verdade.

Ela se aproximou.

— Qual é a verdadeira razão de todas as noivas de Khalid terem de morrer?

A pergunta foi formulada num fiapo de voz. Só Jalal poderia ter ouvido.

Mas foi como se ela tivesse gritado de cima dos telhados.

O ar divertido de Jalal evaporou, extinto pela seriedade que ela não havia visto nele antes.

— Esse jogo acabou.

Sherazade franziu os lábios.

— Por que é você quem decide as regras em todas as frentes?

— Acabou, Sherazade — ele disse, confiscando o arco recurvo da mão dela.

— Ao menos me dê o direito de fazer outra pergunta.

— Não.

— Você me prometeu esse direito!

— Sinto muito, mas não posso honrar minha promessa.

— Como assim?

— Desculpe-me. — Ele foi até a bancada de armas e pôs o arco longo e o recurvo em seus respectivos lugares.

— Jalal! — Sherazade correu atrás dele. — Você não pode...

Ele acenou com a cabeça para o Rajput, que saiu na direção de Sherazade.

Furiosa, Sherazade pegou uma cimitarra da bancada de armas.

— Jalal al-Khoury!

Quando ele ainda assim a ignorou, Sherazade ergueu a espada com as duas mãos, e o Rajput se aproximou ainda mais.

— Como você ousa me dispensar, seu idiota? — ela berrou.

Com isso, Jalal se virou, vacilante. Ela brandiu a pesada espada num arco malfeito com a intenção que ele a levasse a sério.

Ele se esquivou dela e instintivamente levou a mão até a cimitarra em seu quadril.

— Que diabos está fazendo, Sherazade?

— Você acha mesmo que pode me tratar dessa maneira?

— Abaixе a espada — ele falou com severidade.

— Não.

— Você não tem razão para manejar uma espada dessa maneira.

Abaixе isso.

— Não!

Quando ela deu outro golpe desajeitado, Jalal foi obrigado a se defender com a sua própria espada. O Rajput rugiu e desembainhou sua *talwar*, afastando Jalal dela com um único empurrão.

— Pare com isso! — Sherazade falou para o Rajput. — Não preciso de sua ajuda.

O Rajput riu para ela com claro desdém.

— Você está, ele está... rindo de mim? — Sherazade perguntou incrédula.

— Acho que sim — Jalal respondeu.

— Inacreditável. O que é engraçado?

— Imagino que seja a visão de você girando uma espada de uma maneira tão errada e a presunção de que não precise da ajuda dele.

Sherazade virou-se para encarar o Rajput.

— Bem, cavalheiro, se você tiver intenção de me ajudar, em vez de rir de minha inépcia, faça algo a respeito!

O Rajput continuou zombando dela.

— Ele não vai ajudá-la, Sherazade — Jalal disse, reassumindo seu aspecto convencido. — Eu daria um palpite de que não são muitos soldados aqui, exceto eu, que se arriscariam a se aproximar de você.

— E por quê?

— Bem, a essa altura todos os soldados de Rey sabem o que aconteceu com o último guarda que ousou pôr as mãos numa rainha. Por isso, se eu fosse você, pararia de tentar convencer o Rajput a lhe dar lições de esgrima. Apesar de você ter tentado com tanta educação — Jalal brincou, secamente.

— O que... — Sherazade franziu a testa. — O que aconteceu com o guarda?

Jalal deu de ombros.

— Um monte de ossos quebrados. Seu marido não é um homem misericordioso.

Maravilhoso. Mais uma característica para levar em consideração.

— Por isso, por favor, abaixe a espada e volte ao palácio, minha senhora — Jalal terminou num tom firme.

— Não ouse me dispensar, Jalal al... — E sua descompostura morreu em seus lábios antes mesmo de começar.

Ela quis se virar.

Porque ela sabia, instintivamente, que ele estava lá. Não havia uma explicação lógica para isso, mas ela sentiu sua presença atrás dela, como a mudança sutil das estações. Uma mudança no vento. Isso não era necessariamente uma mudança bem-vinda. Ela não sofria desse tipo de ilusão. Ainda não.

Mas mesmo no instante em que as folhas se desprendem dos ramos — até nesse momento — há alguma beleza. Uma glória própria.

E essa mudança? Ela fez seus ombros ficar contraídos e seu estômago doer.

Era real... e aterradora.

— Este momento não poderia ser mais perfeito — Jalal murmurou, olhando para a sua esquerda.

Ainda assim Sherazade não se virou. Ela segurou a cimitarra com força com as duas mãos, e o Rajput se aproximou ainda mais, sua *talwar* brilhante servindo como um aviso silencioso.

— Por Zeus, Sherazade! — gritou Despina. — É isso que acontece quando a deixo sozinha? Você se mete em uma briga de espada com o capitão da guarda?

Com isso, Sherazade virou a cabeça para a direita.

Despina estava ao lado de Khalid com um olhar preocupado e horrorizado em seu rosto bonito.

Khalid estava imperscrutável.

Frio como sempre.

Sherazade queria acabar com tudo naquele momento, com um golpe de espada. Queria poder agarrar Khalid pelos ombros e incutir um pouco de vida naquele rosto gelado.

Em vez disso, ela continuou com a mesma desculpa — aquela que dava para o mundo, e para si mesma.

— Então? — perguntou Despina.

Os olhos de Khalid se voltaram para a camareira.

— Minhas desculpas, *sayyidi*. Não tinha a intenção de me dirigir à rainha com tanta informalidade. — Despina curvou-se às pressas, a mão na testa.

— Você não precisa se desculpar, Despina. Não me meti numa briga com Jalal. Estamos apenas trocando umas poucas... lições. Aparentemente, não tenho talento com a espada. Existem limitações para a minha majestade — Sherazade gracejou.

— Graças aos deuses — Despina resmungou.

— Limitações se aplicam a todos nós, Sherazade. — Jalal sorriu, agarrando a oportunidade para ser mais irônico. — Não fique aborrecida.

Ela torceu o nariz para ele e jogou a espada no chão.

— Que limitações? — Khalid perguntou calmamente.

O som de sua voz deslizou por suas costas, fazendo-a se lembrar de água fresca e mel aquecido pelo sol. Ela rangeu os dentes.

— Por exemplo, não consigo empunhar uma espada. E isso parece ser crítico para um espadachim.

Khalid a observava enquanto ela falava.

— Pegue a espada — ele ordenou.

Sherazade olhou para ele. Ele piscou, e suas feições se suavizaram. Ela ergueu a cimitarra com as duas mãos. Então, para sua surpresa, Khalid se afastou e sacou a sua *shamshir*.

— Tente me atingir — ele disse.

— Está falando sério?

Ele esperou pacientemente, em silêncio.

Ela girou a espada em um golpe desajeitado.

Khalid aparou sem dificuldade e segurou o pulso dela.

— Isso foi horrível — disse, puxando-a contra seu corpo. — Outra vez.

— Você pode me dar alguma instrução? — ela pediu.

— Afaste os pés. Não jogue todo o seu corpo no movimento. Só da cintura para cima.

Ela se abaixou, a testa marcada pela irritação. Uma vez mais o atacou com a cimitarra, e ele aparou, pegando-a pela cintura e pressionando a lâmina contra sua garganta.

Em sua orelha, ele sussurrou:

— Se esforce mais, Shazi. Minha rainha não tem limitações. Ela não tem limites no que quer que faça. Mostre a eles.

Seu pulso se acelerou ao sentir o seu calor. Nas palavras e nas ações. Sua proximidade.

Ela se afastou e levantou a cimitarra.

— Movimentos menores. Mais rápido. Com maior leveza — Khalid comandava. — Não quero poder antecipar seu movimento.

Sherazade avançou. Khalid aparou o golpe.

O Rajput grunhiu, cruzando seus braços descomunais.

Depois que Sherazade avançou com a cimitarra na direção de Khalid mais algumas vezes, ficou chocada quando o Rajput avançou e chutou seu pé de apoio, obrigando-a a adquirir um alinhamento diferente. Então ele ergueu seu queixo barbado com um trejeito.

Ele... quer que eu mantenha a cabeça erguida?

Khalid aguardou, atento.

— Assim? — Sherazade perguntou ao Rajput.

Ele limpou a garganta e recuou.

Quando Sherazade olhou para Khalid novamente, seus olhos estavam acesos com uma emoção que ela reconhecia.

Orgulho.

E o momento era tão real que a ideia de que alguma coisa pudesse destruí-lo tirou todo o ar de seu corpo...

Como uma corda de seda no pescoço.

Uma ferida negra

Sherazade pegou um frasco de essência de água de rosas e o destampou. O perfume era inebriante, doce e forte, como um buquê de flores ao lado de um barril envelhecido de açúcar derretido. Intoxicante e misterioso.

Talvez um pouco demais.

Não combinava com ela.

Ela suspirou e colocou o frasco no lugar.

Após sua aula de esgrima improvisada, Sherazade e Despina retornaram aos aposentos para jantar. Depois sua camareira se recolheu ao pequeno quarto nos aposentos de Sherazade, deixando por descuido alguns cosméticos próximos ao espelho do canto. Sherazade já perambulava por ali várias vezes no curso das últimas horas.

Pensando.

Do lado do frasco, havia um potinho de marfim polido. Sherazade desrosqueou a tampa e descobriu uma mistura de cera de abelha e carmim. Ela enfiou o indicador na pasta brilhante e a passou nos lábios. Sentiu como era pegajosa e estranha à sua pele quando tentou fazer o bico que sempre admirava na camareira. Olhou para seu reflexo.

Estou ridícula.

Sherazade passou a mão para eliminar a viscosidade. Sua mão ficou rosada.

O que estou fazendo?

Ela caminhou para a plataforma em que ficava sua cama.

Nada disso estava certo.

Ela não estava ali para gastar seu tempo preocupando-se com sua aparência. Tal criancice estava abaixo dela. Ela viera para o

palácio com um único propósito: descobrir a fraqueza do inimigo e destruí-lo.

Como podia perder isso de vista por causa de um mero beijo? Por causa de um momento fugaz numa viela escura perto do *souk*.

Um momento que ficava revivendo com persistente frequência.

Sherazade soltou o ar e apertou os laços prateados de sua *shamla*. Ela não podia — *não iria* — se afastar de seu propósito.

Como será que isso aconteceu?

É porque ele não é o monstro que pensei que fosse.

Havia tanta coisa por baixo da superfície, e ela precisava descobrir o que estava na raiz disso tudo.

Por que o general Al-Khoury tentara envenená-la?

Por que Shiva tivera que morrer?

Sherazade não acreditava mais nas histórias que circulavam pelas ruas de Rey. Khalid Ibn al-Rashid não era um louco descendente de uma linhagem de loucos assassinos, capaz de uma violência incontrolável.

Era um menino com segredos.

Segredos que Sherazade queria descobrir. Já não era suficiente para ela estar a seu lado e acompanhar sua dança de gelo e pedra. Observá-lo se afastar, se entrincheirar num quarto em que ninguém podia entrar.

Ela ia arrombar a porta. E roubar todos os seus segredos.

Sherazade se aninhou numa pilha de almofadas que estavam em cima de sua cama.

O mínimo que podia fazer era fingir que não estava esperando por ele.

Que ela merecia mais do que isso.

Será que se importava mesmo com ele? Ela já sabia havia muito tempo que gostava dele, mas isso só criava dificuldades na empreitada mais perigosa de todas...

Gostar dele significava que ele tinha poder de verdade sobre ela. Que reinava sobre seu coração.

Sherazade suspirou, odiando seu coração fraco ainda mais a cada respiração. Se tivera que falhar tão abominavelmente na sua tarefa no *souk*, ao menos o seu coração não deveria ter sido cúmplice de sua falha. Onde estava a determinação, a armadura de aço que construía para si mesma havia tão pouco tempo?

Sua mente a levou para a noite antes de os soldados buscarem Shiva.

Elas tinham ficado acordadas, só as duas, encolhidas na escuridão azul, com uma única vela. Em vez de chorarem pelo que não mais aconteceria ou uivar para as estrelas pelo que estava para acontecer, Shiva insistiu para que rissem do que ainda tinham. Então sentaram no seu jardim, sob a lua prateada, e riram dos anos de lembranças partilhadas.

Isso era o que Sherazade tinha feito por Shiva.

O que Shiva tinha feito por Sherazade.

Naquela manhã, quando Sherazade a deixou para que a amiga pudesse passar seu último dia com a família, Shiva tinha sorrido para Sherazade e dito, com um simples abraço: "Eu a verei algum dia, minha querida. E nós sorriremos e riremos outra vez".

Tanta coragem.

Para tal traição.

Sherazade agarrou uma almofada e socou a seda.

Shiva. O que devo fazer? Eu... não consigo mais ter ódio. Ajude-me a recuperar isso. Quando vejo seu rosto... quando ouço a sua voz. Como posso fazer isso com você? Como posso gostar tanto de você e...

As portas da entrada rangeram ao se abrir. Sherazade se sentou, esperando ver os criados de costume com as suas roupas de noite.

Khalid estava de pé na soleira.

Sozinho.

— Você estava dormindo? — ele perguntou.

— Não.

Ele entrou no quarto e fechou as portas atrás de si.

— Está cansada?

— Não. — Os dedos de Sherazade apertados contra a seda.

Ele permaneceu na entrada.

Sherazade se levantou das almofadas e ajeitou a *shamla*. Havia ficado torcida quando ela passara pelo cortinado e pelo pé da cama.

— Você quer que eu termine a história de Aladim?

— Não. — Khalid caminhou e parou diante dela.

Ele parecia... exausto.

— Você não dormiu? — ela perguntou. — Você devia dormir.

— Devia.

O ar entre eles girava com a intensidade do não dito.

— Khalid...

— Choveu hoje.

— Sim, um pouquinho.

Ele concordou, seus olhos cor de âmbar flamejantes a um pensamento.

Sherazade piscou.

— Você adora a chuva, como o Jalal?

— Não. Eu sou... apenas um tolo.

Por quê? Diga-me por quê.

Ela levou a mão direita devagar até seu rosto.

Ele fechou os olhos.

E, quando os abriu novamente, pôs uma mão de cada lado do pescoço dela.

Como é que um menino com legiões de segredos atrás de paredes de gelo e pedra podia fazê-la incendiar apenas com o seu toque?

Ele enfiou a mão direita em seus cabelos, passando pelo ombro e descendo por suas costas. Seu polegar esquerdo brincava com o pescoço dela, acariciando-lhe a nuca.

Eu... eu não deixarei de lutar, Shiva. Vou descobrir a verdade e farei justiça por você.

Ela olhava para Khalid. Expectante.

— O que está fazendo? — ela sussurrou.

— Exercitando autocontrole.

— Por quê?

— Porque eu falhei em me controlar no *souk*.

— E isso faz diferença?

— Sim, faz — ele disse, calmo. — Você quer isso?

Sherazade fez uma pausa.

— Já fizemos isso antes.

— Não é a mesma coisa. Não será a mesma coisa.

O sangue bombeava por seu corpo, acelerando com suas palavras.

Ele lhe tocou o lóbulo da orelha com os lábios, apertando-o. Sua língua passeou por um instante por sua pele.

— Você quer isso? — ele repetiu ao seu ouvido.

Sherazade ficou parada, lutando contra seus membros trêmulos.

— Por que você acha que eu estou de pé aqui, seu tolo?

Então ela segurou o seu queixo e aproximou a boca da dele.

O que começou com um beijo brincalhão logo se tornou algo mais alinhado com os pensamentos lascivos que preencheram o espaço entre eles momentos antes.

Sherazade enfiou os dedos nos cabelos macios de Khalid, enquanto seus lábios encontravam os dela. Ele a envolveu em um abraço que a ergueu do chão de mármore. O véu se rasgou quando eles caíram sobre as almofadas, ignorando completamente o obstáculo oferecido pelo cortinado.

Sherazade puxou a bainha da *qamis* de Khalid por sobre a cabeça. Os músculos de seu torso se contraíram ao toque dela, e o ar no quarto ficou bem mais sufocante, quase tangível. Quando os lábios dele se moveram para o pescoço e suas mãos deslizaram pela barriga dela, para os laços de sua *shamla*, ela soube que ele estava certo.

Isso não seria a mesma coisa.

Não havia sofreguidão; era um corpo de água e uma alma de cinzas.

Os laços da *shamla* se soltaram. Se isso continuasse, não daria nem para considerar a possibilidade de formular um pensamento sequer. Ela precisava perguntar agora, antes que as chamas a consumissem.

— Diga-me — ela arfou, os dedos segurando os ombros dele.

— Qualquer coisa.

Seu coração disparou, e a culpa agarrou-se a ela.

— Por que elas tiveram que morrer?

Ele paralisou em seus braços por um compasso interminável.

Khalid ergueu o torso e olhou para ela, o rosto petrificado.

Ele percebeu a dúvida nos olhos dela.

Ela viu o horror nos olhos dele.

Em silêncio, ele saiu da cama e se dirigiu para as portas.

Pôs a mão na maçaneta e parou.

— Nunca mais faça isso comigo — falou baixo e com aspereza.

Carregado de uma dor sem limites.

Ele saiu e bateu a porta.

A ausência dele era tangível. Uma parte dela se alegrou com isso — um sinal de que isso lhe causou um enorme sofrimento. A outra parte queria correr atrás dele. Porque ela sabia que era possível conquistá-lo se fizesse isso.

Sherazade enterrou o rosto nas almofadas e começou a soluçar.

Enfim, ela havia descoberto uma fraqueza nele.

Ela.

E eu a usarei; vou descobrir por que Shiva teve de morrer.

Mesmo que eu venha a morrer.

Os corredores de Taleqan estavam silenciosos como uma tumba.

Tão escuros quanto as intenções mais sinistras.

Jahandar subiu a escada, segurando o pacote com força em seu braço esquerdo. A tocha na mão direita vacilava a cada passo cauteloso, lançando sombras sobre as paredes irregulares de pedra.

Com o coração martelando, ele abriu a porta de madeira de seu quarto com um empurrão e se encostou nela, até que fechasse com um sonoro baque.

Quando se certificou de que ninguém o vira perambulando, respirou aliviado antes de apoiar o embrulho sobre a sua mesa e trancar a porta.

Tirou um punhal de debaixo de seu manto.

Era uma lâmina simples. Insignificante ao primeiro olhar. Um cabo de madeira com entalhes comuns. Ligeiramente curva e forjada em ferro escuro.

Nada realmente especial.

Jahandar fechou os olhos e segurou o punhal com força.

Era chegada a hora. Depois de mais de duas semanas de árduos estudos e traduções maçantes, estava na hora de agir.

Esta noite ele descobriria se o livro o havia escolhido.

Esta noite descobriria se ele era digno de seus poderes.

Novamente ele se aproximou do embrulho em sua mesa. E desdobrou o linho.

Acomodada no centro, estava uma lebre de pelagem suave castanho-clara.

Sua primeira prova.

Jahandar engoliu em seco.

Ele não queria que a criatura sofresse. Parecia uma maldade tirar a vida de um bichinho tão indefeso de uma maneira tão macabra.

Mas não havia outro jeito.

Ele tinha que fazer o que era preciso. Por suas filhas. Por si mesmo.

Ele levantou o punhal com a mão direita e cortou a palma de sua mão esquerda com um movimento rápido. Um risco de sangue apareceu. Ele pingou o líquido carmesim na lâmina escura.

Assim que o sangue tingiu a ponta do punhal, o metal emitiu um brilho azul, claro e forte.

Os olhos de Jahandar reluziram.

Agora o ciclo precisava ser fechado.

Ele respirou fundo, pedindo perdão em silêncio à lebre desacordada. E então enfiou a lâmina iluminada na garganta dela.

Jahandar viu o sangue da pequena criatura espirrar no punhal, e o metal mudou seu brilho de azul para um vermelho muito vivo.

A magia emanou da lâmina para o ar, iluminando o quarto com uma luz rubra.

Para terminar, ele tocou o punhal com a palma da mão.

A magia fluiu pelo corte, crua e amedrontadoramente. Ela penetrou na ferida, aquecendo seus ossos. Seus olhos faiscaram uma vez, e a lâmina escura foi ao chão.

Quando tornou a ver, tudo à sua volta parecia mais nítido do que antes. O cansaço de um minuto atrás era uma lembrança distante. Ele se endireitou. Respirou mais profundamente.

Sentiu-se invencível.

Abaixou-se e pegou o punhal, limpando a lâmina no embrulho de linho próximo ao corpo inerte da pequena lebre.

Jahandar parou, pensativo.

Depois agitou a mão sobre a carcaça sanguinolenta.

E ela desapareceu numa explosão de luz fria.

A verdade brutal

Sherazade não dormiu bem naquela noite.

Seus sonhos foram preenchidos com visões do rosto sorridente de Shiva e com o som de portas batendo num vazio escuro. Vozes cheias de dor e traição ecoavam em seus ouvidos.

Quando abriu os olhos para a luz da manhã, ela rolou na cama e enfiou o rosto numa almofada, sentindo uma amarga exaustão se fixar em seus ombros.

Despina cantarolava alegre em torno dela, clara como um sino, e igualmente irritante.

Sherazade gemeu.

— Quer dormir um pouco mais?

— Não. — A voz dela abafada pela almofada. — Não adianta.

— Tem certeza? Porque parece que você teve uma noite um tanto... agitada.

— O quê? — Sherazade, confusa, levantou a cabeça da almofada.

O olhar divertido de Despina estava fixo no cortinado despencado, amontoado ao lado da cama na plataforma.

Sherazade corou.

— Muito bem — Despina provocou.

— Não é o que parece.

— Você tem certeza? Porque se a *qamis* na sua cama pertence a outro homem, você terá se tornado bem mais intrigante do que já é.

— Basta, Despina. — A voz de Sherazade tinha um leve tom de ameaça.

Despina levou as mãos ao quadril e ergueu as sobrancelhas.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Desculpe-me, mas essa situação e essa resposta não combinam. — Pegando as dobras da saia com uma mão, Despina marchou para o estrado e sentou na borda da cama. — O que aconteceu? Me conte.

Sherazade suspirou ante a amaldiçoada persistência da camareira.

— Tudo.

— Você pode ser mais específica? Afinal, segredos são infinitamente mais úteis quando partilhados — Despina disse, brincando.

— Diz isso para Khalid — Sherazade resmungou. — Como sua suposta espiã, pode ser que ele a escute.

A expressão de Despina se suavizou, complacente.

— O califa de Khorasan não escuta ninguém faz muito tempo.

— E não estará inclinado a fazê-lo. Não depois da noite de ontem.

Despina chutou as sandálias para longe e cruzou as pernas na cama.

— Nós mulheres somos umas tolas, não é mesmo?

— O que quer dizer com isso?

— Somos fortes o suficiente para enfrentar o mundo de mãos vazias, mas deixamos que meninos ridículos nos façam de bobas.

— Eu não sou uma boba.

— Não, não é; ainda. — Despina sorriu. — Mas é inevitável. Quando você encontra aquele que a faz sorrir como nunca sorriu antes, chorar como nunca chorou antes... não há nada a fazer senão se render.

— Eu... — Sherazade mordeu o lábio inferior.

— Pode falar à vontade, Sherazade. O que disser não sairá destas paredes.

Sherazade permaneceu em silêncio.

Despina se aproximou ainda mais.

— Quando eu era uma garotinha em Tebas, lembro-me de ter perguntado para minha mãe o que era o céu. E ela respondeu: “Um coração onde o amor duela”. É claro que então perguntei o que era o inferno. E ela me olhou bem nos olhos e disse: “Um amor sem coração”. — Despina observava Sherazade enquanto falava.

Sherazade retorquiu enquanto brincava com os laços prateados de sua *shamla*.

— Sua mãe era bem sábia.

— Era.

Sherazade escolheu suas próximas palavras com cuidado.

— Posso lhe perguntar o que aconteceu a ela?

— Ela se apaixonou pelo homem errado. Ele lhe prometeu o mundo e a deixou apenas com uma criança na barriga.

— Sinto muito, Despina.

— Eu, não. Ela morreu jovem, mas morreu feliz, e um homem desses é incapaz de fazer uma mulher feliz. Homens ricos não sabem fazer sacrifícios em nome do amor, porque nunca tiveram que fazê-lo. — Despina fez esse último comentário com aspereza.

— Será que é isso? — Sherazade disse com doçura. — Você está preocupada que Jalal faça o mesmo com você?

— Não sei. Ele é extremamente leal à família, mas ainda não o vi ser tão leal com nenhuma das muitas jovens que se apaixonaram por ele. — Os olhos azuis de Despina se estreitaram. — Eu sempre acreditei que um homem é o que ele faz, não o que os outros dizem dele. Mas Jalal al-Khoury faz muito pouco para negar o que os outros dizem.

— Esse comportamento parece ser um traço de família.

— Sim. Parece.

— Eu não... — Sherazade se segurou antes de virar para a camareira com um olhar carente. — Você sabe, Despina? Se souber,

por favor, me diga. Por que Khalid mata todas as suas noivas?

Despina olhou para baixo, para o esqueleto do cortinado ao lado da cama.

— Eu não sei.

— Então o que é que você sabe? Por favor, me diga.

— Vivo neste palácio há seis anos, e sempre achei Khalid Ibn al-Rashid muito distante, mas estranhamente honrado. Até os acontecimentos dos últimos meses, ele nunca tinha dado espaço para ninguém duvidar de seu caráter.

— Mas como você consegue continuar servindo um rei que mata jovens mulheres sem nenhuma explicação?

— Eu vim para o reino como escrava; não me dou ao luxo de escolher para quem trabalho — Despina retrucou secamente. — O califa de Khorasan pode até ser um monstro, mas para mim ele sempre será um rei problemático com boas intenções.

— *Boas intenções?* — Sherazade estourou. — Diga isso para as famílias das moças assassinadas. Diga isso para aqueles que as amavam.

Despina hesitou, e Sherazade virou o rosto, levantando-se da cama depressa para encobrir sua dor.

— Sherazade...

— Deixe-me em paz.

Despina a segurou pelo pulso.

— Se você se importa com ele...

— Não me importo.

— Pare de mentir, sua pirralha miserável.

Sherazade soltou seu braço, com força, fitando Despina antes de se virar para sair com um volteio do brocado brilhante.

— Você se importa com ele — Despina insistiu. — E, já que segredos lhe interessam tanto, vou lhe contar um.

Sherazade estacou.

— Você está segura, Sherazade al-Khayzuran. Nada vai lhe acontecer. Porque eu soube pelo alto escalão que qualquer tentativa para lhe fazer algum mal será tratada como um atentado direto contra a vida de nosso rei.

Sherazade sentiu uma fisgada no estômago.

— Você está entendendo, califa-pirralha? — Despina continuou.

Sherazade olhou por cima do ombro para a camareira, num silêncio pesado.

Despina suspirou.

— Sob pena de morte... Você é tão importante para ele como a própria vida.

Lilases e uma temível tempestade de areia

Jalal deslizou o relatório sobre a mesa e tamborilou os dedos na borda chanfrada de madeira.

— Você está com pressa para ir a algum lugar, capitão Al-Khoury? — Khalid não levantou os olhos de seu trabalho.

— Não. Não no momento.

Jalal continuou batucando com a mão direita no mogno esculpido, olhando fixamente para Khalid.

— É o que parece...

— Eu queria ser seu confidente, Khalid.

Khalid olhou para Jalal, não transmitindo absolutamente nada.

— E o que incitou esse súbito desejo de intimidade?

— Choveu ontem. Você deve estar pensando muitas coisas.

Khalid fitou Jalal, estudando-o.

— Normalmente estou pensando muitas coisas.

— E o que dizer da chuva?

Khalid baixou o pergaminho.

— Chuva é apenas um dos elementos de uma tempestade... em geral um prenúncio do que vai acontecer.

— Como de costume, você é o retrato perfeito do lúgubre.

— Como de costume, você é o retrato perfeito do nada.

Jalal deu um sorrisinho.

— Sobre Sherazade...

— Não estou falando de Sherazade com você. — Os olhos de tigre se acenderam rapidamente, para logo em seguida voltarem a ser contidos e frios.

— Ela deve tê-lo chacoalhado ontem à noite, com uma revanche. Muito bem, minha senhora.

— Basta, Jalal.

— Não seja tão tímido, primo. Choveu ontem. Você não precisa mais se sentir culpado por tudo o mais. O povo de Rey não está sofrendo desnecessariamente por sua culpa. Ou de Sherazade.

— Basta!

Com isso, todos os indícios da presunção de Jalal sumiram. Linhas de preocupação apareceram na testa de Khalid.

— Está vendo? Eu queria ser seu confidente. Você está claramente preocupado. Talvez até com medo. Não viva amedrontado, Khalid *jan*, porque isso não é vida.

— Não estou amedrontado. Estou cansado, e você é presunçoso. Há uma grande diferença. — Khalid voltou para a pilha de pergaminhos diante dele. — Parece que as manifestações na praça da cidade pararam de vez?

— É claro que pararam. Não estamos mais executando as filhas deles sem razão aparente — Jalal resmungou para si mesmo.

Quando Khalid não respondeu, Jalal olhou para ele. Viu que ele o observava com o punho cerrado com força.

— Você precisa ser sempre um babaca sem remorso? — Khalid disse com um tom mortífero.

— Seja justo. Só sou assim quando necessário. *Sempre* peço desculpas quando a situação exige.

— Acho que você nem sabe o que é isso.

— Você não é o único que sofre com isso. Certamente tenho de admitir que você carrega o fardo, mas não está sozinho. E você absorve mais do que é necessário. Deixe-me ajudá-lo. Teria o maior prazer em tirar um pouco do peso das suas costas. É o que venho tentando lhe dizer.

Khalid empurrou os pergaminhos para o lado e caminhou até a janela à sua direita. Um arco de mármore emoldurava o céu do meio-dia. No jardim abaixo, lilases floriam, e seu perfume

característico, entranhado na brisa, penetrava na sala, fazendo as folhas em sua mesa se mexer.

Zombando dele.

Ele fechou os olhos. A visão das tranças negras brilhantes e enfeitadas com seda e joias e dos olhos cor de avelã semicerrados lhe veio à lembrança. Khalid fechou as cortinas, mas o cheiro das floradas lilases permaneceu, para seu desgosto.

Jalal percebeu a irritação de Khalid.

— Então agora você tem aversão à luz do sol e às flores?

— Apenas a essa flor em particular.

— E o que essa flor lhe fez?

Khalid ficou calado, e os olhos de Jalal se arregalaram ao compreender.

— Mande os jardineiros arrancar — Jalal sugeriu depois de algum tempo, recostando-se nas almofadas.

— Não.

Rindo para si mesmo, Jalal cruzou as mãos sobre a barriga e olhou para o mosaico do teto.

— Khalid?

— Você ainda está aí?

— Estou esperando que me deixe ser seu confidente.

Khalid virou a cabeça na direção de Jalal e soltou um suspiro profundo.

— Eu posso esperar o dia todo. Como você notou com tanta alegria, as manifestações na cidade pararam... por enquanto. — Jalal cruzou as pernas na altura dos tornozelos.

— Está bem. Saio eu. — Khalid dirigiu-se até as portas e as abriu com estardalhaço.

Jalal saiu logo atrás dele, como uma sombra. Quando Jalal começou a assobiar para o teto abobadado de ágata com veios azuis, os músculos da face de Khalid se contraíram.

— Somos parentes, *sayyidi*. Sou tão teimoso quanto você. Seria melhor confiar em mim, porque, mais cedo ou mais tarde, vai se sentir compelido a se livrar de minha incômoda persistência.

Depois de caminhar mais alguns passos pelos corredores lustrosos, Khalid olhou para Jalal.

— Salim... deseja visitar Rey em sua viagem de retorno a Amardha daqui a duas semanas.

Jalal parou no meio da passada.

— Aquele... *jahkesh*? — ele xingou. — Por quê?

— Deveria ser óbvio.

— Para você. Poderia me explicar?

— Sherazade.

Jalal parou e sorriu com ironia.

— Claro. O *jahkesh* da Parthia quer ser apresentado à nova califa de Khorasan.

— E ele sem dúvida trará Yasmine.

— *Marg-bahr* Salim Ali el-Sharif. — Jalal passou o dedo indicador pela garganta, como um aviso para o hóspede iminente. — O que você vai fazer?

— Seu pai acha que devo mandar Sherazade para longe enquanto Salim estiver aqui.

Jalal riu.

— Você discorda? — Khalid perguntou.

— Sim. E muito.

Khalid parou de andar.

— Por quê?

Jalal virou-se para encará-lo.

— Porque, se o *jahkesh* quer ver o futuro de Khorasan, não posso pensar em nada melhor do que a visão de Sherazade al-Khayzuran com você. A força que ela instila em você. O acerto absoluto.

Khalid observou a convicção de Jalal.

— Você parece bem certo disso.

— E estou. Como você deveria estar, *sayyidi*. Acredite em mim. Acredite nisso.

— O acerto absoluto? — Khalid repetiu com total descrédito.

— Sim. Dela e seu.

— Duas pessoas pouco confiáveis, Jalal.

— Discordo. Sherazade é uma moça extremamente confiável. Impetuosa e imprevisível, sim, mas segura de suas convicções. É verdade que você é exigente e tristonho, mas você sempre foi digno de confiança. — Jalal esboçou um sorriso.

— Então você acha que devo jogar Shazi aos lobos?

— Shazi? — O sorriso de Jalal se alargou. — Quer saber? Tenho pena dos lobos.

— Seja sério pelo menos uma vez.

— Estou sendo. Eu iria um pouco mais além. Convidaria todos os seus representantes, cada um dos emires. Deixe que vejam que você é diferente do seu pai. Que não é o que dizem por aí. Você é um rei digno da aliança deles... com uma promissora rainha cheia de energia.

Os cantos dos lábios de Khalid se voltaram imperceptivelmente para cima.

— Meu Deus! Você está sorrindo, Khalid *jan*? — Jalal zombou, incrédulo.

— Talvez.

Os dois rapazes seguiram seu caminho pelo átrio até passarem pelo corredor principal, onde o cortejo de seus guarda-costas se juntou a eles. Ao entrarem nas galerias abertas, Khalid hesitou por um instante, suas feições ficando sombrias diante do que via.

Sherazade estava cruzando em direção às portas duplas que davam para os jardins, com Despina a seu lado e o Rajput logo

atrás.

Quando ela viu Khalid, parou, deu meia-volta e veio em sua direção.

Ela o enfeitiçava como sempre, com sua beleza sem reservas e sua graciosidade natural. Seus cabelos dançavam atrás dela em ondas brilhantes de ébano, e seu queixo erguido e pontudo era orgulhoso sob os raios de sol. O dourado leve de sua capa camuflava a cor esmeralda da seda sob ela. Os olhos de Sherazade apresentavam uma miríade de cores, e Khalid viu a mesma mistura de reticência e rebeldia de sempre.

Mas havia algo mais. Uma nova emoção que ele não conseguia identificar.

Ela torceu o nariz para a presença constante do Rajput, e a força por trás desse gesto fez com que Khalid se pusesse a seu lado, como o vinho doce e o som de uma risada cristalina.

A lembrança da noite anterior voltou com a sua proximidade.

A sensação dela nos seus braços. O perfume de lilás de seu cabelo.

A futilidade de tudo, menos de seus lábios sobre os dela.

De sua vontade... se desintegrando.

Diga-me.

Qualquer coisa.

Ela abriu a boca para dizer algo, um olhar cheio de dúvidas estragando o seu rosto lindo...

E Khalid passou batido por ela, ignorando-a.

Jalal o seguiu, sem falar nada. Assim que estavam longe dos ouvidos alheios, ele pôs a mão no ombro do primo.

— O que está fazendo?

Khalid lhe tirou a mão do ombro.

— Khalid!

Com o olhar rebelde, Khalid continuou descendo pelo corredor.

— Você é idiota? — Jalal insistiu. — Você não viu o rosto dela? Você a magoou!

Khalid virou-se e segurou Jalal pela *qamis*.

— Já lhe disse uma vez, capitão Al-Khoury: não vou falar com você sobre Sherazade.

— Para o inferno com isso, *sayyidi!* Se você continuar desse jeito, não haverá nada a discutir. Você ainda não aprendeu a lição, primo?

Jalal se aproximou de Khalid, seus olhos castanhos carregados de uma fúria gelada.

— Será que Ava não foi o bastante? — ele sussurrou com crueldade.

Khalid empurrou Jalal e lhe deu um soco no queixo. Os guardacostas se reuniram em torno de Khalid enquanto Jalal deslizava pelo chão de mármore e limpava o lábio que sangrava antes de olhar com desdém para seu rei.

— Sai da minha frente, Jalal — Khalid sibilou.

— Um homem tão esclarecido e maduro para tantas coisas. E tão infantil em tantas outras...

— Você não sabe nada sobre mim.

— Eu sei bem pouco, mas sei mais do que você, Khalid *jan*. Sei que o amor é frágil. E amar alguém como você é quase impossível. Como segurar algo quebrado através de uma furiosa tempestade de areia. Se quer que ela o ame, proteja-a dessa tempestade...

Jalal se levantou, ajeitando sua insígnia da Guarda Real no ombro.

— E certifique-se de que a tempestade não seja você.

Mehrdad, o Barba Azul

Sherazade andou de um lado para outro diante de sua cama naquela noite, deixando marcas na pedra fria e branca sob seus pés. Cada passo uma batalha entre fúria e ressentimento, dor e petulância.

Entre a mágoa por ter sido dispensada sumariamente e a fúria inalterada de que isso a incomodasse tanto.

Como ele ousou fazer isso comigo?

Seus passos ficaram mais amplos enquanto torcia o cabelo por cima do ombro. Ela não havia sequer se preocupado em trocar a roupa que estava usando desde cedo. Seu manto estava empilhado no chão, num monte cor de damasco. A *sirwal* cor de esmeralda e o corpete justo não eram tão confortáveis quanto sua roupa noturna e a *shamla*, mas ela não se incomodava com isso nesse momento. Sherazade arrancou a faixa de pedras verdes da testa e a arremessou para o outro lado do quarto. Alguns fios de cabelos foram arrancados com as pedras, e ela fez um juramento aflito contra sua própria estupidez antes de se atirar ao chão de mármore, encolhida em sua tristeza carregada de raiva.

Por que ele me tratou assim? Ele não precisava me magoar.

Eu... não pretendia magoá-lo.

O dia todo, ela escondera esses pensamentos de Despina. Guardara suas preocupações do resto do mundo. Mas agora, sozinha entre os cinzas tristonhos de seu quarto de dormir, ela não podia mais esconder essas coisas de si mesma. Além das preocupações que tinha pela maneira tão fria com que ele a tratara diante de todos, havia a incômoda verdade de que ele agira assim porque se sentira traído. Porque se sentira ferido pelas ações dela na noite anterior.

E ela não sabia como consertar isso e cair de novo em suas boas graças.

Ela havia tentado hoje. Sherazade quisera pedir desculpas. Quisera lhe dizer que não pretendia tirar vantagem da situação. Mas, em retrospectiva, parecia pior do que ela imaginara.

Ele deve ter pensado que ela estava no controle.

Sherazade riu com amargura de si mesma ao apoiar a testa contra a seda verde nos seus joelhos.

Controle?

A ideia era uma piada. Como ele podia ser tão inexperiente? E agora ele a estava castigando. Como um menino furioso a quem se proibiu acesso a um brinquedo.

Como pôde ousar?

Diante de Despina. Diante de Jalal. Ele a tinha envergonhado.

Tratou-a como se ela não fosse nada.

Como se merecesse uma corda de seda ao nascer do sol.

Sua garganta se contraiu diante da lembrança.

Shiva.

— Como ousou! — ela gritou para a escuridão.

Os dois podiam jogar esse jogo. Ela também podia ser malcriada com ele como uma criança a quem se negam doces. E então talvez não ficasse tão sozinha e triste como se sentira o dia inteiro. Como se estivesse quebrada.

Como ela estava perdida por ele.

Sherazade ficou de pé e ajeitou a correntinha na cintura. Uma série de diamantes e esmeraldas pendurados a partir do centro combinava com o colar no seu pescoço e as pulseiras no seu pulso esquerdo. Ela sacudiu os cabelos e foi até a mesa baixa no canto.

Levantou a tampa da bandeja e começou a comer um arroz colorido e um frango ao açafrão. Depois de mordiscar ervas frescas e beber iogurte gelado, sorveu o chá e brincou com os bolinhos de pistache adocicados com mel. Tudo estava frio, e ela comeu mais

por obrigação do que por prazer, mas Sherazade sabia que iria se lamentar mais tarde se fosse para a cama com raiva e fome.

Na metade da refeição forçada, as portas do quarto se abriram.

Sherazade parou de comer, mas não se virou. Em vez disso, voltou à refeição. Ela se serviu de outra xícara de chá morno com a mão firme, fingindo indiferença.

Novamente sentiu a presença de Khalid atrás dela. A mesma mudança no vento.

A mesma glória insana.

Sherazade partiu um pedaço do pão sírio com incrível precisão.

— Sherazade?

Ela o ignorou, apesar do súbito clamor de seu coração.

Khalid caminhou para o outro lado da mesa e se sentou com uma graça silenciosa nas almofadas.

Sherazade não levantou os olhos da bandeja. Ela estava partindo o pedaço de pão em pequenas migalhas, enpilhando-as diante de si.

— Shazi.

— Não.

Ele ficou parado, aguardando o resto da frase.

— Não seja falso.

— Não estou sendo — disse Khalid com calma.

Sherazade largou o resto do pão e olhou para ele muito séria. Os olhos dele tinham olheiras de cansaço. Seu queixo estava contraído, e sua postura, rígida.

Ele não parece arrependido por ter me magoado.

Alguma coisa apunhalava o peito de Sherazade, seu coração.

Mas vai se arrepender.

— Sherazade...

— Certa vez você lamentou que os personagens das minhas histórias davam tanto valor ao amor.

Khalid olhou seus olhos penetrantes em silêncio.

— E por quê? — ela continuou. — Era alguma aversão sua ao sentimento?

Os olhos dele piscaram ao olhar para ela antes de responder.

— Não é uma aversão. É uma simples observação. A palavra é usada vezes demais para o meu gosto. Então a atribuo a coisas, mais do que a pessoas.

— Como?

Khalid suspirou com cuidado.

— Pessoas se apaixonam e desapaixonam com o nascer e o pôr sol. Como um garoto que gosta de verde num dia, só para descobrir no dia seguinte que realmente prefere o azul.

Sherazade riu, e o som teve o efeito de sal em sua ferida.

— Então você espera passar pela vida sem nunca amar ninguém? Só... coisas?

— Não. Eu estou procurando por algo mais.

— Mais do que o amor?

— Sim.

— Não é arrogante pensar que você merece mais, Khalid Ibn al-Rashid?

— Será que é tão arrogante querer algo que não mude com o vento? Que não se desmonte com o primeiro sinal de adversidade?

— Você quer algo que não existe. O produto de sua imaginação.

— Não. Eu quero alguém que veja além das aparências... alguém que complete o equilíbrio. Um igual.

— E como você vai saber se achou essa pessoa imaginária? — Sherazade retorquiu.

— Suspeito que ela seja como o ar. Como saber respirar. — Ele a olhou tão quieto quanto um falcão ao dizer essas palavras, e a garganta de Sherazade ficou seca de repente.

— Poesia — ela sussurrou. — Não realidade.

— Minha mãe costumava dizer que um homem que não aprecia poesia não tem alma.

— Nesse sentido, estou inclinada a concordar.

— Ela se referia a meu pai — ele disse secamente. — Um homem sem alma, se é que existiu algum. Disseram-me que me pareço muito com ele.

Sherazade observou a pequena montanha de migalhas diante de si.

Não terei pena de você. Você não merece a minha piedade.

Resguardando-se de uma nova maré de emoções, ela olhou para cima novamente, decidida sobre o que fazer a seguir.

— Eu...

— Eu a magoei hoje — ele disse com ternura, uma voz como água fresca sobre aço em brasa.

— Não importa. — Suas faces coraram.

— Importa para mim.

Sherazade suspirou com escárnio.

— Então você não devia ter feito isso.

— É.

Sherazade olhou para o perfil com ângulos tão marcados quanto vidro cortado. Mesmo agora, seu rosto bonito não revelava nenhum indício de que a dor dela o afetasse de alguma maneira.

O menino de gelo e pedra...

Que atirou seu coração numa encosta recortada apenas para ir embora sem olhar para trás.

Eu não o deixarei vencer. Pelo amor a Shiva.

Para o meu próprio bem.

Vou descobrir a verdade. Mesmo que tenha de destruí-lo para consegui-la.

— Você terminou? — ela perguntou bem baixinho.

Ele parou.

— Sim.

— Eu tenho uma história para você.

— Uma nova história?

Ela fez que sim.

— Gostaria de ouvi-la?

Khalid respirou com cuidado e apoiou-se no cotovelo sobre as almofadas.

Sherazade tomou outro gole do chá de cardamomo e se acomodou na pilha de seda vívida que estava ao seu lado.

— Era uma vez uma menina que se chamava Tala. Ela era filha de um homem rico que perdeu tudo numa série de decisões de negócio desacertadas, seguida da morte de sua bem-amada esposa. Devastado por sua dor, o pai de Tala encontrou consolo na música e na arte, e muitas vezes podia ser visto por horas com um pincel numa mão e o *santur* favorito na outra.

Sherazade tirou um cacho negro do rosto.

— No início, Tala tentou entender a necessidade que ele tinha de se distrair da dor de suas perdas, mas foi se tornando mais e mais difícil ignorar o que isso significava para sua família. O que isso significava para Tala. Porque, mesmo ela amando muitíssimo o pai e acreditando na sua bondade com cada fibra de seu coração, Tala sabia que ele não lhes daria sustento. Que não podia esperar que ele lhe provesse e a seu pequeno irmão.

A testa de Khalid franziu diante da expressão sombria de Sherazade.

— Então, Tala começou a procurar um marido. Ela sabia que não devia esperar um casamento perfeito, dadas as circunstâncias pouco felizes de sua família, mas logo ouviu falar de um mercador rico que buscava uma noiva. Ele era mais velho e já havia sido casado várias vezes, mas ninguém sabia direito o que havia acontecido com as esposas anteriores. E isso deixava as moças apreensivas por

desposá-lo. Além disso, ele tinha uma longa barba de um azul muito escuro... tão escuro que, sob a luz, refletia um azul inquietante. Isso tinha lhe rendido um apelido pouco feliz. Ele era conhecido como Mehrdad, o Barba Azul.

Sherazade se sentou e tirou o colar de esmeraldas, largando-o ao lado do bule de prata de chá. Khalid a observou em silêncio.

— Mesmo com essas reservas, Tala prosseguiu com os arranjos para se casar com Mehrdad. Tinha dezesseis anos e era muito bonita. Inteligente e cheia de vida. Mehrdad estava feliz, apesar de ela ter pouco a oferecer, além de si mesma. Sua única exigência era que ele tomasse conta de sua família. Mehrdad concordou sem hesitação, e logo eles casaram. Tala deixou seu lar e se mudou para a impressionante casa murada dele, do outro lado da cidade. No princípio, tudo parecia normal, talvez até ideal. Mehrdad era um marido feliz e respeitador. E parecia bem contente com Tala. Ele lhe deu acesso a muitos quartos em sua casa e a cobria de presentes, joias e roupas novas, perfumes e arte... coisas lindas que Tala sonhara ver algum dia, mas jamais pensara em ter.

Sherazade fixou o olhar em Khalid e apertou as mãos na seda fina de sua calça.

— Depois de um tempo, Mehrdad fez planos de viajar a trabalho. Ele entregou a Tala uma argola com as chaves da residência e pediu que ela tomasse conta da casa na sua ausência. Ele lhe confiou as tarefas diárias e lhe deu acesso a tudo que era dele, exceto uma coisa, uma única coisa. Na argola das chaves, ele separou a menor e a segurou diante dela. Disse que aquela era a chave de um quarto trancado no porão e proibiu-a de entrar nesse quarto. Ele a fez jurar, sob pena de morte, que ela obedeceria a essa instrução. Tala prometeu que nem sequer chegaria perto desse quarto, e, depois que ela deixou claro que entendera a seriedade da situação,

Mehrdad lhe entregou a argola e partiu, prometendo voltar em um mês.

Sherazade sorveu o final do chá frio do fundo da xícara de vidro entalhado. O final estava doce demais, misturado com um último cristal de açúcar. Rodopiou na sua boca com o sabor amargo do cardamomo e do açúcar derretido.

Sua mão estava trêmula, e ela a apoiou na pequena xícara.

— No início, Tala aproveitou a oportunidade de reinar numa casa tão magnífica. Os criados a tratavam com deferência, e ela recebeu amigos e familiares para refeições deliciosas preparadas com muito esmero e servidas sob a noite estrelada. Cada quarto da casa de seu marido a encantava. Em suas viagens, ele havia reunido coisas bonitas e maravilhosas que levavam a sua imaginação para novos mundos. E, com o passar dos dias, aquele quarto no porão... começou a tentá-la. Assombrá-la. Chamar por ela.

Khalid se mexeu no assento, a fisionomia tensa.

— Certo dia, contra seu bom senso, ela passou na frente do quarto. Podia jurar que ouvira uma voz lá dentro, gritando. Ela tentou ignorá-la. Mas a voz tornou a gritar: “Tala!”. E seu coração disparou. Ela pegou a argola das chaves em pânico. Mas se lembrou da instrução de Mehrdad e subiu a escada correndo. Naquela noite, não conseguiu dormir. No dia seguinte, Tala voltou ao porão. Novamente escutou a voz chamando por ela de dentro do quarto. “Tala!”, a voz gritava. “Por favor!” Dessa vez, ela reconheceu, sem sombra de dúvida, que era a voz de uma moça. Tala não podia ignorá-la. Pôs a mão na argola das chaves em sua cintura. E elas caíram a seus pés no chão de pedra. Quando finalmente localizou a chave certa, seus dedos tremiam tanto que ela teve dificuldade de enfiá-la na fechadura.

Sherazade engoliu em seco, sua garganta ardendo. Khalid a observava com atenção, cada músculo de seu corpo tensionado e

extremamente alerta.

Seu marido não é um homem misericordioso.

Com a pulsação acelerada, Sherazade seguiu em frente. Inabalável.

Você não vai me tratar dessa maneira. Você não vai atirar meu coração numa encosta recortada.

E ir embora.

— A chave rodou, e as engrenagens da fechadura deram um estalo que fez Tala pular... e ela deu um passo para dentro da escuridão. A primeira coisa que percebeu foi um odor, de ferro e metal envelhecido, como uma espada enferrujada. O porão era quente e úmido. Então seu pé escorregou em alguma coisa, e uma nuvem de decadência e podridão a envolveu.

— Sherazade — Khalid a alertou com a voz baixa.

Sherazade prosseguiu, indiferente.

— Quando os olhos de Tala se acostumaram ao escuro e ela olhou para baixo, viu que seus pés estavam manchados de sangue. À sua volta... havia corpos. Corpos de mulheres jovens. Elas eram as...

— Sherazade!

O coração de Sherazade batia ensurdecido quando Khalid ficou de pé num salto, seu rosto como uma máscara de fúria e angústia. Ele olhou para ela de cima a baixo, seu peito arfando. Então virou-se para a porta.

Não!

Sherazade correu atrás de Khalid, tentando acompanhar suas passadas poderosas. Quando chegou à maçaneta, ela se atirou sobre ele, abraçando sua cintura.

— Por favor! — ela gritou.

Ele não respondeu.

Ela colou seu rosto contra as costas dele e as lágrimas começaram a rolar, embaraçosa e espontaneamente.

— Me dê a chave! — ela pediu. — Deixe-me ver atrás da porta. Você não é como o Mehrdad. Mostre-me.

Quando ele pôs as mãos em seus pulsos para se soltar, Sherazade apenas apertou com mais força, negando-se a deixá-lo ir.

— Me dê a chave, Khalid *jan*. — Sua voz falhou.

Ela sentiu o corpo dele enrijecer diante de sua ternura. Então, depois de um minuto interminável de um silêncio pesado, Khalid respirou fundo e seus ombros relaxaram, vencidos.

Sherazade entrelaçou os dedos no peito dele.

— Você me magoou ontem à noite, Sherazade — ele disse devagar.

— Eu sei.

— Muito.

Ela assentiu com a cabeça, o rosto contra o linho da *qamis* dele.

— Mesmo assim, você nada disse sobre isso — ele continuou.

— Eu ia dizer. Queria dizer. Mas você foi tão odioso.

— Existe uma enorme diferença entre querer fazer uma coisa e fazê-la.

Ela concordou novamente.

Ele suspirou e girou em seus braços, para encará-la.

— Você está certa. Fui odioso com você.

Ele passou a mão no rosto dela e lhe secou as lágrimas.

— Desculpe-me por tê-lo magoado — Sherazade disse com os olhos úmidos.

Khalid lhe acariciou a nuca e apoiou o queixo no topo de sua cabeça.

— A mim também, *joonam* — ele murmurou. — Sinto muito.

A sorte está lançada

Jahandar estava de pé embaixo da sombra do vestíbulo de mármore de Taleqan com os polegares presos em sua *tikka* torcida. Ele viu Rahim al-Din Walad apear de seu brilhante Akhal-Teke e cumprimentar vários serviçais que carregavam sacas de grãos para as cozinhas. Os criados retribuíam o sorriso e trocavam algumas amabilidades com o jovem nobre antes de seguirem seu caminho.

Assim que Rahim se virou, andando em sua direção, Jahandar saiu de trás de uma coluna de pedra polida e ficou no seu caminho.

— Rahim *jan!* — Jahandar limpou a garganta, com um pigarro e um suspiro.

Rahim deu um passo para trás, surpreso.

— Jahandar *effendi*. Que bom vê-lo.

— É mesmo? — Jahandar retribuiu com a tentativa malsucedida de um sorriso. — Obrigado por não dizer aquilo que está pensando de mim.

Rahim se forçou a dar um pequeno sorriso educado.

— Isso não deve estar sendo fácil para você.

— Não é. Mas estou bem melhor agora.

Rahim concordou.

— Fico feliz em saber. Tenho certeza de que Irsa também gostará de saber.

Jahandar limpou a garganta novamente, desviando o olhar.

Rahim lhe lançou um olhar levemente avaliador.

— Desde que chegou de Rey, Irsa tem passado a maior parte dos dias num canto longínquo perto da fonte, pintando ou lendo um livro. Acredito que é um livro que você deu para ela.

— Claro. O livro sobre chá — Jahandar comentou, distraído.

Rahim curvou a cabeça, num gesto brusco. Quando ia retomar seu caminho pelo vestíbulo, Jahandar o deteve com as mãos.

— Por que suas mãos estão queimadas? — Rahim perguntou, alarmado, olhando para os dedos cheios de bolhas de Jahandar.

Jahandar balançou a cabeça, dispensando a preocupação de Rahim, como quem sacode moscas.

— Segurei uma luminária de maneira errada enquanto traduzia um texto. Não se preocupe, Rahim *jan*. Já preparei um unguento em meu quarto.

Rahim fez uma careta.

— Por favor, tenha cuidado, Jahandar *effendi*. Shazi vai brigar comigo se alguma coisa lhe acontecer enquanto está aqui em Taleqan. E se Sherazade não ficar feliz, Tariq ficará furioso. Lidar com possessos desse tipo está entre as últimas coisas na minha lista de prazeres. Como escorpiões e areia movediça.

Jahandar suspirou copiosamente, arrastando os pés.

— Você deve me achar um pai bem patético, não é?

— Você ama suas filhas. É bem óbvio. Mas eu nada posso falar sobre o que é ser um bom pai.

— Você sempre foi tão bom, Rahim *jan*. Um amigo tão maravilhoso para Tariq e Sherazade. — Jahandar o observou de uma forma intensa e diferente.

As feições de Rahim ficaram tensas, o desconforto se acomodando em suas linhas de expressão.

— Obrigado.

Um silêncio constrangedor se instalou entre os dois homens.

E Jahandar soube que estava na hora de agir. Porque havia um novo teste a fazer. O tipo de teste que sempre temeu, desde que era um menino. Por isso forçou a parte dele que queria fugir para a segurança das sombras a voltar. Aqueles últimos vestígios que se esgueiravam pelos cantos... fazendo-o se lembrar de que ele não era um lutador.

Apenas um homem velho com um livro.

O queixo de Jahandar se projetou por debaixo da barba rala.

— Sei que não tenho o direito de pedir nada a ninguém, Rahim al-Din Walad. Mas, como pai, não tenho escolha.

Rahim aguardou, cauteloso.

— Sei que Tariq deixou Taleqan por causa de Sherazade — Jahandar continuou. — Não tenho como saber quais são os seus planos, mas mesmo assim não posso sentar num quarto escuro enquanto outros tomam para si o resgate da minha filha. Não fiz o que seria esperado de um pai nessa situação; eu não a impedi. Mas o que quer que precise ser feito agora, acredite que farei. Não posso lutar como você. Não sou destemido e forte. Não sou como Tariq. Mas *sou* o pai de Sherazade, e faria qualquer coisa por ela. Por favor, não me dispense. Por favor, permita-me tomar parte nos seus planos. Ache um lugar para mim neles.

Rahim escutou Jahandar em silêncio.

— Sinto muito, mas essa não é uma decisão minha, Jahandar *effendi*.

— Eu... eu entendo.

— Mas eu o levarei até Tariq quando for chegada a hora.

Jahandar aceitou, o olhar assimilando uma luz peculiar e marcial.

— Obrigado. Obrigado, Rahim *jan*.

Agora o sorriso de Rahim era genuíno. Ele pôs a mão no ombro de Jahandar. Baixou a cabeça em reverência e levou os dedos à testa.

Jahandar ficou na galeria de arcos do vestíbulo, satisfeito com seu sucesso — o resultado de seu teste.

Ele olhou para as mãos. As bolhas mais recentes nasciam sobre as cicatrizes das mais antigas, e elas doíam ao menor toque. Surgiam como prenúncio da dor futura. Sua pele sob as unhas estava dura e calejada, e ele não podia sacrificar o restante das mangas de suas vestes nessa empreitada.

Estava na hora.

Jahandar olhou através do pátio para a entrada das cozinhas.

Uma simples lebre não serviria. Não dessa vez.

Ele precisava de mais.

Sempre mais.

O falcão e o tigre

Sherazade estava de pé junto ao balaústre de mármore da varanda, olhando para as fontes de água. O sol do meio-dia se refletia em sua superfície reluzente, e as águas encrespavam com a brisa passageira.

Mas isso não era um interesse particular de Sherazade.

Os hóspedes que chegavam eram bem mais fascinantes.

Era uma fauna exótica e absurda.

Um homem jovem e de olhar nervoso entrou no pátio com um bando de criados, cada um aguardando para ajudá-lo a tirar uma peça específica do seu vestuário. Primeiro a *mankalah* de couro. Depois a outra. Seguida de sua *rida'*. E depois as botas, que foram rapidamente substituídas por um par de sandálias novas. Cada um dos serviçais guardava as peças em uma ordem metódica antes que o jovem se aventurasse a dar um único passo de seu corcel.

Outro homem — do tamanho dos outros três juntos — balançava em cima de um elefante com as presas amarradas, o tronco cinza parado de modo enviesado nas pedras de arenito do chão. Esse homem tinha o bigode oleoso, com pontas que se mexiam ao menor movimento, e cada um de seus dedos trazia um anel com uma gema imensa e diferente, reluzindo displicente aos raios de sol.

Sherazade apoiou o queixo na palma da mão e abafou uma risada.

Outro nobre galopou pela entrada, montando uma criatura que Sherazade nunca havia visto. Parecia um cavalo em tamanho e

forma, mas sua pele era coberta de um desenho estranho de listras pretas e brancas. O animal bateu os cascos ao relinchar e farejar, sacudindo o pescoço para cá e para lá. Assim que Sherazade o avistou, prendeu a respiração e chamou Despina.

Despina balançou a cabeça ao lado de Sherazade.

— Você não deveria estar aqui fora.

— Por que não? — Sherazade abanou a mão. — É perfeitamente seguro. Todas as armas são entregues no portão do palácio.

— Queria que você pudesse entender. Você não é uma menina qualquer se divertindo com o espetáculo. Você é a rainha deles.

— Eles vieram por causa do miserável sultão da Parthia, não por minha causa. — Sherazade se apoiou mais ainda na amurada. — Despina, você viu o imbecil no camelo? Aquele com sinos de latão e o dedo no nariz?

O olhar de Despina se anuviou.

E Sherazade ignorou as linhas que se formavam na testa da camareira.

Ignorou-as porque precisava de um minuto de descontração. Precisava tanto que parecia uma boba, só por um minuto, para não ter de enfrentar a realidade de sua vida num palácio de mármore polido, com pedras preciosas no pescoço e fontes de água reluzente a seus pés.

Em um casamento repleto de crescente tensão...

Com um marido que não a tocava. Nem se aproximava dela, muito menos partilhava seus segredos.

Sherazade cerrou os dentes.

Desde aquela noite, havia duas semanas, quando Sherazade lhe contou a história de Tala e Mehrdad, Khalid vinha jantar com ela todas as noites e ouvir uma nova história. Ele ouvia distante, conversava com formalidade e partilhava observações concisas do que fizera durante o dia.

Então se retirava, e ela não o via até a noite seguinte.

Seu marido não é um homem misericordioso.

Sherazade segurou no balaústre com ambas as mãos, o sangue deixando a ponta dos dedos.

— Quem são esses tolos, então? — ela tentou sorrir para Despina.

Os lábios de Despina fizeram um muxoxo.

— A maioria é aliada do califa. Um convite geral foi feito a todo emir de Khorasan.

Uma bolha de ar se alojou no início da garganta de Sherazade. Ela se afastou do balaústre e olhou para a camareira.

— O quê? — ela murmurou.

Despina inclinou a cabeça num trejeito.

— Eu a avisei. Você nunca ouve. Essa reunião não é apenas para o sultão da Parthia. O califa quer apresentá-la como sua rainha. Ele convidou todos os nobres do reino para participar do espetáculo. Para conhecer você.

Um nó de pânico começou a se formar no estômago de Sherazade.

Tariq não viria. Ele podia ser um nobre, mas não era um emir. Ainda não.

Ele não ousaria.

Despina prosseguiu, fazendo uma preleção na qual Sherazade não prestou atenção.

Até que um grito familiar ecoou no céu.

Sherazade cerrou os punhos e correu para a murada, pedindo aos céus que...

Não.

Andando pelas pedras de granito, montado num garanhão Al-Khamsa preto e brilhante, estava seu primeiro amor.

Tariq Imran al-Ziyad.

— Ai, ai, ai. — Despina suspirou.

Mesmo que Tariq não montasse seu garanhão naquele instante e assobiasse para os céus, ele ainda assim chamaria a atenção. Mesmo cheio de poeira e despenteado, sua figura era imponente. Os ombros largos, a pele bronzeada e os olhos prata e cinza, ele era o tipo de rapaz que fazia as cabeças se virarem involuntariamente. A barba por fazer apenas acentuava as características talhadas em pedra pela mão de um mestre escultor.

Quando Zoraya veio descendo das nuvens para pousar na sua *mankalah* estendida, Tariq olhou para cima.

E viu Sherazade.

Seu olhar foi um toque.

O coração de Sherazade começou a bater mais rápido, o medo crescendo. Tomando conta.

Mas não era nada comparado ao pânico que tomava conta dela, que bradava um grito mudo para a cena que se desenrolava à sua frente...

Quando Khalid entrou no pátio montado em seu árabe negro...

Tão próximo de seu primeiro amor.

Sherazade desaparecera da varanda.

Foi melhor assim.

Porque, por mais que Tariq quisesse beber de sua visão, agora não era hora para distrações, nem mesmo uma tão bem-vinda quanto ela.

Seu alvo havia chegado.

Khalid Ibn al-Rashid.

Assassino de Shiva. Marido de Sherazade.

Tariq segurou as rédeas com a mão livre.

O monstro passou por Tariq montado num magnífico árabe preto. Sua *rida'* escura enfunando em seu rastro. Um ódio mortal se

instalou no peito de Tariq. Quando o monstro parou no meio do pátio e puxou seu capuz para trás, a fúria de Tariq fluiu para suas mãos.

E ele imaginou seus punhos batendo contra a sua frieza régia até que não sobrasse mais do que sangue e ossos moídos.

À direita do monstro um rapaz com um sorriso arrogante, cabelos castanhos anelados e uma armadura com o brasão da Guarda Real gravado no peito. À sua esquerda, um homem mais velho com um grifo dourado costurado na capa, anunciando seu status de *shahrbān* de Rey.

À medida que o barulho foi diminuindo, o monstro começou a falar:

— Bem-vindos a Rey.

Seu tom era surpreendentemente despretensioso.

— Espero que suas viagens tenham sido tranquilas e seguras. É uma honra recebê-los hoje, e agradeço por terem sempre personificado, no passado, no presente e no futuro, a grandeza de Khorasan para aqueles que a conhecerem.

Gritos de viva discretos se ouviram nos cantos do pátio.

— Novamente, sejam bem-vindos à minha casa. Tenho a grande esperança de que, ao partirem daqui, terão passado a gostar dela tanto quanto eu. É a cidade da minha infância. — O monstro fez uma pausa. — E a cidade da minha rainha.

O coro de vivas aumentou, misturado com uma pitada de curiosidade. O rapaz arrogante à direita do monstro sorria satisfeito, enquanto o *shahrbān* suspirava com visível resignação.

Foi com muito esforço que Tariq desviou o olhar e evitou chamar a atenção. O ódio palpável demais. Corroendo-o em ondas assassinas.

Morte era pouco para esse monstro.

Ele *ousava* apresentar Sherazade como se ela fosse um troféu que ele ganhara?

Zoraya bateu as asas em sua *mankalah*, ciente de sua fúria. Tariq levantou a mão para acalmá-la enquanto olhava o monstro deixar o pátio, sua comitiva dourada ainda o aclamando à sua sombra.

Tariq não ficou impressionado com o espetáculo.

Rahim era um cavaleiro melhor. O califa de Khorasan era no máximo um cavaleiro acima da média. Para todas as expressões que lhe atribuíam maldade e perversidade, e todos os rumores de seus truques de espada e brutalidade fria, ele não parecia digno de medo de verdade. Ele parecia cheio de tédio. Desanimado e precisando de uma soneca.

Tariq riu para si mesmo, seu ódio misturado à recém-descoberta repugnância.

Monstro? Duvido. Apenas um rei mimado.

E um rei morto, a bem dizer.

Duas espadas cruzadas

Se demorasse mais um pouco, Sherazade teria soltado um grito.

Sentada ali, sem nada para fazer em seu quarto, enquanto, em algum lugar do palácio, um menino displicente com o seu falcão e um rei de temperamento intempestivo e duas espadas...

— Fique quieta! — Despina mandou. Ela segurou o queixo de Sherazade com a mão esquerda. E então passou a pequena escovinha nos cílios de Sherazade de novo.

Sherazade cerrou os dentes.

— Você é meu pior pesadelo — Despina resmungou. Quando terminou, ela deu um passo atrás e olhou satisfeita para a sua obra.

— Posso me mexer agora? — Sherazade soprou um cacho de cabelo preto que lhe caía no rosto.

— Que pirralha! Você poderia ao menos fingir, por educação, que gostou do meu trabalho? — Despina pegou Sherazade pelo pulso e a arrastou até a frente do espelho no canto afastado do quarto.

— Despina, vou me atrasar para...

— Dê só uma olhada, Sherazade al-Khayzuran.

Quando Sherazade olhou para a prata polida, seus olhos de avelã quase dobraram de tamanho.

Nada na sua aparência era comum.

Despina sublimara a própria tradição. Ela havia vestido Sherazade com uma *sirwal* de seda negra e brilhante, combinando com o corpete, e evitara o manto de ouro e prata. Nessa noite, Sherazade usava um manto sem mangas de um azul-cerúleo do mesmo tom dos olhos de Despina. Combinava com as safiras em suas orelhas. Em vez de colocar a tiara de pedra na testa de Sherazade, Despina havia tecido umas linhas finas de contas de obsidiana em sua cabeleira. Elas capturavam os reflexos de luz a distância, fazendo com que cada cacho brilhasse avermelhado.

Como toque final, Despina havia delineado uma linha grossa de *kohl* na pálpebra de Sherazade, logo acima dos cílios. Ela fizera com que as linhas passassem para além dos olhos, criando a ilusão de olhos de gato.

O efeito final era... cativante, para dizer o mínimo.

— Nenhum... colar? — Sherazade gaguejou.

— Não. Você não gosta deles. Ou você faz um bom trabalho para parecer que não gosta.

— Meus braços estão nus.

— Estão.

Sherazade correu os dedos pelo tecido azul brilhante de seu manto. Pulseiras de diamante negro tilintaram em seu pulso esquerdo.

— Esta noite é para você fazer todas as cabeças virar. Fazer com que se lembrem de você. Garantir que nunca se esqueçam. Você é a califa de Khorasan, e é a você que o rei dá ouvidos. — Despina pôs a mão no ombro de Sherazade e sorriu ao reflexo de ambas. — Mais importante, você tem o coração dele. — Ela fez uma reverência e baixou a voz. — E o mais importante: você é uma força a ser temida quando defende o que é seu.

Sherazade sorriu, mas o sorriso veio de um recanto inesperadamente desanimado.

Pela primeira vez, você está errada em muitas coisas.

Ela segurou a mão de Despina.

— Obrigada. Desculpe-me se eu estava tão distraída na varanda mais cedo. Não havia percebido a... importância da reunião até aquele momento. Não é uma desculpa para ser tão desleixada a tarde toda, mas...

Despina riu, e foi um bálsamo para os nervos de Sherazade.

— Estou acostumada. Apenas se comporte com altivez esta noite, e tudo estará perdoado.

Sherazade assentiu com a cabeça e andou até a porta dos seus aposentos. O Rajput a aguardava além da soleira para escoltá-la pelos corredores internos de mármore. Quando ele a viu, seus olhos se contraíram por um instante, e Sherazade achou que tinha visto um traço de amizade lá no fundo. Ele então a levou pelo labirinto de corredores.

Quando estavam na última esquina, Sherazade fez uma parada.

Khalid estava diante de umas portas duplas maciças que tinham três vezes a sua altura. Elas estavam guardadas em ambos os lados por criaturas esculpidas em pedra, com corpo de touro, asas de águia e cabeça humana.

Ele se virou ao ouvir seus passos, e Sherazade ficou sem ar antes que pudesse segurá-lo.

O linho de sua *qamis* era da cor marfim, tecido tão delicado que refletia a luz fraca das tochas que ladeavam o corredor. Seus reflexos iluminavam o seu rosto. A bainha de sua espada estava amarrada à cintura pela *tikka* vermelha. Seu manto era de um marrom-escuro que realçava o âmbar de seus olhos, fazendo-os parecer ainda mais intensos, e até mesmo fluidos. E ainda mais ilusórios.

E esses olhos eram dela. Do momento que ele virou e a viu.

Sherazade diminuiu o passo ao se aproximar dele, seu medo se desfazendo em uma estranha calma.

Ela tentou sorrir.

Ele estendeu a mão para ela.

Quando Sherazade a segurou, reparou num grande anel de ouro no dedo médio de sua mão direita. Havia duas espadas cruzadas entalhadas nele. Sherazade o tocou com o polegar.

— É o meu brasão — Khalid explicou. — São...

— *Shamshirs* gêmeas.

— Sim.

Ela ergueu os olhos, preocupada que ficasse imaginando como ela sabia disso.

Mas ele estava sereno.

— O general lhe contou que eu assisti ao torneio? — ela perguntou sem rodeios.

— Claro. — Um canto de seus lábios se torceu.

Sherazade respirou aliviada.

— Claro.

Ele entrelaçou seus dedos aos dela.

— Você está linda.

— Você também.

— Está pronta?

— E você, está?

Khalid sorriu ao ouvir isso. Levou a mão dela aos lábios e a beijou.

— Obrigado, Shazi. Por ficar do meu lado.

Ela assentiu com a cabeça, as palavras lhe faltando.

Então Khalid avançou, e o Rajput abriu uma das enormes portas. O calor da mão de Khalid guiou Sherazade para o alto de uma imensa escadaria disposta como dois braços abertos. Por um instante ela hesitou, pensando que eles devessem descer por escadas separadas, mas Khalid lhe segurou a mão com força e começou a descer a escada com Sherazade a seu lado. Por cima de seu ombro ela viu pelo canto dos olhos o damasco azul descendo atrás dela, como ondas do mar cascadeando pelo mármore.

Quando chegaram à base da escadaria, Sherazade perdeu o fôlego pela segunda vez nessa noite.

A sala de audiência real do palácio de Rey era sem dúvida a maior que já tinha visto em sua vida. O chão era imenso, com pedras alternadas brancas e pretas criando um padrão diagonal que se estendia até onde a vista alcançava. Belos relevos representando

touros humanos avançando numa batalha e mulheres aladas com longas tranças voando ao vento enfeitavam as paredes, projetando-se alto contra o ar. Tão alto que Sherazade tinha de esticar o pescoço para ver a porção superior das colunas entalhadas que recebiam o peso do telhado. Arrumados próximo à base de cada coluna estavam leões de duas cabeças, de cujas bocas escancaradas saíam tochas de ferro.

No centro dessa imensidão havia um estrado que, em três lados, estava cercado por uma série de mesas baixas. Tecidos coloridos e suntuosos e almofadas ricamente bordadas coloriam o estrado de maneira vibrante. Pétalas de rosas frescas e prímulas secas estavam dispostas sobre a seda e o damasco emoldurado, perfumando o ar com um aroma levemente inebriante que envolvia qualquer um que por ali passasse.

Os convidados estavam dispersos, aguardando sua chegada.

Tariq.

O medo voltou de repente.

Ela podia sentir que Khalid a observava. Ele apertou de leve sua mão, oferecendo delicadamente confiança com um simples gesto.

Sherazade olhou de volta para ele, oferecendo um sorriso vacilante.

— Se agradar aos nossos estimados convidados... — uma voz forte ecoou, vinda do alto.

Todas as cabeças na sala se viraram para eles.

— O califa de Khorasan, Khalid Ibn al-Rashid... e a califa de Khorasan, Sherazade al-Khayzuran.

Todos os olhos se voltaram para ela, corpos se torceram, pescoços se entortaram, procurando um ângulo melhor. Pelo canto do olho, ela finalmente viu um par de olhos prateados olhar para ela, maravilhando-se com seu aspecto esplendoroso... e depois para a sua mão, ainda entrelaçada no calor reconfortante de Khalid.

Então os olhos de prata sumiram na multidão.

Deixando pânico em seu rastro.

Por favor. Aqui não. Não faça nada. Não diga nada.

Ela se lembrou por instantes da escaramuça no *souk* há algumas semanas.

Os bêbados com seus braços fortes...

E o califa encapuzado e sua *shamshir* letal.

Se você ameaçar Khalid, ele vai matá-lo, Tariq. Sem hesitação.

Khalid caminhou para o estrado e tomou o seu lugar no centro das mesas compridas. Sherazade soltou sua mão e se sentou à sua direita, a cabeça num torvelinho de pensamentos.

Não posso procurar por Tariq. Não posso fazer nada. Só vai piorar as coisas.

O que será que ele está planejando?

— Este lugar está vago? — Jalal perguntou, sorrindo para Sherazade.

Ela olhou para cima, piscando muito.

— Depende. É para você?

Ele se sentou do lado dela.

— Eu não lhe dei per...

— Boa noite, *sayyidi* — Jalal o cumprimentou em alto e bom som.

Sherazade franziu o nariz para Jalal.

— Não faça isso, minha senhora. Você fica feia quando faz isso — ele a provocou.

— Boa noite, Jalal. E eu discordo — Khalid retorquiu, em voz bem baixa.

Jalal riu com vontade.

— Minhas desculpas, então. Se permitir um gracejo, *sayyidi*, acredito que todos os homens aqui reunidos estão reavaliando suas noções de beleza.

Despina estava certa. Ele é um mulherengo incorrigível.

— Pare com isso. — Sherazade corou, encarando a arrogância de Jalal.

— Já *isso*... não estraga nada — disse Jalal.

— Enfim, concordamos em alguma coisa — Khalid disse para Jalal, e seus olhos pousaram em Sherazade.

E Jalal se recostou nas almofadas com um sorriso satisfeito, as mãos entrelaçadas sobre a barriga.

— Se agradar aos nossos estimados convidados... — o arauto disse uma vez mais.

De novo, todas as cabeças se viraram para a escadaria disposta como dois braços abertos.

— O sultão da Parthia, Salim Ali el-Sharif.

Quando Jalal se pôs de pé com um resmungo, Sherazade apoiou as mãos no estrado para segui-lo.

Mas Khalid imediatamente a impediu com um gesto.

Sherazade olhou para ele, e o califa fez que não de forma muito discreta, seus olhos se contraindo quase imperceptivelmente. O polegar de Khalid acariciou a parte interna do antebraço de Sherazade, e ela sentiu um nó no estômago. Ele parou, e sua fisionomia ficou novamente indecifrável.

Com o mar de rostos diante deles virados para outra direção, Sherazade deu uma primeira olhada no homem que queria mandar em Khalid com acusações de ilegitimidade. O tio que tratara a mãe de Khalid com tanto desprezo.

O sultão que faria qualquer coisa para ter a chance de assumir um reino.

Salim Ali el-Sharif era um homem atraente, com um queixo firme, cabelos belamente grisalhos e um bigode meticuloso. Ele parecia esguio e em boa saúde, com um par de olhos castanho-escuros de uma receptividade enganadora. Seu manto cor de carvão

era bordado com requinte no colarinho e na bainha, e a cimitarra no quadril tinha o cabo polido em ouro maciço com uma esmeralda do tamanho de um punho de uma criança incrustado na base. Ele caminhou para o estrado com a confiança de um homem sem preocupações e sentou-se no lugar vago, ao lado de Khalid.

Com a chegada de Salim, os demais convidados começaram a se acomodar nas mesas. Sherazade finalmente ousou correr os olhos pelo salão e ficou angustiada ao descobrir que Tariq estava sentado bem próximo, num lugar em que podia a tudo escutar. Quando seus olhares se encontraram, seu rosto bonito adquiriu um ar de perigosa familiaridade — inundado pela lembrança de abraços furtados —, e Sherazade imediatamente desviou o olhar.

Pare com isso! Por favor, não faça isso, Tariq. Se Khalid o vir olhando para mim... Você não entende.

Ele repara em tudo.

E você está arriscando a sua vida.

— Khalid *jan!* — o sultão da Parthia começou, com uma voz suave e falsa, pondo seus dentes de lobo todos à mostra. — Você não vai me apresentar a sua nova esposa?

Enquanto Salim falava, o *shahrbán* se sentou ao lado dele, protegido por sua armadura habitual de prudência.

Khalid fuzilou Salim. E então deu um leve sorriso, com um ar tão falso e gelado que congelou o topo das montanhas novamente.

— Claro, tio Salim. Será um prazer apresentá-la. — Khalid se virou de lado. — Sherazade, este é meu tio por casamento, Salim Ali el-Sharif. Tio Salim, esta é minha esposa, Sherazade.

Salim olhou para ela tão ansioso para ser simpático que Sherazade o achou desconcertante. Ele irradiava uma enorme quantidade de carisma para ela.

— É um prazer conhecê-lo, meu senhor. — Sherazade lhe ofereceu um sorriso forçado, baixou a cabeça e levou os dedos à

testa.

— Por tudo que é sagrado, Khalid *jan...* ela é uma visão.

Apesar de Salim olhar para ela, falava com Khalid, tratando Sherazade como algo um pouco melhor que uma tapeçaria pendurada nas paredes do sobrinho. Isso a irritou.

Sherazade manteve seu sorriso e disse com firmeza:

— Uma visão com olhos e ouvidos, meu senhor.

Khalid continuou olhando para a frente, mas o gelo de sua expressão ficou mais fino com o comentário dela.

Os olhos de Salim se arregalaram, e algo chamuscou por um instante nas piscinas de amabilidade educada entre eles. Ele riu, e o som era tão encantador quanto sua voz.

— Deslumbrante e com a língua afiada. Que combinação interessante! Posso ver que terei uma oportunidade e tanto de conhecê-la, minha senhora Sherazade.

— Uma oportunidade e tanto — Sherazade concordou. — Fico na expectativa, meu senhor.

Apesar de o sorriso dele não durar nem um segundo, não havia dúvidas, ela o estava irritando.

— Como eu — ele respondeu. — Cada palavra como um dardo embebido em água com açúcar.

— Se agradar aos nossos estimados convidados... — o arauto disse das alturas —, o jantar está servido.

Duas fileiras de criados desceram pela escadaria, carregando bandejas fumegantes acima da cabeça. Eles marchavam no mesmo passo até chegarem ao estrado, dispondo os pratos de comida na frente de cada convidado — arroz com endro fresco e feijão-verde, cordeiro temperado com cúrcuma e cebolas caramelizadas, espetinhos de frango e tomates assados, legumes frescos regados com hortelã e salsa picados, azeitonas marinadas em óleo refinado,

pão sírio com bolinhas de queijo de cabra e compotas adocicadas que não pareciam acabar mais...

Sherazade nunca vira tanta comida.

O ar estava carregado do aroma das especiarias e do ruído das conversas. Sherazade começou com um pouco de pão sírio e chutney de marmelo, que tinha rapidamente se tornado seu favorito desde que chegara ao palácio. Enquanto comia, arriscou outra olhada pelo salão. Tariq estava conversando com um homem mais velho sentado à sua esquerda. Quando sentiu que os olhos dela estavam pousados nele, Tariq virou a cabeça, e Sherazade foi forçada, novamente, a desviar o olhar.

Khalid se serviu de vinho e se recostou nas almofadas, deixando seu prato de comida intacto.

— Não está com apetite, sobrinho? — Salim olhou para Khalid, erguendo as sobrancelhas. — Ou talvez ele tenha misteriosamente desaparecido. Isso pode acontecer quando a pessoa está... preocupada.

Khalid ignorou a provocação de Salim e tomou outro gole de vinho.

— Ou... será que você está preocupado que sua comida vai lhe punir em resposta a alguma ofensa inexplicável? — Salim riu de sua própria piada e piscou para Sherazade.

Homem odioso.

Sherazade estendeu a mão e roubou uma azeitona do prato de Khalid. Enfrentando seu olhar, ela pôs a azeitona na boca e comeu.

— A comida dele me parece ótima, meu senhor. Não sei de que ofensa inexplicável o senhor poderia estar falando, mas fique tranquilo, a comida dele é segura. — Sherazade retribuiu a piscadela. — Quer que eu teste a sua comida também, tio?

A isso Jalal começou a rir, e até o *shahrban* se sentiu forçado a baixar o queixo grisalho.

A sugestão de um sorriso surgiu nos lábios de Khalid.

Do outro lado do salão, uma taça foi posta na mesa com veemência injustificada.

Por favor, Tariq. Não faça um escândalo. Não faça nada.

Salim sorriu para Sherazade.

— Verdadeira língua afiada, minha senhora Sherazade. Eu me pergunto onde você a encontrou, Khalid *jan*, mas...

A mão direita de Khalid se fechou, e Sherazade segurou a vontade de apunhalar Salim no olho com um talher.

— Por que gostaria de saber onde ele me encontrou, meu senhor? O senhor está disponível? — Sherazade perguntou indiferente.

Os olhos castanhos de Salim faiscaram.

— Talvez eu devesse estar. Você tem parentes, minha senhora? Talvez uma irmã?

Ele sabe que tenho uma irmã. Será que... está ameaçando a minha família?

Sherazade inclinou a cabeça para o lado, abafando uma chama de preocupação.

— Eu tenho uma irmã, meu senhor.

Salim apoiou os cotovelos na mesa, estudando Sherazade com um olhar divertido, ainda que de rapina.

Khalid estava prestando total atenção no sultão da Parthia, e os músculos de seu antebraço se contraíram. Sua mão se moveu na direção de Sherazade. As conversas à sua volta tinham morrido com o reconhecimento de uma tensão crescente no ar.

— Será que não sou perigoso o suficiente, Sherazade? — Salim perguntou num tom pensativo, carregado de frieza. — Talvez *misericioso* demais com as mulheres do meu passado? Interessado demais em deixá-las *viver*?

Várias pessoas prenderam a respiração em torno deles, com um efeito cascata rapidamente tomando conta do salão. Jalal soltou o ar com uma praga sussurrada que recebeu um olhar de advertência de seu pai.

Sherazade engoliu a fúria e sorriu calorosamente.

— Não, tio Salim. Você simplesmente é velho demais.

O salão ficou silencioso como uma tumba.

E então o enorme homem com a coleção de anéis nos dedos começou a rir, seu bigode oleoso sacudindo junto. Ele foi seguido pelo nobre que havia chegado na montaria de listras pretas e brancas. Logo outros foram se juntando, até que um coro alegre ecoava pelo salão.

A gargalhada estrondosa de Salim sobressaindo às demais. Só os que estavam mais perto viram o olhar venenoso que ele lançou para a jovem califa de Khorasan. Só os que o conheciam bem entenderam que ele estava muito furioso com a reviravolta da situação.

E apenas aqueles que olhavam muito atentamente viram o califa de Khorasan se recostar nas almofadas e brincar com as pulseiras no braço da esposa.

O rapaz dos olhos cor de prata foi um deles.

Uma dança na varanda

No final do banquete, um grupo de músicos se reuniu num canto próximo aos estrados. Um homem com a barba grande, com um *kamancheh*, deslizou o arco no seu instrumento para verificar se estava afinado e apertou as cavilhas de marfim, enquanto uma jovem ajeitava a palheta de seu *ney* uma última vez. Um homem mais velho acomodou a base de seu *tombak* contra o quadril e testou o som do tambor... lento, rápido, acelerado. Ele começou a imprimir o ritmo, e a melodia mais doce do *santur* se fez ouvir antes que os quatro músicos estivessem totalmente absortos em sua música. Engolidos pelo ritmo.

Do lado oposto do estrado, uma jovem apareceu.

Um murmúrio surgiu nas mesas. Suspiros de descrença.

Jalal gemeu. Khalid desviou o olhar.

Ela era sem sombra de dúvida a moça mais bonita que Sherazade já tinha visto.

Vestia um corpete de seda vermelho-carmesim justo que deixava pouco à imaginação e uma saia rodada combinando que tinha um bordado complexo na bainha. Seus cabelos passavam da cintura em uma espiral de cachos cor de mogno, com mechas de ruivo que se incendiavam à luz das tochas. O rosto teria feito um pintor se ajoelhar — as maçãs do rosto, sua pele sem marcas, suas sobrancelhas arqueadas e os cílios espessos que se abriam e fechavam sobre olhos obscenamente grandes.

Claro, a moça começou a dançar.

Ela se movia como uma cobra, serpenteando sobre as pedras negras e brancas do chão, ao ritmo dos acordes crescentes da música. As curvas de seu corpo pareciam inspiradas pela própria lua. As mãos e o quadril reboavam, sacudiam... retorciam. Ela possuía uma malemolência que era coisa de outro mundo.

Totalmente injusto.

A moça veio mesmerizando por entre as mesas até o centro, e Sherazade ficou alerta.

Ela... está dançando para Khalid.

Era óbvio. Os olhos da moça estavam fixos no califa de Khorasan, sua íris escura um convite ao proibido. Com cada volteio lento, sua madeixas lhe rodopiavam sobre os ombros, e as pedras preciosas em sua barriga refletiam com naturalidade.

Quando ela sorriu para Khalid, como se tivesse uma vida de segredos partilhados, uma série de imagens feias passou pela cabeça de Sherazade — a maioria delas começando e terminando com cachos cor de mogno sendo arrancados pela raiz da cabeça da linda moça.

Como posso estar sendo tão infantil? Ela está apenas dançando.

Não tem importância. Nada disso importa.

Sherazade respirou fundo e desviou o olhar. Quando Jalal começou a rir, ela olhou para ele, o calor lhe subindo pelo pescoço.

A garota insolente terminou a dança a poucos passos do estrado, as mãos dela posicionadas acima da cabeça e os cachos infindáveis jogados por sobre um ombro de forma sedutora.

Maravilhoso. Agora vai embora.

Em vez disso, a moça veio desfilando na direção deles, o quadril estreito requebrando, mesmo sem música. Ela parou diante de Sherazade.

Então abriu um sorriso.

— Olá, Khalid — ela disse com uma voz pecaminosa.

Khalid expirou com cuidado antes de levantar seus olhos de tigre para ela.

— Olá, Yasmine.

Irritada não era a palavra certa.

Angustiada?

Não. Essa também não era correta.

Furiosa?

Sherazade balançou a cabeça e sorriu para o nobre linguarudo diante dela, lutando para manter a cabeça longe, a fim de poder prestar atenção na conversa.

Yasmine el-Sharif. A filha do homem odioso.

Logo que Sherazade soube o nome da linda moça — por Jalal, e ninguém mais —, ela sorriu com paciência durante a apresentação formal. Pelo relacionamento dolorosamente óbvio de uma vida inteira entre Khalid e a escultural princesa da Parthia. Então Sherazade se levantou e, sem expressão, começou a cumprimentar os nobres presentes.

Sem Khalid.

Ela estava disposta a fazê-lo, por algum tempo, sem o califa de Khorasan a seu lado.

Sem o chamado Rei dos Reis e seus muitos, muitos segredos.

E ela assim o fez. Mas agora ela estava... afundando.

Ele devia ter me contado sobre Yasmine. Fiz papel de boba.

— Olá, Sherazade. Posso chamá-la assim?

— Como? — Sherazade perguntou, abalada desde a raiz dos cabelos.

Yasmine sorriu, e era um sorriso tão perfeito que Sherazade queria jogar fuligem em seus dentes.

— Claro — Sherazade respondeu, amaldiçoando sua alma desprezível.

O nobre cujo nome ela já havia esquecido olhava maravilhado para Yasmine, seus olhos quase saltando das órbitas.

— Você se importaria se eu roubasse a califa por um instante? — Yasmine bateu os cílios para ele com uma destreza que Sherazade jamais teria.

Ele assentiu com a cabeça, vigorosamente, saliva afluindo no canto dos seus lábios em vez de uma resposta.

Yasmine pegou Sherazade pela mão, puxando-a para as sombras atrás de uma imensa coluna de pedra.

— Você parecia precisar ser resgatada.

— Obrigada. — Sherazade escondeu sua desconfiança sob um sorriso caloroso.

Yasmine estudou Sherazade à luz da tocha que saía da boca do leão ali perto.

— Você é frustrantemente bonita — ela disse.

— O quê? — O comentário fez com que Sherazade franzisse o cenho.

— Eu não esperava que fosse tão bonita.

Sherazade segurou firme o sorriso.

— Bem, eu não esperava por você.

Yasmine riu afetadamente, apoiando-se no mármore polido com as mãos atrás das costas.

— Você é honesta. Agora faz sentido. Ele adora honestidade.

— Perdoe-me, eu sou um pouco obtusa. Você vai ter que ser mais específica.

— Faz sentido ele tê-la escolhido. — Os olhos de Yasmine com seus cílios longos estavam focados em Sherazade.

Ela está tentando ser engraçada?

— Tenho a impressão bem forte de que você sabe que ele não me escolheu.

— Você está errada. Ele a escolheu. E ele não toma essas decisões de maneira leviana. — Yasmine se afastou da coluna e deu um passo na direção de Sherazade. — Especialmente quando podia ter escolhido uma moça que não queira nada além do seu amor.

Os instintos mais básicos de Sherazade a levavam a dar o troco em Yasmine, no mínimo, mas ela se recusava a discutir com uma

moça linda por causa de um rapaz impassível.

Especialmente um rapaz que guardava seus segredos mais bem escondidos do que suas confidências.

— Apesar de ter apreciado sua ajuda para me afastar de uma conversa um bocado maçante, acho que é hora de voltar aos meus convidados. — Sherazade se virou para se afastar.

— Você o ama?

A pergunta fez com que Sherazade parasse.

— Acredito que isso não lhe diga respeito.

— Discordo. Veja, eu amei Khalid desde que éramos crianças. E ele merece ser amado por alguém que o entenda. — Yasmine parou para recuperar o fôlego. — Mesmo que não seja eu.

Certamente isso não era nada do que Sherazade esperava que Yasmine dissesse. Ela esperava que a moça a ameaçasse ou a envolvesse em alguma outra coisa desprezível. Essa colocação provava que Yasmine não era apenas uma princesa mimada, pois negava ao seu coração o direito a seu desejo.

Ela realmente se importa com ele.

Mesmo que ele tenha lhe dispensado o mesmo cumprimento gelado que deu a seu pai.

Um estranho sentimento de piedade começou a eclipsar a irritação de Sherazade.

— Você entende Khalid? — Sherazade riu, na tentativa de ocultar o desconforto crescente. — Nesse caso, por favor, me esclareça. Eu ficaria muito agradecida.

Yasmine sorriu com uma simpatia educada.

— Isso depende. Quanto está disposta a ajudar sua inimiga, Sherazade?

— Infelizmente, seu maior erro da noite é que eu não a vejo como uma inimiga, princesa da Parthia — Sherazade inclinou a cabeça numa breve reverência. — Se me dá licença...

— O que vê, então? — Yasmine se pôs no caminho de Sherazade, seus olhos escuros brilhando, divertidos.

— Eu a vejo como uma manipuladora linda. Uma artista das palavras.

Yasmine concordou, seu sorriso se transformando num arco suave.

— Deve ser como se olhar no espelho.

Ela é rápida. E corajosa.

— Que sorte. — Sherazade sorriu de volta. — Todos devíamos ter a sorte de tê-la como reflexo.

Yasmine riu, e pela primeira vez parecia uma risada espontânea.

— Que vergonha, Sherazade al-Khayzuran. Uma parte de mim acha que podia gostar de você se a gente se encontrasse sob um céu diferente, em outra ocasião.

— Estou surpreendentemente inclinada a concordar, Yasmine el-Sharif. — Sherazade fez uma reverência mais profunda, os dedos passando pela testa num floreio. Então girou e contornou a coluna...

E deu um encontrão no peito largo de um homem.

Ela tropeçou e quase foi ao chão, mas uma mão firme a segurou, evitando a situação humilhante. Quando Sherazade levantou o rosto para seu salvador, um par de olhos cinza-prata familiares, ferozmente brilhantes, estava olhando para ela.

Incomparável em seu amor.

Tariq. Não. Você não pode...

Ela tentou recolher a mão, mas ele a apertou, lhe passando alguma coisa.

Um bilhete.

Sherazade o pegou, escondendo-o, e puxou a mão.

— Obrigada — ela disse.

— De nada, minha senhora. — Ele sorriu educadamente.

Preocupada que outros pudessem ver esse estranho encontro, Sherazade deu um passo atrás e ajeitou o tecido da capa, escondendo o bilhete debaixo do polegar.

— Não acredito que já o conheça — ela disse, tranquila, apesar de seu coração estar dando cambalhotas de preocupação em seu peito.

Ele balançou a cabeça e respondeu à deixa dela.

— Sou Tariq Imran al-Ziyad de Taleqan, minha senhora. — Tariq fez uma reverência, tocando a testa.

O Rajput saiu das sombras atrás de Tariq, avaliando a impressionante altura do jovem nobre.

— É sua primeira visita a Rey? — ela continuou, determinada a parecer tranquila.

— Não, minha senhora. Eu costumava ter parentes na cidade.

— Costumava?

Tariq sorriu encantadoramente, apesar de seus olhos continuarem a trair a profundidade de seus sentimentos.

— Sim. Mas espero mudar isso em breve — e ele abaixou a voz —, quando eu casar.

O sentimento por trás das palavras era claro. Sherazade sentiu o calor de seu olhar e, por um instante, se permitiu olhar para ele de verdade. Olhar para o rosto perfeito do rapaz impetuoso por quem se apaixonou, e lembrar...

A menina miúda cujos olhos o seguiam por toda parte.

E o menino alto que a seguia com todos os seus sentidos.

— Sherazade.

Ao som da voz de Khalid, Tariq deu um passo na direção dela, como que para protegê-la. Os olhos cor de avelã de Sherazade brilharam em alerta enquanto uma descarga de medo a percorreu.

Khalid verá tudo. Porque Tariq... não pode esconder nada.

Khalid caminhou em sua direção, sem nem olhar para Tariq.

— Sherazade — ele repetiu.

— Sim?

— Estava procurando por você — ele disse num tom neutro.

Sherazade se virou para ele, não se preocupando em esconder sua raiva.

— Mil desculpas, *sayyidi*. Eu estava falando com Yasmine e perdi a noção do que é realmente importante. — Suas palavras eram um tiro bem calculado.

Khalid absorveu o impacto sem reação, seus olhos cor de âmbar frios.

— Entendo.

Será?

Sherazade sustentou seu olhar, a cabeça numa confusão de pensamentos e emoções.

Agora não era nem a hora nem o lugar para partilhá-los.

Afinal, Khalid tinha seus segredos.

Ele não merecia conhecer os dela.

Baba e Irsa.

Tariq.

Tinha que manter os seus bem-amados a salvo. Salvos desse menino com um passado cruel e um futuro improvável.

Salvos do domínio que ele exercia sobre seu coração.

— Você já foi apresentado a Tariq Imran al-Ziyad, *sayyidi*? — ela perguntou a Khalid, determinada a controlar a situação.

Khalid piscou uma vez. Finalmente, ele se virou para tomar conhecimento da presença de Tariq.

A fisionomia de Tariq ficou tensa. Seus lábios se tornaram uma única linha.

Ai, Deus. Por favor, faça melhor que isso.

Então relaxou e sorriu para Khalid.

— *Sayyidi* — ele fez uma profunda reverência e levou a mão à testa —, sou Tariq Imran al-Ziyad, filho de Nasir al-Ziyad, emir de Taleqan.

Khalid retribuiu com um ligeiro aceno de cabeça.

— Espero que aproveite sua estada na cidade.

O sorriso de Tariq se alargou.

— Com esta hospitalidade, *sayyidi*, certamente aproveitarei.

Ele está maluco?

Sherazade caminhou até as sombras de sua varanda, seu coração batendo de acordo com o ritmo de seus passos.

O bilhete estava agora úmido do suor de sua mão. Um pouco da tinta havia manchado sua pele, transformando tudo numa ruína em azul e preto. Ela mais uma vez desenrolou o pergaminho para ler o recado bizarro escrito na letra ousada de Tariq:

Sua varanda. Quando a lua estiver no seu ponto mais alto esta noite.

Esperarei até o amanhecer, se preciso. Não me teste.

Ele pelo menos tinha tido o bom senso de não assinar.

Doido varrido!

Ela o amassou na mão pela quinta vez.

Ele estava arriscando tudo com essa temeridade. Com sua ignorância. Com sua...

— Shazi? — Uma sombra se materializou no escuro, no limiar da varanda.

— Aqui — ela falou com urgência.

Tariq subiu um pouco mais, agachando-se. Sherazade o agarrou pelo capuz de sua *rida'* e o empurrou para o canto mais escuro da parede.

— Você está completamente maluco? — ela perguntou. — Você percebeu quanto é perigoso...

Tariq puxou Sherazade contra o peito.

— Deus, como senti sua falta.

Quando Sherazade tentou falar novamente, ele apertou seu rosto contra o peito, rindo de seus protestos.

— Pare. Por um instante, me deixe segurá-la.

— Você é doido, Tariq Imran al-Ziyad. Muito doido — ela resmungou, batendo em seu ombro. — Como conseguiu um convite?

Ele deu de ombros.

— Interceptei um que estava sendo enviado a meu pai em Taleqan. Ou, para ser mais exato, Rahim interceptou.

— Idiota! Vir aqui é mais do que uma tolice, e...

— Pode ser uma tolice, mas estou aqui para terminar o que você começou. — Tariq correu os dedos pelos cabelos de Sherazade. — Diga-me como planeja matar o menino-rei.

Sherazade ficou estranhamente calada.

— Shazi?

— Eu... — ela balbuciou.

— Você ainda não sabe?

Sherazade se afastou do peito dele, sem intenção de dar voz à sua incerteza.

— Certo. O que descobriu? — ele continuou.

Ela franziu e olhou da sombra para a amurada de pedra e além.

— Sherazade, você está aqui há semanas. O que descobriu? Quais os hábitos do menino-rei? Suas fraquezas?

Conte a ele o que sabe.

— Eu... não sei. Ele é difícil de compreender.

Por que não consigo contar?

— Difícil? Ele tem a personalidade de um camelo velho. Tão mal-humorado e sem utilidade quanto um.

Uma pontada atingiu Sherazade ao ouvir isso.

— O que quer dizer?

— Ele brinca com a comida, fica num silêncio taciturno e deixa que a esposa lute suas batalhas por ele.

— Como? Não. Você entendeu tudo errado.

— Por favor, não me diga que o está defendendo. Ele mal lhe deu atenção a noite toda, a não ser para desfilhar com você diante de todos como um troféu... e naquele momento irritante que ficou brincando com suas pulseiras. Eu podia passar sem essa.

— Não o estou defendendo. Estou dizendo que é... complicado.

— Apesar das camadas de escuridão, Sherazade podia ver que as sobrancelhas grossas de Tariq se franziam acima do nariz.

— Complicado? Não há nada de complicado nisso. Até onde sei, tudo que preciso é de uma arma nas mãos para dar um tiro certo.

Não!

Sherazade ouviu um ruído em seu quarto.

Seu coração parou. Ela pôs a mão na boca de Tariq e o empurrou para as sombras. Então caminhou para seus aposentos, suspirando aliviada ao não encontrar ninguém ali.

Tariq estava encostado na parede quando Sherazade voltou.

— Está esperando alguém? — perguntou com frieza.

— Você tem que ir embora.

— Por quê? — a voz desafiadora.

— Tariq, por favor.

Seus olhos se estreitaram até virarem dois traços prateados.

— Ele virá vê-la esta noite?

— Você precisa ir embora. Agora. — Sherazade o puxou pelo pulso, mas ele se recusou a desencostar da parede.

— Bom. Deixe-o vir. Isso vai resolver o caso em todos os aspectos.

— Você deseja morrer? — ela gritou baixo, num desespero contido.

Tariq riu, e o som era carregado de arrogância.

— Nas mãos do menino-rei? Do camelo envelhecido?

— Idiota! Ele vai matá-lo!

— Você tem certeza? Não acha que vai pedir à mãe para fazer isso por ele?

Sherazade respirou fundo. E, antes que pudesse evitar, ela desabafou, sussurrando:

— Você não sabe nada sobre ele, e sua ignorância será sua desgraça. Saia daqui, Tariq, porque se Khalid entrar por aquela porta, ele vai fatiá-lo antes que você consiga abrir a boca, e isso vai acabar comigo. Muito além das palavras. Muito além do tempo. Se você me ama, não me obrigue a ver isso acontecer.

Sherazade segurou a *rida'* dele com força, o rosto distorcido pelo medo.

O choque inicial de Tariq se derreteu diante da visão da dor dela.

— Shazi... desculpe-me.

— Não se desculpe. Apenas... vá.

Tariq deu um pequeno passo, afastando-se da parede. Girou para pegar Sherazade pela cintura e encostá-la contra a parede. Ele lhe passou as mãos nos braços.

— Eu amo você, Sherazade al-Khayzuran. Não há nada que eu não faça por você. Nada que eu não tentasse se isso garantisse a sua segurança. O mundo deve ter medo de se colocar entre nós.

— Eu... eu também amo você, Tariq.

Ele sorriu. E então, sem aviso, colou seus lábios nos dela. O queixo de Sherazade afrouxou diante da surpresa, e Tariq aprofundou o beijo, erguendo-lhe o queixo com um afago do polegar.

A boca de Sherazade correspondeu automaticamente. Os lábios dela curvados sobre os dele como haviam feito em tantas ocasiões. Mas... por que parecia errado dessa vez? Onde estavam a falta de ar

e a sensação de levitar? Aquele momento de incandescência sem controle?

Onde estava a sensação de queda?

Está aqui. Eu sei que está. Posso recuperá-la.

Tenho que recuperá-la.

Descobertas e explicações

Um dia de caçada esportiva seria bem interessante, sem dúvida.

Tariq desceu um dos intermináveis corredores com um guarda a seu lado. Enquanto andava, ele admirava o esplendor do palácio de Rey. As paredes e os tetos abobadados eram polidos além do razoável, e cada pórtico tinha um sol explodindo desenhado no centro, apoiado por vigas e arcos de colunas de ágata de veios azuis.

Era sem dúvida lindo. Talvez um pouco frio e imponente.

Logo ele se juntou aos nobres que iam tomar parte na expedição de caça. É verdade, Tariq estava feliz com a distração e com a oportunidade de passar algum tempo na companhia de seu alvo. Seu encontro com Sherazade na noite anterior o preocupara bastante.

Não era de seu feitio ser tão cautelosa e distante. Também não era de seu feitio estar tão preocupada com a segurança. Geralmente ela era a primeira a se atirar na batalha, sem medir as consequências.

Quando eram mais jovens, Sherazade queria aprender a subir em árvores. Entediada com a perspectiva em curto prazo, insistiu então para escalar as muralhas de Taleqan. Ele e Rahim tinham suplicado que ela deixasse essa tolice de lado, mas isso só reforçara sua vontade. Enquanto a observava escalar numa tarde, com seus cabelos pretos caindo, toda despenteada, ele notou um sinal de calíça escorrendo na parede bem ao lado do pé dela. Ele soube, naquele instante, que o tijolo estava se soltando. Tariq gritou para alertá-la, mas já era tarde. Ele ouviu Shiva gritar atrás dele quando Sherazade despencou. O coração saiu do peito ao ver o pequeno corpo aterrissar na areia. Tariq foi o primeiro a chegar até Sherazade, a aninhá-la contra o peito, chamando por ela. E foi ele

que praguejou alto quando ela riu dele, dizendo que estava bem, mesmo que a cabeça doesse um pouco.

Esse tinha sido o dia em que ele dissera pela primeira vez que a amava.

Tariq respirou fundo.

Também era estranho que Sherazade hesitasse. No que quer que fosse.

E ela hesitara ontem.

Quando ele disse que a amava na varanda, ela hesitou em responder. E então, quando ele a beijou, alguma coisa estava diferente. Ele podia senti-la pensando. Questionando-se. Querendo... outra coisa.

Ou outro alguém.

Isso o estava deixando doido.

— Acredito que não tenhamos sido apresentados. Sou o capitão Al-Khoury.

Ao seu lado estava o menino arrogante de cabelos cacheados e sorriso onipresente.

Tariq retribuiu com um sorriso educado.

— Tariq Imran al-Ziyad.

— Sim. Eu sei.

— Minha fama me precede?

— Rezaria para que esse não fosse o caso, se eu fosse você — o menino brincou. — Você trouxe seu próprio falcão, certo? Que sorte, considerando a programação de hoje.

— Você está sempre tão bem informado sobre tudo?

— É um risco ocupacional. Por falar nisso, fiquei surpreso em saber que você veio com o convite do seu pai. Eu estava ansioso para ser apresentado a ele.

Tariq cruzou os braços para esconder que ficara sem jeito.

— Ele estava doente e me pediu para vir a Rey em seu lugar.

— Que pena. Por favor, transmita os meus votos de pronto restabelecimento. — O olhar do capitão Al-Khoury se dirigiu para uma arcada no canto, e sua fisionomia se tranquilizou, mantendo um ar levemente divertido.

O menino-rei chegara. Dessa vez, Tariq tomou o cuidado de reparar na espada que o califa trazia do lado esquerdo do quadril. A lâmina era certamente diferente... mais longa e mais delgada do que uma cimitarra, com uma ponta recurva afiadíssima.

— É uma *shamshir* — o capitão Al-Khoury disse, observando Tariq com imensa curiosidade.

— Não estou familiarizado com essa arma especificamente.

O capitão Al-Khoury concordou.

— É incomum. Mas assim é Khalid.

— Khalid?

— Ele é meu primo.

Os lábios de Tariq achataram-se.

— Entendo.

O capitão Al-Khoury riu.

— Não se preocupe. Temos muito pouco em comum, além do sangue.

— O que quer dizer com isso?

— Que não quebrarei todos os ossos de seu corpo por uma pequena falha. — Apesar de ele continuar sorrindo, seu tom era quase ameaçador, e Tariq decidiu ignorar.

— Isso parece demasiadamente duro. E muito adequado.

O capitão Al-Khoury sorriu de novo, um sorriso um pouco mais largo.

— Eu o avisei. Khalid é incomum.

Tariq se virou para o menino-rei, uma série de linhas se acumulando em sua testa castigada pelo sol.

— Ele parece muito quieto.

— Ele é quieto. Mas um homem muito mais sábio do que eu disse certa vez que os mais espertos são os mais quietos...

Tariq aguardou, mal conseguindo disfarçar seu crescente desprezo.

O capitão Al-Khoury chegou mais perto.

— Porque eles escutam tudo.

— Um conceito interessante — Tariq disse, pensativo. — E quem disse isso?

O capitão Al-Khoury sorriu debochadamente.

— Khalid. — E então ele foi se postar ao lado do menino-rei.

Quando o sultão da Parthia chegou, o grupo de homens começou a descer os corredores na direção da galeria aberta que tinha dez vezes o tamanho do pátio de Taleqan. De um lado da galeria ficava uma série de portas duplas que levavam ao início de um exuberante jardim arborizado.

Enquanto os homens atravessaram por esse caminho, eles cruzaram com Sherazade. Ela estava andando através de outro grupo de portas duplas com uma jovem camareira atraente e o mesmo guarda-costas bruto e ameaçador da noite anterior.

O peito de Tariq esvaziou ao vê-la.

Ela ficava mais bonita a cada minuto que passava, como se a vida nesse palácio de pedra fria e polida lhe fizesse bem. Hoje, suas vestes prata e rosa contrastavam com seu cabelo escuro e com sua pele bronzeada, fazendo-a parecer ainda mais encantadora do que de costume. Ele preferia essa roupa à da noite anterior, apesar de ela ter fascinado cada homem naquela sala com suas safiras azuis e a seda preta.

Mas ela sempre deslumbrava Tariq.

Os homens ali reunidos pararam por um instante para cumprimentar a califa, e o bastardo da Parthia deu um passo à frente, na tentativa de fazer o mesmo.

Tariq lutou contra a vontade de reagir. De revidar.

Felizmente, o capitão Al-Khoury foi na direção de Sherazade, e por isso Tariq achou-o menos desprezível.

Até que o menino-rei parou o primo, com um único gesto de mão.

Enfurecido, Tariq fuzilou seu alvo com os olhos.

Uma pitada de emoção atravessou por um segundo o rosto do menino-rei.

Orgulho?

O sultão da Parthia deslizou até Sherazade, o encanto emanando dele como uma doença degenerativa.

— Bom dia, minha senhora! Espero que tenha tido uma boa noite.

Sherazade fez uma reverência.

— Tive, meu senhor. E o senhor?

Ele assentiu, balançando a cabeça.

— Uma bela noite. Minha filha me contou que teve uma ótima conversa com você e ficou feliz por conhecê-la.

— Gostei da conversa com Yasmine, meu senhor. Foi muito... esclarecedora.

— Acredito que ela tenha usado exatamente essas mesmas palavras, minha senhora.

— Acho muito apropriado, meu senhor. Dada a nossa conversa.

— A língua afiada como a de uma víbora — ele respondeu. — Diga-me, minha senhora, a senhora alguma vez perde a oportunidade de responder?

Sherazade sorriu; era um sorriso radiante e mordaz ao mesmo tempo.

— Eu receio que seja imprudente, meu senhor. Especialmente num covil de cobras.

O sultão balançou a cabeça, seu divertimento exagerado demais para ser real.

— Você precisa vir nos visitar na Parthia, porque nossas cobras têm menos oportunidades de dar o bote. Yasmine e eu insistimos. A próxima vez que Khalid for a Amardha, você precisa ir com ele para que possamos retribuir sua hospitalidade.

— Seria uma honra, meu senhor. — Sherazade inclinou a cabeça, os dedos tocando a testa.

O sultão olhou novamente para o menino-rei, um brilho desconcertante em seus olhos.

— Verdade, sobrinho. Ela é um tesouro. Tente mantê-la em segurança. — Só um tolo teria deixado passar despercebida a ameaça que pingava de cada palavra.

Mesmo assim, o fraco menino-rei nada disse... nada fez... ainda que Tariq desejasse surrar o bastardo da Parthia com ambos os punhos. E um machado.

Os mais espertos são os mais quietos?

Tariq fumegava por dentro e cruzou seus braços sobre o peito.

O menino-rei caminhou até Sherazade. Parou à distância de um braço na frente dela e, mais uma vez, nada disse. Ele a observou em silêncio com seus estranhos olhos cor de laranja dourado. Depois de um instante começou a sorrir, e Sherazade retribuiu com um meneio de cabeça quase imperceptível.

O vazio no peito de Tariq ficou ainda maior.

Sherazade e o menino-rei se entendiam sem ter que usar palavras.

O menino-rei fez uma profunda reverência diante de sua califa, com a mão toda à testa. Ao se levantar, baixou a mão para seu coração e foi embora. O grupo o seguiu, cumprimentando Sherazade ao passar por ela. Quando Tariq parou na sua frente, ela desviou o

olhar, corou e fechou as mãos em torno das pregas de seu manto prateado.

Foi então que Tariq se lembrou das palavras de seu tio na noite em que ele e Rahim chegaram a Rey, cobertos de poeira e exaustos por causa dos dois dias de viagem difíceis.

A cidade fervilha de especulações. A principal é a de que o califa deve estar apaixonado pela noiva.

Tariq apertou o passo para se juntar ao grupo no primeiro platô do jardim, cheio de árvores em flor espalhadas em várias camadas e um viveiro de pássaros canoros coloridos.

O menino-rei ficou olhando para trás, para seu palácio, enquanto desciam cada platô.

Finalmente o capitão Al-Khoury disse bem alto:

— *Sayyidi*, acredito que você tenha deixado algo muito importante no Grande Pórtico.

O menino-rei estreitou seus olhos estranhos para o primo.

— Talvez você devesse resolver isso e se juntar a nós mais tarde na caçada. — O sorriso irritante do capitão Al-Khoury ficou cada vez maior.

O menino-rei olhou uma vez mais para trás. Então virou-se em um movimento impecável e foi pedindo desculpas enquanto passava pelo meio da comitiva.

Tariq não tinha dúvida alguma de que ele ia até Sherazade. Os demais nobres também tinham essa certeza. Mal o califa desapareceu da vista, e todos começaram a falar ao mesmo tempo. O menos escrupuloso começou a aceitar apostas sobre quanto tempo demoraria para que Khorasan tivesse um novo herdeiro para o trono.

O sultão da Parthia ouvia atentamente... com um olhar de desdém.

Tariq sorriu, alternando ondas de raiva e angústia. Depois de algum tempo, ele não suportou mais. Deu meia-volta.

— Aonde vai? — o capitão Al-Khoury perguntou.

Tariq pensou rápido.

— Deixei minha *mankalah* no meu quarto.

— Acredito que possa lhe arranjar uma.

Tariq negou, pedindo desculpas.

— Zoraya é uma ave temperamental... uma criatura cheia de manias. Diga onde posso encontrá-los, e o guarda pode me mostrar o caminho.

O capitão Al-Khoury observou Tariq com atenção.

— Os cavalos estarão selados e aguardando no passeio próximo aos estábulos reais.

Tariq deu sinais de que compreendeu e foi na direção de um guarda que estava na lateral da comitiva.

— Tariq Imran al-Ziyad?

— Sim, capitão Al-Khoury?

— Essa *mankalah* é tão especial assim?

Tariq sorriu, os olhos prateados brilhando.

— Sim, se eu quiser ganhar.

Sherazade parou diante da caligrafia, estudando as manchas complexas e os floreios delicados em cada uma das pinceladas do artista. As muitas cores da tinta no pergaminho davam vida às palavras na página.

Acima dela, rios de luz transparente partiam do domo do Grande Pórtico, passando por janelas que o circundavam em verdadeiras explosões de ouro e prata. Os raios dourados estendiam a cúpula para nove cornijas, formando um halo de prateleiras que ligavam colunas de mármore de Siena que iam do piso ao teto.

— Este aqui é totalmente ilegível — Despina reclamou, olhando por cima do ombro de Sherazade.

— Acho que é outro poema de amor. — Sherazade sorriu.

— Para que aprender a escrever tão lindamente se ninguém consegue decifrar o que está escrito?

— É a expressão dos sentimentos. Acho que é como o artista se sentiu ao fazer o poema.

— Então este poema o fez se sentir analfabeto?

Sherazade riu, e a musicalidade do som subiu pela cúpula, refletindo pelas cornijas e voltando para a pedra a seus pés.

— Você ri muito alto, como se fosse a única pessoa no mundo — Despina comentou.

Sherazade franziu o nariz.

— Que engraçado! A minha irmã diz algo bem parecido.

— Acredito que você não se importe com isso.

— Por quê? Você preferia que eu parasse? — ela provocou.

— Não — disse Khalid ao entrar no Grande Pórtico. — Eu, não.

— *Sayyidi*. — Despina curvou-se.

Ele a cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Não posso falar por Despina. Mas você realmente ri alto. E espero que nunca deixe de rir.

Despina baixou a cabeça e sorriu, saindo depressa do Grande Pórtico sem dizer mais nada.

Sherazade olhou para cima, para Khalid, cautelosa com o acúmulo de emoções. Sua garganta ficou apertada, e a raiva ameaçou fluir como uma tempestade de palavras que ele não merecia ouvir.

Porque ele não merecia conhecer seus pensamentos mais íntimos. Seus desejos mais verdadeiros.

O quanto ela gostava dele. E como isso pouco importava.

Que seus segredos o consolem, Khalid Ibn al-Rashid.

Porque eu não o farei.

Sherazade ergueu o queixo e se virou para sair.

Khalid lhe segurou o cotovelo quando ela passou por ele.

— Eu bati na sua porta ontem à noite — ele começou.

Seu coração estremeceu e parou.

— Eu estava cansada. — Ela não olhou para ele.

— E com raiva de mim — ele disse suavemente.

Sherazade olhou para ele, espantada, por cima do ombro.

Ele observou a fisionomia dela.

— Não. Furiosa.

— Solte-me.

Khalid soltou o braço dela.

— Entendo por quê. Fui negligente em não lhe falar sobre Yasmine. Desculpe-me. Não acontecerá novamente.

— Negligente? — Sherazade olhou para ele e deu uma gargalhada irônica. — *Negligente?*

— Eu...

— Você tem ideia de como pareci tola? E quanto me senti tola?

Khalid suspirou.

— Yasmine queria magoá-la, e me preocupa ver como ela foi bem-sucedida.

— Como *ela* foi bem-sucedida? Seu miserável, estúpido, sem sentimentos! Você acha que estou com raiva pelo que ela fez? Porque ela *dançou* para você? Meu Deus, Khalid, como você pode ser tão inteligente e tão inexplicavelmente obtuso ao mesmo tempo?

Ele hesitou.

— Sherazade...

— Isso não tem nada a ver com ela. Você me machucou, Khalid Ibn al-Rashid. Os segredos, as portas trancadas para as quais não me deu as chaves, elas me ferem — ela gritou. — Volta e meia você me machuca e dá as costas!

A dor percorreu o mesmo caminho de sua gargalhada, resvalando nas cornijas e de volta ao mármore sob seus pés.

Khalid ouviu os ecos e fechou os olhos com uma careta. Quando os abriu novamente, ele se aproximou de Sherazade.

Ela recuou.

Não vou chorar. Não por você.

Khalid, implacável, segurou-a pelos pulsos e levou suas mãos ao seu rosto.

— Pode me bater, se quiser, Shazi. Faça o que quiser. Mas não abra a mesma ferida; não se vá.

Ele lhe tocou o queixo, descendo a ponta dos dedos para os braços, enquanto esperava que ela se decidisse.

Sherazade ficou paralisada, a máscara de gelo e pedra na palma das suas mãos.

Como ela não esboçou qualquer reação, Khalid afastou uma mecha que lhe caía no rosto com um toque que acariciava e queimava ao mesmo tempo.

— Perdoe-me, *joonam*. Pelos segredos. Pelas portas trancadas. Por tudo. Prometo lhe contar um dia. Mas não agora. Acredite que alguns segredos são mais seguros atrás de fechaduras e cadeados — ele disse baixinho.

Joonam. Ele já a chamara assim. *Meu tudo*.

Como na noite em que ela contara a história de Tala e Mehrdad, por que isso tinha um halo de verdade?

— Eu... — Ela mordeu o lábio inferior, na tentativa de não deixá-lo tremer. Para calar as palavras que queriam jorrar.

Desejosas para confessar os anseios de seu coração caprichoso.

— Perdoe-me, milhares e milhares de vezes, por magoá-la. — Ele se aproximou e pressionou os lábios levemente na sua testa.

Estou apaixonada por ele. Não posso mais ignorar isso.

Sherazade fechou os olhos, derrotada, e desceu as mãos para o peito dele. Então ela o envolveu em seus braços, cingindo o sol e o sândalo. Khalid abraçou Sherazade, e eles ficaram em pé, juntos, sob a cúpula do Grande Pórtico, onde um poema de amor indecifrável servia de testemunha silenciosa.

O vazio em seu peito não era nada agora.

Ele recuaria se isso significasse não ter de testemunhar tudo novamente.

Quando Tariq chegou ao vestíbulo do Grande Pórtico, achou que tinha entrado no lugar errado. Estava muito silencioso. Não era possível que Sherazade estivesse ali.

Então contornou um canto e viu a razão do silêncio.

Ele deteve-se como se uma adaga tivesse sido lançada no ar.

O menino-rei estava abraçando Sherazade. Dando um beijo terno em sua testa.

E Sherazade correspondia ao abraço.

Tariq viu quando os dedos esguios dela percorreram as costas do menino-rei e o puxaram para mais perto, apoiando o rosto contra o peito dele, como um viajante cansado contra o tronco de uma árvore.

O pior de tudo — a parte que tirara todo o ar do corpo de Tariq — era a expressão de tranquilidade sem reservas no rosto dela.

Como se isso estivesse certo. Como se ela não quisesse mais nada.

Sherazade estava apaixonada pelo assassino de Shiva.

O guarda atrás dele deliberadamente fez um barulho. Ao que parecia, ele não se importava em sofrer as consequências por bisbilhotar o califa de Khorasan.

Nas sombras distantes, à direita de Tariq, o guarda-costas descomunal de Sherazade entrou em seu campo de visão, com uma

promessa de castigo e uma lâmina prateada brilhante.

Mas o que realmente fez Tariq parar foi a reação do menino-rei.

O suposto camelo velho.

Ao primeiro sinal de uma possível ameaça, ele puxou Sherazade para trás dele. Ele a protegeu com uma postura ameaçadora, agravada pela grossa metálica de sua *shamshir*, que ele segurava firme na mão direita, com a lâmina apontada para o chão...

Em posição de ataque.

O menino-rei normalmente inexpressivo trazia o rosto concentrado e contraído, com sinais de que a fúria mal contida percorria seu queixo. Seus olhos faiscavam como rocha fundida, lívido e com um único pensamento em mente.

Sherazade segurou o ombro do menino-rei.

— Khalid! — ela chamou. — O que está fazendo?

Ele não se moveu.

Agora Tariq entendeu o que Sherazade queria dizer na noite anterior.

Esse não era um rei cheio de tédio e sem paixão que mandava a esposa lutar suas batalhas.

Isso era definitivamente algo diferente.

Algo que Tariq precisava de tempo para avaliar.

E tempo... para arrancar seu coração, ou coisa semelhante.

Tariq fez uma careta, passando os dedos pelo cabelo.

— Não é aqui que nos encontramos para a caçada? — ele perguntou.

Khalid olhou para o filho de Nasir al-Ziyad com uma irritação crescente.

A explicação para ter invadido o Grande Pórtico era absurda. Sua estupidez quase lhe custara a vida.

Em circunstâncias normais, Khalid teria reagido de forma diferente, mas Salim Ali el-Sharif estava em Rey. Ainda esta manhã, ele estivera na galeria a céu aberto fazendo ameaças veladas a Sherazade. Khalid já esperava por isso, mas não quer dizer que assistir a isso não o incomodara.

Ignorar qualquer ameaça do sultão da Parthia, não importava quanto fosse inconsequente, era uma atitude que sempre se provava pouco sábia.

Khalid não sabia quem esse rapaz tolo era ou quais eram as suas intenções. Ontem, isso pouco importara. Hoje, esse rapaz era apenas uma chateação menor. A única razão por que ele despertara a atenção de Khalid fora pela maneira com que olhara para Sherazade hoje. Não era da forma que a maioria dos homens aprecia uma mulher bonita. A maioria aprecia uma mulher bonita com foco no seu corpo.

A grande maioria dos convidados de Khalid agia desse modo. Os que diferiam se destacavam, mas suas reputações costumavam combinar com eles — homens de moral duvidosa com olhos lascivos que se agarravam a tudo à sua volta.

Tariq Imran al-Ziyad olhara de forma demorada para Sherazade, mas não para apreciar seu corpo.

O que Sherazade tinha a dizer interessava a esse rapaz. Como as ideias por trás das palavras.

Khalid desceu a escadaria para o próximo nível dos jardins a caminho dos estábulos, ao lado do filho de Nasir al-Ziyad. Sua escolta o seguia de perto.

— Por favor, permita-me pedir desculpas novamente, *sayyidi*. — O rapaz ajeitou sua *mankalah* com um sorriso tímido.

Khalid continuou no jardim, olhando o rapaz de canto de olho.

— Fique tranquilo; aprendi a diferença entre um pórtico e um passeio, *sayyidi*.

— Teria sido melhor para mim se você soubesse disso ontem — Khalid resmungou.

O rapaz riu, um som forte. Um sorriso fácil que inspira a fazer o mesmo.

— Obrigado por não me faltar, *sayyidi*.

— Agradeça à rainha. Se eu estivesse sozinho, as coisas poderiam ter acabado de forma diferente.

A marcha firme do rapaz perdeu um compasso.

— Posso felicitá-lo, *sayyidi*? A rainha... Parece que foram feitos um para o outro.

Uma chateação crescente. Khalid parou e olhou para o rapaz.

Tariq era meio palmo mais alto que ele e tinha os ombros mais largos. E Khalid tinha de olhar para cima para falar com esse bobo.

— Sherazade é uma moça difícil, e eu sou um monstro. Suponho que isso forme um belo casal.

Os olhos claros do rapaz faiscaram ao ouvir as palavras de Khalid.

— Você se chocou. — Khalid o observou intensamente. — Com qual parte?

— Com... tudo, *sayyidi*.

O rapaz não era um mentiroso de talento. Uma mera chateação agora era uma preocupação e tanto.

Quando o rapaz tentou quebrar o silêncio desconfortável com outro sorriso simpático, Khalid seguiu o caminho.

— Você é casado, Tariq Imran al-Ziyad?

— Não, *sayyidi*. Mas planejo me casar em breve.

— Então está noivo.

— Sim, *sayyidi*. Com uma garota que eu amo há muitos anos.

O rapaz parecia estar falando a verdade.

— Esta é a razão por que eu o felicitei há pouco. É uma grande bênção achar um amor duradouro, o que reage a cada gesto — o

rapaz afirmou com uma convicção pouco comum.

Foi a primeira coisa interessante que o rapaz dissera nessa conversa. E isso não soou bem para Khalid.

Depois de algum tempo, eles se aproximaram dos estábulos, e Jalal veio ao seu encontro. Sua cabeça se inclinou com curiosidade quando viu o rapaz tolo. Então Jalal acenou para ele, e o rapaz retribuiu o gesto.

— De novo, *sayyidi*, eu peço desculpas pelo acontecido. Por favor, agradeça à rainha em meu nome. Parece que devo minha vida a ela. — O rapaz se inclinou para Khalid e seguiu para os estábulos, sua *rida'* branca arrastando-se atrás dele.

— O que aconteceu? — Jalal perguntou assim que ficaram sozinhos.

Khalid não respondeu.

— Está tudo bem com você e Shazi? — Jalal insistiu.

Khalid continuou observando o filho de Nasir al-Ziyad.

— Khalid?

— Descubra tudo sobre Tariq Imran al-Ziyad. Sua família. Seus amigos. Tudo.

Jalal começou a rir.

— O que é tão engraçado? — Khalid perguntou.

— Não nega o sangue. Esse rapaz tem me incomodado o dia todo.

Um tapete voador e uma maré que sobe

Sherazade estava de pé no quartinho onde ficavam suas roupas. Ela observava Despina separar embrulho por embrulho de seda de uma enorme gama de cores.

— Por Zeus, você não pode apenas escolher um? — Sherazade gemeu, reunindo os cachos dos cabelos escuros todos de um lado da cabeça.

— Seja paciente. Estou procurando algo específico.

— Então seja mais clara, e eu poderei ajudar.

Despina se levantou e estendeu os braços acima da cabeça. Estremeceu ao esticar o ombro esquerdo.

Sherazade franziu a testa, preocupada.

— Como se sente?

— Estou ótima. Dormi pouco ontem.

— Não foi o que eu perguntei.

Despina riu, cantarolando despreocupada.

— Vai demorar meses antes que eu me torne um problema, Sherazade.

— Já contou para Jalal?

— Não.

— Quando vai contar?

— Quando tiver coragem ou não tiver outra opção, o que acontecer primeiro. E não vou falar mais nisso. — Despina virou para um canto no fundo do quarto e continuou mexendo em mais pacotes de seda.

Sherazade fez uma careta para a camareira, imaginando se Despina conseguiria dormir direito uma única noite com tais preocupações, que lhe faziam estragos silenciosamente.

Por que ela não conta a ele?

Quando Despina reapareceu, seu rosto estava marcado pela contrariedade.

— A veste talvez esteja no meu quarto para conserto. Acompanhe-me.

As duas moças deixaram para trás as pilhas de seda e damasco e atravessaram o quarto de Sherazade. Elas pararam diante da única porta, de madeira polida, perto da entrada. Despina abriu a porta e entrou num corredor estreito antes de pôr a mão na maçaneta prateada que dava acesso ao outro cômodo.

Sherazade nunca estivera no quarto de Despina antes, apesar de ser tão próximo do seu. O quarto era pequeno e arrumado, com almofadas ajeitadas de um lado e uma mesa baixa do outro. O armário no canto era da mesma madeira cor de mel da mesa, e havia um leve perfume de primulas.

Despina foi até o armário e abriu uma das portas para começar a busca.

Os olhos de Sherazade vagaram para além do baú de madeira, e ela percebeu algo encostado na parede, amarrado num embrulho com uma corda de cânhamo.

Era o tapete que Musa Zaragoza lhe dera de presente.

— Por que isso está aqui? — Sherazade apontou para o embrulho com a cabeça.

Despina olhou para trás e suspirou.

— Eu vivo tentando me lembrar de lhe perguntar se posso jogar fora.

— Isso foi um presente!

— Está velho e esfarrapado, e possivelmente vai atrair traças. Não quero essa coisa entre suas vestes.

Sherazade revirou os olhos.

— Me dê isso aqui.

Despina deu de ombros antes de lhe entregar o embrulho.

— Por que alguém daria um tapete mínimo e surrado de presente para a califa de Khorasan está além da minha compreensão.

Sherazade o segurou com as duas mãos enquanto se lembrava do dia em que Musa *effendi* tinha visitado o palácio.

É um tapete muito especial. Quando estiver perdida, ele a ajudará a achar o caminho.

— Eu não acho que seja apenas um tapete.

— Então o que é?

— Pode ser algum tipo de mapa — Sherazade arriscou, pensativa.

— Se é um mapa, está desatualizado e, por isso, sem valor.

Sherazade se virou e saiu do quarto de Despina pelo corredor estreito até o seu. Ela se ajoelhou e pôs o embrulho no chão. Começou a tentar desfazer o nó de cânhamo. Quando seus esforços foram inúteis, ela se lembrou por que a sua curiosidade tinha esmorecido quando recebeu o presente.

— Esse nó é infernal — Sherazade resmungou enquanto Despina olhava por cima de seu ombro.

— Deixe-me tentar. — A camareira se agachou ao seu lado e começou a puxar o barbante. Com resultado semelhante, ela fitou atentamente, pensando no que fazer. Então pegou um grampo de prata da coroa de cabelos no topo de sua cabeça. Uma cascata de caracóis de amêndoa dourada lhe caiu pelos ombros, e Despina começou a trabalhar com o grampo no nó.

— Você não vai vencer, nozinho dos infernos — ela sussurrou, olhando para o embrulho com seus olhos azuis estreitados.

Minutos depois o nó se desfez, e ambas gritaram, triunfantes.

Sherazade desembrulhou o tapete e o desenrolou no chão.

Realmente era tão usado e puído quanto se imaginava, da cor de ferrugem, com uma borda azul-escura e um medalhão no centro desenhado em preto e branco. A franja de borlas estava quase toda desfiada. As poucas que sobraram estavam sujas e amareladas pelo tempo, presas por um fiapo de esperança. Dois cantos apresentavam buracos que lembravam queimaduras.

Ao passar a mão por ele, uma sensação esquisita de formigamento surgiu em seu peito. Ela se afastou, assustada.

— O que foi? — Despina perguntou.

A sensação desaparecera.

Sherazade olhou para suas mãos e passou os polegares pelos dedos.

— Nada.

Ambas ficaram de pé para ver melhor o pequeno tapete.

— Bem... é um tapete horroroso — Despina declarou.

Sherazade riu.

— Posso, por favor, jogar fora? — Despina insistiu.

— Achei que pudesse ser um mapa. Musa *effendi* disse que me ajudaria a achar o meu caminho. — A testa de Sherazade enrugou-se.

— Você está falando do mago do Templo de Fogo?

— É isso que ele é?

Despina trancou os lábios e desviou o olhar.

— Não era para você ter me contado isso, não é? — Sherazade deu uma risadinha.

Despina olhou para ela.

— Interessante — Sherazade continuou —, apesar de não me surpreender. Jalal parece ser uma pessoa falastrona. Imagino o que ele deve dizer quando...

— Sherazade!

Sherazade riu quando se desviou do gesto ameaçador de Despina. Seu calcanhar nu roçou o tapete, e o estranho formigamento surgiu novamente em seu peito. Alvorçada, ela se ajoelhou diante do tapete e apoiou a palma da mão nele.

Uma dormência, como a que dá no pé depois que sentamos por tempo demais, começou a esquentar seu coração. O calor se espalhou pelos ombros e para o braço. Então, quando ela passou os dedos na borda do tapete...

Ele se enrolou em sua mão, como se tivesse vida própria.

Sherazade prendeu o fôlego e se desequilibrou, caindo sem graciosidade.

— O que aconteceu? — Despina perguntou, ajoelhando ao lado dela.

— O tapete... se mexeu!

— O quê?

Sherazade ficou de joelhos, o coração acelerado no peito.

— Olha só! — ela pôs a mão no tapete até que a sensação de formigamento tomasse conta dela... e uma ponta do tapete levantou do chão.

Despina praguejou e pulou para trás.

— O que é isso?

— Como posso saber? — Sherazade gritou.

— Faz... faz de novo.

Sherazade repetiu os gestos, e outro canto do tapete se levantou, com a facilidade de uma nuvem que sobe.

Diante disso, Despina a olhou com muito cuidado.

— Você já fez isso antes?

— Não! É o tapete, e não eu.

Despina se ajoelhou e pôs as próprias mãos na superfície puída cor de ferrugem. Ela esperou um pouco. Nada aconteceu.

— Não é o tapete, Sherazade. É você.

Sherazade mordeu o interior da bochecha.

Então você não sabe. Ele está adormecido em seu sangue.

Despina soltou o ar de uma vez, em desespero. Ela pôs a mão de Sherazade no tapete. Quando as pontas se enrolaram e levantaram, Sherazade tentou puxar as mãos, mas Despina não deixou.

Logo, o tapete todo flutuava na altura de seus ombros — sem peso, como se fosse fruto de um sonho. Quando as moças recolheram as mãos, o tapete desceu para o mármore com a graça de uma pétala que cai na terra.

— Bem — Despina sussurrou temerosa —, esse é certamente um truque bem-feito.

Tariq desmontou do cavalo no deserto diante da grande tenda de remendos de Omar al-Sadiq. Ele segurou seu garanhão pelo bridão e o levou até um bebedouro ali perto. Enquanto o cavalo bebia, a superfície espelhada se encheu de círculos concêntricos. Tariq passou a mão no pescoço do magnífico animal.

A viagem de volta não havia sido fácil.

Apesar das garantias que ela lhe dera a respeito de sua segurança, sair da cidade de Rey — deixando Sherazade — fora quase impossível. Ele respeitou seus desejos, mas fizera isso com o coração amargo e pesado. Durante os últimos cinco dias, Tariq cavalaria pelas areias fustigadas pelo vento e pelo sol escaldante, em constante guerra com seus pensamentos.

Como chegara a isso?

Nada fazia sentido. A garota que ele conhecia não era capaz de tal inconstância. A moça que ele amava era esperta, sagaz... *leal* demais para ser conquistada por um monstro. Especialmente um que assassinara sua melhor amiga.

Enquanto essa tempestade rugia em sua cabeça, Tariq se viu voltando ao ponto de maior relevância: nada disso fazia sentido.

E por isso exigia uma explicação.

Tariq lembrou-se de histórias sobre cativos que perdiam a própria vontade e faziam a dos seus captos. Prisioneiros que se apaixonavam por seus algozes. Apesar de ele nunca ter acreditado nisso, era a única explicação possível para o comportamento de Sherazade.

Ela estava fora de si. O palácio, o mundo... aquele monstro havia tomado a mulher que Tariq amava e a levava a esquecer tudo em que acreditava.

Ele tinha que tirá-la de lá. Rápido.

O pio agudo de Zoraya o arrancou de seus devaneios. Tariq assobiou, e ela veio pousar na sua *mankalah* esticada, impaciente por sua refeição noturna. Ele estava preocupado, mas conseguiu sorrir para seu falcão ao lhe oferecer um pedaço de carne-seca.

— Nosso *sahib* sem nome voltou! — uma voz conhecida e rouca disse atrás dele. — Embora os boatos tenham um fundo de verdade, ele agora já tem um nome.

Tariq virou-se para o rosto castigado pelo sol de Omar al-Sadiq.

— Boatos?

Omar sorriu largamente, mostrando a falha nos dentes.

— É assim que são os boatos. Nós normalmente somos os últimos a saber sobre aqueles que falam de nossa pessoa.

Tariq fechou os olhos por um átimo. O excêntrico xeque estava testando sua paciência.

— Existem boatos a meu respeito?

— Sobre o Falcão Branco. O salvador de Khorasan.

— Do que está falando? — Tariq soltou um suspiro profundo.

— Não ouviu falar dele? Dizem que ele cavalga sob o estandarte do Falcão Branco. Que tem a intenção de sacudir a cidade de Rey e destronar o rei cruel. — Os olhos de Omar piscaram. — E eu acho que você conhece a história. Seus amigos o chamam Tariq.

— Desculpe-me — disse Tariq bruscamente, jogando para trás o capuz cheio de poeira de sua *rida'* branca. — Mas não estou disposto a participar de suas brincadeiras.

— Brincadeira? Guerra não é uma brincadeira, meu amigo. Brincadeiras são para crianças pequenas e homens velhos como eu. Guerra é para o prazer destrutivo de homens jovens.

— Pare com os jogos de palavras, Omar! Não aguento isso...

— Você prefere ver seu pavilhão, então? — Omar fez uma careta. — É bem...

— Por favor! — Essa simples expressão eclodiu contra o céu do deserto, enchendo-o de frustração e do persistente indício de dor.

Os olhos penetrantes de Omar avaliaram a angústia expressa no rosto de Tariq.

— O que aconteceu enquanto você estava em Rey, meu amigo?

Tariq soltou Zoraya para que voasse, e se encostou no bebedouro.

— Diga-me o que o está preocupando tanto — Omar insistiu numa voz suave.

— Eu... eu tenho que tirar Shazi de lá. Para longe daquele lugar. Para longe daquele monstro.

— Você está preocupado com a segurança dela. — Omar compreendeu. — Então por que voltou? — A preocupação lhe eclipsava a franqueza.

Tariq se encolheu, incapaz de responder.

— Você pode me contar o que aconteceu, meu amigo?

Tariq olhou para a poeira que baixava no horizonte. Uma nesga de sol poente ainda se demorava, esmaecendo o azul que já se misturava ao preto.

— Suspeito que ele goste dela. Afinal ele a deixou viver, enquanto tantas outras... — Os olhos cinza de Tariq ficaram frios diante da ideia. — Mas não esperava por isso.

Omar coçou a barba.

— Entendo.

— O quê? O que você entende? — Tariq se virou para o xeque dos Badawi.

— Você acredita que o jovem... — Omar pôs a mão retorcida no ombro de Tariq —... está apaixonado pela sua Sherazade.

Tariq olhou fixamente para a manga de linho cru de Omar.

— E o que o fez acreditar nisso? — Omar continuou no mesmo tom suave.

— O... É o jeito como olha para ela — Tariq sussurrou. — Foi a única vez que comecei a entendê-lo.

Omar lhe apertou o ombro.

— Talvez... seja melhor. Ouvei dizer que o jovem califa tem vivido uma vida de profunda perda. Se Sherazade puder...

— Eu não deixarei Shazi nos braços de um louco assassino!

Omar piscou com força. Os cílios pesados de suas pestanas subiram e desceram significativamente.

— Tariq, por que está fazendo isso? Por que está travando essa batalha?

— Porque eu a amo — Tariq disse sem hesitação.

— Mas... por que você a ama?

— Que tipo de pergunta ridícula é essa?

— Não é uma pergunta ridícula. É uma pergunta muito simples. A dificuldade está em respondê-la. Por que você a ama?

— Porque... — Tariq passou a mão na nuca. — Todas as minhas lembranças felizes são dela. Sofri ao seu lado. E... nós rimos juntos sem motivo.

A mão de Omar caiu do ombro de Tariq.

— Um passado partilhado não lhe garante um futuro, meu amigo.

— Como posso esperar que você entenda? — Tariq perguntou. — Ninguém jamais tentou roubar Aisha de você. Ninguém...

— Não preciso perder a minha esposa para entender o significado de uma perda, Tariq. Uma criança com um brinquedo quebrado sabe o que isso significa.

A raiva cresceu no peito de Tariq.

— Você está comparando o meu sofrimento com o de uma criança?

Omar balançou a cabeça com um sorriso confuso.

— Uma perda é sempre uma perda. E a lição é sempre a mesma.

— Não estou disposto a ter uma aula.

— Nem eu. — Omar riu. — Então vou contar uma história em vez disso.

— Por favor, não...

— Numa noite clara, muitos anos atrás, assisti a milhares de estrelas caírem do céu. Eu era apenas um meninote, mas tinha um coração muito curioso, então resolvi correr atrás das estrelas deserto adentro, muito além do horizonte. Entenda, eu queria saber aonde as estrelas iam quando caíam. Corri e corri até que não mais consegui. E mesmo assim não conseguia ver aonde as estrelas tinham ido.

— Sua história é uma lição, Omar — Tariq disse sem nenhuma emoção. — Não sou tão tolo assim.

Omar esboçou um sorriso.

— Eu alguma vez lhe contei que, até hoje, luto contra a vontade de perseguir estrelas cadentes?

— Posso entender muito bem, já que estou lutando contra a vontade de sair correndo.

Omar jogou a cabeça para trás e riu.

— Não antes de nossa aula acabar, meu jovem amigo! Você não pode tirar esse direito adquirido de um homem velho!

— Não. Não posso. — Apesar do peso no coração, Tariq não pôde deixar de sorrir. — Termine sua lição, meu estimado *effendi*.

— Algumas coisas existem em nossa vida apenas por um breve instante. E nós as devemos deixar seguir para iluminar outro céu.

Tariq olhou para a escuridão, para além do círculo das tendas.

— Você quer que eu deixe as coisas como estão. Mas não posso. Não vou.

— E eu sempre respeitarei sua escolha, Tariq *jan*. Ainda que não concordemos, eu lhe darei todo o apoio que puder. Venha comigo. Seu tio o espera.

— Tio Reza, aqui? — Tariq olhou por cima do ombro de Omar.

— Ele chegou há dois dias com seu amigo Rahim e tem esperado ansiosamente pelo seu retorno desde então. — Omar levou Tariq para a entrada da maior das tendas no círculo. Abriu a fenda, e os dois homens entraram.

— Nosso herói pródigo voltou! — Omar anunciou enquanto caminhava para o canto do fundo e se sentava ao lado de Reza com um floreio jocoso.

Tariq tirou os sapatos e a capa antes de seguir pela semiescuridão. O tapete de retalhos a seus pés era macio e gasto. Combinava com o padrão das paredes na tenda a seu redor. Um cheiro discreto de fumaça enchia o ambiente acima de sua cabeça. Cheirava a tabaco e melão.

— Venha, tome um chá — Omar disse com um sorriso. — Estou me divertindo muito com seu tio nos últimos dias, pois ele também gosta de histórias de amor.

Tariq sentou nas almofadas de lã, diante da mesa de madeira cheia de nós, do bule de chá de prata, várias xícaras gravadas e um narguilé alto. O narguilé era feito de um vidro verde bem escuro, com um cachimbo longo enrolado por uma seda cor de cobre, espalhado feito uma cobra sobre a mesa, indo em direção à mão

estendida de Reza bin-Latief. O carvão na porção superior queimava laranja-vivo quando ele tragava no bocal entalhado, e a água dentro da base borbulhava lentamente. A fumaça doce se espalhou pelo ar, em volteios cinza-azulados, pairando no teto.

— Tio. — Tariq estendeu a mão para Reza, e ele o cumprimentou.

— Você tem estado muito ocupado, Tariq *jan* — Reza disse calmamente.

Tariq respirou fundo.

— Sei que você me disse para esperar em Taleqan por sua mensagem.

Reza continuou dando baforadas no narguilé em silêncio.

— Mas não podia deixar que fizesse todo o trabalho — Tariq concluiu.

— Está vendo? Eu lhe disse. Ele já é um herói e tanto — Omar debochou.

— Parte de ser um herói é saber quando ficar quieto — Reza retrucou.

Tariq nada disse em resposta, e Omar riu com vontade.

— Então, o que descobriu nessa temerária excursão a Rey? — Reza perguntou.

— Descobri que tenho muito a aprender.

Reza passou o cachimbo para Omar.

— E o que mais?

— Descobri que o califa de Khorasan é perigoso, além de maluco.

— Como assim?

— Ele é esperto para um maluco. É um tanto... surpreendente.

— Malucos costumam ser assim. — Os olhos de Omar brilhavam nas sombras à medida que colunas de fumaça saíam de suas narinas.

— E o que mais? — Reza perguntou.

Tariq se recostou nas almofadas às suas costas.

— Ele é arrogante e impaciente.

— E quanto às fraquezas? — Reza cutucou.

Tariq hesitou.

— Tariq?

Antes que Tariq pudesse responder, a entrada da tenda se abriu novamente, e Rahim entrou, com Jahandar al-Khayzuran logo atrás. Os três homens sentados em torno do narguilé olharam em sua direção. Rahim olhou para Tariq, pedindo desculpas, e Jahandar limpou a garganta com um pigarro.

— Posso... posso me juntar a vocês? — Jahandar perguntou.

Omar sorriu calorosamente.

— Claro! Você é muito bem-vindo.

Tariq se levantou da mesa, tentando ao máximo esconder sua irritação enquanto Jahandar atravessava os tapetes. Fez uma reverência com a mão na testa.

— Jahandar *effendi*.

— Tariq *jan*. — Jahandar olhou para os olhos cinzentos, ansioso e cheio de esperança. Mas só recebeu em troca um olhar frio e preconceituoso, e seu rosto se desmanchou no silêncio, com vergonha.

Assim que todos se sentaram novamente, Reza retomou seu interrogatório.

— Você estava falando das fraquezas do menino-rei.

Tariq respirou com vagar.

— Sim, tio.

As rugas na testa de Reza se aprofundaram diante do óbvio desconforto de Tariq.

— Tariq *jan*, o que...

— Sherazade — Tariq despejou —, ele se importa com a Sherazade.

Reza manteve a expressão inalterada.

— Muito?

— Não sei. Só sei que se importa. E que eu quero tirá-la de lá. Já.

Ao ouvir isso, as sobrancelhas de Reza se levantaram.

— Alguma coisa aconteceu enquanto você estava lá?

— Cada dia que permanece naquele palácio, ela está correndo risco. Não posso mais permitir isso.

— Que heroico — Omar riu com suavidade.

Reza levou a xícara aos lábios e deu um gole.

— Eu entendo sua preocupação, mas...

— Por favor, tio. Deixe-me fazer isso. Ajude-me.

Reza encarou o sobrinho, avaliando-o com calma.

— Perdoe-me, Tariq *jan*, mas estamos apenas começando a juntar nossas forças; não estamos nem perto de fazer o cerco a uma cidade como Rey. O emir de Karaj se comprometeu a enviar setecentos soldados e uma grande quantidade de armas. Eles devem chegar em breve. Seu amigo do Norte mandará mais duzentos, e estou em contato com inúmeros amigos meus, homens de negócios e posses, que estão cansados de servir a um tirano cruel. Um menino-rei que mata sem razão aparente. Eles estão dispostos a se unir sob o pavilhão do Falcão Branco. Estão dispostos a lutar por você.

— Então, se você me der alguns...

— Não. Se todos esses homens estão dispostos a lutar, deve ser por algo além do seu amor, Tariq. Você não pode marchar para a maior cidade de Khorasan com um exército recém-formado só para salvar uma moça. Seja um líder de verdade. Fique quieto. Você precisa esperar. Quando a hora chegar, sua paciência será bem recompensada. Confie em mim.

Tariq fechou os olhos e cerrou os punhos, lutando para controlar a nova maré de emoções.

— Omar...

Omar suspirou.

— Ah, meu amigo. Você se aproveita de minha queda por histórias de amor. Infelizmente, sou um homem velho sem irmãos ou filhos, o último de minha linhagem. Eu não lutarei. É difícil demais lavar o sangue de uma espada velha. Saiba que arriscaria minha triste vida por amor. Mas e a vida do meu povo e daqueles que cavalgam sob o meu nome? Não posso arriscar esse tesouro. Sinto muito, meu amigo.

Tariq bebeu seu chá em silêncio enquanto Omar e seu tio seguiam discutindo outros assuntos. Suas palavras resvalavam nele, ecoavam em seus ouvidos, tragadas pela fumaça... sem sentido. Quando o chá esfriou, Tariq saiu. A raiva continuava borbulhando dentro dele, como a água no narguilé, e cada vez que pensava no menino-rei, ele via olhos que queimavam feito o carvão no topo do cachimbo.

Um louco irritadiço com uma queda para a morte...

E o rosto tranquilo de Sherazade em seus braços.

— Tariq *jan*? — Uma voz fraca chamou atrás dele.

— O que é? — Tariq se virou.

Jahandar recuou, boquiaberto, a ponta de sua barba rala se encaracolando com a brisa fresca da noite.

Tariq expirou devagar.

— Desculpe, Jahandar *effendi*. Perdoe-me.

Jahandar balançou a cabeça.

— Não, não. Eu que peço desculpas por atrapalhar seus pensamentos.

— Não tem problema. — Tariq rangeu os dentes. — Eu devia aprender a controlá-los melhor.

Jahandar concordou. Ele juntou as mãos diante de si, torcendo à frente sua *tikka*.

— Tem alguma coisa que queira conversar comigo? — Tariq perguntou.

— Sim. — Jahandar engoliu em seco. — Sim, tenho algo. — Ele endireitou os ombros e segurou as mãos paradas. — Você... você faria qualquer coisa para salvar a minha filha?

Os olhos de Tariq se arregalaram. Ele deu um passo à frente.

— Você sabe que sim.

Os olhos de Jahandar brilharam à luz próxima de uma tocha.

— Então me deixe ajudá-lo.

Alguém que sabe

Foi o rangido da porta que a despertou. Sherazade poderia reconhecê-lo, mesmo em seu sonho.

Mas, dessa vez, algo estava diferente.

Algo estava em seu quarto. Algo impetuoso e destemido.

Olhos a observavam. Olhos que não eram bem-vindos. Pequenos arrepios lhe desceram pela nuca, e o sangue acelerou em seu corpo, insuflado pelo medo.

O som de passos próximos a forçou a tomar uma decisão súbita.

Sherazade abriu os olhos e gritou, preenchendo a escuridão com o som e o choque. Passos a alcançaram enquanto tentava abrir caminho por entre as almofadas para escapar. Ela deu um safanão no cortinado, amaldiçoando sua inutilidade.

Seu coração saltou dentro do peito ao ver a porta de Despina ranger do outro lado do quarto.

— Sherazade?

Sombras começaram a se mover à sua volta — sombras envoltas em mais de uma noite.

Ai, Deus. Despina!

Sherazade agarrou o banquinho que ficava ao lado de sua cama e gritou de novo, tentando afastá-las de sua camareira. Se Despina conseguisse alcançar a porta do quarto...

Quando uma mão se esticou na direção de Sherazade, ela balançou o banquinho na sua direção.

— Sherazade! — Despina gritou.

— Corre! — Sherazade berrou.

Despina correu até as portas duplas com duas sombras em seu encalço. Ela conseguiu abrir uma porta e saiu pelo corredor de

mármore do palácio. Uma única palavra, alimentada pelo medo, ecoava no seu rastro:

— Jalal!

As sombras desceram sobre Sherazade, e uma a pegou por trás. Quando a puxou para mais perto, um par de olhos masculinos e raivosos faiscou por trás de uma máscara negra. Ela lhe lançou o banquinho na cabeça. Ele o pegou e praguejou baixinho, dando-lhe uma bofetada.

Sherazade cambaleou e caiu no chão, os olhos cheios de lágrimas pela dor aguda da pancada. Quando outra sombra tentou içá-la, ela esticou o braço e lhe puxou a máscara. Ele a levantou pelo pescoço e a atirou contra a parede.

— Quem é você? O que quer? — ela o chutava e arranhava.

Mais passos no corredor do lado de fora do quarto dela.

Ambas as portas escancaradas, revelando uma única pessoa e a silhueta de uma espada.

Khalid.

Seu captor começou a rir, baixo e cruelmente, enquanto apertava as mãos no pescoço de Sherazade.

Khalid não fez perguntas. Não tentou negociar. Sua *shamshir* refletiu na escuridão, e a sombra perto da porta caiu com um gorgolejo e uma série de pancadas nauseantes. Um minuto depois, Jalal irrompeu na cena com Rajput nos seus calcanhares.

— Tire Khalid daqui! — Jalal gritou para o Rajput.

Com um empurrão, o Rajput passou por Jalal e ergueu sua *talwar*.

Khalid brandiu sua espada e avançou. As sombras se reuniram em seu caminho. Havia pelo menos oito delas, incluindo a que segurava Sherazade contra a parede.

O som de espadas sendo desembainhadas ecoou pelo cômodo, e o homem que segurava Sherazade pela garganta puxou-a para si,

passando o braço musculoso em torno de seu pescoço.

O Rajput confrontou a linha de frente das sombras, e Khalid e Jalal atacaram cada um dos flancos. Armas se entrechocavam, metal com metal, e a morte cortava o ar, deixando um rastro de sangue e fúria vingativa.

As sombras estavam perdendo.

O captor de Sherazade começou a arrastá-la para as persianas que davam para a varanda. A pressão em torno dela se afrouxou, e ela conseguiu livrar um braço. E então, por mero acaso, Sherazade conseguiu dar um murro na cara dele. Pegou no maxilar, e ela girou para fugir. Ele correu atrás dela, agarrando-lhe o ombro com uma mão e a parte de trás do pescoço com a outra.

— Vou matá-la por isso — ele falou ao seu ouvido, com raiva.

— Diz o homem morto — ela respondeu.

— Mas não ainda. — Ele escorregou a mão da nuca para o seu cabelo e enroscou os dedos nas raízes, posicionando-a como um escudo à sua frente. Sherazade perdeu o fôlego enquanto seus olhos ficavam marejados.

— Khalid Ibn al-Rashid! — ele gritou.

Quando sua visão ficou novamente clara, ela viu Jalal e o Rajput a um corpo de distância e prontos para atacar.

Khalid baixou a espada uma última vez, e o sangue de seu oponente espirrou em seu peito nu e em seu rosto, deixando riscos vermelho-escuros. Ele então atravessou o quarto, os olhos enfurecidos, e a prata de sua espada tingida de carmesim pingava.

As sombras dos malfeitores estavam agora silenciosas e inertes.

À medida que Khalid se aproximava, a mão no cabelo dela apertava mais. Seu captor lhe deu um puxão e arrancou-lhe um grito dos lábios.

Jalal praguejou, e a lâmina de sua cimitarra cintilou à luz do luar. Khalid estacou.

O captor dela riu, e o ruído parecia metal raspando em pedra. Com a outra mão, ele encostou um pequeno punhal na garganta de Sherazade.

— Nenhuma súplica? — ele sussurrou no ouvido dela.

— Eu não suplico — Sherazade retorquiu. — Especialmente para homens mortos.

— E o poderoso califa de Khorasan? — seu captor falou para a noite. — O Rei dos Reis tem algum apelo?

Khalid recomeçou a andar na direção deles, no mais absoluto silêncio, erguendo sua *shamshir* em diagonal.

— Não se mexa, seu filho da puta desgraçado! — o captor berrou. — Ou eu corto o pescoço dela. Você pode assistir à sua morte, exatamente como assistiu à da sua mãe.

Khalid congelou no tempo. Então Sherazade observou sua fisionomia ruir. Os olhos de âmbar perderam o brilho para as lembranças. Destinados à ruína. A angústia dele exposta de tal forma fazia sua alma arder e lhe tirava o fôlego. A *shamshir* ensanguentada pendendo ao seu lado.

— Vou *matá-lo* por isso — Sherazade disse, quase sem ar, por cima do ombro.

A risada do captor era um tremor vicioso em suas costas.

— O que você quer? — Khalid perguntou devagar.

— Largue a arma.

A *shamshir* bateu no mármore com força. Sem a menor hesitação.

O captor dela riu, triunfante.

— Diga a eles para largarem as armas.

— Pare com isso! — Sherazade gritou.

Olhe para mim, Khalid. Por favor! Não escute esse animal.

O captor tirou a mão do cabelo e lhe segurou o queixo, erguendo-o ainda mais e aumentando a pressão do punhal.

— Jalal. Vikram. Façam o que ele mandou. — A voz de Khalid estava pesada. — Sem resistência.

— Khalid! — Sherazade se desesperou. — Não faça isso. Jalal, não dê ouvidos a ele. Você não pode...

— Se disser mais uma palavra, eu me certificarei de que seja a última. — Ele passou a mão do queixo dela para a boca.

Sherazade a mordeu com toda a força. O sabor de suor e sal percorreu sua língua. O captor urrou, afrouxando o aperto. Ela deu uma cotovelada no tronco dele, e o punhal arranhou sua garganta, deixando um risco branco e ardente. Então um par de braços fortes puxou-a para o lado, empurrando-a contra um peito respingado de sangue.

O coração de Khalid batia acelerado, alto, trovejante. Batia forte contra sua face, cada compasso uma promessa muda.

E, por um breve instante, foi o suficiente.

O Rajput jogou o captor no chão. Jalal enfiou o joelho em seu torso e deu um soco cheio de anéis no seu queixo.

— Em que mundo você pensou que se safaria dessa? — Jalal sibilou. — Contra meu primo? Contra *minha* família? — E o punho cintilante continuou castigando o captor.

— Basta! — Khalid disse com tanta força, com tal violência contida, que se sobrepôs a todos os sons do quarto. Ele pegou sua *shamshir* do chão, e a lâmina raspou o mármore num ruído ameaçador.

Sem nem um aviso, Jalal recuou e foi se postar ao lado de Sherazade. O Rajput desapareceu nas sombras ali perto, suas enormes mãos segurando a *talwar*, e suas feições barbadas frias e selvagens ao luar.

Khalid se aproximou.

O homem deitado no chão sangrava pelo nariz e pela boca. Quando viu Khalid pairando acima dele, começou a rir, num chiado.

Khalid encostou a ponta da espada na garganta do homem.

— Ela estava certa. Você é um homem morto. Mas estou disposto a discutir graus de dor.

A gargalhada chiada do homem ficou mais forte.

— Quem o enviou? — Khalid continuou num sussurro selvagem.

— Alguém que quer ver você sofrer.

— Diga-me, e eu o pouparei da enorme dor que você merece.

O homem tossiu, e jatos de carmesim saltaram de sua boca machucada.

— Você acha que eu tenho medo de você, garoto?

— Vou perguntar uma última vez. Então a resposta será arrancada de seus lábios.

— Você acha que pode alterar o destino? Não importa quanto tente evitar, você pagará o preço, Khalid Ibn al-Rashid. — O homem lançou um olhar para Sherazade com um significado irrefutável.

— Estamos agora além das palavras. — Khalid diminuiu a pressão da espada no pescoço do homem, deixando correr um filete de sangue. — Nisso, sou realmente filho de meu pai.

A risada do homem se tornou maníaca.

— Você quer saber quem me mandou, poderoso Rei dos Reis? Vou lhe contar — ele disse com dificuldade, começando a engasgar. — *Alguém que sabe.*

E com isso passou a própria garganta na ponta da espada.

Jalal agarrou Sherazade e encostou o rosto dela contra o seu ombro. As mãos dela tremiam, e ele pôs a mão em seu rosto na tentativa de acalmá-la.

O Rajput se agachou ao lado do corpo do captor. Ele correu os olhos negros e profundos pelo homem inerte. Então puxou a manga escura que cobria o antebraço do homem. Ao luar pálido que chegava da varanda, Sherazade viu uma tatuagem apagada: o desenho de um escaravelho.

— Um cão Fida'í — o Rajput resmungou como um trovão distante.

Khalid olhou para a marca em silêncio, antes de se virar. Com uma praga dita em voz baixa, ele atirou sua *shamshir* longe.

— O que foi? — Sherazade perguntou a Jalal.

— Os Fida'í. Mercenários. Assassinos.

Sherazade respirou rápido, as perguntas se acumulando em sua garganta.

Jalal olhou para o pescoço dela.

— Meu Deus. Você está sangrando. — Ele empurrou os cabelos dela para o lado.

Antes que tivesse oportunidade de reagir, Sherazade foi erguida. Khalid ignorou seus protestos enquanto a carregava para longe da carnificina, com Jalal e o Rajput seguindo-o de perto. Quando passaram pela entrada, os corpos dos dois guardas reais que ficavam do lado de fora de sua porta a encararam com seus olhos vazios. Suas gargantas cortadas. Ela sufocou o choro.

— Estão todos mortos — Khalid disse sem olhar para ela. — Todos os guardas neste corredor estão mortos.

Ela lhe apertou o pescoço com mais força enquanto ele a carregava pelos corredores. Quando viraram a um canto, soldados comandados pelo general Al-Khoury saíam pelas portas.

— Ela está machucada? — O *shahrban* perguntou, preocupado.

— Estou bem — ela respondeu, momentaneamente surpresa com a preocupação dele. — De verdade.

— Ela está ferida — Jalal esclareceu.

— Não é nada — Sherazade retrucou. — Me ponha no chão. Eu posso andar.

Khalid a ignorou.

— Eu posso andar, Khalid.

Mais uma vez, ele se recusou a olhar para ela, muito menos responder.

Eles continuaram pelos corredores com guardas lhes iluminando o caminho, cercando-os como um bastião de aço e tochas. Decidida a ceder nessa batalha particular, Sherazade se encostou em Khalid, fechando os olhos por um instante, e ele a apertou contra o peito.

Eles entraram em outro corredor menor que Sherazade nunca vira. Era revestido de pedra, e o teto abobadado era em alabastro polido. Logo pararam diante de um grupo de portas feitas de ébano lustroso, com dobradiças de bronze e ferro.

— Guardas devem ficar postados aqui e nas portas que levam para os meus aposentos até que se diga o contrário — Khalid ordenou. — Estejam avisados... Se houver a menor falha em alguma dessas portas, vocês vão se ver comigo.

Um guarda concordou discretamente, antes de pegar num puxador. Khalid atravessou a enorme porta de ébano com Sherazade em seus braços. Ele não a pôs no chão. Em vez disso, cruzou a antecâmara escura até outro par de portas idênticas às primeiras. Uma vez passada a soleira, entraram num vasto quarto com um teto em arcos, iluminado por uma única lamparina de ouro trabalhado. Khalid pôs Sherazade na beira de uma cama coberta por uma seda fosca. Então foi até um imenso armário de ébano, encostado na parede, e tirou dali faixas de linho e uma pequena caixa e, de cima de sua mesa, pegou um pequeno jarro.

Ele ajoelhou-se diante de Sherazade e afastou seu cabelo para ver o corte.

— Já disse — Sherazade falou —, não é nada grave. Não pode ser muito pior que um arranhão.

Khalid virou a água do jarro nas faixas de linho. Levou-as até o pescoço dela e começou a limpar o corte.

Sherazade analisava seu rosto enquanto ele trabalhava. Os círculos negros sob os olhos estavam mais pronunciados agora. Linhas de sangue seco cortavam sua face e sua testa, estragando a visão de sua pele bronzeada. Sua fisionomia estava tensa, e ele se recusava a olhar em seus olhos. Os ângulos de seu perfil permaneceram obstinados. Inflexíveis. Como as bordas de um rolo de papel amarrotado, exigindo ser alisado... ou deixadas de lado, de uma vez por todas.

Quando ele umedeceu outro pedaço de linho, Sherazade pôs sua mão sobre a dele e tirou o tecido de suas mãos. Ela pegou a faixa e a levou ao rosto dele, limpando o sangue escuro de seu inimigo.

Os olhos de tigre de Khalid finalmente encontraram os dela. Eles vagaram, observando-a, num silêncio pungente, enquanto ela lavava os resíduos da morte com dedos graciosos e firmes. Ele então se aproximou, encostando sua testa na dela, segurando suas mãos nas dele. Fazendo os dois ficar quietos.

— Queria mandá-la para longe. Para um lugar onde nada disso pudesse alcançá-la — ele começou.

O coração dela estremeceu, e Sherazade se afastou.

— Mandar-me para longe? Como se eu fosse uma coisa?

— Não. Não foi isso que quis dizer.

— O que quis dizer, então?

— Quis dizer que não posso mantê-la a salvo. De nada.

— E sua solução é me mandar para longe? — Sherazade repetiu perigosamente baixo.

— Minha solução não é uma solução. É a vontade de fazer o que for necessário, mesmo algo tão ruim quanto mandar você para longe de mim.

— E você espera que eu obedeça? Que vá para onde você ordenar?

— Espero que você confie em mim.

Sherazade estreitou os olhos.

— Você deve saber que não vou aceitar calmamente que me trate como se fosse meu dono.

— Eu nunca a tratei como se fosse seu dono, Sherazade.

— Até falar em me mandar para longe.

Khalid moveu as mãos para os braços dela.

— Você é minha esposa. Eles a estão machucando por minha causa.

— Eles? Os seguidores de Fida'í? — ela hesitou. — Quem são eles? A quem eles têm lealdade?

— A qualquer um que possa pagar o preço deles. Lealdade flutua e segue como a maré; ouro, não. Os homens que os contratam pouco têm a oferecer além disso.

— E você acha que vai ajudar se se render a esses homens?

— Não me importo com o que eles pensam, desde que você esteja a salvo.

— Mas você devia se importar. É tempo de começar a se importar. Você não pode continuar a reinar de forma tão insensível.

Ele sorriu, amarga e tristemente.

— Você fala como se entendesse. Como se soubesse.

— Você está certo. Não entendo nada. Não sei de nada. E de quem é a culpa? — Sherazade empurrou seu peito nu e se afastou da cama, passando por ele.

— Eu já lhe expliquei o porquê. — Khalid ficou de pé. — Não é seguro para você saber essas coisas. Saber...

— Saber o quê? — Ela se virou para encará-lo. — Conhecê-lo? Como se eu pudesse ter esperança de alcançar tal façanha. Mesmo assim, como uma tola, queria aprender. Compreender o que lhe traz dor e o que lhe traz alegria. Mas continuo ignorando até mesmo as coisas mais triviais. Não sei sua cor favorita. Que tipo de comida não

gosta. Qual o perfume que o remete a uma lembrança querida. Não sei de nada, porque você luta comigo a cada passo do caminho.

Ele a observou enquanto ela falava, sua fisionomia atenta, sua postura decidida, mas seus olhos revelavam um conflito interior que ele não tentava mais esconder.

— Não sei o que quer de mim, Sherazade. Só sei que não posso atendê-la. Ainda.

— Não precisa ser tão complicado, Khalid *jan*. Minha cor favorita é o violeta. O aroma de rosas me faz sentir em casa, não importa onde esteja. Não gosto de peixe, mas comeria para fazer um ente querido feliz, sofrendo entre sorrisos.

Ele permaneceu impassível, o conflito ainda em seus olhos.

Com um suspiro, ela se virou e se dirigiu à porta de entrada, derrotada.

— Boa noite.

Khalid estava a seu lado, a poucos passos, apoiando a mão contra a porta de ébano para evitar que ela saísse.

— O que você quer que eu faça? — ele falou baixinho.

Ela não olhou para cima, apesar de seu coração estar martelando na garganta.

— Prove que um homem de verdade não fica expondo o que é seu. Ele apenas é.

— É isso? Você é minha? — Khalid perguntou com alguma solenidade.

Sua convicção ficou ainda mais fraca.

— Já lhe disse! Não me trate como se fosse meu dono.

— Não quero ser seu dono.

Ela virou o pescoço para encontrar os olhos dele.

— Então nunca mais fale em me mandar para longe. Não sou sua para dispor de mim como quiser.

As feições de Khalid suavizaram com a constatação.

— Você está certa. Você não é minha. — Ele tirou a mão da porta. — Eu é que sou seu.

Sherazade fechou os dedos com força, obrigando-se a lembrar de quando não significava nada para Khalid. Um tempo em que ele valia menos do que nada para ela e tudo o que importava era sangue por sangue.

Infelizmente, ela não via mais o mesmo menino diante dela. Apenas uma luz em meio a um mar de escuridão e uma promessa infalível de algo mais. Mas ela nunca via as coisas que devia ver. A dor, a raiva, a traição. Essas coisas desvaneceram, e ela desprezava a si mesma por isso.

Antes que pudesse evitar, suas mãos procuraram por ele, ávidas, como se não tivessem outra razão para existir. Seus dedos lhe roçaram o queixo com a leveza de uma pena, antes de se afastar, e ele fechou os olhos e suspirou de leve. Como veneno brincando com seu antídoto, as mãos de Sherazade a ignoravam e não lhe obedeciam, um mero toque na pele dele não bastava. Nunca bastava. As mãos começaram pela testa e foram buscando o caminho pelas têmporas, antes de deslizarem para os seus cabelos, macios como a seda, escuros como a noite. Ela viu os olhos dele se abrir e passar de líquidos para chamejantes sob seus dedos. Sherazade desceu as mãos para a nuca, e parou.

— Por que você não me toca? — ela sussurrou.

Ele demorou um instante para responder.

— Porque se eu começar, não vou parar.

— E quem pediu para você parar? — Seus dedos se deslocaram para o peito dele.

— E se eu não puder responder às suas perguntas?

Novamente ela estava na estaca zero.

Mas ali, sob o calor de seus olhos, estava tudo.

— Então me dê isto. — Sherazade ficou na ponta dos pés e colou seus lábios aos dele. Quando ele não correspondeu, ela curvou a língua contra o lábio inferior dele, e as mãos de Khalid deslizaram para sua cintura, queimando lentamente. Sherazade achou que ele ia afastá-la, mas Khalid a puxou para si. Beijou-a, misturando o nada ao tudo. Sherazade abraçou o pescoço dele com os dois braços, e ele a encostou na porta de ébano até que ela ficasse totalmente apoiada, suas respirações sincronizadas, ponto por ponto, batida por batida.

— Khalid. — Ela agarrou os ombros dele quando seus lábios roçaram sua pele delicada de debaixo do queixo. Seu coração batia tão violentamente que ela não ouviu o barulho na porta.

— *Sayyidi*.

— Khalid — ela repetiu, segurando os pulsos dele.

Ele praguejou baixinho. Então segurou a maçaneta de bronze.

— Sim — ele respondeu numa voz baixa e irascível.

O guarda fez uma reverência pela fresta da porta.

— O *shahrbán* deseja falar com o senhor. O capitão Al-Khoury parece ter descoberto como os intrusos entraram no palácio.

Khalid concordou secamente e fechou a porta. Passou a mão no queixo antes de se virar para Sherazade outra vez.

Ela estava encostada contra o ébano, as mãos atrás do corpo.

— Vá — ela disse delicadamente.

Ele parou, tentando se decidir.

— Eu...

— Não se preocupe. Ficarei aqui.

— Obrigado. — Ao pegar na maçaneta novamente, ele se demorou e sorriu para si mesmo.

As sobancelhas se ergueram.

— O que foi?

— É um castigo merecido para um monstro. O de querer tanto algo... de ser capaz de tê-lo em seus braços... e saber sem sombra de dúvida que nunca vai merecê-lo. — Khalid abriu a porta e saiu, sem esperar a resposta.

Sherazade escorregou para o chão. As mãos que pareciam firmes contra ele agora estavam trêmulas diante de seu rosto. Prova de que estava sendo igualmente castigada por suas próprias faltas. Castigada por desejar um monstro.

Ela ofereceu um agradecimento silencioso às estrelas que lidavam com o destino... porque seu monstro não parecia ter percebido como todo o bom senso a tinha abandonado em um intervalo de respiração.

Como a culpa a envolvia.

E como as perguntas queimavam em sua alma.

Alguém que sabe.

Uma pequena amostra do que eu sinto

Sherazade permaneceu perdida em seus pensamentos, admirando os prismas de luz da lamparina de ouro trabalhado. Quando seus pés adormeceram, ela se levantou. Seu olhar vagou pelo quarto, observando cada detalhe como uma ave de rapina.

O chão era de ônix, e as paredes, cortadas no mesmo alabastro polido que os corredores que davam para a entrada e para a antecâmara. Toda a mobília em ébano era austera. Todas as superfícies eram lisas e vazias. A cama não tinha o amontoado de almofadas com que Sherazade havia se acostumado — aquele colorido familiar e vibrante pedindo para ser amassado.

Como seu ocupante, o quarto era frio e nada convidativo — com pouca probabilidade de algum indício de luz.

O quarto é uma prisão, ou algo do gênero.

Ela suspirou para si mesma, e o som ecoou, sussurando, depois de ricochetear no teto alto e abobadado. Sherazade deu uma volta devagar pelo quarto, seus pés descalços deixando pegadas nas pedras polidas de ônix. Para em seguida desaparecerem sem deixar vestígios.

A lamparina no centro do quarto parecia tão misteriosa quanto solitária. Não iluminava bem, espalhando suas sombras incertas de maneira mais lúgubre do que bela contra o alabastro frio.

Era um lugar triste para chamar de refúgio, com um aspecto tão inflexível quanto o de seu dono.

Quanto mais Sherazade olhava para o quarto, mais percebia e menos compreendia. Tudo tinha um lugar específico nesse quarto — uma ordem determinada para sua existência. As únicas coisas que estavam fora do lugar eram ela e as faixas de linho manchadas de

sangue na beira da cama. Nenhum indício de vida — ou de emoções — pertencia a esse lugar.

Sherazade foi até a cama e jogou fora as faixas de linho sujas. Em seguida, pegou as faixas limpas, junto com o pequeno frasco de bálsamo que Khalid havia tirado do armário de ébano quando eles chegaram. A imensa porta do armário continuava aberta. Sherazade caminhou até ele com o linho limpo e o frasco de bálsamo nos braços. Ela pegou um dos puxadores de bronze e deu uma olhada em seu interior. Como o resto do quarto, as prateleiras eram meticulosamente arrumadas e dispostas. Duas tinham livros alinhados em ordem de tamanho, e outra estava cheia de pergaminhos enrolados e selados com cera. Uma prateleira na altura dos olhos tinha vários vidros de tamanhos e formas variados. O espaço vazio destinado ao frasco de bálsamo era evidente, e Sherazade o guardou, junto com as faixas de linho limpas, cujo lugar estava igualmente demarcado.

Quando ia fechando a porta, seus olhos resvalaram numa pasta de couro cheia de pergaminhos enfiada entre dois volumes grandes na prateleira de cima; pareciam cartas.

E pareciam fora de lugar. Tal como ela.

Uma pequena parte dela sabia que devia deixar assim mesmo. O quarto não era seu. Essas não eram suas coisas.

Mas... isto chamava por ela. Essa coleção de cartas sussurrava seu nome, como se estivesse atrás da porta da chave proibida. Sherazade ficou olhando para a pasta de couro.

Como acontecera a Tala e à argola das chaves do marido Barba Azul, as cartas suplicavam por sua atenção.

E, como Tala, ela não podia ignorar a súplica.

Precisava saber.

Sherazade ficou na ponta dos pés e pegou a pasta com as duas mãos. A pasta escorregou por entre os livros, e ela a apertou contra

o peito, nervosa, um segundo antes de se ajoelhar no chão de ônix. Sentiu um frio na espinha ao abrir a pasta. Os pergaminhos estavam de ponta-cabeça e, portanto, ilegíveis; então, com cuidado, ela os desvirou de uma só vez.

A primeira coisa que notou foi a assinatura de Khalid, formal, clara, bem desenhada. Ao passar rapidamente os olhos, percebeu que era uma carta...

Um pedido de desculpas destinado a uma família em Rey.

Sherazade pegou o próximo pergaminho.

Era outra carta de desculpas. Escrita para outra família.

À medida que folheava os pergaminhos, seus olhos começaram a refletir a compreensão do que viam.

Eram pedidos de desculpa para as famílias das moças assassinadas por uma mão impiedosa e uma corda de seda.

Estavam todas datadas. Em todas, Khalid assumia integralmente a culpa. Nenhuma oferecia uma explicação para a morte. Não havia justificativa.

Ele apenas pedia desculpas. De uma maneira tão honesta e cheia de emoção que ela ficou com a garganta seca e o peito dolorido.

Estava claro que elas tinham sido escritas sem a intenção de ser enviadas. As palavras de Khalid eram por demais pessoais e introspectivas para indicar que ele as destinava a outro olhar além do seu. Um desgosto profundo penetrou Sherazade como uma faca recém-afiada.

Ele falava de rostos assustados e olhos cheios de lágrimas, com a desprezível certeza de que roubava a alegria daquelas famílias. Furtando o sangue de seus corações, como se ele tivesse esse direito. Como se alguém tivesse esse direito.

Sua filha não é sem valor ou um capricho. Sua filha é o seu maior tesouro. E você não deve jamais me perdoar pelo que fiz. Como jamais me perdoarei.

Saiba que ela era corajosa. Ela encarou o rosto do monstro que a mandou matar, não vacilou. Eu queria ter metade da coragem dela e um quarto de sua índole.

Ontem à noite, Roya pediu uma santur. Sua música fez com que os guardas no corredor se aproximassem de sua porta, e eu fiquei no jardim escutando, como o frio e insensível desnaturado que sou. Foi a música mais linda que já ouvi na minha vida. Uma música que apagava todo o tédio e toda a falta de cor ao ser lembrada.

Lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Sherazade. Ela virou as páginas mais rápido.

Até que achou a carta endereçada à família de Reza bin-Latief.

Como alguém pede desculpas por roubar um mundo de luz? Palavras parecem não satisfazer neste caso, e eu me rendo à sua inutilidade na minha própria incapacidade. Saiba, por favor, que nunca esquecerei Shiva. Pelo breve instante em que encarou o monstro, ela conseguiu sorrir e perdoar. E, nesse sorriso, senti a profundidade da compreensão que eu jamais pensei entrever. Dilacerou aquilo a que chamo de alma. Sinto muito, sinto muito, muito mesmo. Milhares e milhares de vezes. Aos seus pés, e nunca será o bastante.

Sherazade soluçou, e o ruído ecoou pelo quarto. O pergaminho tremia em suas mãos.

Khalid era o responsável. Qualquer que fosse a desculpa, qualquer que fosse a razão... ele era o culpado. Ele matara Shiva.

Ele roubara essa luz de Sherazade.

Ela sabia, o tempo todo. Mas agora, segurando a prova irrefutável entre os dedos, Sherazade percebeu quanto quisera que isso não fosse verdade. Quanto quisera que houvesse algum tipo de

desculpa. Algum tipo de bode expiatório. Que, em algum momento, ela descobrisse que não era culpa dele.

Ela sabia quanto isso, agora, parecia tolice.

Mas a estava dilacerando... devagar. A muralha de seu coração estava cedendo, deixando para trás brasas que se apagavam e feridas que sangravam. Seus soluços ficaram mais fortes. Sherazade queria arremessar a pasta para longe, picar as cartas e negar as verdades dolorosas, mas ela virou mais uma página. E a próxima.

Tantas.

E nenhuma explicação.

Continuou olhando os pergaminhos, buscando algum tipo de propósito por trás dessas mortes tão sem sentido. Agarrando-se a esse fiapo de esperança, ela prosseguiu.

Até que finalmente seus olhos chegaram à última página e seu coração vacilou.

Estava endereçada a ela, datada do dia do fatídico amanhecer com a corda de seda.

Sherazade,

Falhei com você várias vezes. Mas houve um momento em que falhei além da conta. Foi no dia em que nos conhecemos. O momento em que tomei sua mão e você olhou para mim, com o ódio glorioso em seu olhar. Eu devia tê-la mandado de volta para casa, para sua família. Mas não o fiz. Havia honestidade em seu ódio. Bravura em sua dor. Na sua honestidade, vi um reflexo de mim mesmo. Ou melhor, do homem que eu gostaria de ser. Então traí você. Não me afastei. Então, mais tarde, pensei que, se eu tivesse respostas, seria o suficiente. Não me importaria mais. Você não importaria mais. Então segui traindo. Continuei querendo mais. E agora não acho as palavras que precisam ser ditas. Para lhe dar o mínimo do que lhe devo. Quando penso em você, não acho ar para

A carta parava abruptamente ali.

Sherazade ficou intrigada em um piscar de olhos.

Uma conversa entre eles lhe voltou à lembrança, como uma cantiga há muito esquecida:

E como você vai saber se achou essa pessoa imaginária?

Suspeito que ela seja como o ar. Como saber respirar.

A carta caiu no chão, sobre as demais. Tudo à sua volta ficou imerso em silêncio e sombra. O amargor de saber e a iluminação de entender.

Rapidamente, ela voltou àquela madrugada terrível e à sensação da corda de seda em seu pescoço. Esforçou-se para repassar cada passo — a luz cor de prata que cortava a grama azulada, a névoa do sol da manhã, o soldado penitente com os braços fortes e a velha mulher com a mortalha esvoaçante. O medo. A angústia. O nada. Mas agora, quando fechava os olhos, sua mente resgatava um mundo paralelo de arrependimento — de um menino-rei à sua escrivaninha de ébano escrevendo uma carta para a moça condenada, com o sol nascendo sobre seus ombros. Esse menino que parou, alerta, a mão suspensa sobre o pergaminho. Dele correndo pelos corredores, com seu primo logo atrás. Irrompendo no jardim de prata e cinza, sujo de tinta preta e em feroz agonia...

Imaginando se era tarde demais.

Engolindo um grito torturante, Sherazade lançou a pasta e seu conteúdo no chão de ônix brilhante.

A própria consciência crescia como uma aurora às suas costas. Como um amanhecer plúmbeo velado por uma tempestade de nuvens. Já não era suficiente ter respostas por Shiva. Na verdade, tinha deixado de ser por vingança no momento em que Khalid a beijara na viela do *souk*. Ela queria achar uma razão para a loucura dele, precisava que houvesse uma explicação, para que pudesse ficar com ele. Para que pudesse estar a seu lado, fazendo-o sorrir

quando ela ria, quando narrava os contos à luz da lamparina e dividia seus segredos no escuro. Para que pudesse adormecer em seus braços e acordar para um brilhante futuro.

Mas era tarde demais.

Ele era o Mehrdad de seus pesadelos. Ela havia aberto a porta. Vira corpos pendurados nas paredes, sem explicação. Sem nenhuma razão.

E sem mais, Sherazade sabia o que devia ser feito.

Khalid tinha que responder por esses horríveis atos. Tantas mortes em sequência.

Mesmo que ele fosse o seu ar.

Mesmo que ela o amasse além das palavras.

Seus guardas estavam alertas e perto demais.

As tochas flamejantes e a marcha barulhenta não estavam ajudando a terrível dor de cabeça que sentia. Nem eram de nenhum valor para o fogo que tentava tomar conta de seus olhos.

Quando uma sentinela nervosa deixou cair uma espada, fazendo um barulho de acordar os mortos, Khalid teve de se conter com muito custo para não lhe arrancar o braço fora.

Em vez disso, parou no corredor escuro e levou as mãos à testa.

— Saiam — ele resmungou para os guardas.

— *Sayyidi...*

— Saiam! — As têmporas de Khalid latejavam enquanto a palavra ecoava pelos corredores.

Os guardas se entreolharam antes de fazer uma reverência e sair.

Jalal ficou encostado na parede, observando ao longe.

— Isso foi infantil — ele ralhou assim que os soldados viraram no corredor.

— Você pode ir embora também se quiser. — Khalid retomou seu caminho de volta para o quarto.

Jalal se postou no caminho de Khalid.

— Você está com uma cara horrível. — Seus olhos estavam acesos, e sua testa, marcada de preocupação.

Khalid retribuiu o olhar, calmo e distante.

— Imagino que você espere que eu lhe faça confidências, seguindo sua avaliação honesta de um mal bem aparente. Perdoe-me, mas tive uma noite difícil, capitão Al-Khoury.

— Estou preocupado de verdade.

Khalid fingiu ironia.

— Não fique.

— Se você se recusar a falar sobre o que aconteceu esta noite, vou continuar insistindo no assunto.

— E você vai se desapontar a cada tentativa.

— Não. Não irei. — Jalal cruzou os braços. — Você é um desastre. Encolhe-se ao menor ruído e quase cortou a cabeça do rapaz porque ele deixou cair uma espada.

— O rapaz estava tropeçando nos próprios pés, segurando uma espada desembainhada. Acho que ele teve sorte de não tropeçar e ser empalado no aço frio por sua própria estupidez.

— Seu sarcasmo se torna mais contundente com a idade. E arrogante. Já não é tão divertido.

Khalid fuzilou o primo. O sangue pulsando no pescoço e trovejando em suas têmporas. Cada batida turvando sua visão.

Ele empurrou Jalal para fora do caminho.

— O que vai fazer esta noite, *sayyidi*? — Jalal gritou atrás dele. — Você percebeu que pôs o reino todo em perigo quando largou sua espada a pedido do cão de aluguel. Ele podia tê-lo matado, e você podia ter deixado Khorasan sem rei. Você teria permitido que os mercenários de Salim nos deixassem sem rei, diante de um potencial confronto com a Parthia. — Fez uma pausa. — E tudo por uma moça... uma entre tantas.

Ao ouvir isso, Khalid perdeu a compostura e os freios distendidos se romperam, e ele voltou toda a sua fúria contra Jalal e, num único movimento contínuo, sacou sua *shamshir*. Levantou a ponta curva da lâmina, posicionando-a sobre o coração de Jalal.

Jalal ficou parado; sua tranquilidade não combinava com tal situação.

— Você deve amá-la muito, Khalid *jan*.

Depois de uma batida de coração, Khalid baixou a espada, e sua testa se franziu pela dor e pela tristeza.

— Amor... é uma pequena amostra do que sinto.

Jalal sorriu, mas o sorriso não se refletiu em seus olhos.

— Como seu primo, estou feliz por ouvir isso. Mas, como capitão de sua guarda, eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei preocupado com os eventos desta noite. Você não é responsável apenas por uma moça.

— Sei disso. — Khalid embainhou sua espada.

— Não tenho certeza de que saiba. Se você pretende agir dessa forma descuidada, acho que está na hora de contar a verdade para Sherazade.

— Discordo. Por isso esta discussão termina aqui. — Khalid retomou seu caminho, e Jalal o acompanhou.

— Sherazade é da família agora. Se você está disposto a morrer por ela, então está na hora de lhe confiar seu segredo — Jalal insistiu, baixinho.

— Não.

Ele pôs a mão no ombro de Khalid.

— Conte a ela, Khalid *jan*. Sherazade tem o direito de saber.

— E como você reagiria a essas notícias? — Khalid empurrou a mão dele para o lado. — Ao saber que sua vida pende sobre um precipício, à mercê de uma maldição mutável?

— Minha vida está em risco todos os dias. Como a sua. Algo me diz que Shazi não vive num mundo que nega esse fato.

Os cílios de Khalid bateram rápido.

— Não importa. Não estou pronto para contar a ela.

— E nunca estará. Porque você a ama e nós lutamos para proteger aqueles que amamos. — Jalal parou no corredor que dava para o quarto de Khalid, e este prosseguiu pelo mármore de pedra sem olhar para trás.

— *Sayyidi?* — Jalal falou atrás dele. — Não deixe de chamar o faquir hoje à noite. Você está mais tenso do que a corda de um arco pronto para atirar.

Khalid empurrou e passou pelas portas que davam para a antecâmara e seguiu para a entrada de seu quarto. Parou diante de um dos guardas, acenou com a cabeça para ele, e o guarda torceu uma das maçanetas de bronze e empurrou a madeira polida.

Ao atravessar a soleira, Khalid encontrou o quarto no mais profundo silêncio. Nada se movia. As faixas de linho ensanguentadas e o jarro d'água eram as únicas coisas que estavam ao lado da cama...

E havia uma moça adormecida em sua cama.

Sherazade estava deitada de lado. Os cabelos escuros espalhados sobre a seda fosca, e os joelhos enfiados contra a única almofada da cama dele. Uma franja de cílios negros estava curvada contra a pele embaixo de seus olhos, e seu queixo orgulhoso e pontudo estava enfiado nas dobras da seda ao lado de sua mão.

Khalid sentou-se com cuidado e evitou ficar admirando-a por muito tempo. Encostar nela não era uma opção.

Ela era perigosa, uma moça perigosa. Uma praga. A montanha de Adamant que arrancava o ferro dos navios, fazendo-os afundar em suas tumbas aquáticas sem hesitação. Com um simples sorriso e um trejeito de nariz.

Mas, mesmo ciente disso, ele se entregara à sua magia. Sucumbindo à simples necessidade de estar a seu lado. Soltando o ar devagar, Khalid colocou sua *shamshir* no chão e relaxou o corpo perto do dela. Olhou para o teto e para a única chama da lamparina dourada acima de sua cabeça. Até a luz suave brilhando no escuro fazia seus olhos doer. Ele os fechou, tentando superar o cansaço e o constante tormento da besta acorrentada que rugia dentro de sua cabeça.

Sherazade se mexeu em seu sonho e se virou para o lado de Khalid, como se arrastada por sua própria inexplicável compulsão. A mão dela encostou em seu peito, e ela acomodou a cabeça em seu ombro com um leve suspiro.

Contrariando seu bom senso, Khalid abriu os olhos flamejantes para olhar para ela mais uma vez.

Essa moça perigosa. Essa beleza cativante.

Essa destruidora de mundos e geradora de encantamento.

O desejo de tocá-la ultrapassou a racionalidade, e Khalid a envolveu num abraço. Ele enterrou o nariz em seus cabelos, o mesmo aroma de lilases que o provocava no lado de fora de sua janela. A pequena e graciosa mão subiu e se alojou perto de seu coração.

Não importava qual tormento ele teria de enfrentar. Não importava o mal que ele teria que encarar.

Nada importava mais.

Então ouviu um ruído num canto longínquo do quarto.

Ele piscou com força, tentando se concentrar. Seus músculos se contraíram extremamente alertas quando o reflexo de um movimento surgiu no campo de sua visão turva. Khalid fechou os olhos com força, tentando vencer as camadas de sombra e névoa. A dor entre as sobrancelhas aumentando com a aceleração de seu pulso, que se preparava para o desafio inesperado.

Outro borrão cruzou o quarto, dessa vez no canto oposto.

Khalid puxou o braço que envolvia Sherazade e pegou o jarro d'água que ficava ao lado da cama.

Quando um novo reflexo de movimento surgiu ao lado de sua mesa, Khalid atirou o jarro em sua direção e se levantou num salto com a *shamshir* na mão.

O som do jarro se espatifando contra o ébano acordou Sherazade, e ela se sentou com um pequeno grito.

— Khalid? O que foi?

Khalid não disse nada enquanto considerava o silêncio em torno de sua mesa. Ele piscou novamente. Com força. Seus olhos como fogo de milhares de sóis. Ele pressionou uma mão contra a cabeça e cerrou os dentes.

Sherazade levantou da cama e se postou a seu lado.

— Você está... machucado?

— Não. Volte a dormir. — Soou desnecessariamente cruel, até para ele.

— Você está mentindo para mim. — Ela se aproximou e passou os dedos suaves em torno de seu pulso. — O que está acontecendo?

— Nada. — Novamente, a dor se projetou na palavra, fazendo sua resposta soar mais brusca do que ele pretendia.

Ela cutucou seu braço.

— Mentiroso.

— Sherazade...

— Não. Diga a verdade, ou vou embora do seu quarto.

Khalid ficou calado, a besta em sua cabeça rugindo vigorosamente.

Sherazade soluçou alto.

— De novo. Outra vez.

Ela virou e se dirigiu para as portas de ébano.

— Pare! — Khalid tentou segui-la, mas a cabeça latejava de tal forma e sua visão estava tão distorcida que não conseguiu. Ele falou de forma incoerente, deixou a *shamshir* cair e se ajoelhou, segurando a cabeça entre as duas mãos.

— Khalid! — Sherazade gritou. Ela correu de volta e se agachou ao seu lado. — O que está acontecendo?

Ele não conseguia responder.

Khalid a ouviu correr até as portas e escancarar uma.

— Minha senhora? — o guarda perguntou.

— Procure o capitão... não, o general Al-Khoury — Sherazade insistiu. — Imediatamente.

Ela esperou perto da porta até ouvir uma batida leve algum tempo depois.

— Minha senhora Sherazade — o tio dele começou —, está tudo...

— A cabeça dele. Por favor. Ele está... com muita dor.

O som de medo na voz dela o incomodou. Mais do que ele gostaria de admitir.

— Fique com ele. Volto já.

A porta se fechou.

Sherazade voltou para Khalid. Ele estava sentado no chão, encostado na cama, os cotovelos nos joelhos, e pressionando a testa com as mãos com força suficiente para ver estrelas.

Quando a porta abriu novamente, Sherazade ficou imóvel. Ele sentiu que ela se aproximou, como que para protegê-lo.

— *Sayyidi*. — A voz do faquir ecoou acima dele.

Khalid suspirou, seus olhos ainda fechados com força.

— Minha senhora — seu tio disse —, venha comigo, por favor.

O corpo dela ficou ainda mais retesado, pronto para a batalha.

— Eu...

— Sherazade *jan* — o tio chamou carinhosamente —, por favor.

— Não — Khalid falou ríspidamente. Ele estendeu a mão para segurar a dela. — Ela fica.

— Khalid *jan...*

Khalid fez força para abrir os olhos em brasa e olhou para o tio.

— Minha esposa fica.

Ava

Sherazade não sabia o que fazer com a cena que se desenrolava à sua frente.

O velho estranho vestido de branco não andava do mesmo jeito que as outras pessoas. Ele não piscava nem parecia respirar.

E olhou para ela com tal intensidade que seu estômago deu cambalhotas.

— *Sayyidi* — o estranho homem repetiu, chegando mais perto de Khalid.

Sem dizer uma palavra, Khalid baixou a cabeça. O homem ergueu as mãos até que ficassem paralelas às têmporas do califa. Então fechou os olhos. Sherazade sentiu o ar no quarto ficar quieto. Uma sensação estranha se estabeleceu em seu coração, fazendo com que arrepios lhe percorressem a espinha.

Quando o estranho homem abriu os olhos novamente, eles brilhavam brancos, como a luz intensa do centro de uma chama. Entre suas mãos, surgiu uma bola de fogo laranja e quente, que se espalhou pela frente de Khalid.

A sensação peculiar lhe queimava o peito, e Sherazade reteve um suspiro. Ela se lembrou daquela tarde, na semana anterior... com o tapete que levitava.

A bola de fogo envolveu a cabeça de Khalid, pulsando amarela, brilhando com maior intensidade antes de subir para a escuridão em uma espiral. Então ela se retraiu de volta para as mãos do velho homem, que estavam em concha.

E a sensação em torno dela desapareceu.

Khalid suspirou devagar. Seus ombros se inclinaram para a frente, e a tensão de seu corpo parecia começar a ceder.

— Obrigado — ele sussurrou para o homem, sua voz seca e dura.

Sherazade olhou para esse desconhecido portador de magia. Novamente, ele olhava para ela com uma expressão estranha e duvidosa.

— Obrigada — Sherazade reiterou, perdida.

O velho homem fez uma careta, e seus olhos, que não piscavam, estavam cheios de desconfiança.

— *Sayyidi...*

— Seu conselho é sempre bem-vindo. Estou ciente de suas preocupações — Khalid o cortou num tom sereno.

O velho homem parou.

— Está piorando. E apenas vai progredir dessa maneira.

— Novamente, eu entendo.

— Desculpe-me a insolência, *sayyidi*, mas você não entende. Eu já o avisei, e agora os meus maiores temores estão se concretizando. Você não pode manter essa farsa por muito mais tempo. Se não encontrar uma maneira de dormir...

— Por favor. — Khalid se pôs de pé.

O velho homem deslizou para trás e fez uma reverência extremamente graciosa.

— Novamente, eu lhe agradeço. — Khalid retribuiu a reverência e levou sua mão à testa em sinal de respeito.

— Não me agradeça, *sayyidi* — o velho homem respondeu enquanto flutuava até as portas de ébano —; meus serviços visam à esperança de um grande rei. Veja se lhe concede uma oportunidade de provar que estou certo. — Ele segurou a maçaneta de bronze, parando para olhar para Sherazade mais uma vez, antes de desaparecer na escuridão, deixando-os a sós.

Khalid se apoiou na beira da cama, os olhos injetados e o rosto demonstrando sinais de tensão.

Sherazade sentou ao seu lado. Ficou calada por algum tempo, e o ar foi ficando carregado com os pensamentos não ditos de ambos.

Então ele se virou para ela.

— Antes de...

— Você não pode dormir? — ela o atalhou, falando baixinho.

Ele respirou fundo.

— Não.

— Por quê?

Khalid se inclinou para a frente, seu cabelo escuro resvalando pela testa.

Ela procurou a mão dele.

— Conte-me.

Ele olhou para ela de soslaio, e seu olhar triste a deixou sem fôlego.

Sherazade segurou a mão dele entre as suas.

— Por favor, Khalid.

Ele assentiu com a cabeça.

— Antes de começar, preciso que saiba quanto me arrependo.

Seu pulso oscilou.

— Pelo quê?

— Por tudo. Mas mais pelo que estou prestes a lhe contar.

— Eu não...

— É uma carga, Shazi — ele disse em um sussurro rouco. — Esse segredo é um ônus que jamais quis para você. Uma vez que tenha conhecimento, não há como voltar atrás. O que quer que aconteça, sua frieza permanecerá em você. O medo, a preocupação e a culpa... eles se tornam seus também.

Sherazade respirou com cuidado.

— Não vou dizer que entendo, porque não é verdade. Mas se essa é a sua carga... e é o que lhe impõe tanta dor... quero saber.

Khalid olhou o ônix diante dele.

— O nome dela era Ava.

— Ava?

— Minha primeira esposa. Eu me casei com ela pouco depois de completar dezessete anos. Era um casamento arranjado. Um que arrumei para evitar um destino bem pior. Como eu estava errado.

Khalid entrelaçou os dedos nos dela.

— Eu não devia governar Khorasan. Meu irmão, Hassan, foi criado para assumir o trono. Quando ele morreu numa batalha, era tarde demais para meu pai corrigir os anos que ele gastou me punindo pelos erros de minha mãe. Não havia nenhum relacionamento entre nós... nada além de lembranças sangrentas e sonhos de vingança. Quando ele morreu, eu estava tão despreparado para reinar quanto qualquer outro garoto cheio de ódio. Como você disse certa vez... eu era previsível. Previsivelmente furioso. Previsivelmente mal-humorado.

Sherazade viu os olhos cansados de Khalid perdidos em lembranças.

— Eu também estava decidido a ser tudo o que meu pai desprezava num rei. Antes de morrer, ele queria que eu me casasse com Yasmine... para unir os reinos de Khorasan e da Parthia. Depois de sua morte, seus conselheiros continuavam insistindo nesse casamento. Até tio Aref achou que seria uma decisão sábia, embora lamentável. Fui inflexível... a ponto de dispensar os conselheiros de meu pai e escolher meu próprio conselho.

Sherazade ficou séria.

— Você desprezava Yasmine tanto assim?

Khalid balançou a cabeça.

— Yasmine tem seus méritos, mas jamais gostei dela de verdade. E, mais do que isso, não podia de boa vontade unir a minha família à de Salim Ali el-Sharif. Quando minha mãe ainda era viva, ele a tratava como uma amante de um homem poderoso, e nunca perdeu uma oportunidade de falar mal dela depois que ela se foi. Quando era um menino, lembro-me de ansiar pelo dia em que seria forte o

suficiente para castigá-lo pelas coisas que dizia. — O canto de seus lábios se curvou com a ironia amarga.

— Vingança não era o que você esperava, não é? — Sherazade perguntou, com calma.

— Não. Não era. E nunca será. Vingança não trará de volta o que perdi.

Sherazade engoliu em seco, desviando o olhar.

— Salim deve ter ficado muito furioso com a sua recusa em desposar Yasmine.

— Eu nunca recusei. Nunca fui tão longe. Quando a pressão para casar com Yasmine aumentou, para estreitar os laços entre nossos reinos e fortificar a minha postura fraca como um jovem califa, decidi que a melhor maneira de evitar o insulto de uma recusa direta era eu me casar com outra pessoa. Ava era de uma boa família de Rey; era gentil e inteligente. Depois que nos casamos, tentei ser atencioso, mas era difícil. Ainda tinha muito que aprender sobre como ser um rei, e não sabia como ser um marido. Semelhante a mim, Ava não era do tipo que partilhava pensamentos e sentimentos com facilidade, e os momentos que passávamos juntos terminavam em silêncio. Ela começou a se distanciar... e entristecer. Mesmo assim, eu não investi o tempo necessário para descobrir o porquê disso. Depois de alguns meses de casado, ela havia se retraído muito, e nossa relação era bem limitada. Na verdade, a estranheza me fez ainda menos inclinado a procurá-la. Nas raras vezes em que tentei falar com ela, Ava sempre parecia distante... perdida num mundo que eu nunca procurei entender.

Seu rosto se tornou mais cansado e abatido enquanto falava.

— Tudo mudou quando Ava descobriu que estava grávida. Seu humor mudou totalmente. Ela voltou a sorrir. Começou a planejar o futuro. Pensei que tudo ia dar certo e, como um bobo, fiquei feliz por isso.

Khalid fechou os olhos por um instante antes de continuar.

— Perdemos o bebê algumas semanas mais tarde. Ava ficou inconsolável. Ela ficava em seu quarto por dias seguidos, comendo apenas o suficiente para sobreviver. Eu a visitava, e ela se recusava a falar comigo. Mas Ava nunca estava com raiva. Estava sempre triste, apenas, com olhos que me rasgavam a alma. Uma noite, quando fui vê-la, ela finalmente se sentou na cama e conversou comigo. Perguntou se eu a amava. Eu disse que sim com a cabeça, porque não conseguia mentir descaradamente. Então ela me pediu para dizer isso. Apenas uma vez, porque eu nunca dissera. Seus olhos estavam acabando comigo... poços tão escuros de tristeza. Então menti. Disse as palavras... e sorri para ela.

Ele estremeceu, apertando as mãos unidas contra a testa.

— E foi a última coisa que falei para ela. Uma mentira. O pior tipo de mentira... aquela cheia de boas intenções. Aquele tipo que os covardes usam para justificar suas fraquezas. Não dormi bem naquela noite. Algo em nossa conversa me deixou incomodado. Na manhã seguinte, fui ao seu quarto. Como ninguém atendeu, abri a porta. A cama estava vazia. Chamei por ela e não obtive resposta.

Khalid parou, seu rosto absorvido em tempestade de lembranças.

— Encontrei-a na varanda com uma corda de seda no pescoço. Ela estava sozinha e gelada. Morta. Não lembro muito mais daquela manhã. Tudo que conseguia pensar era como ela tinha morrido sozinha, sem ninguém que a consolasse, ninguém que lhe desse carinho. Ninguém que se importasse. Nem mesmo seu marido...

Os olhos de Sherazade queimaram com as lágrimas represadas.

— Depois que a sepultamos, recebi um convite do pai dela para ir à sua casa. Cheio de culpa e vontade de mostrar à sua família algum respeito, fui vê-lo, contrariando o que todos à minha volta me aconselharam. Eles não sabiam o que o pai dela podia querer falar

comigo em particular. Mas ignorei os conselhos. — Khalid respirou fundo. — Apesar de eles estarem certos em se preocupar.

Ele puxou a mão que ela segurava e ficou em silêncio.

— Khalid...

— Uma centena de vidas por aquela que você tirou. Uma vida a cada aurora. Se você falhar uma única vez, eu lhe arrancarei seus sonhos. Vou tirar sua cidade de você. E lhe subtrairei essas vidas, milhares de vezes.

Sherazade o ouviu recitar as palavras decoradas, os olhos dele perdidos em seu significado.

E a compreensão avassaladora a atingiu, como um raio que cai no topo da montanha.

— Uma maldição? — ela sussurrou. — O pai de Ava... o amaldiçoou?

— Ele deu sua vida por essa maldição. Diante de meus olhos enfiou um punhal no coração, pagando pela magia com seu próprio sangue. Para me castigar pelo que tinha feito à sua filha. Por minha total falta de atenção ao seu maior tesouro. Ele queria ter certeza de que outros conhecessem sua dor. Que outros me desprezariam como ele o fez. Ele me mandou destruir a vida de uma centena de famílias em Rey. Casar com suas filhas e oferecê-las à aurora, tal como Ava. Roubar delas a promessa de um futuro. E deixá-las sem respostas. Sem esperança. Sem nada, além de ódio para mantê-las vivas.

Sherazade enxugou as lágrimas quentes que desciam por sua face.

Shiva.

— Recusei-me a obedecer. Mesmo depois que descobrimos que ele havia vendido a alma para a magia mais negra a fim de lançar essa maldição, mesmo depois de noites sem dormir, não podia fazer o que era exigido. Não podia iniciar esse ciclo de morte e destruição. Então as chuvas cessaram. Os poços secaram. E o leito dos rios

evaporou. O povo de Rey caiu doente e faminto. E começou a morrer. E eu comecei a entender.

— Vou tirar sua cidade de você. — Sherazade murmurou, lembrando-se da seca desastrosa que destruíra as plantações na última colheita.

Ele concordou.

— E lhe subtrairei essas vidas, milhares de vezes.

Então era isso. Finalmente. Uma explicação.

A razão para as mortes sem sentido.

Por que não me sinto nem um pouco melhor?

Sherazade olhou o perfil de Khalid sob a pouca luz da lamparina enquanto ele continuava fitando o chão.

— Quantas auroras faltam? — ela perguntou.

— Poucas.

— E se... você deixar de fazer isso?

— Não sei. — Sua postura indicava um peso invisível e uma conclusão precipitada.

— Mas... choveu. Choveu várias vezes nesses últimos dois meses que estou no palácio. Talvez a maldição tenha enfraquecido.

Ele se virou para olhar para ela com um meio sorriso triste.

— Se esse for o caso, eu pediria aos céus pouca coisa mais.

Uma preocupação começou a lhe corroer o coração.

— Khalid, e se...

— Não. Não me pergunte o que está prestes a me perguntar. — Sua voz era dura e com um aviso prévio.

Seu coração aos trancos e barrancos em seu peito, sincronizado com o recém-descoberto medo.

— Então você nem considerou...

— Não. Não levei isso em consideração. — Ele segurou seu queixo entre as mãos. — Não existe a menor possibilidade de levar isso em consideração.

Ela balançou a cabeça, apesar de seus ombros tremerem e suas unhas estarem enterradas na palma de suas mãos.

— Você é ridículo, Khalid Ibn al-Rashid. Eu sou apenas uma moça. Você é o califa de Khorasan e é responsável pelo reino.

— Se você é apenas uma moça, sou apenas um rapaz.

Sherazade fechou os olhos, incapaz de enfrentar a força que emanava dos dele.

— Você ouviu o que eu disse, Sherazade al-Khayzuran?

Quando ela se recusou a responder, sentiu que ele beijava de leve a sua testa.

— Olhe para mim — Khalid disse, tão suave e perto que ondas de certezas e frio desespero roçaram sua pele.

Ela abriu os olhos.

Ele apoiou a testa na dela.

— Apenas um rapaz e uma moça.

Sherazade forçou um sorriso triste.

— Se esse for o caso, pediria aos céus pouca coisa mais.

Khalid a empurrou contra a almofada e a abraçou. Ela apertou a face contra o peito dele.

E, enquanto se abraçavam quietos, uma aurora prateada nasceu no horizonte.

Esquecimento

Khalid estudava os planos abertos sobre a escrivaninha à sua frente.

Um novo sistema de aquedutos que traria a água fresca de um lago próximo direto para as cisternas subterrâneas da cidade seria um empreendimento caro e demorado. Seus conselheiros haviam sido contra tal investimento por essas e muitas outras razões.

Compreensível.

Já que eles não estavam preocupados com outra seca desastrosa.

Khalid correu a mão pelo pergaminho, analisando com cuidado as linhas desenhadas e a escrita meticulosa dos melhores estudiosos e engenheiros de Rey.

Tantas mentes brilhantes a seu serviço. Tanta capacidade de pensar ao alcance de sua mão.

Ele era o califa de Khorasan. O suposto Rei dos Reis. Ele comandava um exército de renome e, por doze anos, treinara com alguns dos melhores guerreiros do reino. Doze anos gastos no desenvolvimento de suas habilidades para se tornar um dos melhores espadachins de Rey. Muitos o consideravam um bom estrategista também.

Ainda assim, com todos esses visíveis atributos, ele não tinha poder para proteger o que importava...

Seu povo.

Sua rainha.

Ele não podia conciliar ambas as coisas. Não sem um sacrifício que ia além do que se podia levar em consideração.

Khalid pensou nas consequências de tal atitude egoísta. Como não pensar que a vida de uma moça salvaria tantas outras. Isso seria condenável.

Tantas outras moças já tinham dado sua vida para essa maldição. Haviam morrido porque Khalid não percebera o profundo desgosto de sua primeira esposa. Tinha falhado em se importar.

Que direito ele tinha de decidir a vida de quem valia mais? Quem era ele, afinal de contas?

Um menino-rei de dezoito anos. Um desgraçado frio e insensível.

Um monstro.

Ele fechou os olhos, as mãos se fecharam em punho sobre o pergaminho.

Não mais aceitaria que os caprichos de um lunático enlutado ditassem suas ações.

Tomaria uma decisão. Mesmo que abominavelmente egoísta. Mesmo que fosse julgado e condenado por toda a eternidade.

Ele não poderia ser outra vez o homem que não se importava. Lutaria para proteger o que importava para ele, a qualquer custo.

Salvar a única coisa que mais importava.

Khalid assinou o decreto para começar a construção do novo sistema de aquedutos. Pôs isso de lado e olhou para o próximo assunto. Ao rever o documento, as portas da alcova se abriram sem nenhum aviso, e seu primo invadiu o quarto.

Khalid ergueu a sobrancelha diante dessa ousadia. Quando o tio entrou logo atrás, com a expressão preocupada mais grave do que de costume, Khalid respirou e se recostou nas almofadas.

A expressão de Jalal era... intrigante.

— Suponho que seja importante. — Khalid fitou o primo.

Quando Jalal permaneceu calado, Khalid se desencostou.

— *Sayyidi...* — seu tio começou.

— Deve haver uma explicação. — A voz de Jalal falhou enquanto os nós de seus dedos cerrados ficaram brancos ao golpear a palma da mão esquerda.

— Jalal *jan...*

— Por favor, pai — Jalal o interrompeu por cima de seu ombro.
— Deixe-me falar!

Khalid ficou de pé.

— Do que estão falando?

— Prometa-me que você dará a ela uma oportunidade de se explicar. Nunca vi você quebrar uma promessa. Prometa.

— Dê a ele o relatório. — Seu tio chegou perto de Jalal com uma expressão cansada, mas decidida.

— Não até ele prometer. — A insistência de Jalal beirava a loucura.

Khalid saiu de trás da escrivaninha, inflexível.

— Eu não prometo nada até que me diga do que se trata.

Jalal hesitou.

— Capitão Al-Khoury?

— Shazi... e aquele rapaz. — Era um sussurro interrompido.

Uma mão gelada envolveu a garganta de Khalid. Ainda assim, ele estendeu uma mão firme.

— Entregue-me o relatório.

— Prometa, Khalid.

— Não estou certo de por que deveria lhe fazer uma promessa que a beneficiasse. — Sua voz era despreocupada, apesar da frieza.

— Então prometa a ela.

— O que prometo a Sherazade não lhe diz respeito. Entregue-me o relatório.

Jalal suspirou devagar antes de entregar o pergaminho. Ao desenrolar o relatório, um peso se instalou no peito de Khalid, como um presságio de desgraça procurando um refúgio duradouro.

Ele passou os olhos pela mensagem uma vez. As palavras foram se registrando em um canto distante de sua mente. Os olhos de Khalid foram para o topo do pergaminho novamente.

E de novo.

— Sinto muito, Khalid *jan* — o tio falou com ternura. — Sinto muito. Até eu começava a acreditar... queria acreditar... que ela era algo mais.

Jalal balançou a cabeça e se aproximou de Khalid.

— Ela é. Por favor, dê uma chance de ela se explicar.

— Saiam! — Khalid ordenou em voz baixa.

— Não deixe seu medo e sua falta de confiança destruir isso.

Seu tio puxou Jalal pelo ombro.

— Ela ama você! — Jalal continuou, com um tom negligente. — Isso não é o que parece. Talvez tenha começado como outra coisa, mas aposto a minha vida no que se tornou agora. Ela ama você. Por favor, não a odeie. Você não é seu pai. Você é muito mais. Ela é muito mais.

Khalid deu as costas para o primo, amassando o pergaminho na mão.

E a maldição o envenenou, escurecendo tudo em seu caminho...

Destruindo uma alma já condenada.

Sherazade estava no balaústre de sua varanda, admirando um mar de estrelas brilhantes num céu azul-escuro e suave.

Ela não conseguia ficar sozinha em seu quarto. Apesar de não haver mais vestígios da carnificina, era ainda muito cedo para vagar por seus limites mal iluminados, cercada por fantasmas de sombras que se esgueiravam.

Sherazade suspirou ao ver uma estrela cadente.

Ela passara o dia vagando pelos jardins, escolhendo abrir mão da companhia de Despina para poder pensar nas muitas revelações da noite anterior sem as distrações do mundo externo à sua volta.

Infelizmente, a verdade não era tão esclarecedora quanto ela esperava.

Em vez disso, era feia e desolada e envolta em mais crueldade do que ela jamais poderia ter imaginado.

Sua melhor amiga havia sido assassinada por causa de uma vingança... uma horrível vingança macabra, lançada por um homem enlouquecido que havia perdido a filha por uma sequência de infortúnios. E ele, por sua vez, havia escolhido castigar os outros por sua dor.

Ele castigara Khalid por isso.

E Khalid castigara o povo de Rey.

Sherazade respirou fundo.

Tudo havia entrado numa espiral descendente num poço sem fundo devido ao tormento de um homem.

Ela olhou para suas mãos apoiadas no balaústre frio.

O mesmo desejo de vingança a trouxera a esse palácio. Fizera Sherazade odiar o menino-rei a quem ela atribuía a culpa pelo seu sofrimento.

E agora aqui estava ela, na beira do abismo.

Khalid ainda era o culpado pela morte de Shiva. Ele dera a ordem. Sentara à sua escrivaninha e escrevera uma carta para a família de Shiva enquanto um soldado lhe tirava o ar do corpo com uma corda de seda. Não impedira que a matassem, como fizera com ela. Permitira que isso acontecesse.

Apenas os fatos haviam mudado.

Mas mesmo assim o resultado parecia diferente.

Porque Sherazade conhecia a razão. Mesmo que fosse horrenda e além de qualquer possibilidade, uma parte dela compreendia que Khalid não tivera muita opção.

E que um dia ele poderia ser forçado a tomar uma decisão a seu respeito.

O rugido das portas de seu quarto lhe chamara a atenção. Sherazade apertou os laços de sua *shamla* e correu da varanda.

Caminhou para o centro do quarto. Defumadores de âmbar-gris em brasa se encontravam nos cantos.

Khalid estava de pé na soleira, seu perfil parcialmente escondido pelas sombras.

Ela sorriu, hesitante.

Ele permaneceu parado como uma estátua.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Olá? — Sua voz soou estranha, até mesmo para ela... mais uma indagação do que um cumprimento.

— Olá — ele respondeu de forma grave e ameaçadora, remetendo ao tempo em que tudo que dividiam eram histórias à luz das lamparinas. Tudo que ela podia esperar partilhar.

E isso fez com que Sherazade se sentisse arremessada contra uma parede de gelo.

— Está tudo bem?

Ele saiu das sombras e foi em sua direção.

Alguma coisa certamente não estava bem.

Mas, apesar de sua expressão fria e distante, seus olhos de tigre queimavam em pura emoção.

— Khalid? — Seu coração falhou.

Ele suspirou cuidadosamente.

— Há quanto tempo?

— O quê?

Ele deu mais um passo em sua direção.

— Há quanto tempo você é apaixonada por Tariq Imran al-Ziyad?

Um suspiro escapou antes que ela pudesse detê-lo. Seu coração adernou em seu peito, e ela sentiu os joelhos ceder.

Minta. Minta para ele.

Os olhos de tigre continuavam postos nela... atentos, expectantes.

Cientes.

Medo?

— Desde o verão em que fiz doze anos. — Sua voz falhou.

Ele cerrou os punhos e se virou para as sombras.

— Eu posso explicar! — Sherazade foi até ele. — Eu...

Quando ele se virou, as palavras morreram em seus lábios.

Na mão direita dele havia um punhal.

Ela recuou, amedrontada.

Ele olhava para o mármore aos pés dela.

— Atrás do armário de ébano de meu quarto tem uma porta com um grande anel de bronze. A maçaneta é diferente. Você tem que virar três vezes para a direita, duas para a esquerda e novamente três vezes para a direita para abri-la. Uma escadaria leva para uma passagem subterrânea que a levará diretamente aos estábulos. Tome meu cavalo. Seu nome é Ardeshir.

A confusão de Sherazade suplantou o pânico.

— Eu não...

— Pegue. — Ele desembainhou o punhal e deu a ela.

Ela disse que não com a cabeça, continuando a recuar.

— Tome. — Ele pressionou o cabo na mão dela.

— Eu não entendo.

— Vikram está esperando do lado de fora. Ele vai levá-la ao meu quarto. Ninguém vai detê-la. Pegue Ardeshir... e fuja — Khalid falou num tom inaudível.

Sherazade pegou o cabo do punhal, franziu a sobrancelha, determinada, o coração trovejando em seu peito...

E Khalid caiu de joelhos diante dela.

— O que... o que está fazendo? — ela perguntou em desespero.
— Eu...

— Shiva bin-Latief. — Ele disse o nome com a reverência de uma prece, sua cabeça baixou e seus olhos se fecharam em uma deferência sem reservas.

Todo o ar deixou o corpo de Sherazade, numa compreensão apressada. Ela cambaleou, antes de cair no chão com o cabo do punhal apertado em sua mão.

— Levante-se — ele falou devagar.

Seu peito arfava.

— Levante-se, Sherazade al-Khayzuran. Você não se baixa diante de ninguém. Muito menos de mim.

— Khalid...

— Faça o que veio fazer. Você não me deve explicações. Não mereço nenhuma.

Sherazade soltou um soluço apertado, e Khalid a agarrou pelos braços.

— Levante-se. — Sua voz era suave, mas firme.

— Não posso.

— Você pode. Por Shiva. Você não tem limites. Não há nada que não possa fazer.

— Não posso fazer isso!

— Pode.

— Não. — Ela sacudia a cabeça, enxugando as lágrimas.

— Faça. Você não me deve nada. Não valho nada.

Como pode dizer isso? Você é...

Sherazade balançou a cabeça violentamente. A mão com o punhal se afrouxando.

— Sherazade al-Khayzuran! — Seu queixo ficou proeminente. — Você não é fraca. Não é indecisa. Você é forte. Feroz. Capaz além da conta.

Ela engoliu em seco, endurecendo, buscando um traço de ódio, um vestígio de raiva, para... nada.

Shiva.

Khalid permaneceu resolutivo nessa posição.

— Eu a tirei de você. Nada que eu fizer ou disser poderá consertar o que fiz. Se tiver que existir uma escolha entre nós, não há o que decidir, *joonam*. Não para mim.

Meu tudo.

Sherazade se pôs de joelhos e apoiou a mão desarmada contra seu peito.

— E você espera que eu faça essa escolha? — ela perguntou.

Ele concordou, seus olhos em chamas.

Ela o agarrou pela *qamis* com os dedos retorcidos.

— Você realmente espera que eu respire num mundo sem ar?

Khalid ficou ofegante enquanto suas mãos lhe apertavam os braços.

— Espero que você seja mais forte do que isso.

O rosto de Sherazade se suavizou.

— Mas... não há nada mais forte do que isso.

Ela não mais segurava o punhal. Ele caiu no chão. Sherazade pôs a palma da mão no peito dele.

— Ódio. Justiça. Retribuição. Como você disse, vingança não trará de volta o que eu perdi. O que você perdeu. E tudo o que temos agora. E a nossa promessa de fazer melhor. — Ela enfiou os dedos em seus cabelos. — Não há ninguém além de você com quem eu gostaria de ver o sol nascer.

Khalid fechou os olhos. Ela podia sentir seu coração acelerado. Quando ele enfrentou seu olhar novamente, deslizou as mãos pelo rosto dela, afagando sua face com os polegares, como a carícia de uma brisa de verão.

Ficaram de joelhos, se olhando em silêncio. Observando-se. Vendo o outro de verdade... sem nenhuma pretensão, sem máscaras, sem nenhum propósito. Pela primeira vez, Sherazade permitiu-se olhar sem pressa para cada faceta dele, sem medo de que sua mente aguçada rasgasse o voal e o ouro...

E vendo a verdade.

A pequena e quase imperceptível cicatriz perto do olho esquerdo. As sobrancelhas negras e hostis. As poças de âmbar líquido abaixo delas. O sulco perfeito no centro de seu lábio.

Quando percebeu que ela olhava seus lábios, ele suspirou.

— Shazi...

— Fique comigo esta noite. — Ela gemeu. — De todas as maneiras. Seja meu.

Seus olhos se incendiaram.

— Eu sempre fui seu. — Ele lhe segurou o queixo. — Como você sempre foi minha.

Ela se irritou e começou a protestar.

— Não. — Ele retribuiu o olhar ofendido dela.

— Sua possessividade... pode se tornar um problema. — Ela franziu as sobrancelhas.

Os cantos dos lábios dele se curvaram para cima, ligeiramente.

Sherazade pegou Khalid pela mão e o guiou até a cama. E, apesar de todo o seu corpo estar bem ciente da presença sólida e alta atrás dela, não se sentiu nervosa. Estava tranquila. Com um notável senso de justiça.

Ele sentou na beira da cama, e ela ficou de pé na sua frente.

Khalid apoiou a testa na barriga dela.

— Não pedirei perdão, mas estou muito arrependido — ele disse, com a laconicidade que ela estava aprendendo a esperar dele.

Ela pressionou os lábios em seus cabelos macios e escuros.

— Eu sei.

Ele olhou para cima, e ela se acomodou em seu colo, com um joelho em cada lado de sua cintura. Khalid tirou a *qamis* pela cabeça, e Sherazade alisou seus músculos definidos. Ela parou ao ver uma linha esbranquiçada em sua clavícula.

— Vikram — ele explicou.

Os olhos dela se estreitaram.

— O Rajput? Ele o cortou?

— Por quê? — E num tom quase provocativo: — Isso a incomoda?

Ela franziu o nariz.

Khalid puxou-a para mais perto.

— Acontece de vez em quando. Ele é melhor do que eu.

— Não quero saber. Não deixe que ele o corte novamente.

— Farei o melhor que puder. — Ele elevou o queixo dela. — E esta aqui? — Ele passou o polegar em uma velha cicatriz embaixo de seu queixo, fazendo-a se arrepiar.

— Caí de uma muralha quando tinha treze anos.

— E por que estava na muralha?

— Estava tentando provar que a podia escalar.

— Para quem?

E, quando ela não respondeu, Khalid se retesou.

— Entendo — ele resmungou. — E o tolo assistiu você cair?

— Não lhe dei alternativa.

Um sorriso apareceu por alguns instantes em seus lábios.

— Contra todas as possibilidades, sinto certa empatia... em meio a um mar de ódio.

— Khalid. — Ela empurrou seu peito.

— Sherazade. — Ele segurou sua mão, o rosto repentinamente intenso. — Isso é realmente o que você quer?

Ela olhou para ele, surpresa com o lampejo de vulnerabilidade em seu rosto.

O poderoso califa de Khorasan. O Rei dos Reis.

Seu lindo monstro.

Sherazade se debruçou e lhe mordiscou o lábio inferior. Prendeu seu queixo entre as mãos e passou a língua no mel derretido pelo sol.

Como ele dissera, nunca houve uma escolha nesse assunto.

Uma das mãos dele escorregou para a base de sua coluna, e ela se arqueou em sua direção, moldando-se a ele. Os laços de sua *shamla* foram soltos, e um ar frio lhe percorreu o corpo, seguido do calor bem-vindo do toque dele. A pele de Khalid roçando na dela.

Quando os lábios dele se moveram para sua garganta... para acariciar a ferida feita pelo punhal do Fida'í... Sherazade tomou uma decisão.

— Eu amo você — ela disse.

Khalid ergueu a cabeça.

Ela segurou a face dele e disse:

— Além das palavras.

Com os olhos ainda fixos no rosto dela, Khalid a deitou sobre as almofadas. Cobriu então a mão dela com a dele, roçando os lábios na parte interna do pulso de Sherazade.

— Minha alma vê um igual em você.

A partir desse momento, tudo que estava diante dela se derreteu em âmbar e verdade.

E, com um beijo, Sherazade se deixou levar.

Pelo menino que era impossível, improvável estudo de contrastes. O menino que reduzira a sua vida a cinzas, apenas para refazer o mundo diferente de tudo que ela conhecia.

Amanhã ela se preocuparia com a lealdade. Amanhã se preocuparia com a traição.

Esta noite, isto era tudo que importava.

As mãos entrelaçadas acima da cabeça. O sussurro no ouvido.

Apenas um rapaz e uma moça.

Isso.

Esquecimento.

Sherazade acordou com o perfume de rosas.

O cheiro de casa.

Um sol dourado passava por entre os entalhes de madeira das persianas que davam para sua varanda. Ela se encolheu diante da luz e rolou para o lado.

Na almofada de seda ao lado de sua cabeça havia uma rosa violeta bem pálida e um bilhete. Ela sorriu para si mesma. Então pegou a rosa e a trouxe para perto de si.

Era perfeita. As pétalas em círculo não tinham falhas, e a cor tinha um equilíbrio perfeito entre o intenso e o suave. Inspirando seu perfume, ela pegou o bilhete e se deitou de bruços.

Shazi,

Prefiro o azul a todas as cores. O aroma de lilases em seu cabelo é fonte constante de tormento. Não gosto de figos. Por último, eu nunca esquecerei, enquanto viver, as lembranças de ontem...

Nada, nem o sol, nem a chuva, nem a estrela mais brilhante no céu mais escuro, pode se comparar à maravilha que você é.

Khalid

Sherazade leu o bilhete quatro vezes, memorizando as palavras dele. Seu sorriso se tornava mais largo a cada releitura, até que se estendeu a ponto de doer. Então ela riu feito uma doida e ralhou consigo mesma por isso. Apoiou a rosa e o bilhete na banquetta ao lado da cama e pegou no chão a sua *shamla*.

Onde está Despina?

Amarrando os laços, ela foi até o quarto da camareira e bateu na porta. Como ninguém respondeu, ela abriu a porta e espiou. Estava escuro e deserto. Ela ficou intrigada e voltou para seu quarto.

A testa ficou mais vincada enquanto se banhou e se vestiu com uma *qamis* de linho sem mangas de um escarlate vibrante e uma

calça da mesma cor. Minúsculas pérolas e fios de cobre e ouro estavam bordados nas mangas e na bainha.

Quando acabou de se pentear com a escova de marfim, uma das partes das portas duplas se abriu e fechou com um estrondo ensurdecedor.

Sherazade deu um pulo, um grito preso na garganta.

— Sentiu minha falta? — Despina implicou.

— Onde esteve a manhã toda? — Sherazade olhou aborrecida para a camareira, enrolando seu cabelo ainda úmido sobre um ombro.

Despina inclinou a cabeça para um lado.

— Você deve estar brincando, califa-pirralha. Eu preferiria comer um monte de esterco a voltar cedo demais para este quarto. Especialmente correndo o risco de incorrer na fúria do rei.

— Do que você está falando?

— Pare com essa falsa modéstia. O palácio todo sabe do acontecido.

Um calor subiu ao pescoço de Sherazade.

— Sabe sobre o quê?

Despina sorriu.

— O califa de Khorasan indo até o jardim sozinho ao amanhecer. E voltando com uma única rosa. — Ela apontou para a flor na banqueta atrás de Sherazade. — Acho que é seguro supor o porquê disso.

O calor floresceu no rosto de Sherazade.

Despina gemeu.

— Você vai negar, então? Que maçante!

Sherazade fez uma pausa.

— Não. Eu não vou. — E ela ergueu o queixo.

— Graças aos deuses. Achei que ia ter de sofrer novamente com outro dos seus ataques de timidez.

— Como se você falasse dessas coisas.

— Como?

Sherazade pôs as mãos no quadril e ergueu uma das sobrancelhas, numa imitação perfeita de sua camareira.

— Passou bem a noite, Despina *jan*?

— Claro que sim — Despina falou por cima do ombro. — Dormi muito bem.

— Fico feliz de ouvir isso. Você finalmente arranjou coragem para contar a verdade ao homem que ama?

— O homem que amo? Acho que você deve ter batido com a cabeça. Talvez liberdade em excesso...

— Agora quem está sendo pudica? Honestamente, admira-me como vocês dois ficam jogando esses joguinhos e ignorando os seus sentimentos. Jalal precisa saber que você gosta dele. E certamente precisa saber sobre a criança. Talvez eu possa...

— Sherazade! — Despina virou-se rapidamente, a expressão distorcida pelo medo. — Você não pode! Não deve!

— Despina...

— Você não entende! Ele não pode saber... de nada. — As mãos de Despina estavam trêmulas quando as apoiou sobre a barriga.

Sherazade olhou para ela, perplexa.

— Você está certa. Eu não entendo. Ele é um bom homem. Ele deve... amar você. Ele não ama?

— Eu... não sei. — Pela primeira vez, Despina perdera sua postura orgulhosa e impecável. Seus ombros estavam descaídos, e ela foi até o pé da cama de Sherazade para se encostar. Sem nenhuma palavra, Sherazade se sentou ao seu lado, no chão de mármore branco.

— De qualquer maneira, ele não pode casar comigo — Despina disse numa voz suave e derrotada. — Sou... uma camareira. Ele é o primo do califa. Um dia ele se tornará o próximo *shahrban*. Seu pai

se casou com uma princesa de Khorasan. Ele terá que desposar alguém de boa família. Não uma camareira de Tebas.

— Mesmo que ele a ame?

Despina fechou os olhos cerúleos.

— Mesmo que me ame.

— Acho isso absurdo. Você já conversou com ele a respeito?

Ela balançou a cabeça.

— Ele acha que não o amo. Eu dei a entender isso.

— Despina! — Sherazade olhou espantada para a camareira.

— É mais fácil assim. Se ele acreditar que é apenas um capricho momentâneo, será bem mais simples para cada um seguir nossos caminhos depois.

— Por que você faria isso a si mesma? Por que mentiria para ele?

— Acredito que, quando você ama alguém de verdade, quer o melhor para ele.

— Eu acho isso não apenas absurdo, mas também arrogante.

— Eu acho engraçado, vindo de alguém tão arrogante quanto você.

— Arrogante, *eu?* — Sherazade explodiu. — Não sou eu que acho que sei o que é melhor para um homem-feito sem falar com ele antes.

Despina deu um sorriso triste.

Sherazade cutucou o ombro de Despina.

— Eu entendo como é difícil colocar o coração nas mãos de outra pessoa. Mas, se não fizer isso, como poderá realmente conhecê-la?

Despina trouxe os joelhos para o peito.

— O pai dele me desprezará. Todos pensarão que armei uma cilada para me casar com ele. Que sou uma prostituta ardilosa.

— Dou uma surra em quem falar mal de você.

Despina ergueu uma sobrancelha em sinal de dúvida.

— Não faça pouco de mim. Posso ser pequena, mas, quando pressionada, posso bater com surpreendente força. — Sherazade fungou. — Se não acredita em mim, pergunte a Jalal.

— Você bateu em Jalal? — Despina franziu a testa.

Sherazade negou, um sorriso brincalhão surgiu em seus lábios.

— Em Khalid.

— O quê? — Despina prendeu a respiração. — Você... bateu no califa?

— No rosto.

Despina levou a mão à boca, surpresa, e uma bolha de riso estourou em seus lábios.

As duas moças ficaram sentadas no chão, conversando e rindo, até que uma batida na porta de entrada as fez saltar. As portas duplas se abriram, e Khalid entrou, acompanhado de Jalal. Um pelotão da guarda esperava do lado de fora. O *shahrbán* aguardava pacientemente entre eles.

Como sempre, Khalid se moveu com uma graça imperial. Sua *rida'* preta estava amarrada em uma couraça trabalhada em ouro e prata. O cabo de sua *shamshir* estava preso em uma *tikka* preta que envolvia seu quadril estreito. Ele parecia ameaçador e inatingível — a mil anos, mil vidas, mil histórias de distância.

Mas Sherazade o conhecia.

Ela foi até o meio do quarto.

Seus olhos estavam flamejantes. E seu coração disparou ao vê-lo.

Despina fez uma reverência a Khalid e se retirou sem hesitação para o pequeno quarto ao lado da entrada... onde Jalal estava encostado na parede, o retrato da descontração.

Uma tentativa vã de se mostrar indiferente, de ambas as partes.

Sherazade testemunhou tudo em silêncio. Foi só por um segundo, e eles nunca se entreolhavam. Mesmo assim, ela se

perguntava como alguém podia deixar de notar o sutil movimento dos ombros de Jalal e o rápido meneio de cabeça de Despina.

Sherazade sorriu, consciente.

Khalid esperou até que a porta do quarto de Despina fosse fechada.

— Você dormiu bem? — Sua voz quase inaudível trazia lembranças de palavras sussurradas no escuro.

— Dormi.

— Fico feliz.

— Obrigada pelos presentes. Foram perfeitos.

— Então foram adequados.

Ela ergueu a sobrancelha ligeiramente, e os cantos da boca dele se curvaram para cima.

— Trouxe outra coisa para você — ele disse.

— O quê?

— Me dê sua mão.

— Qual delas?

Ele balançou a cabeça.

Ela estendeu a mão direita, e ele pôs uma aliança de ouro fosco em seu dedo médio.

Era o par da dele.

Sherazade passou o polegar da mão esquerda no relevo das duas espadas cruzadas. O brasão real de Al-Rashid.

Seu brasão.

Como califa de Khorasan.

— Você se importa de usar isso? É...

— O melhor presente de todos. — Ela ergueu a cabeça para olhá-lo nos olhos.

E ele sorriu um sorriso de envergonhar o sol.

Atrás dele, o pelotão de guardas se mexeu.

— *Sayyidi?* — Jalal interrompeu, com um olhar de desculpas a Sherazade. — Precisamos sair logo.

Khalid concordou.

— Para onde vai? — Sherazade perguntou, sua testa se enrugando.

— Uma pequena força está se reunindo sob um novo estandarte na fronteira entre Khorasan e Parthia. Os emires daquela região estão nervosos e querem discutir a estratégia, caso haja algum confronto.

— Ah. — Ela franziu a testa. — Vai ficar fora por quanto tempo?

— Duas, talvez três semanas.

— Entendo. Sherazade mordeu os lábios, tentando permanecer calada.

Ele deu novo sorriso.

— Duas semanas, então.

— Não são três?

— Não são três.

— Bom.

Ele olhou para ela, divertido.

— Novamente, estou feliz.

— Prefiro que você seja cuidadoso a feliz. E volte em segurança.

— E falou bem baixo: — Ou o esperarei com um prato de figos.

Os olhos dele brilharam dourados.

— Minha rainha. — Ele fez uma reverência com a mão na testa e depois levou a mão ao coração.

Respeito. E afeição.

Quando ele se encaminhou para a saída, uma decepção começou a deixar um vazio na alma de Sherazade.

Não era o tipo de adeus que ela queria.

— Khalid?

Ele voltou para ficar de frente para ela.

Ela foi até ele e o puxou para baixo, segurando-o pela *rida'* para beijá-lo.

Ele congelou por um minuto e, então, passou a mão em suas costas para puxá-la para mais perto.

Os guardas no hall se mexeram, nervosos, suas espadas e suas armaduras fazendo barulho. A risada leve de Jalal ecoou perto das portas duplas.

Sherazade não se importou.

Porque esse era um beijo de decisão. O beijo de compreensão.

Para um casamento sem pretensão. E um amor sem formato definido.

A mão de Khalid a pressionou nas costas.

— Dez dias.

Ela apertou a capa mais ainda.

— Promete?

— Prometo.

Um elemento da tempestade

Jahandar levou a égua malhada até o topo da colina de onde se via Rey.

O céu estava escuro e sem estrelas.

Perfeito.

Ele respirou fundo e apeou da égua. Pegou então o antigo e gasto volume do fundo de sua bolsa de couro.

O livro pulsou ao seu toque.

Com uma cuidadosa reverência, ele se ajoelhou diante de um pequeno agrupamento de pedras e apoiou o livro numa superfície plana. Pegou a chave preta em seu pescoço e a enfiou na fechadura no centro da capa. Assim que abriu o livro, uma luz prateada emanou das páginas.

Ele estava agradecido por elas não queimarem mais suas mãos.

Jahandar virou as páginas gastas até chegar ao feitiço. As palavras já estavam gravadas na memória, mas a magia do livro o ajudava a canalizar as forças para tão difícil tarefa. Ele fechou os olhos e deixou a luz prateada iluminar suas mãos e seu rosto, incutindo-lhe uma força silenciosa. Então desembainhou o punhal e riscou a cicatriz recente de sua palma esquerda. Assim que o sangue correu na lâmina, o metal começou a brilhar branco e azul forte.

Ele ficou de pé e foi até a égua malhada. Ela sacudiu a crina e relinchou, os olhos castanhos dela bem abertos. Arisca. Jahandar hesitou por um momento.

Mas as pessoas esperavam grandes coisas dele.

E ele se recusava a desapontá-las novamente.

Cerrando os dentes, deu um passo e enfiou o punhal em diagonal na garganta da égua, num único e rápido movimento. O sangue quente espirrou em suas mãos, num jato carmesim. A égua

caiu de joelhos e lutou contra o inevitável. Logo tombou de lado. Sua respiração leve e depois inexistente.

A ponta da lâmina estava manchada de um vermelho-vivo, o centro mais brilhante do que nunca.

Extremamente perigosa em sua grandeza.

Ele deu um passo para trás, afastando-se da carcaça e respirou fundo. Então encostou o punhal na ferida da palma da mão.

O poder o invadiu, queimando seus ossos. Do topo de seu trono de pedras, a luz prateada do livro pulsava mais forte que uma estrela.

Jahandar ficou sem ar e largou a lâmina quando a força se acumulou em seu peito, visceral em sua magnificência. O chão sob seus pés tremeu.

Ele começou a rir.

Erguendo os braços manchados de sangue para o céu, murmurou as palavras antigas e viu as nuvens se agitar a seu comando. Felizes ao se curvarem aos seus caprichos.

As páginas do livro viravam rapidamente. A barba se enrolava na sua garganta por causa do vento.

Não haveria razão para mais ninguém se desapontar.

Esta noite, ele provaria seu valor, de uma vez por todas.

Ele resgataria a filha. E salvaria um reino.

Porque ele era Jahandar, o Grande.

Jahandar, o Todo-Poderoso.

Jahandar... o Rei dos Reis.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair.

E Tariq ignorou a inquietação que crescia nele.

Ele estava envolto na escuridão, suas costas contra uma muralha descolorida de pedra e argamassa. O portão do palácio estava distante às suas costas. Era alto e construído em madeira maciça e

ferragens de metal preto. Sentinelas armadas estavam dispostas em cima e embaixo, alertas nas ameias.

Ele soltou o ar, tentando liberar a tensão em seu corpo.

Tentando silenciar a dúvida.

— Ele realmente não lhe contou como pretende abrir os portões?

— Rahim perguntou, puxando o capuz marrom de sua *rida'* para cobrir a testa.

— Pela última vez, ele disse que ia criar uma distração.

— E você confia nele?

— Não — Tariq admitiu. — Mas, se ele falhar, não estarei pior do que antes.

— Na verdade, isso é mentira. Você ainda pode ser acusado de motim por associação.

— Jahandar *effendi* não nos trairia. Nisso, eu confio plenamente nele.

— Gostaria de ter esse tipo de otimismo — Rahim resmungou.

— E que tipo seria esse?

— Idiota.

— Melhor idiota do que nenhum.

— Melhor vivo do que morto.

— Vai para casa, Rahim *jan* — Tariq disse. — Posso ouvir sua mãe o chamando.

— Babaca insuportável.

Tariq sorriu, mas seu peito estava apertado.

Os soldados contratados de pé nas sombras atrás de Rahim se mantiveram em silêncio, esperando as ordens de Tariq.

Se ao menos ele tivesse certeza.

Ele suspirou. Isso provavelmente seria uma tentativa infrutífera. Afinal de contas, Jahandar al-Khayzuran não tinha um histórico de ser confiável. Perdido em seu pesar, ele falhara em ser pai das filhas após a morte da esposa. Depois falhou com seu rei no seu posto de

conselheiro e foi demovido por isso. E falhou com Sherazade, quando permitiu que ela arriscasse a vida por vingança.

Mesmo assim, Tariq tinha que tentar.

A chuva caía mais forte. Goteiras começavam a pingar da lona acima deles. Descendo por sua capa e encontrando sua pele.

Rahim se mexeu para sair de debaixo da goteira mais próxima.

— Você acha...

Um raio de luz cortou os céus, seguido de um barulho de trovão.

— Uma coisa é certa: esta tempestade não está ajudando — Rahim disse.

Tariq encostou na parede e fechou os olhos.

Rahim praguejou ao novo trovão. Foi tão alto que fez bater os dentes de Tariq.

As pessoas estavam deixando as ruas. Lâmpioes estavam acesos nas janelas, por todo o caminho.

— Tariq! — Rahim advertiu.

Tariq virou a cabeça na direção do palácio e viu horrorizado um raio cair em uma das torres de mármore. Atingiu a pedra e a transformou em pedaços flamejantes que despencavam no chão com o baque de um terremoto.

Os guardas nos portões deram o alerta.

— Deus misericordioso — Rahim respirou.

Outro raio caiu perto, ateando fogo ao prédio. O rugido do trovão sacudiu todos os ossos de Tariq.

Agora a chuva descia dos céus, em um dilúvio que varria tudo.

Os primeiros gritos começaram quando um raio atravessou o teto de uma casa, arremessando entulho em chamas pelo céu.

A casa imediatamente se incendiou.

Os gritos de pânico ficaram mais fortes.

Outro raio fumegante atingiu o palácio, arrancando mais revestimento de mármore da fachada. Tariq se afastou da muralha.

Rahim o agarrou pelo ombro.

— O que está fazendo?

— Não vou ficar vendo o palácio ser arrasado. Sherazade está lá dentro.

Rahim puxou-o para trás.

— E o que você planeja? Humildemente pedir licença para entrar?

— Não — Tariq respondeu rispidamente. — Meu plano é...

Um raio atingiu o centro do portão, cegando-o e ao mesmo tempo tirando todo o ar de seu peito. Madeira, ferro e cinzas vieram por terra, misturando-se ao aguaceiro.

Caos surgiu em torno deles, com pessoas gritando em fuga, em pânico, se misturando numa cacofonia com a tempestade. Soldados corriam pelos portões da cidade, tentando manter a ordem e estancar o medo.

— Essa era a ideia de distração de Jahandar *effendi*? — Rahim gritou, decepcionado.

Tariq jogou o capuz de sua *rida'* para trás.

— Isso é impossível. Jahandar não é capaz disso. Ele tem dificuldade de fazer uma flor desabrochar.

— Então, em nome de Deus, o que é isso? — Rahim se encolheu quando outro raio de luz cortou os céus e atingiu o coração da cidade.

Fogo eclodia por toda parte.

Tariq fez uma careta e combateu suas premonições crescentes.

— Não sei. Mas não vou deixar Sherazade aqui. — Ele puxou o capuz para a cabeça e tirou o arco recurvo das costas.

Sherazade acordou assustada ao primeiro trovão. Seu coração saltava no peito ao correr para as venezianas e olhar por entre as frestas.

É apenas uma tempestade.

Ela voltou para a cama e se sentou na beirada. Começou a brincar com o anel de ouro em seu dedo.

Apenas uma tempestade.

Um barulho ensurdecido de pedras caindo a fez ficar de pé num salto.

Algo atingira o palácio.

Quando o som de passos correndo se avolumou na porta de seu quarto, Sherazade pegou o punhal próximo da cama e se agachou ao lado da plataforma.

As portas se escancararam sem aviso.

— Sherazade? — A voz conhecida de Jalal cortou o silêncio.

Ela respirou aliviada.

— Estou aqui.

Ela largou o punhal ao lado da rosa seca na banquetta e se aproximou. Jalal estava no centro do quarto com o Rajput e outros dois guardas a seu lado.

— Você está machucada? — Jalal perguntou, seu cabelo encaracolado desalinhado e os olhos castanho-claros olhando alerta em todas as direções.

— Não — ela disse, hesitante. — Por quê?

— O palácio foi atingido por um raio. A torre e uma parte dos jardins estão em chamas.

Seu coração bateu de forma ensurdecida.

Sherazade fechou as mãos em punho.

— Jalal, você acha...

— É apenas uma tempestade, Shazi. — Ele se aproximou, confiante. — Eu não acharia...

Dessa vez, as paredes do palácio tremeram sob o impacto. A cama dela mudou de lugar, um baú de madeira caiu no chão. A

trovoada sacudiu o corpo de Sherazade, fazendo sua preocupação aumentar.

Ela correu pelo pequeno corredor até o quarto de sua camareira e abriu a porta de supetão.

O quarto estava vazio.

— Onde está Despina? — ela perguntou tão logo voltou ao seu quarto.

Jalal sacudiu os ombros.

— Não sei.

— Pare com isso! — ela disse. — Onde ela está?

Ele arqueou ligeiramente as sobrancelhas. Quase nada.

— Estou certo de que ela está bem. Provavelmente apenas...

Ela agarrou o braço dele e o puxou para perto.

— Chega dessas brincadeiras infantis. Por favor, procure-a. Estou superpreocupada e imagino que você também.

Ele se retesou, o rosto fechado e os olhos perscrutando o rosto dela.

— Como disse, tenho certeza...

Outro trovão estrondou no ar, fazendo o mármore sob seus pés tremer e as venezianas baterem.

— Eu ordeno que saia e vá procurar por ela.

— E eu iria, minha senhora. Mas sua ordem desafia a do rei. Prefiro não ter que explicar a Khalid por que...

— Ela está grávida!

Ele enrijeceu e a segurou pelos ombros.

— O que foi que disse?

Perdoe-me, Despina.

— Ela está grávida. Por favor, vá procurá-la antes que alguma coisa aconteça.

Jalal piscou com força antes de dizer uma sucessão variada de pragas, muitas delas dirigidas a Sherazade.

— Fique com raiva de mim depois — ela insistiu. — Apenas vá procurá-la. Eu ficarei aqui.

Com o olhar furioso, ele gritou várias ordens por cima do ombro ao se dirigir para a entrada.

Ele parou antes na soleira.

— Shazi?

— Sim?

— Obrigado. — E desapareceu pelo corredor sem esperar pela resposta.

Sherazade voltou para o pé de sua cama, enquanto o Rajput e os dois guardas ficaram de sentinela. Novamente ela brincou com o anel na mão direita enquanto os raios e trovões lá fora continuavam, fazendo sua pele se sentir quente e gelada ao mesmo tempo.

Está chovendo. A maldição enfraqueceu.

É apenas uma terrível tempestade. Nada mais.

Ao próximo trovão ensurdecedor, as venezianas se escancararam, expondo o quarto aos elementos da natureza. Desesperada para fazer algo, Sherazade tentou fechá-las, mas o Rajput esticou o braço e a impediu. Com um aceno de cabeça, mandou que um dos guardas fizesse isso.

Antes que o guarda conseguisse fechar as venezianas, ele foi atingido no peito por uma flecha. Ele cambaleou e caiu de joelhos no chão.

O Rajput agarrou Sherazade pelo pulso e a pôs atrás de si. Ele desembainhou sua *talwar* com o silvo do metal sobre metal.

Duas silhuetas encapuzadas se materializaram na varanda.

Imediatamente, Sherazade reconheceu quem segurava o arco recurvo.

— Não! — ela gritou quando Tariq armou outra flecha e lançou contra o Rajput. Sherazade empurrou o guarda-costas para trás, e a

flecha se enterrou no ombro dele, logo acima do alvo desejado. O Rajput nem sequer pestanejou.

Outro guarda desembainhou a cimitarra, e Tariq o derrubou com uma única flecha. Ele então encaixou outra flecha na corda e armou o arco enquanto avançava lentamente.

O Rajput grunhiu furioso e fez um floreio com sua arma.

— Saia da frente — Tariq ordenou com uma voz seca.

O Rajput se colocou em posição de ataque.

— Pare com isso! — O peito de Sherazade arfava, em pânico.

Outro trovão sacudiu as paredes do palácio.

— É sua última chance. — Os olhos prateados de Tariq brilharam no escuro.

O Rajput riu sem piedade. Ergueu a espada e avançou sobre Tariq.

— Vikram! — Sherazade suplicou. — Não faça isso!

O Rajput a ignorou e nivelou a *talwar* em Tariq, preparando o golpe.

Tariq soltou a flecha sem hesitação. Atingiu o Rajput no centro do tórax.

— Tariq! — Sherazade gritou. — Por favor!

O Rajput cambaleou, seu rosto retorcido e incrédulo.

Então Tariq golpeou a cabeça do Rajput com o arco, e ele caiu no chão.

Sherazade segurou um soluço.

Tariq olhou para ela, desconfiado.

— Sherazade...

— Como você pôde? — Era um sussurro engasgado.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Ele teria me matado.

Ele estava certo. Mas ela não sabia o que dizer a seu passado por destruir sua esperança de um futuro.

— Shazi? — A voz de Rahim estava calma, a cabeça inclinada.

— O que faz aqui? — Os olhos de Sherazade postos em seu primeiro amor.

— Vim levá-la para casa — Tariq respondeu.

— Você não precisava ter vindo. Eu...

O olhar dele endureceu.

— Não vou embora sem você.

Um raio caiu perto, uma rachadura escura surgiu no telhado, aumentada pelo trovão que se seguiu.

— O palácio todo está a ponto de desabar sobre nossas cabeças

— Rahim anunciou. — Temos que sair daqui e encontrar Jahandar *effendi*.

— *Baba?* — A testa de Sherazade se franziu. — Por que meu pai está aqui?

Rahim esfregou a mão na nuca.

— É uma longa história.

Um tropel de passos ecoou no corredor do lado de fora do quarto, e Tariq pegou outra flecha na aljava antes de se postar entre ela e a porta. E ficou assim preparado até os passos desaparecerem ao longe.

— Vamos! — Rahim ordenou.

Sherazade respirou fundo.

— Tariq...

— Não vou embora sem você! — Ele virou-se e a puxou para ele.

— Esta guerra não é sua! E nunca deveria ter sido!

No próximo trovão, um pedaço do teto caiu no chão. Quase acertou Rahim.

— Estamos de saída. — Tariq a segurou forte. — Já.

Ela concordou. Uma vez que estivessem a salvo além das muralhas do palácio, ela reuniria coragem para lhe contar por que não podia ir embora.

Por que ela não queria ir embora.

Ele segurou sua mão e começou a caminhar para as portas.

— Espere! — Sherazade se soltou e correu até o armário para pegar sua capa e o tapete de Musa *effendi*, pois ela não queria que se destruísse nas chamas. Jogou a capa por sobre os ombros e correu até a banqueta ao lado da cama para pegar o bilhete de Khalid e o punhal.

Ao ver a rosa violeta sem vida, uma visão de seu passado voltou... outra rosa de seu passado nem tão distante, associada ao seu trágico destino. Um presente bem-intencionado se esfacelando, salpicando o chão de mármore.

A tempestade assobiou e estalou atrás dela.

Não é possível. Baba... não seria capaz.

Ela fechou os olhos, apertando as pálpebras por um instante. Então enfiou o bilhete e o punhal nas dobras de sua capa e correu para as portas.

Quando Tariq segurou a maçaneta, Sherazade colocou a mão em seu antebraço.

— Como você planejou sair sem ser visto?

— Com cautela.

Ela bufou. Empurrando-o com o cotovelo, olhou pela fresta da porta.

— Fique calado e me siga. — Ela entrou no corredor sem luz.

Com a cabeça baixa, Sherazade caminhou pelos corredores do palácio, rezando para que ninguém notasse seus novos guarda-costas.

Rezando para que não encontrassem Jalal.

Eles atravessaram uma série de corredores antes de virarem de repente num corredor menor com teto abobadado e de um mármore branco diferente.

Seu coração estava apertado.

Diante das portas do quarto de Khalid estava um único guarda. Ele se endireitou enquanto ela se aproximava, mas seus olhos se desviaram para os seus supostos guarda-costas e se estreitaram notadamente.

— Minha senhora — ele começou com uma reverência. — Como posso ajudá-la?

Ela sorriu calorosamente para ele.

— Queria apenas devolver este embrulho para o quarto do califa.

— Ela mostrou o embrulho com o tapete mágico.

— Terei prazer em ajudá-la. Se quiser deixar o embrulho...

Sherazade sacudiu a cabeça.

— Prefiro fazê-lo pessoalmente.

— Claro. — Ele concordou, dando um passo para o lado.

Quando Tariq e Rahim fizeram menção de acompanhá-la, ele levantou a mão.

— Perdoe-me, minha senhora, mas não posso deixá-los entrar.

— Você pode se eu ordenar. — O sorriso dela tornou-se duro.

— Novamente perdoe-me, minha senhora, mas apenas a senhora e o capitão Al-Khoury estão autorizados a entrar no quarto do califa durante sua ausência.

— Acredito que esta seja uma noite para fazer uma exceção. — Sherazade segurou a maçaneta de bronze.

— Minha senhora! — Ele segurou o braço dela.

Ela o encarou.

— Você vai me impedir, então? Porque você terá que usar a força. E acho que sabe o que aconteceu ao último soldado que encostou em mim contra a minha vontade. Mas, por favor, você é livre para tentar. Tenho certeza de que meu marido vai adorar saber sobre esse nosso encontro. Como é mesmo o seu nome?

O guarda empalideceu.

— Minha senhora, Sherazade!

— Esse não é seu nome — ela ironizou. — Agora, se você der valor à sua vida e ao seu couro, vai nos deixar passar.

Com o coração aos pulos, ela segurou a maçaneta novamente e abriu a porta.

Seu pulso continuava acelerado quando Tariq e Rahim entraram na antecâmara do quarto de Khalid. Eles seguiram sem hesitação para a entrada do quarto dele. E só depois que as portas estavam fechadas ela finalmente respirou aliviada.

Rahim riu tão seco quanto areia.

— Você é mesmo a califa. — Ele esticou um braço para se apoiar contra a parede de alabastro.

Ela o ignorou e foi até a cômoda preta.

— Preciso dizer que o louco assassino tem um quarto impressionante. — Os olhos azul-escuros de Rahim vagaram pelo ônix. — Para um monstro sem coração.

Sherazade segurou uma resposta pronta com dificuldade. Ela podia sentir Tariq a observando.

— Ajude-me a empurrar esta cômoda para o lado. — Ela colocou as mãos na madeira escura.

— Por quê? — Tariq perguntou.

— Não tenho tempo para explicar! — Ela fechou os lábios. — Você quer que o guarda vá chamar Jalal?

Os olhos de Tariq brilharam, mas ela lhe deu outra ordem antes de empurrar a cômoda com um grunhido.

A porta escondida que Khalid mencionara havia menos de duas semanas estava visível. Sherazade pegou o fecho de bronze e virou três vezes para a direita, duas para a esquerda e novamente três vezes para a direita antes de usar seu peso para abri-la.

— Meu Deus — Rahim disse. — Como você sabia sobre isso?

— Khalid me contou. — Ela tentou não ligar para o estranho olhar que ele lançou sobre ela. — É escuro, avancem com cuidado.

— Escondendo seu tremor, ela desceu a escada que levava à passagem.

O trio abraçou as paredes de terra e pedra enquanto se esgueirava como minhoca sob o solo. No final do túnel, havia uma pequena escada que levava a um alçapão. Sherazade tentou abrir, mas ele nem se moveu. Rahim pôs as duas mãos sobre a superfície mal-acabada, e a porta finalmente abriu com um gemido.

Eles subiram num canto escuro dos estábulos do palácio.

E um estrondo de trovão fez a terra tremer a seus pés. Os cavalos relinchavam e se empinavam em suas baias.

— Escolha um — Sherazade determinou.

Rahim assobiou.

— De verdade? Porque me contaram que o maluco tem um Al-Khamsa preto entre os cinco melhores. Aquele cavalo é um prêmio por si só.

Sherazade se virou para ele.

— *Não* Ardeshir. Você pode pegar qualquer cavalo neste estábulo, mas não esse.

— E por que não?

— Porque você não vai pegar o cavalo dele! — Ela estava a ponto de perder a compostura.

Rahim levantou as duas mãos, como que se entregando.

— O que está acontecendo com você, Shazi? — Seu rosto coberto de preocupação.

— Ele nem está aqui — Tariq disse tranquilo das sombras. — O cavalo não está aqui. Nem o seu dono.

— O quê? — Rahim virou para Tariq.

— Onde ele está, Sherazade? — Tariq perguntou, aproximando-se dela.

— A caminho de casa, Tariq Imran al-Ziyad — uma voz masculina se fez ouvir atrás deles.

Jalal.

Quando o capitão da guarda saiu do escuro, ele lançou um olhar maldoso para Tariq.

— Eu me consideraria um felizardo — Jalal continuou —, porque, se Khalid o encontrasse com Sherazade, morte seria a menor de suas preocupações.

Tariq procurou seu arco, sabendo o que fazer em seguida.

E Sherazade se postou no seu caminho, lhe segurando os pulsos.

— Não! — Seu rosto estava cheio de terror.

A dor de Tariq se tornou mais profunda. Agora ela estava defendendo a família do menino-rei. Contra ele.

A cimitarra do capitão Al-Khoury estava desembainhada a seu lado. Ele estava sozinho. Só precisaria de uma flecha para livrá-los de seu incômodo.

Quando o arrogante primo do menino-rei se aproximou, Sherazade se virou para ficar de frente para ele, segurando um dos pulsos de Tariq com muita força.

— Jalal — ela disse —, posso explicar.

— Não é necessário.

— Eu não estou...

— Já disse. Não é necessário. — Ele falou com simplicidade. — Confio em você.

Sua mão apertou o pulso de Tariq ainda mais, de maneira inimaginável.

— É no filho de Nasir al-Ziyad que não confio. — O capitão Al-Khoury ergueu a espada, a lâmina reluzente.

— Você pode confiar nele.

— Não — Tariq interrompeu —, ele não pode.

Sherazade olhou por cima do ombro, seus olhos lançando-lhe um aviso.

— O que faz aqui, Tariq Imran al-Ziyad? — O capitão Al-Khoury deu um passo à frente, sua espada em riste.

— Isso devia ser óbvio. Estou aqui por Sherazade.

O capitão Al-Khoury ironizou.

— Está mesmo? E você achou que poderia simplesmente sair da cidade com a califa de Khorasan? Com a esposa do meu primo?

— Sherazade não ficará aqui. Não vou deixar a mulher que amo nos braços de um monstro.

— Engraçado. Eu poderia pensar que essa mulher tem uma escolha a fazer.

— Você deve estar brincando — Rahim disse com seriedade. — Você realmente acha que ela escolheria um louco em vez de Tariq?

— Basta, Rahim — Tariq avisou.

— Pergunte a ela — o capitão Al-Khoury respondeu com tranquilidade. — Pergunte a ela se realmente planeja deixar Rey com você. Porque eu sei de algo que você ou é muito estúpido ou muito cego para perceber.

— E o que seria isso? — Rahim questionou.

— Assassino, monstro, louco... Khalid pode até ser todas essas coisas. Mas ele também é amado. Por meu pai e por mim. Mas, mais do que todos, por Shazi. Com ela, ele é amado na mesma medida em que a ama.

O corpo de Sherazade estremeceu diante de Tariq. A mão no pulso dele ficou trêmula.

— O que ele diz é verdade? — Rahim perguntou, irritado com a intimidade do capitão da guarda.

Ela olhou uma vez mais por cima do ombro para os olhos brilhantes que ameaçavam transbordar de sua face.

— Tariq.

Não. Ele não aguentaria ouvi-la dizer isso. Ele não a ouviria dizer isso.

Ele baixou o arco e a puxou para junto dele.

— Sei que você não é a mesma. Sei que alguma coisa deve ter acontecido. Mas podemos consertar isso. Eu posso consertar isso. Venha para casa comigo. Cada dia que estamos afastados é um dia mais próximo da morte. Um dia desperdiçado no que poderia vir a acontecer. Não aguento mais. Venha para casa.

— Mas — ela sussurrou — eu estou em casa.

— Shazi! — O rosto de Rahim se contorceu, incrédulo. — Como pode dizer isso?

— Sinto muito. Eu nunca quis magoar nenhum de vocês. É só que...

— Ele matou Shiva! — Tariq explodiu. — Como você pode querer o rapaz que matou sua melhor amiga? Como pode querer um filho da mãe frio que matou dúzias de jovens e desaparece no ar enquanto a cidade arde?

— O que você disse? — A voz de Sherazade estava mortalmente calma. — A cidade está... em chamas?

Tariq franziu a testa.

— Os raios. Incendiaram várias construções.

Ao ouvir isso, Sherazade empurrou Tariq para o lado e correu para a entrada do estábulo, escancarando o portão de madeira.

E entrou em colapso diante da visão.

Metade da cidade estava em chamas. A fumaça toldava o céu, cortado por raios prateados. O cheiro de brasas se misturava a uma nuvem de roseiras próximas.

O capitão Al-Khoury pôs sua espada na bainha e se agachou ao lado de Sherazade.

Seu olhar de sofrimento atroz atingiu Tariq.

— Jalal. O que fizemos? — Seu rosto em absoluta agonia.

— Não, *delam*. Isso não é culpa sua. Nada disso é culpa sua. — O capitão Al-Khoury pôs as mãos em seu rosto.

— Você tem que... — Sherazade suspirou, tremendo. — Temos que parar isso. Antes que mais alguém morra.

— Farei isso — o capitão Al-Khoury respondeu.

— O que fizemos? — Era um eco patético de sua alma suplicante.

O capitão Al-Khoury pôs Sherazade de pé.

— Nada. Você não fez nada.

Ela sacudiu a cabeça, o rosto distante e desolado.

— Khalid... terá que...

— Não. Ele nunca fará isso.

— Mas como poderemos viver assim? — ela gritou. — Eu não posso. Ele não pode!

Tariq não se aguentou mais.

— Do que estão falando?

— Tariq Imran al-Ziyad — o capitão Al-Khoury continuou olhando para Sherazade enquanto ele falava —, quero lhe pedir uma coisa.

— A resposta é *não*.

— Você não quer nem ouvir o que é?

Tariq olhou para ele em silêncio.

O capitão Al-Khoury virou a cabeça para enfrentar o olhar de Tariq.

— Leve Sherazade para fora de Rey.

— Essa sempre foi minha intenção.

Os olhos de Sherazade relampejaram.

— Jalal...

— Leve-a com você. — O capitão Al-Khoury segurou Sherazade pelos ombros.

— Não. Eu não posso ir. — Ela lutou para erguer o queixo. — Eu não irei. Não tenho... medo.

O capitão Al-Khoury a encarou.

— Escute-me. Desta vez. Eu lhe suplico.

Sherazade começou a protestar, e uma lufada de ar quente soprou sobre eles, espalhando ainda mais o estranho perfume das rosas doces e da fumaça acre. Ela fechou os olhos com força e pôs a mão no peito.

— Tariq, onde está meu pai? — ela perguntou, rouca.

— Fora da cidade — ele respondeu. — Aguardando... em cima do morro.

Seus olhos se arregalaram, e ela olhou para Tariq com uma nova e estranha certeza.

— Me leve até ele. — E, sem esperar pela resposta, Sherazade deixou para trás o capitão Al-Khoury e entrou no estábulo para selar o seu cavalo.

Tariq se virou para vê-la desaparecer na escuridão, sua postura rígida, seu andar automático. Ele apenas começara a processar a confusão quando o capitão Al-Khoury o segurou pelo braço.

Tariq afastou a mão do arrogante rapaz.

— O que...

— Você ainda a ama? — ele falou baixo e depressa.

— Isso não é da sua conta.

— Responda-me, seu tolo. Ama?

Tariq cerrou os dentes e enfrentou o olhar intenso do capitão da Guarda Real.

— Sempre.

— Então garanta que ela nunca volte.

Brasas vivas

Os dois cavaleiros se encontraram no meio de um deserto sob o céu escuro.

Um montava um macho cinzento, o outro, um magnífico garanhão branco.

Atrás de cada um deles, um pelotão de soldados armados.

O cavaleiro no garanhão branco falou primeiro:

— Informaram-me que temos um inimigo comum. — Sua voz era forte e empostada.

O outro cavaleiro retribuiu o longo olhar.

— É o que parece, meu senhor.

O primeiro cavaleiro sorriu bem devagar.

— Você é como descrevem, Reza bin-Latief.

— Como você, meu senhor.

O sultão da Parthia riu.

— Vou tomar isso como um elogio.

— Essa era a intenção, meu senhor. Perdoe-me por falhar em demonstrar o sentimento de maneira apropriada, mas não concordei em encontrá-lo para ficar de brincadeira.

A risada do sultão ecoou na noite.

— Um homem de candura. Estou satisfeito. Vamos deixar de lado a troca de gentilezas e passar aos negócios?

— Certamente, meu senhor.

— Quais são as suas intenções a respeito do meu sobrinho bastardo?

— Sofrimento. E aniquilação.

Os olhos do sultão brilharam, belicosos.

— Entendo.

— E quais as suas?

— Humilhação... seguida de aniquilação. Talvez possamos nos ajudar em nosso objetivo comum?

— Meu apoio depende do que tem a oferecer, meu senhor.

— A princípio, posso oferecer dinheiro e armas. Quando tomar a fronteira e fortalecer seus exércitos, eu o apoiarei abertamente, mas até lá não posso arriscar incorrer na fúria do menino.

— Compreensível.

O sultão acenou para dois guardas atrás dele que se aproximaram com uma arca pequena e lacrada.

— Um gesto de boa vontade. Quando esses fundos se esgotarem, me avise, e eu enviarei mais.

Reza concordou. Ele olhou por cima do ombro para sua retaguarda, e duas figuras encapuzadas se aproximaram para recolher o ouro.

Quando um deles se abaixou para erguer a arca, o luar azul do deserto iluminou a pele de seu antebraço.

Nele havia uma tatuagem de um escaravelho.

Sherazade,

Falhei com você várias vezes. Mas houve um momento em que falhei além da conta. Foi no dia em que nos conhecemos. O momento em que tomei sua mão e você olhou para mim, com o ódio glorioso em seu olhar. Eu devia tê-la mandado de volta para casa, para sua família. Mas não o fiz. Havia honestidade em seu ódio. Bravura em sua dor. Na sua honestidade, vi um reflexo de mim mesmo. Ou melhor, do homem que eu gostaria de ser. Então traí você. Não me afastei. Então, mais tarde, pensei que, se eu tivesse respostas, seria o suficiente. Não me importaria mais. Você não importaria mais. Então segui traindo. Continuei querendo mais. E agora não acho as palavras que precisam ser ditas. Para lhe dar o mínimo do que lhe devo. Quando penso em você, não acho ar para

respirar. E agora você se foi, não há dor ou medo. Tudo que me sobrou foi gratidão.

Quando eu era um menino, minha mãe me dizia que uma das melhores coisas da vida é saber que sua história ainda não terminou. Nossa história pode ter chegado a um fim, mas a sua permanece em aberto.

Faça dela uma história à sua altura.

Falhei com você em uma última coisa. E aqui está a minha oportunidade de corrigir isso. E nunca foi porque eu não sentisse. Mas porque jurei nunca mais dizer isso, e um homem não vale nada se não pode cumprir suas promessas.

E por isso eu escrevo para os céus...

Eu amo você, milhares de vezes. E nunca pedirei desculpas por isso.

Khalid

Khalid estava de pé no balaústre do terraço mais alto, olhando o sol nascer no horizonte limpo.

Seu palácio de mármore e pedra ainda fumegava em várias partes, desmoronando em muitos lados.

A cidade parecia um terreno baldio de plumas negras e escombros. De promessas perdidas e coração partido.

Por um momento ele fechou os olhos diante da ruína.

Mas apenas por um momento.

Porque era sua cidade. Sua escolha. Sua responsabilidade.

Ele nunca mais se esquivaria disso.

Com o propósito renovado, ele pegou o único pedaço de pergaminho e o segurou contra a tocha que bruxuleava ali ao lado.

O canto da folha começou a dobrar, transformando-se em cinzas, e as chamas em tons azuis e laranja lambeiram as laterais.

Khalid segurou a carta em chamas diante de si.

E então soltou as brasas ao vento.

Numa gloriosa aurora.

Agradecimentos

Me lembro de ter ouvido certa vez a palavra *jornada* como sendo uma das mais usadas para descrever o processo criativo.

Depois de pensar acho que *odisseia* também não é adequada, mesmo deixando de lado toda a questão Homérica.

Divago.

Esta *jornada* não teria sido possível sem a ajuda de uma montanha de pessoas incríveis. Vou tentar me lembrar de cada uma delas e não esquecer de ninguém, mas, se isso acontecer, que fique claro que é culpa minha, e eu estarei em débito com as pessoas esquecidas e as compensarei no futuro. Mas não com o meu primogênito. Porque isso já foi feito.

Em primeiro lugar, este livro não passaria de uma noção vaga boiando na minha cabeça se não fosse pelo apoio e pela orientação de minha agente, Barbara Poelle. B, você estava a postos antes de eu teclar a primeira letra, e foi você que me incentivou a escrever. A gratidão por si só parece pouco diante de tudo isso. Mesmo assim, obrigada, milhares, milhares de vezes.

Como disse a ela certa vez quando estava pressionada com um prazo e trocando e-mails depois da meia-noite, só existe outra pessoa no mundo que passou tanto tempo com estas palavras quanto eu. À minha editora, Stacey Barney, você é minha alma gêmea. Obrigada por amar esta obra e acreditar nela desde o início. E por transformá-la no que veio a ser, algo infinitamente melhor. Gosto e respeito você mais do que consigo expressar.

Ao time fenomenal da Penguin — a Kate Meltzer, artesã de palavras e francófila extraordinária; a minha fantástica publicitária, Marisa Russell; a Bri Lockhart, por todo o seu apoio e entusiasmo. A Venessa Carson, Jen Besser e Theresa Evangelista, pela belíssima concepção da capa; a Marikka Tamura, Cara Petrus, Ana Deboo,

Anne Heausler e Cindy Howle, por assegurarem que as palavras contidas nesta obra transmitissem sua incrível inspiração.

À minha tribo redatora — Ricki Schultz, Sarah Henning, Joy Callaway, Sarah Lemon, Steph Funk, Alisson Bliss, JJ e Sarah Blair — muito obrigada por me apoiarem em todos os momentos. Guardo cada um de vocês como uma joia.

A todos os meus colegas debutantes em 2015, tem sido um enorme privilégio compartilhar esta jornada com vocês. Um agradecimento especial a todos... estou em dívida com vocês. Também a Sabaa Tahir — obrigada por ser como é.

Ao surpreendente time de pessoas do “Precisamos-de-livros-diferentes” — todos os dias me espanto com a paixão coletiva pela sua causa. Obrigada por tudo o que fazem. Isto é apenas o começo.

A Marie Lu, por ter me colocado sob sua asa e ter sido uma das melhores pessoas que eu tive o privilégio de conhecer. Sua sinopse me emocionou. Eu sempre te darei o melhor. Sempre.

A Carrie Ryan, por ser a melhor companhia épica possível para um almoço. Tenho certeza de que JP e Vic sempre se perguntaram o que tanto tínhamos para conversar. Nem eu sei. Mas fico na certeza de que devíamos fazer isso semanalmente. Obrigada, obrigada, obrigada. Por tudo e muito mais.

A Heather Baror-Shapiro, por ter apresentado Shazi ao mundo com tanta verve e estilo. Eu ainda não consigo aceitar que meu livro estará disponível em tantas línguas. E tudo por sua causa.

À minha irmã Erica, por ser a minha primeira leitora, por ter feito as melhores anotações e comentários do mundo e por ter sugerido a ideia das cartas de Khalid. Jane Austen não chega perto. A Elaine, por ser minha campeã, minha melhor amiga e minha maior fã. Te amo de paixão, *chica*. Ao meu irmão Ian, por me dizer que leria meu livro quando fosse publicado. Espero um parecer completo na semana que vem. Ao meu irmão Chris, pelas risadas e pelos abraços

e os ícones pouco adequados. À minha mãe, por nunca nos deixar assistir televisão durante a semana, com isso garantindo minha paixão pelos livros e pelo mundo do faz de conta para sempre. Ao meu pai, por ler para nós quando crianças. E sempre fazendo as vozes. Aos meus sogros e minhas cunhadas, por partilhar sua cultura e seu amor, sua comida e suas brincadeiras comigo. Amo vocês além das palavras.

E, por fim, a Vic. Você é a minha razão e desculpa, em todas as coisas.

Algum dia escreverei isso no céu.